

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
CURSO DE MESTRADO

JOÃO ELTON DE JESUS

SER MAIS PARA E COM OS DEMAIS:
espiritualidade inaciana para autoconhecimento e projeto de vida de
universitários

RECIFE

2020

JOÃO ELTON DE JESUS

**SER MAIS PARA E COM OS DEMAIS:
a espiritualidade inaciana para o autoconhecimento e a construção de
projeto de vida de universitários**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, sob orientação do Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão.

Recife
2020

J58s Jesus, João Elton de.

Ser mais para e com os demais : espiritualidade
inaciana para autoconhecimento e projeto de vida de
universitários / João Elton de Jesus, 2020.

163 f. : il.

Orientador: Gilbraz de Souza Aragão.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências
da Religião. Mestrado em Ciências da Religião, 2020.

1. Espiritualidade. 2. Jesuítas - Educação.
3. Autoconhecimento. 4. Ensino superior.
5. Jovens - Educação. I. Título.

CDU 248

Pollyanna Alves - CRB-4/1002

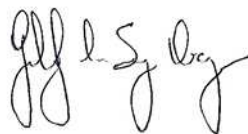
JOÃO ELTON DE JESUS

**SER MAIS PARA E COM OS DEMAIS:
a espiritualidade inaciana para o autoconhecimento e a construção de
projeto de vida de universitários**

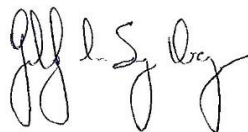
Dissertação **aprovada** como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, na Universidade Católica de Pernambuco, pela seguinte banca examinadora.



P/ Profa. Dra. Maria Clara Lucchetti Bingemer - PUC-Rio
Examinadora Externa



P/ Prof. Dr. Pe. Antônio Raimundo Sousa Mota, S.J - Unicap
Examinador Interno



Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão - Unicap
Orientador

**RECIFE
2020**

AGRADECIMENTOS

*Meus avós João e Elidia, tiveram 11 filhos, um morreu de fome
Da pobreza do Jequitinhonha buscaram vida melhor no sul do Brasil
Lá, Rosa conheceu Deoclides e então se casaram
Nasceram Maria Aparecida, a “Fia”; Lucinete, a “Pequena” e Amarildo, o “Neném”
Quando pensaram que a “porteira tinha fechado”, já morando em São Paulo, chegou a
surpresa a esses caminheiros e migrantes:
Menino prematuro, branquelo, chorão, “cheio de remela”, cabia na palma da mão*

*Quem imaginava o que ele iria se tornar? Por onde iria andar e o que iria fazer?
Hoje ele está aqui, escrevendo esse texto com o coração cheio de gratidão!
Grato por concluir essa etapa da vida ao lado da melhor família do mundo!
Porque deles sempre teve apoio, incentivo e carinho incondicional!
Que de mim sempre cuidou, amou, aconselhou e esteve presente em todos os momentos.
Como Deus é bom! Coloca anjos em nosso caminho que nos guia a cada passo!*

*Em cada momento dessa minha peregrinação, pessoas incríveis surgiram e a deixaram ainda
mais especial*

*Rostos e nomes vão surgindo fazendo brotar lágrimas de gratidão por cada um deles...
Minha família de coração que amo muito: Geralda, Manoel, Adriana, Elaine, Adeilton e
Rodrigo.*

*Minha família jesuíta que me ajudou a conhecer internamente a Cristo e mais amá-Lo e
serví-Lo nos demais, especialmente Alexandre, Élcio, Inácio, Onofre, André.
Aos amigos inacianos: Rocélio, Vitor, Programa Magis e Nosso Grupo de partilha inaciana
em Recife. Também, agradeço a todos os amigos inacianos do curso de Imersão Inaciana em
Manresa, especialmente a Carles Marcet, SJ.*

*Aos amigos de trabalho do Instituto Humanitas, do curso de Engenharia da Complexidade,
do NEPEJ e do Climate Lab.*

*Também agradeço a Unicap, nas pessoas de Pe. Pedro Rubens e Pe. Lucio Cirne pela
oportunidade que me deram de poder servir de forma concreta nessa missão de Cristo que é
a “Católica”!*

*Agradeço, também, a todos os alunos e professores do Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Religião, especialmente ao Prof. Gilbraz, pelo excelente acompanhamento e
orientação.*

Por fim, gratidão a Bruno Tobias por ser meu amigo, meu companheiro, meu porto seguro.

*Agradeço a Ti, Senhor, por todas essas pessoas e por tantas outras que tu colocaste para
iluminar a minha vida! Que esse trabalho possa dar frutos e ajudar a outros, assim como eu
fui ajudado!*

“Queridos jovens, por favor, não “olheis da sacada” a vida, entrai nela. Jesus não ficou na sacada, mergulhou... Não olheis da sacada a vida, mergulhai nela, como fez Jesus. Mas sobretudo, duma forma ou doutra, lutai pelo bem comum, sede servidores dos pobres, sede protagonistas da revolução da caridade e do serviço, capazes de resistir às patologias do individualismo consumista e superficial”.

Papa Francisco
Exortação Apostólica Pós-Sinodal “Christus Vivit”, 2019

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de investigar como a espiritualidade inaciana pode ser um instrumento para ajudar os universitários em seus processos de autoconhecimento e construção de projeto de vida. Para isso buscamos compreender o contexto contemporâneo, principalmente no que tange as realidades juvenis e do mundo universitário, com as reflexões de Bauman, Baudrillard e Debord, que apresentam as suas teorias de sociedade líquida, sociedade do consumo e sociedade do espetáculo e, também nos aprofundamos sobre as realidades juvenis, principalmente no que tange ao trabalho, educação e espiritualidade. Feita tal “fotografia” sobre a juventude, objeto desse estudo, apresentamos as fontes inacianas tal como a autobiografia de Santo Inácio, os documentos fundantes da Companhia de Jesus que são base para a estruturação daquilo que chamamos de Apostolado Educacional, buscando compreender o que se pretende com ele no sentido de acompanhamento e formação integral de seus alunos, principalmente aqueles da educação superior. Em seguida, identificamos, dentro do arcabouço jesuíta e inaciano, algumas luzes para ajudar no processo de integração e autoconhecimento de universitários, ajudando-os a se reconciliar com seu passado, reconhecendo as potencialidades e possibilidades de ação de seu presente e mais se conhecendo a si e o mundo em que estão, para então poder projetar a vida, tendo como base aquilo que cada um é, o seu lugar de anúncio, e, também, o sentido e propósito de sua vida e os valores que norteiam as suas ações. Finalizamos, pois, com a apresentação da “manutenção” desse projeto de vida, em um constante exame e avaliação, para que esse estudante, em sua autonomia e no desenrolar da sua vida possa se adaptar às constantes demandas e mudanças no mundo contemporâneo, nunca perdendo de vista o seu princípio e fundamento e a missão principal de ser uma pessoa com e para os demais e em constante busca pelo Magis e pela reconciliação consigo, com o outro, com a sociedade, com o transcendente e com o a casa comum.

Palavras-Chave: Espiritualidade; Ensino superior; Educação Jesuíta; Autoconhecimento; Projeto de Vida.

ABSTRACT

The present work aims to investigate how Ignatian spirituality can be an instrument to help university students in their self-knowledge and life project construction processes. To this end, we seek to understand the contemporary context, especially with regard to youth realities and the university world, with the reflections of Bauman, Baudrillard and Debord, who present their theories of liquid society, consumer society and society of the spectacle, and we go deeper into the youth realities, mainly with regard to work, education and spirituality. Having made this “photograph” about youth, object of this study, we present Ignatian sources such as the autobiography of Saint Ignatius, the founding documents of the Society of Jesus that are the basis for the structuring of what we call the Educational Apostolate, seeking to understand what is intended with it in the sense of monitoring and integral training of its students, especially those in higher education. Then, we identified, within the Jesuit and Ignatian framework, some lights to help in the process of integration and self-knowledge of university students, helping them to reconcile with their past, recognizing the potentialities and possibilities of action of their present; knowing themselves and the world they are in, so that they can project life, based on what each one is, their place of announcement, and also the meaning and purpose of their life and the values that guide their actions. We end, therefore, with the presentation of the “maintenance” of this life project, in a constant examination and evaluation, so that this student, in his autonomy and in the course of his life, can adapt to the constant demands and changes in the contemporary world, never losing sight of its principle and foundation and the main mission of being a person with and for others and in constant search for *Magis* and reconciliation with oneself, with others, with society, with the transcendent and with the common home.

Keywords: Spirituality; University education; Jesuit Education; Self-knowledge; Life Project.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - OS DESAFIOS DA JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO	14
1.1 A (pós) modernidade líquida	15
1.2 Contradições e medos da “liquidez”	18
1.3 Fugas do medo	22
1.4 O consumo espetacular como “alento” à opressão	24
1.5 A Sociedade do Espetáculo	28
1.6 Juventude, Educação e Trabalho na Contemporaneidade	32
1.7 Percepções, Sonhos e sofrimentos dos jovens universitários	37
1.8 Religião e Fé no mundo universitário	42
<i>1.8.1 Fé e Religião no mundo contemporâneo</i>	45
<i>1.8.2 Religiosidade Juvenil</i>	49
CAPÍTULO 2 - A TRADIÇÃO E ESPIRITUALIDADE INACIANA E O APOSTOLADO EDUCACIONAL DA COMPANHIA DE JESUS	55
2.1 Inácio De Loyola – Jovem inquieto em seu autoconhecimento e busca de seu caminho	56
2.2 Exercícios Espirituais de Santo Inácio: passos para projeto de vida discernido	66
2.3 A fé que se transforma em obras: Espiritualidade em Missão	76
2.4 O Apostolado Educacional	80
CAPÍTULO 3 - ESPIRITUALIDADE INACIANA, AUTOCONHECIMENTO E PROJETO DE VIDA	99
3.1 Conhece a ti mesmo: conhecer-se e reconciliar-se com a própria história	101
3.2 Em tudo amar e servir: o presente como lugar de anunciação de si e reconciliação com os demais	109
<i>3.2.1 Assumindo o próprio lugar de anunciação</i>	111
<i>3.2.2 Paradigma Pedagógico Inaciano</i>	114
<i>3.2.3 Autonomia e responsabilidade</i>	120
3.3 Projeto de Vida reconciliado	122
<i>3.3.1 Valores inacianos para o Projeto de Vida</i>	126
<i>3.3.2 Religião e Espiritualidade</i>	135
<i>3.3.3 Consigna e Missão do Projeto de Vida</i>	137
<i>3.3.4 O que inserir no Projeto de Vida e como estruturá-lo?</i>	139
3.4 Viver Reconciliado: em consciência sempre examinada	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	152

INTRODUÇÃO

O ser humano é um constante peregrino, que a cada batida no coração, a cada respiração, a cada passo, busca sobreviver a grande e desafiadora missão de viver. Cada um em seu contexto, em sua cultura, em sua língua e em seus costumes próprios, desde o despertar da existência até o último suspiro, homens e mulheres, vão ocupando o seu espaço, interno e externo, se descobrindo e marcando o mundo de uma maneira nova, pois cada um e cada uma são seres únicos, insubstituíveis e, ainda que em como uma gota no oceano, a vida de cada um e cada uma, torna o mar da história da humanidade mais completo, único e especial.

Assim como a vida, o mundo também “segue o seu caminho” e vai se transformando a cada milésimo de segundo. A Mãe Terra é testemunha e palco da grande transformação desde a era pré-cambiana até o atual antropoceno, em que a humanidade avança a passos largos dominando os elementos da natureza e até o espaço. Mas dentro desse contexto, quem é o homem? Como ele deve viver? E, mais, Como se humanizar? Como viver uma vida plena e completa?

No decorrer da história humana muitas formas de viver foram sendo estabelecidas de maneiras diversas nos vários rincões do mundo. O instinto pela sobrevivência foi se transformando a partir do modo da humanidade se estabelecer, se organizar, se estruturar para proteção mútua e continuação da espécie. Atualmente são quase 8 bilhões de humanos vivendo por praticamente todo o globo terrestre (e fora dele, também), sobrevivendo e se adaptando ao calor extremo, como no deserto de Danakil, na Etiópia, com temperatura média de 41° e também em climas congelantes, como é o caso da pequena aldeia Russa Oymyakon que chega a ter 50° negativos. Na história curta do *homo sapiens* sobre a Terra sobrevivemos catástrofes climáticas, pandemias, guerras e genocídios, e continuamos aqui para contar a nossa história.

O mundo moderno, ainda que traga a tecnologia e diversas facilidades para proteção, preservação e manutenção da espécie humana é, também, lugar de muitos desafios. O ser humano em sua evolução continua trazendo em seu caminhar a busca pelo viver, e não um viver de qualquer maneira, mas uma vida que seja completa e abundante. As religiões sempre fizeram parte desse caminhar humano, dando a esse o sentido, as normas e as explicações para os seus sofrimentos e alegrias, sonhos e decepções, ganhos e perdas.

No mundo ocidental, o Cristianismo é um dos grandes responsáveis pela forma do ser humano viver, seja em nível pessoal ou público, seja interno ou externamente. As formas de seguimento daqueles que se chamam cristãos são, também, muito variadas, englobando

práticas, doutrinas e concepções muito diferentes e até opostas, em alguns casos. Nos anos recentes, com o advento de outras “crenças” como é o caso da ciência e do contato com outras religiões, a forma de viver humana ocidental tem passado por diversas transformações, positivas e negativas, e isso tem se refletido na forma das pessoas viverem as suas vidas e consequentemente a cultura ocidental. Faz-se necessário, então, encontrar, em meio a tantas opções, o caminho que se acredita ser o melhor, dentro da sua realidade e arcabouço de crenças e possibilidades.

No entanto o discernimento do caminho a seguir e da forma de viver não é algo fácil. Há muitas vozes disputando o mesmo espaço. Muitas travessas, vielas, encruzilhadas que causam muitas dúvidas e incertezas. As grandes referências institucionais se perderam; as mudanças rápidas colocam as pessoas em uma verdadeira “corda bamba” em que qualquer imprevisto ou variações podem colocar tudo a perder; o planejamento e previsão, tal como o agricultor que ao plantar a sua semente sabe quando irá colher, já não é tão linear como outrora; as inseguranças, incertezas e medos surgem a todo o momento, adoecendo e até matando milhares de pessoas pelo mundo.

Este trabalho não tem o objetivo de dar respostas definitivas, pois essas são impossíveis dentro de um contexto de mudanças, mas busca, ainda que de forma incipiente, dado o tamanho do desafio, auxiliar na leitura dos tempos atuais e no desbravar de um dos possíveis caminhos que o peregrino humano poderá seguir. Não significa que seja o único caminho, nem mesmo o mais correto, mas é uma busca por uma possível resposta, ou mais ainda, busca por tomar consciência do que nos rodeia para podermos fazer as perguntas certas a serem buscadas.

Tendo em vista a variedade de realidades existenciais, que por sua vez convivem no mesmo tempo e espaço, escolheu-se com objeto de estudo dois elementos: enquanto ideia ou caminho, a espiritualidade inaciana, nascida há quase meio milênio dentro da Igreja Católica, que por sua vez está inserida na comunidade de cristãos há quase 2000 mil anos e faz parte de um grande arcabouço de místicas e estruturas religiosas e espirituais desenvolvidas pela humanidade, desde que essa existe. O outro elemento é o sujeito de toda essa ação, o ser humano, mas dentro de um recorte muito específico: jovens universitários inseridos nas universidades inacianas. Tais definições foram escolhidas tendo em vista que, como afirmamos acima, em um universo tão variado, nenhuma empresa que tente ser generalista poderia dar respostas suficientes a questões tão complexas.

Nesse sentido, ambos objetos se dialogam e se desenvolvem-se em mutualidade e interdependência. A pergunta norteadora que envolve esses dois aspectos é: como a

espiritualidade inaciana pode ser um instrumento para ajudar os universitários em seus processos de autoconhecimento e construção de projeto de vida. Tal desafio se apresenta porque de um lado, a missão das Instituições de Ensino da Companhia de Jesus, inspiradas na Espiritualidade Inaciana, é formar homens e mulheres para e com os demais. Capacitar pessoas para a partir de suas próprias realidades, desenvolvendo as suas potencialidades, lendo criticamente o seu contexto, possam, colocar em prática seus dons e qualidades para a construção de um mundo melhor e, ao mesmo, tempo, sobreviverem elas mesmas de uma maneira positiva e reconciliada ao sistema e realidade que tem sido estruturada na pós-modernidade; de outro, a realidade de milhares de jovens, que tateiam em meio a escuridão um caminho para se seguir, um amigo para ser companhia, um horizonte para ter como bússola, mas, também, um itinerário que respeite a sua ipseidade, a sua identidade, a sua própria história, com seus dons, qualidades, sonhos, limitações, medos e inseguranças.

Ora, se quisermos responder a essa desafiadora questão, faz-se necessário compreender ou fazer uma leitura do contexto atual, por isso, escolheu-se utilizar três grandes pensadores reconhecidos mundialmente por fazer uma leitura profunda da complexa teia do mundo contemporâneo: Bauman, Baudrillard e Debord, que apresentam as suas teorias de sociedade líquida, sociedade do consumo e sociedade do espetáculo. Em seguida, faz-se necessária a apresentação do contexto em que jovens, principalmente a partir do recorte brasileiro, vivem e sobrevivem a esse horizonte existencial que chamamos de pós-modernidade, olhando, a partir de teóricos e especialistas em juventude, as várias realidades e desafios enfrentados pelos e pelas jovens brasileiras, principalmente no que tange ao trabalho e educação. E acreditando que a religiosidade faz parte da maioria dos jovens e a espiritualidade é parte constituinte de todo o ser humano, também buscaremos olhar esses aspectos dentro da realidade juvenil, a fim de entender como essa complexa realidade se estrutura e se desenvolve na vida das juventudes.

Feita a “fotografia” ou como chamamos “a contemplação” da realidade contemporânea e como a juventude se insere nela, avançaremos em nossa peregrinação para compreender o caminho que queremos apresentar a esses universitários no sentido de ajudá-los a melhor viver a realidade líquida, do consumo e do espetáculo, ou seja, a espiritualidade inaciana, dentro do contexto da educação jesuítica. Dessa maneira, nos debruçaremos sobre as fontes inacianas tal como a autobiografia de Santo Inácio, os documentos fundantes da Companhia de Jesus, o desenvolvimento dessas durante o tempo e a estruturação daquilo que chamamos de Apostolado Educacional buscando compreender o que se pretende com ele no sentido de acompanhamento e formação integral de seus alunos, principalmente aqueles da educação superior.

Na terceira parte de nosso estudo, apresentamos, pois, as formas de ajudar os jovens universitários (abordados no primeiro capítulo) a partir da educação e da espiritualidade inaciana (apresentados no segundo capítulo). Assim, buscaremos identificar, dentro do arcabouço construído por jesuítas e leigos inacianos, algumas luzes para ajudar na integração e autoconhecimento por parte desses jovens, primeiramente olhando para o seu passado, para a sua história, se reconciliando com ele; em seguida, tomando nas mãos o seu presente e as formas que a universidade jesuíta pode oferecer para que as potencialidades de cada um de seus alunos possam ser desenvolvidas e aprimoradas, visando o bem da pessoa e também do outro, da sociedade e do planeta e em um momento seguinte, verificamos as formas de estruturar e mais ainda, de projetar a vida, tendo como base aquilo que cada um é, o seu lugar de anunciação, mas, também, o sentido e propósito de sua vida e os valores que norteiam as ações de cada um, pautados pela espiritualidade inaciana; e, por último, a “manutenção” desse projeto, a constante avaliação ou, nas palavras inacianas, o “exame”, que irá ajudar a pessoa, que discerniu quem é e para onde pode ir, a se adaptar às constantes demandas e mudanças no mundo contemporâneo, nunca perdendo de vista o seu princípio e fundamento e a missão principal de ser uma pessoa com e para os demais e em constante busca pelo Magis e pela reconciliação consigo, com o outro, com a sociedade, com o transcendente e com o a casa comum.

CAPÍTULO 1 - OS DESAFIOS DA JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Aqui será ver a imensa extensão e redondeza da terra, povoada de tantas e tão diversas gentes. (EE. 103)

Santo Inácio de Loyola (1491-1555), em sua obra intitulada *Exercícios Espirituais*, propõe como uma das ações a serem realizadas pelo exercitante a chamada “Contemplação da encarnação” (EE. 102- 107). Nessa proposta, Inácio sugere ver, com os olhos da imaginação, “primeiramente os homens que vivem na face da terra, tão diversos nos trajas e nas atitudes” e oferece ao exercitante, alguns detalhes que podem ajudar em tal contemplação “uns brancos, outros negros; uns em paz, outros em guerra; uns chorando, outros rindo; uns com saúde, outros sem ela; uns nascendo, outros morrendo etc.” (EE. 106). Esse método é muito utilizado por Inácio para ajudar o exercitante a dispor o seu desejo, inteligência e vontade para sentir e saborear internamente a temática que será abordada, de modo que, compreendendo mais profundamente tal situação, possa, então, com a ajuda divina, intervir na realidade tendo como base os princípios e valores de Jesus Cristo.

Nesse capítulo, seguiremos essa metodologia de Inácio; faremos uma “contemplação” que nos ajude a “compor o lugar”¹ em que o objeto de nosso estudo está inserido, a saber, os jovens universitários do mundo contemporâneo. Ademais, tal como Inácio, que utilizava a sua própria experiência, as leituras que teve da vida dos santos e de Cristo e da própria bibliografia teológica de sua época, para fazermos essa contemplação que propomos nesse capítulo, utilizaremos as teorias e pesquisas de alguns pensadores como o filósofo e sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017), com a sua teoria de sociedade líquida, e os pensadores franceses Jean Baudrillard (1929-2007) especialmente a partir de sua obra *A sociedade de Consumo* (1970) e Guy Debord, por meio do seu clássico *A Sociedade do Espetáculo* (1967)².

¹ Técnica utilizada na metodologia dos Exercícios Espirituais de modo que o exercitante possa melhor dispor-se internamente para as contemplações e orações a serem propostas.

² A escolha de tais pensadores se deu pela atualidade e relevância de seus trabalhos. Em relação a Baudrillard, o sociólogo e teólogo argentino Rubén Dri diz que esse autor “tem uma análise muito profunda sobre quais são os becos sem saída a que nos levaram este fenômeno denominado, geralmente, como pós-modernidade” (Cf. http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=742&secao=211) já o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, afirma que Baudrillard foi um grande sociólogo, uma das pessoas que com mais argúcia analisou a sociedade capitalista contemporânea. Em relação a Guy Debord, Atílio Machado Pepe afirma esse autor francês como um “destacado integrante dos movimentos Internacional Letrista e Internacional Situacionista. Seus textos, sobretudo *A sociedade do espetáculo*, estiveram dentre as principais referências teóricas dos ativistas das célebres manifestações do Maio de 1968 e seus posteriores desdobramentos até os dias atuais” (Cf. <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/276cadernosihuideias.pdf>).

Com o objetivo de aprofundar ainda mais a nossa mirada, apresentaremos os dados e análise de pesquisa elaborada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ADIFES), ademais, sempre que for possível, ilustraremos tais situações com estudos e textos de especialistas sobre juventude e mundo universitário, ao qual destacamos, principalmente, pesquisadores do contexto brasileiro, como Regina Novaes, Maria Rita Kehl e Juarez Dayrel, a fim de trazer para realidade brasileira as questões desenvolvidas pelos referidos teóricos europeus. Finalmente, depois de ter “composto esse lugar”, poderemos, então, nas demais partes desse trabalho, identificar quais itinerários e luzes a espiritualidade inaciana pode oferecer aos desafios que aqui forem apresentados.

1.1 A (pós) modernidade líquida

Os resultados dos avanços tecnológicos estão por todas as partes, não importa se é rico ou pobre, ocidental ou oriental, jovem ou idoso. De uma forma ou de outra, positiva ou negativa, todos têm em sua realidade o resultado da técnica e das ciências que, todos os dias, nos oferecem novas invenções daquilo que, para um existente do século XII, seria algo digno de bruxarias. O que escreveria Camões, Dante, Homero diante de tantas proezas empenhadas pelo ser humano desde as melhorias naquele, hoje, rústico telescópio, desenvolvido por Galileu Galilei?

Enquanto esse texto é escrito, milhares de aviões pousam e decolam, levando e trazendo milhões de pessoas³ nas centenas de aeroportos espalhados por todos os cantos da Terra. As fronteiras, que antes eram demarcadas pelas muralhas das cidades medievais, são apenas meras lembranças de um mundo circunscrito e limitado. Vivemos naquilo que o filósofo canadense Marshall McLuhan (1911-1980) chamou, já na década de 60, de uma “aldeia global”: um mundo em que a Internet é um recurso utilizado cotidianamente pela metade da população mundial⁴; em que a distância entre Nova York e São Paulo, poderá ser percorrida em apenas 4

Sobre Bauman, o Jornal Correio Brasiliense escreveu, na ocasião de sua morte, que este era o mais agudo e original pensador da atualidade. Ele tocou nas grandes feridas de nosso tempo e nos deixou um rico legado, não propriamente de verdades, mas de indagações, provocações e perplexidades. Escreveu mais de 40 livros sobre os descaminhos, os dilemas e os desafios do mundo pós-moderno” (Cf.

https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/01/14/interna_diversao_arte,565056/zygmunt-bauman-deixa-importante-legado-sociologico.shtml)

³ Segundo a Associação Internacional de Transportes Aéreos (IATA), um avião tem, em média, 148 assentos, assim, no dia 30 de junho de 2018, 30 milhões de pessoas voaram, o equivalente à metade da população da Itália. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2018/07/30-de-junho-de-2018-o-dia-recorde-de-voos-pelo-mundo.html>. Acesso em: 27.dez.2019.

⁴ Pela primeira vez desde o surgimento da internet, há quase 50 anos, o número de pessoas conectadas à rede no mundo superou o daquelas que ainda não têm acesso, de acordo com dados divulgados pela União Internacional de Telecomunicações (UIT). A agência especializada da ONU calcula que 3,9 bilhões de pessoas, o equivalente a 51,2% da população mundial, utiliza internet atualmente. (Cf. :

horas⁵; em que uma tragédia ocorrida em uma usina nuclear do Japão é transmitida, em tempo real, a todo o planeta; em que do alto do céu (talvez acima do lendário Olimpo grego) orbita a Estação Espacial Internacional que, junto com outros milhares de satélites construídos por mãos humanas, fotografam todos os metros da superfície do globo e ajudam a transmitir trilhões de bytes a cada minuto.

Dessa forma, não podemos negar os avanços da tecnologia, que melhora a qualidade de vida de alguns e salva a vida de milhares de indivíduos, bem como, os efeitos positivos da globalização que aproximam pessoas e culturas, rompem barreiras antes intransponíveis e torna o mundo mais interconectado e interligado. Contudo, tais avanços, não acontecem sem um custo e diversas consequências, sem injustiças e desigualdades. O preço do desenvolvimento é pago por muitos e, talvez, por toda a humanidade, tendo, obviamente maiores implicações para uns do que para outros, pois como diz o ditado “a corda sempre arrebenta para o lado mais fraco”.

É nesse sentido que o filósofo e sociólogo Zygmunt Bauman, apresenta a sua teoria de “Modernidade líquida”, abalizando que, diferentemente do mundo moderno ou pré-moderno em que as relações e as formas de vida eram mais estáveis, vivemos atualmente em uma realidade inserida no mundo da tecnologia e dos avanços da ciência, mas que, devido a mudanças tão grandes em tão pouco tempo, perdeu a capacidade de solidez, de reflexão, de planejamento. Como os líquidos, é uma realidade fluída, instável, dinâmica e em constante movimento, sendo, portanto, difícil de acompanhar, pois, como nas dunas que o vento movimentava no deserto, os caminhos se desfazem antes mesmo de terem seus itinerários definidos.

Em uma verdadeira luta de poder, em que tronos são substituídos por outros soberanos, Bauman aponta que tal rapidez nas transformações colocou em xeque a estrutura até então baseada nas Instituições Sociais⁶ que antes tinham o papel de “limitar as escolhas individuais e assegurar a repetição de rotinas e os padrões de comportamento aceitáveis” (BAUMAN, 2007, p.07). Vejamos alguns exemplos: as legitimações e justificativas religiosas de explicação e de

<http://agenciabrasil.abc.com.br/internacional/noticia/2018-12/mais-da-metade-da-populacao-mundial-esta-conectada-internet-diz-onu>

⁵ O avião supersônico da Nasa X-59, com voo experimental previsto para 2021, fará uma viagem entre SP e NY em pouco mais de 4 horas. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/12/24/aviao-supersonico-da-nasa-passa-em-testes-viagem-sp-ny-pode-durar-4-horas.htm>. Acesso em: 27.dez.2019.

⁶ Para Durkheim (2007, p. 15) A instituição social é um mecanismo de proteção da sociedade, é o conjunto de regras e procedimentos padronizados socialmente, reconhecidos, aceitos sancionados pela sociedade, cuja importância estratégica é manter a organização do grupo e satisfazer as necessidades dos indivíduos que dele participam. As instituições são, portanto, conservadoras por essência, quer seja família, escola, governo, polícia ou qualquer outra, elas agem fazendo força contra as mudanças, pela manutenção da ordem". [Cf. DURKHEIM, Emile. As Regras do Método Sociológico. 3. ed. Traduzido por Paulo Neves. São Paulo: Martin Fontes, 2007].

oferecer sentido ao mundo, segundo Peter Berger (2017, p.166), “pela primeira vez na história [...] perderam sua plausibilidade não apenas para uns poucos intelectuais e outros indivíduos marginais, mas para amplas massas de sociedades inteiras”; Christopher Lasch (1991), por sua vez, aponta, também, a crise na estrutura da família tradicional, pois esta tem sido modificada com novos formatos e influências como o individualismo, a revolução moral ou higienista, os novos papéis da mulher e o investimento afetivo nos filhos; no que diz respeito à Instituição Escola, João Barroso afirma que essa vive uma crise, inserida em um paradoxo, pois para ele (2001, p. 204) “nunca tantos deixaram de acreditar na escola, nunca tantos a desejaram e a procuraram, nunca tantos a criticaram e nunca, como hoje foram tão grandes as dúvidas sobre o sentido da sua mudança”.

Para Bauman o mundo contemporâneo ou a modernidade líquida são permeados principalmente pelo enfraquecimento do Estado de Bem-estar Social e da Política (seja ela democrática ou não), que, por serem “pesados” e “morosos”, não conseguem acompanhar as mudanças atuais e o contexto de um espaço sem fronteiras, já que atuam em níveis “cada vez mais loca[is] num mundo progressivamente modelado e remodelado por processos globais”. (BAUMAN, 2007, p.15). Nesse sentido, as funções do Estado e da Política são terceirizadas para o sistema imprevisível do mercado financeiro e comercial e para a iniciativa privada, instituições teoricamente mais capacitadas para lidar com o novo contexto, já que atuam e influenciam países e instituições em nível global⁷.

Desse modo é inegável o peso da influência das empresas, principalmente dos grandes conglomerados multinacionais na política e, conseqüentemente, na vida concreta das pessoas, pois inseridas em uma lógica de lucro e ampliação, com é próprio do capitalismo, tais instituições priorizam ações das quais elas mesmas serão beneficiadas. Ademais, concordamos com Bauman quando esse afirma que há na modernidade líquida, uma globalização negativa ou “uma globalização seletiva do comércio e do capital, da vigilância e da informação, da violência e das armas, do crime e do terrorismo; todos unânimes em seu desdém pelo princípio da soberania territorial e em sua falta de respeito a qualquer fronteira entre Estados (BAUMAN,

⁷ Com efeito, é importante ter em mente a abrangência das empresas privadas no contexto mundial: segundo relatório da organização não-governamental britânica *Oxfam*, durante o Fórum Mundial Social, em 2017, na cidade Suíça de Davos, os grandes conglomerados internacionais foram os “responsáveis por sustentar práticas que mantêm e agravam a concentração de renda. A tese é de que essas empresas gigantes, com alcance global, têm poder para influenciar políticos e formuladores de políticas públicas”. Esse documento ainda afirma que “há empresas com receitas semelhantes a governos de países ricos como Holanda, Coreia do Sul e Suécia” (Cf. CASTRO, José Roberto. Quais as empresas mais ricas que a maioria dos países. Publicada em Nexo Jornal em 26/01/2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/26/Quais-as-empresas-mais-ricas-que-a-maioria-dos-pa%C3%ADses>. Acesso em: 28.dez.2019).

2007, p.13). Para ele, uma sociedade "aberta", sem ninguém para proteger os seus indivíduos é uma “sociedade exposta aos golpes do “destino”” (BAUMAN, 2007, p.13).

1.2 Contradições e medos da “liquidez”

Nesse arcabouço existencial, muitas vezes no chamado neoliberalismo⁸ ou capitalismo selvagem,⁹ em que o único objetivo é obter lucro a todo custo¹⁰, observa-se uma série de contradições e paradoxos tanto para as pessoas quanto para o planeta e o meio-ambiente, a ponto de Papa Francisco (2015), em sua Encíclica *Laudato Si*, afirmar que “Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza”.

Nunca na história do planeta se viu tanta abundância de recursos e de riquezas e, ao mesmo tempo, tanta desigualdade e má distribuição de tais bens¹¹. Se os mais ricos são os que fazem movimentar o sistema e são considerados, portanto, os mais importantes e valorizados;

⁸ Para PENA, “O Neoliberalismo é uma doutrina socioeconômica que preconiza a mínima intervenção do Estado na economia, através de sua retirada do mercado, que, em tese, autorregular-se-ia e regularia também a ordem econômica. Os neoliberais defendem a máxima desregulamentação da força de trabalho, com a diminuição da renda e a flexibilização do processo produtivo. Outra premissa básica do neoliberalismo é o desaparecimento do Estado, ou seja, as privatizações. Nesse sentido, a função do Estado é apenas garantir a infraestrutura básica para o bom funcionamento e escoamento da produção de mercadorias, bem como a intervenção na economia em tempos de eventuais crises. O Neoliberalismo é alvo de constantes críticas, sobretudo pelo processo de desregulamentação da força de trabalho e pelo enfraquecimento ou aparelhamento das forças sindicais, o que se traduziu em uma diminuição gradativa dos direitos trabalhistas e no padrão médio de vida da classe trabalhadora em todo o mundo”. [Cf. PENA, Rodolfo F. Alves. "O que é Neoliberalismo?"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-neoliberalismo.htm>. Acesso: 28 de dez.2019].

⁹ Segundo SANTIAGO, “A locução "capitalismo selvagem" é utilizada para indicar um sistema capitalista de dimensões globais, onde ocorre concorrência feroz entre as multinacionais dominadoras de vários mercados ou até mesmo países, com o apoio de seus governos lenientes e corruptos, fruto da ausência de sustentabilidade do modelo capitalista dos dias de hoje. Este significado também é ligado a vários outros conceitos onde o ganho financeiro suplanta o desenvolvimento humano e do planeta como um todo”. [Cf. SANTIAGO, Emerson. Capitalismo selvagem; Info Escola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/economia/capitalismo-selvagem/>. Acesso: 28.dez.2019].

¹⁰ Para CERQUEIRA, “O movimento do capital financeiro vem beneficiando os grandes grupos multinacionais. No momento em que se transferem para outros países, eles enfraquecem e quebram resistências de toda ordem para penetração e ampliação dos grandes grupos. Assim, percebe-se uma perfeita coerência com a política neoliberal: enfraquecem-se os países do Terceiro Mundo; desarticulam-se os mecanismos de entraves à penetração de multinacionais em áreas e setores reservados; compram-se estatais e empresas de pequeno e médio porte; enfim, ampliando-se o poder da iniciativa privada face ao recuo do Estado” [Cf. CERQUEIRA, Jackson. B. A. Uma visão do neoliberalismo: surgimento atuações e perspectivas. Revista Sitientibus, Feira de Santana, n. 39, p.169-189, jul./dez. 2008. Disponível em: http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/39/1.7_uma_visao_do_neoliberalismo.pdf. Acesso em: 16.mar.2020]

¹¹ “Em 2018, as 26 pessoas mais ricas tinham a mesma riqueza que metade da população mais pobre, segundo a Oxfam. O estudo ainda apontou que, enquanto o patrimônio dos bilionários cresceu nesse período US\$ 900 bilhões, o dos mais pobres caiu em 11%”. [EPOCA NEGOCIOS ONLINE. Ranking classifica a riqueza de todo mundo – incluindo a sua. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Dinheiro/noticia/2019/10/ranking-classifica-riqueza-de-todo-mundo-incluindo-sua.html>. Acesso em: 02.jan.2020].

os mais pobres, para Bauman, são os chamados excedente ou “lixo humano”. Homens e Mulheres considerados como sobra, ou seja, “a parte que não pode ser reassimilada aos padrões da vida ‘normal’ e reclassificada na categoria de membros ‘úteis’ da sociedade” (BAUMAN, 2007, p.37); são os desdenhados e desprezados pelos países, pela sociedade e pelo sistema privado, tal como os imigrantes e refugiados, pessoas em situação de deslocamento forçado no mundo¹²; ou então as milhões de pessoas extremamente pobres e miseráveis, que vivem abaixo da linha da pobreza.¹³

Uma outra face do lixo humano é o grupo ou parte da população composto por aquelas pessoas destinadas à "reciclagem" ou à "reabilitação". Para Bauman, esses estão “‘fora’ apenas por enquanto, [...] são o ‘exército de reserva de mão-de-obra’ e devem ser postas e mantidas numa forma decente que lhes permita retornar ao serviço ativo na primeira oportunidade” (BAUMAN, 2007, p.38). Tal dinâmica revela, em verdade, uma situação de exclusão e de pressão sobre os indivíduos, que não contam com o Estado para a sua proteção, já que esse terceirizou seus deveres para as instituições privadas e para o mercado pautados pelo lucro e capital. Nesse sentido, seja a exclusão definitiva ou temporária, todas elas, se revelam como uma exclusão pois, nesse contexto, a condição de estar desempregado na sociedade líquida, condição muito própria da juventude que só no Brasil chegou ao número de mais de 4 milhões de pessoas ou 32% da população sem emprego (FALCÃO, 2019), é sinônimo de

ser rejeitado, rotulado de supérfluo, inútil, não empregável e destinado a permanecer "economicamente inativo". Estar sem emprego implica ser descartável, talvez até ser descartado de uma vez por todas, destinado ao lixo do "progresso econômico" [...] homens e mulheres que não se encaixam em nenhuma divisão social legítima, indivíduos deixados fora das classes e que não são portadores de nenhuma das funções reconhecidas, aprovadas, úteis e indispensáveis que os membros "normais" da sociedade executam. Pessoas que nada acrescentam à vida da sociedade, a não ser o que esta poderia fazer muito bem sem elas e de fato ganharia por se livrar delas (BAUMAN, 2007, p. 75-76).

As desigualdades apontam uma outra contradição no sistema líquido do mundo contemporâneo: enquanto as tecnologias de informação e de transporte aproximam culturas e quebram barreiras, nunca se viu tanta segregação, xenofobia e isolamento. Cada vez mais as pessoas “normais” buscam se separar daquele que é considerado o “lixo humano”, seja em nível

¹² Segundo dados da ONU, as pessoas em deslocamento no mundo alcançaram a cifra de 70,8 milhões de pessoas em 2018. (Disponível em: <https://nacoesunidas.org/numero-de-pessoas-deslocadas-no-mundo-chega-a-708-milhoes-diz-acnur/> Acesso em: 16.mar.2020)

¹³ Segundo o Banco Mundial, em 2018, o número de pessoas abaixo no nível da pobreza é de quase metade da população global. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/banco-mundial-quase-metade-da-populacao-global-vive-abaixo-da-linha-da-pobreza/> Acesso em: 16.mar.2020

de países, com o fechamento de fronteiras e até construção de muros para conter refugiados ou migrantes; seja na construção de condomínios que isolam seus moradores dos “perigos” exteriores ou mesmo de edifícios ou espaços destinados a pessoas de um determinado nível social. Isso se deve, pois, ainda que restrito a guetos como favelas, campos de refugiados e países subdesenvolvidos, em um mundo sem fronteiras, tanto essa população quanto aqueles considerados “úteis e normais”, convivem em um mesmo ambiente, nas grandes metrópoles espalhadas em todos os países, pois a “cada novo posto avançado conquistado pelos mercados capitalistas acrescenta outros milhares ou milhões à massa de homens e mulheres já privados de suas terras, locais de trabalho e redes comunais de proteção (BAUMAN, 2007, p.34).

De uma forma geral, “as cidades se tornaram depósitos sanitários de problemas concebidos e gerados globalmente” (BAUMAN, 2007, p.89). Tal proximidade, gera uma ansiedade, um medo e uma sensação de caos e de instabilidade, pois quanto mais a população em excesso “permanece do lado de dentro e anda ao lado dos ‘úteis’ e ‘legítimos’ restantes, menos claras e tranquilizadoras parecem as linhas que separam a ‘normalidade’ da ‘anormalidade’ e a incapacidade temporária da destinação final ao depósito de lixo” (BAUMAN, 2007, p.38). Nesse sentido, o odor do “lixo humano” que chega às mesas dos “úteis” os faz lembrar de que a destinação ao “lixo” é uma consequência em que todos estão sujeitos.

Diante de tal medo, Bauman (2007, p.15) aponta que as pessoas tendem a buscar sua autoproteção, “vivem atrás de muros, contratam seguranças, dirigem veículos blindados, portam porretes e revólveres, e frequentam aulas de artes marciais” tornando ainda mais forte o senso de desordem que já sentem, aumentando uma postura defensiva e de ataque. Em meio à guerra pela sobrevivência e ao caos instalado, as pessoas passam a ser “rivais”, estão em constante competição. Desse modo as comunidades são reduzidas a “redes” onde busca-se permutas e trocas de interesses individuais.

Todo esse sistema gera uma outra contradição, pois em um horizonte em que se consegue planejar o dia, o horário e o local que uma sonda espacial pousará em um outro planeta; em um ambiente em que o homem conhece detalhes das leis naturais e a própria estrutura genética do ser humano está mapeada; a humanidade não consegue ter certeza ou segurança sobre a próxima hora, pois como diria o slogan de uma emissora radiofônica de notícias “Em vinte minutos, tudo pode mudar”.

Assim, como tudo é fluido e instável, elaborar “estratégias existenciais a longo prazo, torna-se impossível [...] a estruturação de um ‘projeto de vida’ individual” (BAUMAN, 2007,

p.07). Perde-se a capacidade de pensamento, planejamento e ação mais longínquas, de modo a verificarmos uma instabilidade e uma efemeridade no contexto atual, em que conceitos como "desenvolvimento", "maturação", "carreira" ou "progresso" não tem mais espaço pois pertencem a um sistema que presume uma ordem pré-ordenada, que já não existe mais. O terreno onde se está instalado pode ceder a qualquer momento, “tal como são os nossos empregos e as empresas que os oferecem, nossos parceiros e nossas redes de amizade, a posição que desfrutamos na sociedade mais ampla e a autoestima e a autoconfiança que o acompanham”. (BAUMAN, 2007, p.16)

Aonde não há segurança, o medo impera e o progresso, que, em um dado momento, fez com que os seres humanos acreditassem em um mundo melhor, passa a ser visto como um demônio, apresentando, assim, uma outra contradição de nosso tempo, muito diferente do pensamento positivista que inaugurou a nossa era e colocava, como grandes horizontes da humanidade, a utopia da “Ordem e Progresso”. Dessa maneira, “em vez de grandes expectativas e sonhos agradáveis, o ‘progresso’ evoca uma insônia cheia de pesadelos de ‘ser deixado para trás’ - de perder o trem ou cair da janela de um veículo em rápida aceleração”. (BAUMAN, 2007, p.16).

Nesse mundo contraditório, cabe aos indivíduos a busca pessoal pela sobrevivência. Os homens e mulheres contemporâneos se tornaram o que o Bauman chama de *free-choosers*, têm a missão de tomar decisões sem as informações necessárias (pois elas estão sempre em mudanças), sem se inspirar em receitas ou fórmulas que os antecederam (pois essas não são mais válidas) e, por fim, suportar as consequências de suas escolhas. Sendo obrigado a se adaptar a todo instante pois “conformidade não é a melhor saída, mas uma flexibilidade, uma prontidão em mudar repentinamente de táticas e de estilo, abandonar compromissos e lealdades sem arrependimento e buscar oportunidades mais de acordo com sua disponibilidade atual do que com as próprias preferências” (BAUMAN, 2007, p.10).

Doravante, o novo individualismo, o enfraquecimento dos vínculos humanos e o definhamento da solidariedade são consequência de uma globalização que se constrói em um “processo parasitário e predatório, que se alimenta da energia sugada dos corpos dos Estados-nações e de seus sujeitos” (BAUMAN, 2007, p.30). Há uma “substituição da solidariedade social pela auto responsabilidade individual” (BAUMAN, 2007, p.23), de modo que os vínculos humanos são confortavelmente frouxos, mas, por isso mesmo, terrivelmente precários, “poucas pessoas continuam a acreditar que mudar a vida dos outros tenha alguma relevância para a sua; num mundo, em outras palavras, em que cada indivíduo é abandonado à própria sorte, enquanto

a maioria das pessoas funciona como ferramenta para a promoção de terceiros” (BAUMAN, 2007, p.30).

A sociedade atual é constituída por “uma população heterônoma, infeliz e vulnerável, confrontada e possivelmente sobrepujada por forças que não controla nem entende totalmente; horrorizada por sua própria vulnerabilidade, obcecada com a firmeza de suas fronteiras e com a segurança dos indivíduos que vivem dentro delas” (BAUMAN, 2007, p.13). Nessa sociedade, aberta e globalizada, segurança e justiça são utopias e sonhos que nunca se realizarão, já que é a falta delas que alimenta o sistema vigente. Nesse sentido, aponta Bauman (2007, p.15) “Uma vez investido sobre o mundo humano, o medo adquire um ímpeto e uma lógica de desenvolvimento próprios e precisa de poucos cuidados e praticamente nenhum investimento adicional para crescer e se espalhar – irrefreavelmente”.

O sistema gera desamparado, que gera a insegurança, que gera o medo, que, por sua vez pede aos indivíduos, sem muito apoio de outros, uma resposta para lidar com tal situação e poder sobreviver em meio a esse contexto. Assim, afirma Bauman (2007, p.62) “se não podemos eliminar *todo* sofrimento, podemos eliminar *alguns* e aliviar *alguns outros* - é algo que vale a pena tentar, e continuar sempre tentando”. Acontece que, por atuar localmente e com dificuldade em formar grupos de solidariedade que as tornaria mais fortes, as pessoas, enquanto indivíduos, encontram apenas soluções temporárias ou mesmo ineficazes para lidar com a presente situação. Encontram saídas que, na verdade, são mais próximas a fugas, não uma fuga passiva, mas uma fuga que exige uma série de ações, de modo que, muitas vezes, o fim pode justificar os meios, ainda que esses fugitivos não saibam para onde estão indo.

1.3 Fugas do medo

Há um trecho de uma canção do grupo musical O Teatro Mágico (2008) que diz “O primeiro senso é a fuga/ Bom, na verdade é o medo/ Daí então, a fuga/ Evoca-se na sombra uma inquietude/ Uma alteridade disfarçada Inquilina de todos os nossos riscos/ A juventude plena e sem planos se esvai”. Ora, se nas teorias contratualistas e nas bases do pensamento de sociedade de bem-estar, o Estado é o mecanismo criado pelo ser humano para evitar as consequência da máxima de Thomas Hobbes (1588-1679) de que o “homem é o lobo do homem”¹⁴, sem o apoio do Estado e das principais Instituições Sociais, sem a capacidade de organização conjunta em um espaço global, sem possibilidade de planejamento de longo e

¹⁴ Esse autor utiliza o termo do dramaturgo Plautus (254-184 a.C.) "*homo homini lupus*" para ilustrar o homem antes dos contratos mediados pelo Estado, ou seja, o homem em estado de natureza, em sua obra clássica “Leviatã” (1651).

médio prazo, sem a construção de um projeto de vida estável, sem autoconfiança e com medo, o homem do século XXI voltou a uma espécie de estado de natureza, em que busca a todo custo sobreviver na selva cujos monstros e feras o ameaçam a todo tempo.

Uma das formas de muitas pessoas lidar com esse medo e fugir da situação em que se colocaram e foram colocadas é por meio de um “ensimesmamento” e isolamento com os iguais. Seguem a lógica de que “na ausência dessa solução radical, talvez se pudesse ao menos garantir para si mesmo, juntamente com amigos, parentes e outras ‘pessoas iguais a nós’, um território livre daquela mixórdia e desordem irredimíveis que afligem outras áreas da cidade” (BAUMAN, 2007, p.92). Assim, aqueles que tem condições financeiras, se distanciam da sombra do lixo humano e da possibilidade de um dia estar nessa condição, se isolando, em seus condomínios, em seus nichos de amizade, em seus grupos exclusivos nas redes sociais. Convivem com aqueles que pensam igual e que não vão apresentar nenhuma resistência à sua forma de vida e de compreender a realidade. Cria-se um conforto espiritual, uma espécie de redoma, um espaço mais confortável e amigável. Contudo, para Bauman (2007, p.93) “a imersão na ‘mesmice’ não diminui, muito menos afasta, os riscos que a incitaram. Como todo paliativo, pode no máximo prometer um refúgio em relação a alguns de seus efeitos mais imediatos e temidos”.

As consequências dessa “fuga” na “comunidade da mesmice” é que as pessoas passam a acreditar que sua forma de pensar é a única e a verdade absoluta. Em seu isolamento elas se alienam e a consequência desse “auto ostracismo” é a incapacidade da

arte de negociar significados compartilhados e um *modus covivendi* agradável. Uma vez que esqueceram ou não se preocuparam em adquirir as habilidades necessárias para uma vida satisfatória em meio à diferença, não é de estranhar que os indivíduos que buscam e praticam a terapia da fuga encarem com horror cada vez maior a perspectiva de se confrontarem cara a cara com estranhos. Estes tendem a parecer mais e mais assustadores à medida que se tornam cada vez mais exóticos, desconhecidos e incompreensíveis, e conforme o diálogo e a interação que poderiam acabar assimilando sua "alteridade" ao mundo de alguém se desvanecem, ou sequer conseguem ter início (BAUMAN, 2007, p.94).

O viver no casulo da mesmice e ensimesmamento, forma monstros intragáveis e arredios. Tais “falsos mitos” ou “ogros modernos” dão suporte para o “crescimento de ideologias tradicionais e antiprogressistas pois o desconhecido evidencia esse espaço de instabilidade” (BAUMAN, 2007, p.94). Desse modo, o medo, a fuga e as aberrações que deles emergem, encontram seu espaço privilegiado em “partidos e ideologias de extrema direita e até de fascismo e autoritarismo em nossos tempos, sempre com o discurso de autoproteção” (*Ibidem*), de ataque ao diferente e de evitar toda e qualquer possível “revolução” que possa

colocar em questão os falsos privilégios daqueles que são os “normais”, muitas vezes sob o estereótipos do homem branco heterossexual de classe média, e que, na maioria dos casos, detém o pouco poder que restou nas sucateadas instituições sociais ou nas hierarquias das grandes empresas, ainda que, em último caso, tais pessoas são apenas instrumento de manobras para a conservação do sistema implantado.

1.4 O consumo espetacular como “alento” à opressão

Mas como tal sistema opressivo consegue continuar na “roda da fortuna” imprevisível do contexto atual? O que alimenta esse cenário? Podemos verificar que o homem contemporâneo vive em um círculo vicioso, pois, o sistema capitalista é o gerador do medo que causa diversas fugas para que o indivíduo possa sobreviver e, ao mesmo tempo, tal sistema se alimenta dessas fugas para continuar gerando a opressão e o controle sobre as pessoas. A modernidade líquida é “autossustentável”, “tal como o dinheiro vivo pronto para qualquer tipo de investimento, o capital do medo pode ser usado para se obter qualquer espécie de lucro, comercial ou político” (BAUMAN, 2007, p.18). Ora, se no alto dos altares da sociedade moderna, os antigos santos de barro deram espaço à onipresença do mercado e das empresas privadas, o consumo aparece como uma das grandes manifestações de fé, aquilo que dá sentido e o que alimenta toda a estrutura agora estabelecida. É ele que oferece a sensação de poder, de liberdade, de felicidade, de qualidade de vida, algo valioso em um contexto de medo e insegurança.

A lógica é simples: em um mundo individualista “se você não quer afundar, continue surfando, e isso significa mudar o guarda-roupa, a mobília, o papel de parede, a aparência, os hábitos - em suma, você mesmo - tão frequentemente quanto consiga” (BAUMAN, 2007, p.108). Para alimentar o consumo, cria-se a busca por si mesmo baseada em produtos, serviços e entretenimento que são continuamente substituídos em uma obsolescência programada, a fim de que novos atrativos sejam continuamente produzidos. Por isso, na indústria do lixo humano, se produz, também o lixo material, já que há uma ênfase e importância em abandonar e em se livrar das coisas. A sociedade líquida, é a sociedade de consumo e, também, é uma sociedade do descarte, de maneira que “pessoas apegadas às roupas, computadores, celulares e cosméticos de ontem representariam um desastre para uma economia cuja principal preocupação, e condição *sine qua non* para sua existência, é a rapidez com que os produtos vendidos e comprados são jogados fora (BAUMAN, 2007, p.108).

Um dos grandes autores que refletiu sobre a temática e a lógica do consumo é o pensador francês Jean Baudrillard, principalmente por meio do livro *Sociedade de Consumo*, cuja tese principal afirma que “o consumo surge como modo ativo de relação (não só com os objetos, mas ainda com coletividade e com o mundo), como modo de atividade sistemática e de resposta global que serve de base para todo o nosso sistema cultural” (BAUDRILLARD, 1995, p.11). Nesse sentido, em um mundo individualizado, amedrontado e sem relações de solidariedade, “os homens da opulência não se encontram rodeados, como sempre acontecera, por outros homens, mas por objetos” (BAUDRILLARD, 1995, p.15). Para esse autor, as relações humanas foram substituídas por relações ou uso de objetos de modo que vivemos menos na proximidade, na presença e na relação com outras pessoas e “mais sob o olhar mudo dos objetos obedientes e alucinantes que nos repetem sempre o mesmo discurso – isto é, o do nosso poder meduzado, da nossa abundância virtual, da ausência mútua de uns dos outros” (BAUDRILLARD, 1995, p.15).

Devido à alta demanda por novidades, ou pela falsa fé em querer ser e existir por meio do materialismo, há uma multiplicação de objetos, de serviços, de bens, “originando como uma categoria de mutação fundamental na ecologia humana” (BAUDRILLARD, 1995, p.15). Baudrillard sublinha que é de fundamental importância compreender que os objetos, no contexto atual, não são oferecidos e não são vistos de forma isolada ou na sua utilidade específica, em verdade trazem uma série de simbologias e signos em um horizonte mais amplo do que o simplesmente material ou utilitário.

O consumo é visto como algo mágico, traz a tão buscada felicidade, a sensação de que tudo podemos e que temos controle de tudo, conjurando “uma mentalidade sensível ao miraculoso que rege a vida cotidiana [...] uma mentalidade primitiva, baseada na crença na onipotência dos pensamentos” (BAUDRILLARD, 1995, p.21). Eu compro, eu fujo do sofrimento, logo existo! O que é importante é o símbolo que eles apresentam, os significados e os simulacros pois, como afirma Baudrillard (1995, p.25), “vivemos desta maneira ao abrigo dos signos e na recusa do real. Segurança miraculosa (...) A imagem, o signo, a mensagem, tudo o que ‘consumimos’, é a própria tranquilidade selada pela distância ao mundo e que ilude, mais do que compromete, a alusão violenta do real”.

Podemos dizer que, na tessitura atual, está entranhado um aspecto antropológico que permeia toda essa relação, que é a busca pela felicidade. Baudrillard afirma que “a felicidade constitui a referência absoluta da sociedade de consumo, revelando-se como o equivalente autêntico da salvação” (BAUDRILLARD, 1995, p.47). Doravante o consumo passa a fazer

parte do dia-a-dia, assume e o reorganiza o trabalho, o lazer, a família, envolve os níveis privados e sociais, pois é vendido como algo que torna a realidade mais amena, já que ao “nível do vivido, o consumo faz da exclusão maximal do mundo (real, social, histórico) o índice máximo de segurança” (BAUDRILLARD, 1995, p.26). Assim, a “Sociedade de consumo pretende ser uma Jerusalém rodeada de muralhas, rica e ameaçada – eis aí a sua ideologia” (BAUDRILLARD, 1995, p.27).

Destarte, todo o contexto das cidades e dos ambientes vividos passam a ser pensados no sentido de dar ao homem o “prazer” de consumir, de buscar o seu ser nos objetos e de fugir da realidade que o ameaça, formando, assim, um ambiente ou uma ambiência de consumo que invade todas as atividades humanas, que passam a ser traçadas, orientadas e construídas para um envolvimento total com o consumo. Há uma “climatização geral da vida, dos bens, dos objetos, dos serviços, das condutas e das relações sociais [que] representa o estágio completo e ‘consumado’ na evolução que vai da abundância pura e simples, através de objetos, até o condicionamento total dos atos e do tempo[...]” (BAUDRILLARD, 1995, p.19).

Um dos grandes exemplos desses ambientes, dessas catedrais gigantes e suntuosas que veneram o deus Consumo, são os *Shopping Centers*¹⁵, os hipermercados e as lojas de departamento. Nesses espaços “sagrados”, que separam o homem da realidade, não há dia ou noite, frio ou calor. Tudo está disponível, produtos, serviços, educação, lazer, cultura em um único ambiente em que, ao lá estar, esquece-se todo o sofrimento e desigualdades, que, muitas vezes, estão há poucos metros de distância ou mesmo ali dentro, por meio mão-de-obra barata, as vezes, escrava¹⁶, na comercialização e confecção de todo tipo de atrativos.

Vende-se a ideia de um consumo total, inclusive daquilo que não é necessário e principalmente daquilo que logo será descartado, tal como Bauman afirma acima, dando espaço para um novo produto, “o que hoje se produz não se fabrica em função do respectivo valor de uso ou da possível duração, mas antes em função da sua morte, cuja aceleração só é igualada pela inflação dos preços” (BAUDRILLARD, 1995, p.42). Em suma, a sociedade de consumo que se torna ainda mais forte em uma sociedade líquida, precisa de seus objetos para existir e

¹⁵ “Existem por volta de 1,9 mil shoppings na América Latina e, de acordo com um levantamento feito pela Associação Brasileira de Shopping Centers (Abrasce), o Brasil ocupa a segunda colocação do ranking com cerca de 600 centros comerciais deste tipo, ficando atrás apenas do México, que possui aproximadamente 650”. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/dino/brasil-e-o-segundo-pais-com-mais-shoppings-da-america-latina,4d41a7384256c6cf64208bd7d7f9f961ihlu78yc.html>. Acesso em: 02.jan.2020.

¹⁶ Em recente operação que fiscalizou oficinas subcontratadas de fabricante de roupas da Zara, 15 pessoas, incluindo uma adolescente de 14 anos, foram libertadas de trabalho escravo contemporâneo em plena capital paulista. Publicado em 2011. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2011/08/roupas-da-zara-sao-fabricadas-com-mao-de-obra-escrava/>. Acesso em: 02.jan.2020.

sente necessidade de os destruir, de os substituir por outras versões, por outras novas invenções e necessidades a fim de fazer com que a roda do moinho permaneça em movimento.

A sociedade do consumo não se desenvolve sem fortes consequências. Na medida em que se busca mais produção, descarte e novas produções, aumenta-se “ruído, poluição de ar e de água, destruição das paisagens e lugares, perturbação nas áreas residenciais pela implantação de novos equipamentos (aeroportos, autoestradas etc.)” (BAUDRILLARD, 1995, p.34). Ademais, há o prejuízo cultural “devido aos efeitos técnicos e culturais da racionalização e da produção de massa” (BAUDRILLARD, 1995, p.34), destruindo culturas, tradições e estruturas antigas que asseguravam determinadas necessidades e organizações locais. Nesse sentido, Baudrillard (1995, p.35) antecipa e ratifica a teoria de Bauman quando este último faz a seguinte citação de E. Lisle:

A pressão social da mobilidade, do estatuto, da concorrência a todos os níveis (rendimento, prestígio, cultura etc.) torna-se cada vez mais pesada para todos. Necessita-se de mais tempo para se recriar e reciclar, para recuperar e compensar o desgaste psicológico e nervoso causado por múltiplos danos: trajeto domicílio/ trabalho, superpopulação, agressões e stress contínuos. Em última análise, o preço mais elevado da sociedade de consumo é o sentimento de insegurança generalizada que ela engendra. [...] No crescimento rápido que origina inevitavelmente tensões inflacionistas, parte não negligenciável da população é incapaz de aguentar o ritmo. São os rejeitados. E os que prosseguem na corrida e chegam ao modo de vida proposto como modelo conseguem-no, mas só ao preço de um esforço que os deixam diminuídos”¹⁷.

A pobreza, financeira e existencial é o grande resíduo produzido por esse sistema complexo da sociedade líquida, de consumo, de descarte, individualista e amedrontada, afetando tanto os “úteis” quanto os “inúteis”. Por isso Baudrillard (1995, p. 35) diz que “encontramos o mesmo problema a propósito da pobreza que as sociedades de crescimento ‘arrastam atrás de si’ como tara, constituindo um de seus ‘danos’ mais graves”¹⁸. O mercado e as empresas geram a instabilidade e a estabilidade, a segurança e a felicidade são ingenuamente

¹⁷ Segundo pesquisa realizada pela Northwestern University, nos Estados Unidos, em 2012, pessoas que valorizam demasiadamente a riqueza, status e bens materiais tendem a ser mais ansiosas, depressivas e menos sociáveis. ECOD. Consumismo aumenta depressão e ansiedade, diz pesquisa. Publicado em: 12.abr.12. Disponível em: <http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2012/abril/consumismo-aumenta-depressao-e-ansiedade-diz>. Acesso em: 02.jan.2020.

¹⁸ Ter essa tese é importante pois diferentemente dos autores e teóricos econômicos que afirmavam que em uma sociedade da abundância, cada vez mais as pessoas teriam acesso aos bens de consumo e a pobreza diminuiria, o que se vê é a acumulação de bens e a má distribuição das riquezas crescendo a cada ano. Outra questão é que nem sempre o fato de um país produzir e consumir em grande escala significa a eliminação e erradicação da pobreza, em grandes países do mundo subdesenvolvido como China, Brasil e Índia, embora estando entre as maiores economias do mundo, possuem níveis muito baixos quando aborda-se a qualidade de vida e o índice de desenvolvimento humano de sua população. Nesse sentido, concordamos com Baudrillard (1995, p.52) quando esse afirma que “Não diremos como os mais eufóricos: ‘O crescimento produz abundância e, portanto, igualdade’; também não aceitamos a visão inversa extrema: ‘O crescimento é causa de desigualdade’. Invertendo o falso problema - diremos que o crescimento em si é função da desigualdade”

buscadas em permanecer no sistema, ou seja, consumir o que esse produz, gerando ainda mais pobreza e miséria. Contudo o sistema conhece unicamente as condições da própria sobrevivência e “ignora os conteúdos sociais e individuais [...] O consumo, a informação, a comunicação, a cultura e a abundância são instituídos, descobertos e organizados pelo próprio sistema, como novas forças produtivas, para a sua maior glória” (BAUDRILLARD, 1995, p.55).

1.5 A Sociedade do Espetáculo

Em meio a uma sociedade líquida que é alimentada e confirmada pela sociedade do consumo, com o advento das tecnologias de comunicação e com a quebra das fronteiras em que ricos e pobres, lixo humano e humanos “normais”, convivem nos mesmos ambientes, faz-se, então, necessário que haja alguma diferenciação entre as pessoas. Isso se dá tanto em nível psicológico, para ter a falsa ideia de que a escória da sociedade não é uma possibilidade, mas também para diferenciar-se daqueles que estão no lixo e que, de certa maneira, também, sonham com a possibilidade da “felicidade”, ou seja, de também consumirem, e o fazem de alguma maneira, dentro de suas possibilidades, sendo, portanto, também alvo da lógica do consumo¹⁹.

Verifica-se, portanto, uma diferenciação das classes e dos níveis hierárquicos espalhados pela sociedade líquida e de consumo. Nesse sentido, Baudrillard afirma que não existe uma “massa de consumidores”, mas um processo de necessidades criadas pelo mercado e pela produção de modo que um produto, bem ou serviço inovador só será de uso comum nos níveis mais baixos se já tiver passado pelo público seletivo. Em outras palavras, “nenhuma necessidade consegue ser satisfeita de modo maciço, a não ser o caso de já fazer parte do modelo superior, tendo sido substituída por outro bem ou necessidade distintiva – de maneira a preservar a distância” (BAUDRILLARD, 1995, p. 69). Há diversos exemplos disso em nossa realidade, vide os modelos de smartphones, computadores e até acesso a serviços médicos e medicamentos que primeiro são acessados pelos ricos, para só então chegar aos mais pobres.

Nesse sentido, a sociedade de consumo é, também, uma sociedade de produção de privilégios, gerando hierarquias e distanciamentos. Não existe uma lógica de liberdade e escolha, essas são determinadas pela produção seletiva. Citando Gervasi, Baudrillard (1995, p. 69) diz que “as escolhas não se fazem à sorte, mas são socialmente controladas, refletindo o

¹⁹ Consumidores da Classe D atraem interesse de empresas de varejo, alimentação, seguros e até internet. Estado de São Paulo. Publicado em: 02.out.2010. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/seu-dinheiro,empresas-criam-estrategias-para-a-baixa-renda,37536e>. Acesso em: 03. Jan. 2020.

modelo cultural em cujo seio se efetuam”. Verifica-se, pois, uma desconstrução nas teorias que afirmam que há uma autonomia no processo de consumo, pois “a escolha fundamental, inconsciente automática do consumidor é aceitar o estilo de vida de determinada sociedade particular (portanto, deixa de ser escolha!) (...) Tal indivíduo faz parte de tal grupo porque consome tais bens e consome tais bens por que faz parte de tal grupo” (Baudrillard, 1995, p. 70).

Um dos meios que o sistema utiliza para fazer todo esse processo de manipulação social é a publicidade, que em sua versão negativa, “parece não conferir importância aos bens, mas é apenas para mais relevar o sistema, sustentando igualmente a importância e o prestígio da técnica de estrutura sob o ponto de vista social” (BAUDRILLARD, 1995, p.72). Esse tipo de publicidade vende a imagem e a quase obrigação de aproveitar a vida, *Carpe Dien*²⁰, assim, “importa experimentar tudo, porque o homem do consumo se encontra assediado pelo medo de falhar qualquer coisa, de não obter seja que prazer for [...] O imperativo (é) de se divertir e de explorar a fundo todas as possibilidades de se fazer vibrar, gozar ou gratificar (BAUDRILLARD, 1995, p.81).

Por meio da publicidade, o sistema cria um sistema de necessidades que se adapta às condições produtivas e se oferece como se estes produtos fossem estritamente necessários para que o cliente tenha a sua diferenciação social, em outras palavras a mensagem é: “fujam da realidade terrível e sintam que estão mais distantes do ‘lixo humano’”. Nesse sentido, a maior força do sistema de consumo é a diferenciação, ou seja, o adotar um determinado modelo abstrato oferecido pela publicidade e maximizado pelos meios de comunicação e, recentemente, pelas redes sociais. “Senhoras e Senhores eis a Sociedade do Espetáculo! Conecte-se, seja visto, receba curtidas.... Seja feliz! ”.

Para Guy Debord (1931-1994), em sua obra *A Sociedade do Espetáculo*, “toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação” (SE. 1²¹). Segundo esse autor, a origem do espetáculo é a perda da unidade do mundo, e a expansão gigantesca do espetáculo moderno exprime a totalidade desta perda. “No

²⁰ Carpe diem é parte da frase latina *carpe diem quam minimum credula postero*, extraída de uma das Odes, de Horácio, e tem numerosas traduções possíveis: "colhe o dia", "desfruta o presente", "vive este dia", "aproveita o dia" ou "aproveita o momento". Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carpe_diem. Acesso em: 04.jan.2020.

²¹ Utilizaremos a abreviação [SE] seguida do número do parágrafo ao referir-se a obra “DEBORD, G. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997”.

espetáculo, uma parte do mundo representa-se perante o mundo, e é-lhe superior. O espetáculo não é mais do que a linguagem comum desta separação” (SE. 29).

Em um mundo pautado pela internet e pelas redes sociais, todos os aspectos da vida se tornam representação. As pessoas para fugirem de suas realidades, isoladas em uma multidão de indivíduos separados, mostram somente os factoides que apresentam uma vida feliz, segura e prazerosa ou apenas aquilo que pode chamar a atenção, dar a ela algum valor ou alguma visibilidade. Nesse sentido o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens. Há uma busca generalizada do ter e do aparecer, “de forma que todo o ‘ter’ efetivo perde o seu prestígio imediato e a sua função última. Assim, toda a realidade individual se tornou social e diretamente dependente do poderio social obtido. Somente naquilo que ela não é, lhe é permitido aparecer” (SE. 17).

O problema é que a representação não é a realidade, de modo que “o espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não-vivo” (SE. 2). Para Debord, o espetáculo aparece como “o coração da irrealidade da sociedade real”, que utilizando todos os mecanismos de informação, propaganda, publicidade, entretenimento, e atualmente as redes sociais, “constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário — o consumo” (SE. 6).

Se o consumo, nos termos que apresentamos, é uma fuga do real, apenas uma ilusão frente a um mundo que aparece como arredio e perigoso, o espetáculo é a manifestação visível de tal falsa-realidade e, ao mesmo tempo, o combustível para que o mundo da representação seja o verdadeiro oásis frente ao deserto que se apresenta no mundo real. Nesse sentido, o espetáculo inverte o real, coloca o ser humano em situação constante de contemplar ao próprio espetáculo. É, portanto, “a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo descobre-o como a negação visível da vida; uma negação da vida que se tornou visível” (SE. 10).

Se a vida é difícil e pesada, o espetáculo será o seu oposto. As pessoas acreditam que “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (SE. 12). Sendo o espetáculo “um sol que não tem poente”, verifica-se um monopólio da aparência, “que recobre toda a superfície do mundo e banha-se indefinidamente na sua própria glória” (SE. 3). Com a quantidade abundante de mercadorias, o mercado coloca o valor no reconhecimento que tal produto oferecerá para o seu possuidor. Os meios de comunicação utilizam-se, então, de toda artimanha para criar uma onda de entusiasmo entre as pessoas, que publicam o uso de tais produtos e serviços para os demais.

Quem não entra na onda, é fadado ao lixo humano. “Cada nova mentira da publicidade é também a confissão da sua mentira precedente. Cada derrocada de uma figura do poder totalitário revela a comunidade ilusória que a aprovava unanimemente e que não era mais do que um aglomerado de solidões sem ilusões” (SE. 70).

Uma das consequências desse mundo espetacular é a alienação do expectador, pois o importante é o objeto contemplado. Assim, “quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo” (SE. 30). O ser humano vai se perdendo a si mesmo, pois “os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhes apresenta. Eis porque o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda a parte” (SE. 30). Assim, mesmo criando os detalhes de seu mundo, por meio de fotos, vídeos e postagens na internet, o homem se separa ainda mais de si, daquilo que ele produz, as relações interpessoais, sua vida, e o sentido dela que se transformou em mercadoria, em objeto de consumo e de produção, em alimento para o sistema vigente que ele foge, mas ao mesmo tempo alimenta. “O mundo visível é o seu mundo” (SE. 42). O consumidor real toma-se um consumidor de ilusões. “A mercadoria é esta ilusão efetivamente real, e o espetáculo a sua manifestação geral (SE. 47).

Sob a perspectiva das representações, a sociedade do espetáculo, apresenta “o empobrecimento, a submissão e a negação da vida real. O espetáculo é, materialmente, ‘a expressão da separação e do afastamento entre o homem e o homem’ [...], inserido ‘com a massa crescente de objetos, [esse] novo domínio de seres estranhos aos quais o homem se submete’” (SE. 215). Assim, o ser humano vai perdendo a possibilidade de se defrontar com sua própria imagem, já que essa é sempre maquiada pelos signos, pelos medos e pela busca constante em sobressair-se para não cair na vala do lixo humano.

A consciência espectadora, prisioneira dum universo estreito, limitada pelo écran do espetáculo, para onde sua vida foi deportada, não conhece mais do que interlocutores fictícios que lhe falam unilateralmente da sua mercadoria e da política da sua mercadoria. O espetáculo, em toda a sua extensão, é seu “sinal do espelho”. Aqui se põe em cena a falsa saída num autismo generalizado (SE. 218).

Nesse sentido, acaba-se a possibilidade de transcendência, de uma finalidade, de um objetivo. Existe uma ausência de reflexão e de perspectivas sobre si próprio. Numa sociedade em que ninguém pode mais ser reconhecido pelos outros, cada indivíduo torna-se incapaz de reconhecer sua própria realidade (SE. 217). Assim, não há um espelho onde o homem se “defronte com a própria imagem para o melhor ou para o pior; existe apenas a vitrine - lugar

geométrico do consumo e que indivíduo não se reflete a si mesmo, mas se absorve na contemplação dos objetos/signos multiplicados, na ordem dos significantes do estatuto social, etc.” (SE. 206).

Como muitas das mazelas modernas, o “consumo constitui um mito [que] revela-se como palavra da sociedade contemporânea sobre si mesmo” (SE. 208). Dentro da sociedade do espetáculo, cujos meios de comunicação torna o consumo ainda mais forte, o consumidor vê refletido o que ele acha que deseja. As celebridades, as vidas perfeitas apresentadas nas redes sociais simulam a vida que queremos ter. “Ao imitá-las, procurando vestirmos com ela, falar a sua linguagem, apresentar a sua aparência, nada mais fazemos que imitar-nos a nós mesmos [...] nos tornamos tautologias: candidatos a ser o que somos... Procuramos modelos e contemplamos o nosso próprio reflexo” (SE. 209).

Nesse contexto, Bauman, em consonância com o Debord, afirma que os seres humanos, se tornaram caçadores, sem identidade, transcendência, coletividade ou sentido de vida, buscam obter lucros e vantagens sobre todas as circunstâncias, temem ser a caça, e, devido a esse medo, buscam caçar a todo o tempo, ainda que não saibam, ao certo, o que buscam em meio a essa floresta escura e nevoada da sociedade, em que ventos, tempestades e neblinas mudam o cenário a todo tempo, sendo impossível prever ou planejar algo, lutando, portanto, para sobreviver ao próximo segundo,. “Para que seja desempenhada adequadamente e com chance de sucesso, a luta contra a derrota vai exigir sua plena e total atenção, vigilância 24 horas por dia, sete dias por semana, e acima de tudo manter-se em movimento - tão rápido quanto puder...” (SE. 109).

1.6 Juventude, Educação e Trabalho na Contemporaneidade

“Iluminados” (ou obnubilados) pela trindade composta pela sociedade do espetáculo, da sociedade de consumo e da sociedade líquida; inseridos em uma cultura do individualismo, do descarte, da separação, da intolerância e do ensimesmamento, estão os jovens, considerados por Regina Novaes como “espelho retrovisor da sociedade” ou como “sintoma da cultura”, tal como aponta Maria Rita Kehl (2004). Os jovens são aqueles que vivem na pele, na sua identidade, nos seus sonhos e perspectivas os impactos do mundo atual, seus efeitos positivos e negativos e suas consequências. Contudo, antes de adentrarmos na influência da globalização negativa no mundo juvenil e, depois de ter visto o recorte acima do aspecto macro da sociedade contemporânea, faz-se importante entendermos melhor a categoria de juventude.

Para Regina Abramo (2005, p. 13), devemos pensar a juventude para além de uma referência a uma faixa de idade. Segundo essa autora, “a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses

processos se modificam de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas”. Juarez Dayrell, por sua vez, afirma que a juventude é uma categoria socialmente produzida e deve-se levar em conta que “as representações, os sentidos que se atribuem a essa fase da vida, a posição social dos jovens e o tratamento que lhes é dado pela sociedade ganham contornos particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos” (DAYRELL, 2014, p. 110). Assim, a juventude deve ser vista não como uma categoria homogênea, mas marcada pela diversidade. “Devemos utilizar a categoria juventude no plural, para reforçar uma ideia de ‘juventudes’ que dê conta de uma diversidade imensa” (DAYRELL, 2011, p.02). Portanto, não há uma cultura juvenil unitária, um bloco monolítico, homogêneo, senão culturas juvenis, com pontos convergentes e divergentes, “com pensamentos e ações comuns, mas que são, muitas vezes, completamente contraditórias entre si”. (ANDRADE e NETO, 2007, p. 25)

Podemos dizer, portanto, que os jovens são condicionados pelo seu redor. Aspectos como classe social, grupo étnico, gênero, nacionalidade e contexto histórico influenciam no comportamento e, portanto, na formação de culturas e subjetividades juvenis com suas diversas especificidades. Assim, percebe-se que dentro do arcabouço atual, as juventudes, assumem, muitas vezes, as características e formas de viver propugnadas pelo viés capitalista, líquido, espetacular e consumista. Ainda que de maneiras variadas, tendo em vista as suas especificidades, a cultura da sensualidade, do prazer, da novidade, do desfrute do corpo e da liberdade, inclui todos os jovens de uma maneira ou outra. Esses afirmando ou negando tal realidade, também se percebem inseguros e sem muitos apoios, buscando de diversas maneiras, enfrentar as contradições apresentadas no mundo moderno. Kehl (2004, p. 47) afirma que “Do ‘filhinho de papai’ ao morador de rua, do jovem subempregado que vive na favela ao estudante universitário do Morumbi (ou do Leblon), do traficante à ‘patricinha’, todos os adolescentes se identificam com o ideal publicitário do adolescente hedonista, belo, livre, sensual”.

Nesse sentido, há um desafio que se apresenta, pois, para viver no mundo fantasioso do consumo e do espetáculo há de se ter recursos financeiros e assim acompanhar as ondas que são exibidas nas diversas mídias, potencializadas pelos meios de comunicação. Se não se nasce em uma família com recursos, ou se quer permanecer em uma situação que dê certas condições monetárias para fruir tais bens, há de trabalhar e assim sustentar a quimera que lhe é imposta. Desse modo, não só para os jovens, mas para a sociedade como um todo, o trabalho, que na perspectiva marxista, consistia numa atividade “orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer as necessidades humanas, condição universal do

metabolismo entre o homem e a Natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, independentemente de qualquer forma dessa vida” (MARX, K. 1985, p.50); no contexto capitalista líquido e espetacular, o trabalhar torna-se a condição de possibilidade para a manutenção desse sistema e para a sobrevivência nele.

Obviamente não podemos reduzir o trabalho somente às questões de consumo e sobrevivência. Há outros fatores que envolvem o labor na juventude como a diferenciação social pois, como afirmamos acima, estar no mundo do desemprego é estar próximo à vala dos imprestáveis e inúteis; e a independência financeira, que estrutura o tempo com uma rotina, promove oportunidades de convívio com outros círculos sociais, além de promover espaços de desenvolvimento pessoal e de identidade.

Contudo, podemos afirmar que a juventude, principalmente os mais pobres, se apresenta como as principais vítimas do mercado de trabalho, já que são os jovens que, por ainda não ter formação ou experiência, encontram maiores dificuldades de conseguir uma vaga de emprego, principalmente nas grandes cidades onde a concorrência é cada vez maior²². Assim, o mais comum é que os e as jovens, quando conseguem alguma colocação, ocupem postos de trabalhos informais, precários, de curta duração e baixa remuneração, sendo muitas vezes expostos a humilhações e perigos, confirmando teses apresentadas por CORROCHANO & NAKANO (2009), SCHWARTZMAN & COSSÍO (2007) e por Porchmann (2000, p.395) de que “os jovens enfrentam dificuldades adicionais para encontrar trabalho e nele se manterem, uma vez que além de inexperientes, encontram poucas oportunidades”.

Por isso que, CARVALHO (2004, p.7) afirma que a falta de emprego afeta de um modo contundente a vida de jovens, principalmente aqueles de classes menos abastadas pois “eles são impelidos a precipitar a ocupação de um posto de trabalho para obter uma renda a fim de sustentar as despesas familiares ou a própria sobrevivência, o que costuma comprometer a possibilidade de formação escolar e de maior qualificação profissional”. Assim, o fato de não trabalhar ou de ser obrigado a ajustar-se a qualquer emprego pode significar para muitos jovens, principalmente aqueles com menos recursos econômicos e sociais, uma fonte de sofrimento e ausência de perspectivas quanto ao futuro”. (LEÃO, 2007, p.39).

22 Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a partir da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua - PNAD, o desemprego entre os jovens é superior ao dobro da taxa geral do país. Se no Brasil, em 2017, a taxa de desemprego ficou entre 12,4% da população, na faixa etária de 18 a 24 anos, esse número avança para 26,6%²². Esses números aparecem como perversos, pois a juventude acaba sendo duplamente vítima do sistema atual, primeiro, por ser o foco da sociedade de consumo e espetáculo e segundo por não ter acesso ao meio que pode dar a ela o acesso aos bens de consumo oferecidos por essa sociedade.

Diante das dificuldades de vagas de empregos ou na busca de evitar os subempregos cujas remunerações mal oferecem a sustentação básica da população, uma das alternativas encontradas para enfrentar tal situação é a capacitação profissional. Assim, a educação, principalmente a de nível superior, aparece como uma esperança de solução para tamanho desafio pois as “ideias neoliberais, pautadas na realização do projeto individual e competitivo, influenciam a forma pela qual se compreende a educação formal, direcionando um aumento no tempo de escolarização, associado à busca da inserção no mercado de trabalho” (PIERRO, 2005, p.118). Nesse sentido, a própria Lei de Diretrizes Básicas de Educação – LDB, nº 9.394/96, já afirma que, dentre outras, é função da educação superior “formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua” (BRASIL, 1996).

Todavia, é importante ressaltar que a entrada no nível superior de educação não exclusivamente ocorre em função dos aspectos laborais, existe muitos estudantes que optam por um curso simplesmente pelo conhecimento que poderá adquirir na academia. Acessar a educação significa, também, uma oportunidade de desenvolvimento humano mais harmonioso, de combater a pobreza e processos de exclusão e incompreensão. Pois “à educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele” (DELORS, 2001, p. 89).

Contudo não podemos negar que, conforme afirma Abramovay (2015, p.39), “existe um consenso de que a educação é um fator fundamental na inserção profissional da juventude. Ademais, um outro fator que suporta a tese de que, na prática, uma das principais motivações de entrada de jovens no mundo universitário é a questão do trabalho, pode ser obtido no resultado de pesquisa, realizada em 2017, com 1,2 mil alunos, pela consultoria Educa Insights, encomendada pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), em que 66% dos jovens entrevistados e 67% dos pais que participaram da enquete, apontaram a opção “conseguir um bom emprego no futuro” como a principal justificativa para cursar o ensino superior” (PORTAL G1, 2017). Nessa mesma pesquisa, é interessante verificar que os cursos mais eleitos pelos estudantes foram direito, engenharia, medicina, administração e psicologia, a maioria destas consideradas carreiras tradicionais, que, normalmente aportarão melhores proventos no mercado de trabalho e, conseqüentemente, maior poder de consumo²³.

²³ Ainda que podemos verificar em uma outra pesquisa, realizada pelo Quero Bolsa, com 22 mil alunos, que 44% dos estudantes disseram que a vocação foi o principal item avaliado para a escolha de uma graduação, é importante sublinhar que destes, 25% consideraram possibilidades de melhorias de carreira e 23% apontaram a

Diante disso, faz-se necessário salientar que tal “obrigação” e necessidade de acessar o Ensino Superior para ter mais acesso a melhores condições de trabalho e de desenvolvimento humano também apresenta um grande problema no que tange à questão da desigualdade de oportunidades, principalmente em um país como o Brasil em que o acesso à educação superior continua restrito a muitos jovens e que, depois de um grande aumento no acesso de pessoas de classes mais baixas ao Ensino Superior, tem vivido um tempo de redução e exclusão dos mais pobres, principalmente nas universidades públicas. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua (PNAD) de 2017, apenas 15,7% da população com mais de 25 anos havia concluído o Ensino Superior no Brasil, destes, 3% eram pretos ou pardos. “No período entre 2006 e 2016 as matrículas no nível superior aumentaram 62,8% com uma média anual de 5% de crescimento. No entanto, entre 2015 e 2016 o crescimento foi de apenas 0,2%” (LAZARO, 2018).

Tal pressão e necessidade por uma preparação para o mercado de trabalho - e num mundo competitivo, o quanto antes fizer isso melhor-, para aqueles que tem essa oportunidade de acesso, a escolha da carreira acadêmica acaba sendo um fator de preocupação e estresse. Esse cenário conturbado ocorre, também, porque principalmente no Brasil, devido ao sistema de entrada no ensino superior, verifica-se um problema no sentido de que os jovens têm que tomar tal decisão muito cedo, em torno dos 16 a 18 anos, o que faz perguntar se as decisões feitas realmente foram refletidas e aprofundadas. Isso acontece porque, muitas vezes, há uma pressão por um direcionamento profissional e acadêmico logo depois do final do ensino médio, quando o jovem ainda vive muitas questões próprias de sua fase, como constituição de personalidade, identidade e sociabilidade. Nesse sentido, Corlatti (2009, p.28), afirma que “essa situação tende a adicionar angústias às vivências da própria adolescência e, muitas vezes, pode dificultar a própria tomada de decisão por parte do adolescente, centrado em sua construção de uma identidade profissional e pessoal”.

Além das questões psicoafetivas, o aspecto sociocultural é algo que muito influencia o jovem na escolha e na realização de um curso superior. Desta maneira, observa-se que os jovens mais pobres estão em desvantagem na concorrência de vagas para os cursos mais disputados²⁴.

facilidade de inserção no mercado de trabalho como critérios principais em suas escolhas. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/orientacao-profissional/vocacao-e-o-criterio-mais-usado-na-escolha-do-curso-superior/>. Acesso em: 08.jan.2020.

²⁴ Segundo dados publicados pelo portal G1 Educação, os cursos mais concorridos da Universidade de São Paulo (USP) têm percentual maior de alunos de alta renda. Nas sete carreiras mais disputadas, o percentual de alunos com renda familiar acima de 15 salários-mínimos supera a taxa da instituição, que é de 18%. Dos 300 calouros de medicina em São Paulo, apenas 6,4% eram de família com renda familiar de até três salários-mínimos. Disponível

Isso ocorre porque o critério para aquisição de vagas nas Instituições públicas e bolsas nas instituições privadas é obtido a partir do desempenho do aluno no vestibular ou no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, no entanto, normalmente, pessoas advindas de classes mais baixas, além do aspecto da pobreza e más condições de vida, tem, em geral, uma qualidade de educação básica aquém daqueles que, de classes mais altas, puderam arcar com o ensino privado (e melhores condições e qualidade educacional).

Diante de tais questões, podemos afirmar que nem sempre os alunos escolhem o curso que desejam ou tem condições de possibilidade para fazer tal escolha a partir de sua vocação. Contudo, como o ensino superior é importante para o mercado de trabalho, ainda que não realize a carreira acadêmica que gostaria, na lógica atual, é melhor ser formado em algo, do que não ter nenhuma graduação que, por mais que não seja aquilo que o jovem sonhou, possibilitará algum ganho e assim melhores possibilidades para enfrentar as pressões do mundo líquido e melhor se inserir na sociedade de consumo e de espetáculo, adaptando-se assim ao sistema vigente.

1.7 Percepções, Sonhos e sofrimentos dos jovens universitários

Ainda que verificada uma diminuição desde 2015, a quantidade de ingressos na educação superior do Brasil tem crescido exponencialmente. O número de matrículas passou de 2.694.245 no ano 2000 para 8.052.254 de matrículas em 2016. Trata-se, portanto, de um contingente gigantesco que leva para a universidade os seus sonhos e seus desejos, mas também os diversos desafios e sofrimentos vividos pelos jovens do nosso mundo contemporâneo: a pressão pela empregabilidade, a necessidade de consumo, os desafios da transição para a vida adulta, questões e problemas familiares, afetivos/sexuais, a vida social e a própria questão de valores e sonhos. Nesse sentido, Bonetti (2008, p.108) apresenta a seguinte análise:

Nas últimas décadas, dois acontecimentos originados da dinâmica da globalização da economia, da política e da cultura criaram um clima de tensão entre os jovens, preocupando-os ainda mais na busca de alternativas de preparação para a profissionalização. A nova configuração econômica e política que passou a vigorar no Brasil, nas últimas décadas, determinou, por um lado, a necessidade da busca da excelência (no sentido da aquisição de conhecimentos requeridos pelo mercado de trabalho global) e, por outro lado, a alteração do modelo do Estado, deixando aos indivíduos a responsabilidade pela aquisição do conhecimento novo, produzido no contexto dessa dinâmica.

Essas tensões são vividas por quase todos os jovens brasileiros, principalmente aqueles de baixa renda, tendo em vista a pressão que carregam consigo dentro do contexto universitário. Uma análise das consequências dessa carga vivenciada pelos jovens universitários é apresentada pelo relatório *Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras*, “dificuldades de adaptação a novas situações envolvendo, por exemplo, adaptação à cidade, à moradia, ou separação da família, entre outras, foram reportadas como significativa por 43% dos estudantes” (ANDIFES, 2011). Ademais são muitos os fatores de estresse vividos pelos alunos. Nessa pesquisa, as principais interferências na vida acadêmica foram de nível relacional, envolvendo as relações interpessoais ou sociais (46%), as relações amorosas ou conjugais (41%), as situações de violência física ou sexual (24%) e o assédio moral (25%); de nível financeiro (52%); de dificuldades de aprendizagem e hábitos/disciplina de estudo (40%) e, também, a carga excessiva de trabalhos acadêmicos (58%).

Diante de tantos desafios e dificuldades, muitos alunos acabam se instalando em uma situação de sofrimento e adoecimento emocional. Estima-se que, nas universidades federais 47,7% dos estudantes relatam ter vivenciado algum tipo de crise emocional. Essas são apresentadas com os seguintes sintomas: ansiedade (70%), insônia ou alteração significativa do sono (44%), sensação de desamparo/desespero/desesperança (36%), sensação de desatenção, desorientação, confusão mental (31%), timidez excessiva (25%), depressão (22%), medo/pânico (14%) e problemas alimentares (12%) (ANDIFES, 2011). Segundo essa pesquisa, tal situação desencadeia uma série de prejuízos, como falta de motivação para estudar ou dificuldades de concentração (61%), baixo desempenho acadêmico (48%), reprovações (31%), trancamentos de disciplinas (16%), mudança de curso (6%), risco de ser jubilado (6%) e trancamento geral (5%). Além disso, verifica-se que essa situação pode desencadear, também, uma compensação do sofrimento através de substâncias psicoativas ou drogas: 14% dos estudantes apontaram que fazem uso frequente de álcool. O uso de tabaco é praticado por 14% dos estudantes e de drogas não lícitas, por 6% deles (ANDIFES, 2011).

Dentro desse arcabouço, há ainda outro dado alarmante; o número de suicídio no contexto universitário no Brasil tem aumentado consideravelmente, alcançando em 2007 a taxa de 5,4 para cada 100.000 habitantes. Uma das possíveis explicações para esse alto índice de suicídios são as crises, pressões e adoecimentos mentais que esses jovens vivem, pois para Dutra (2012, p.926) “é justamente nessa faixa etária que esses jovens estarão adentrando no mercado de trabalho, nos cursos técnicos ou de nível superior, enfim, encontram-se efetuando

escolhas e definindo os seus destinos na vida, construindo e realizando os seus projetos de vida”.

A relação com a família e questões financeiras vivida por estudantes universitários da rede privada também foi avaliada em outros levantamentos e tem se mostrado como fator de preocupação por parte dos estudantes. Segundo pesquisa realizada pelo Núcleo de Tendências e Pesquisa do Espaço Experiência da Faculdade de Comunicação Social (Famecos) da PUCRS, por exemplo, 59,7% dos seus estudantes ainda moram com os pais, 25,3% residem em casa de amigos, casa de familiares, casa mantida pela família, pensão, hotel, pensionato e/ou república (PUCRS, 2015). A isso soma-se a questão financeira que pode se apresentar de várias maneiras: há estudantes cujo fator de estresse é depender financeiramente dos pais/familiares e outros alunos que dizem sofrer a pressão de, recebendo alguma remuneração, ter de administrar os seus gastos e, muitas vezes, se verem na necessidade ajudar com as despesas familiares.

Em pesquisa junto à Universidade Católica de Pernambuco, realizada pela Congregação Pontifícia para a Educação em 2018, dos 478 respondentes, 87,20% moram com os pais. Esse mesmo levantamento mostra que a relação com os pais é apresentada como positiva²⁵ entre os respondentes já que, 84,4% apontaram que as opiniões dos pais são levadas em consideração nas decisões sobre os estudos e 70,1% afirmaram poder negociar com os pais sobre questões que afetam sua autonomia, como horário de chegar em casa.

Contudo, tais números não aparecem tão positivos quando são perguntados sobre sentir-se escutados e respeitados em suas opiniões durante as discussões familiares, quase 50% deram notas inferiores a 6 e 7 (pontuações máximas). Ademais, podemos ver que, mesmo tendo uma relação boa com seus pais, quando perguntados qual a melhor idade para sair da casa da família, 92,2% responderam que é entre 20 e 29 anos, a mesma faixa de idade de 100% dos respondentes, o que mostra que há um desejo por uma autonomia e liberdade em relação ao convívio dos pais, algo que pode ser corroborado quando perguntados sobre 3 desejos que pretendem realizar nos próximos 15 anos: 66,50% dos respondentes desejam encontrar um bom trabalho depois de se graduar, 57,9% afirmaram querer viajar a outras partes do mundo e 44,80% apontaram o desejo de formar a sua própria família.

Nesse sentido, confirma-se a assertiva de Regina Novaes (2007) quando ela diz que “ser jovem é viver uma contraditória convivência entre a subordinação à família e à sociedade e ao mesmo tempo, grandes expectativas de emancipação”. Dessa maneira, esses dados mostram a

²⁵ Apontamos como positiva aqueles que em um grau de possibilidades que varia de 1 a 7, foram pontuadas as notas 5,6 e 7.

realidade daquilo que os teóricos sobre juventude e o meio acadêmico tem debatido com muito afinco nos últimos anos: a Juventude de uma maneira geral, mas especialmente os jovens brasileiros, vivem crises e processos muito complexos que merecem ser compreendidos para que ações possam ser feitas com o objetivo de diminuir os seus impactos tanto coletivos, quanto individuais. Para Abramovay (2015, p.26) em documento publicado pelo Ministério da Educação:

Apreciam-se, na atualidade, pelo menos quatro processos mais demarcados e que têm impacto sobre a população juvenil: i) são os jovens menos centrais na produção econômica; ii) assumem, ao mesmo tempo, papéis socialmente esperados de adultos e juvenis; iii) o significado de juventude perde delimitações únicas com as mudanças na constituição das famílias e na participação no trabalho; e, iv) ambiguidade na representação social sobre os jovens

Quando se fala de juventude, é importante compreender que é uma fase também de transição para a vida adulta, um tempo do “já e do ainda não”, mas é também um momento real vivido pela pessoa, que traz consigo as suas diversas questões. Assim, deve-se olhar a juventude como um sujeito e não como um devir, uma promessa de futuro ou algo que está em processo de construção pois, conforme afirma Reguillo (2000), “para os jovens, o mundo está enraizado no presente, no aqui e no agora” e muitas vezes esse presente, tal como apresentamos acima, apresenta diversos desafios e contradições que fazem com que medos nasçam no seio dos jovens, que para Regina Novaes, poderiam ser resumidos em dois grandes medos a saber:

a) Medo de sobrar

A sociedade que vive a tensão global-local e que, por meio do espetáculo, massifica as pessoas em forma de consumidores, faz com que essas mesmas pessoas busquem alguma diferenciação para que se sintam pertencentes a um grupo e ao mesmo tempo não caiam na vala do chamado lixo humano. Os jovens, por sua vez, dentro das diversas culturas juvenis, se diferenciam por questões como “orientação sexual, gosto musical, pertencimentos associativos, religiosos, políticos, de galeras, de turmas, de grupos e de torcidas organizadas” (NOVAES, 2007). No entanto, esses mesmos diferenciadores, fazem com que os jovens sejam vítimas de discriminações e preconceitos de cor, raça, etnia, gênero, região de origem ou local de moradia etc. Além disso, o desemprego ou o não conseguir realizar um curso universitário ou quando já está nele, não se destacar ou não conseguir as boas notas que a eles são exigidos, em um ambiente cada vez mais competitivo, faz com que essa sensação de não adequação e, portanto, de ser excluído aumente ainda mais.

Ainda que os jovens mais pobres sejam os mais atingidos pelo processo de desestruturação/flexibilização/precarização das relações de trabalho, jovens de diferentes classes sociais partilham o “medo de sobrar”. Os jovens sabem que os certificados escolares são imprescindíveis. Mas sabem também que o diploma não é garantia de inserção produtiva condizente aos diferentes níveis de escolaridade atingida. Frente à globalização dos mercados, redesenha-se o mundo do trabalho. Rápidas transformações econômicas e tecnológicas se refletem no mercado de trabalho precarizando relações, provocando mutações, modificando especializações e sepultando carreiras profissionais. Daí o medo de sobrar (NOVAES, 2007).

Em um contexto brasileiro e latino-americano, em que se materializa as desigualdades frente aos países considerados desenvolvidos, bem como as desigualdades internas, como a do Brasil em que a base da pirâmide social é composta por pessoas mais pobres, o medo de ser a sobra das sobras é ainda maior. Assim, aponta, Reguillo (2000, p.3), que o século XXI assiste a uma “crise político-social, excluindo os jovens latino-americanos de um projeto futuro. [...] Através de diversas maneiras, o projeto social privilegiado pela modernidade na América Latina foi, até hoje, incapaz de realizar as promessas de um futuro inclusivo, justo e, sobretudo, possível”.

b) Medo de morrer

Em todo o mundo, mas principalmente nos países pobres e especialmente o Brasil, há um outro medo muito presente entre os jovens, principalmente aqueles mais pobres, do sexo masculino e negros, pois, como afirma Novaes “assim como o já citado ‘medo de sobrar’, o ‘medo de morrer’ prematuramente e de forma violenta também povoa transversalmente o imaginário desta geração”. Ora o lixo humano é dispensável, não serve para nada, para muitos, é desejo que sejam eliminados, e um jovem que não produz e não consome, de nada serve para tal sistema. Talvez por isso que as vidas de milhares de jovens pobres são eliminadas sem que grandes alardes sejam feitos. A violência é generalizada, pois se por um lado os jovens pobres têm medo de perderem as suas vidas, de outro lado, tal como vimos acima, os jovens ricos e de classe média tem medo de terem os seus modos de vida e os seus pertences, que ostentam nas redes sociais, usurpados pelos pobres. Assim

Ser jovem em um momento histórico em que o narcotráfico se constitui como uma rede transnacional complexa (que se faz evidente apenas nas favelas e periferias) e em que os interesses da indústria bélica garantem a proliferação e banalização das armas de fogo, não é sem consequências. Sobretudo se a estes dois aspectos adicionamos não só a corrupção e a violência policial, mas também ao despreparo das polícias para lidar com os jovens. Esta conjugação de fatores afeta a vida dos jovens de hoje (NOVAES, 2007).

Obviamente dentro desse ambiente de medo há muitos sonhos e participações dos jovens no mundo político e solidário, sendo essa categoria social, muitas vezes uma luz de inspiração e ação de combate aos contravalores e aquilo que oferece perigo à vida da humanidade contemporânea. Contudo é importante entender as pressões que vivem as juventudes, nesse contexto, para podermos verificar como acompanhá-las em seus processos, quebrando os tantos preconceitos construídos sobre juventude, pois como já dizia a música interpretada pela banda Charlie Brown Jr “O Jovem no Brasil nunca é levado a sério”.²⁶

Dessa forma, entendido o contexto global e a realidade local da juventude, faz-se necessário quebrar qualquer preconceito ou estereótipo de uma juventude como um problema social, como a salvação do futuro ou como uma etapa conturbada e passar a ter em mente a concepção dos jovens como sujeitos de direitos, uma categoria social, que traz consigo as pressões da sociedade líquida, de consumo, de espetáculo, do descarte, mas que vive os seus processos como um ser atual, aqui e agora, aberto a possibilidades aos quais podem ser acompanhados em seus processos de autoconhecimento e na construção de um projeto de vida que lhes deem condições para lidar de uma maneira positiva frente aos desafios da sociedade líquida, do consumo, do espetáculo e contribuir para a construção de um mundo menos injusto e desigual, que possa recuperar a humanidade perdida em meio ao caos instalado no mundo contemporâneo.

1.8 Religião e Fé no mundo universitário

Em sua fragilidade existencial e biológica, o ser humano, diferentemente dos demais animais, tem que construir um mundo para que possa sobreviver em meio a tantas intempéries que podem colocar a sua vida em risco, principalmente no contexto acima apresentado pautado pela sociedade líquida, do consumo e do espetáculo. Levando em consideração que um grupo garante muito mais proteção do que um indivíduo sozinho, podemos dizer que a história da humanidade perpassa um itinerário de agrupamentos que, em seu desenvolvimento, foram construindo sociedades e culturas de modo a garantir a sobrevivência do ser humano. Tendo em vista a capacidade reflexiva do homem de questionar sobre si mesmo e para onde se dirigir, as diversas culturas humanas foram desenvolvendo diversas explicações para a existência e sentido da vida, nesse escopo a religião teve um importante papel pois, diante do desconhecido

²⁶ Charlie Brown Jr. e Negra Li. Não é Sério. 1997. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w_HUCmMnB5o . Acesso em: 09.jan.2020.

e da grandiosidade da vida e da natureza, somente algo que transcende o homem poderia dar plausibilidade para as explicações construídas para todos os enigmas da existência.

Nesse sentido, o sociólogo Peter Berger traz uma importante contribuição sobre a religião e a história da humanidade em sua busca por respostas e sentidos. Para ele, religião é uma construção humana, uma necessidade que homens e mulheres, no decorrer da história, tiveram que criar para atender aos seus anseios por explicações. Religião é fundamental para que o homem pudesse construir o seu mundo. Ela “representa o ponto máximo da autoexteriorização do homem pela infusão os seus próprios sentidos sobre a realidade (...) É a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo” (BERGER, 1985, p. 48).

Com o advento das ciências, o saber foi fragmentado em diversas áreas e a religião não escapou a essa que se tornou a regra do conhecimento a partir do século XX. Para Rubem Alves (1999, p.167), sob o aspecto antropológico, a religião “é a aposta do homem, seu ato de fé nas possibilidades que podem ser realizadas através da ação, fora da massa de matérias-primas a seu alcance”. Já nas ciências sociais, Regina Novaes (2001, p.73), por sua vez, afirma que a sociologia não busca o valor teológico das religiões, esta visa “compreender os efeitos sociais do pertencimento religioso (...) analisar as representações sociais e práticas religiosas inseridas em situações concretas, [e] comparar trajetórias de adeptos de religiões diferentes que vivem semelhantes condições de vida”. A filosofia da religião, conforme afirma Gómes Caffarena (2007), tem uma tarefa valorativa, que é buscar a essência e o significado do fenômeno religioso, e uma tarefa verificativa, que tem por meta a definição da razoabilidade e da autenticidade da religião.

Desta forma, podemos afirmar que a religião (instituição) e a religiosidade (ação) são temas de constante e incessante busca do conhecimento humano e nos aporta a diversos pontos de vista. No entanto, em muitos momentos, há uma confusão de conceitos no que diz respeito à fé e à religião. Para esclarecer essas definições, utilizamos a afirmação de Maria Clara Bingemer (2010, p.52) que descreve fé como “fundamentalmente uma resposta a uma proposta feita à liberdade do ser humano, que é a ela chamado a responder com todas as dimensões do seu ser”. Para ela, o crer não é uma ação humana de apresentação de inquietudes e frustrações, trata-se de “uma atitude fundamental de recepção, aceitação, que gera então entrega, compromisso e empenho radical da vida” (BINGEMER, 2010, p.52). Segundo essa teóloga, essa proposta apresentada ao ser humano e pelo qual ele terá fé, é feita através de uma Revelação, de Alguém “que não é igual a todos”.

Bingemer (2010, p.53) aponta que *religião* é o “conjunto de crenças relacionadas com aquilo que a humanidade considera como sobrenatural, divino e sagrado, bem como o conjunto de rituais e códigos morais que derivam dessas crenças”. Desta forma, podemos afirmar que a religião é uma organização humana constituída a partir da adesão de um grupo de seres humanos que possuem fé em uma manifestação, revelação em comum e se apresenta como

um suporte doutrinal, ritual, moral, no qual essa fé se expressará dentro de uma sociedade que é humana e que tem necessidade de organizar suas experiências mais importantes. A religião se torna instituição (...) Por isso mesmo, toda religião é produto humano, algo inscrito no tempo e no espaço, e, por conseguinte, sujeito a mudanças, adaptações. Assim aconteceu e acontece com todas as religiões (BINGEMER, 2010, p. 54).

Fé e Religião são categorias tipicamente humanas, pois presume-se a existência da vontade e da liberdade do homem em aderir-se a algo e a organizar-se nessa adesão. Por isso que podemos verificar o fenômeno religioso desde tempos remotos. Nesse contexto, os estudos de Diéz de Velasco, SJ, (2006) destacam cinco gêneros de religiões a saber:

- Étnicas ou ancestrais: que se firmaram no período paleolítico (-60.000) até os dias atuais e tem a característica de proporcionar, por meio de ritos, mitos, preces e xamãs, a identidade e coesão ao grupo.
- Imperiais: afirmam a identidade do povo, a ordem e a estabilidade político-econômica e cósmica associada a um soberano sacralizado e divinizado. Ex. o Crescente Fértil Egito (3.200 a.C.), na Mesopotâmia (Sumérios, Babilônios, Assírios), no México (astecas) e no Peru (Incas).
- Civis ou nacionais: buscam uma coesão social que inclui somente os membros de um grupo com uma identidade e ritos próprios e localizados num povo. Ex. Religião grega e romana, o Judaísmo e o Xintoísmo (Japão).
- Universais: com exemplos como o Hinduísmo, Budismo, Taoísmo, Cristianismo e Islamismo, essas religiões, de tendência monoteísta (mas não exclusivamente) e a presença de mestres carismáticos, definem regras de comportamento aos seus fiéis que pode ser qualquer ser humano, independente da questão étnica ou geográfica. As doutrinas dessas religiões pautam-se em valores como a compaixão, a não-violência, a fraternidade universal, o amor, a igualdade entre os seres, o respeito pela vida em todas as suas formas.
- Modernas: cujos exemplos são a fé Bahá'í, a Cientologia, a “Nova Era”, e alguns movimentos fundamentalistas, trazem uma centralidade no indivíduo e em seu crescimento, distanciando-se de estruturas hierárquicas, formulações dogmáticas e ritos.

Podemos afirmar que a fé é um traço fundamentalmente humano. Dessa forma verifica-se em toda a história da humanidade a organização da fé em diversas manifestações religiosas em seus diversos gêneros, conforme vimos acima. Tendo em vista a localização do nosso estudo que esta centralizado no Ocidente, podemos afirmar que este tendo em vista fatores históricos, demográficos, sociais e culturais, destaca-se por ser quase que o lugar “hegemônico” das religiões universais, das quais destacam-se principalmente o cristianismo e o islamismo.

1.8.1 Fé e Religião no mundo contemporâneo

A religião, principalmente na sua denominação cristã, tem sofrido diversas transformações na contemporaneidade. O cristianismo, que por muito tempo definiu a forma de viver dos ocidentais, tem presenciado verdadeiras quebras de paradigmas das quais destacamos: a secularização, a pluralização, a mercantilização e o trânsito das religiões, fatores estes que, embora distintos, estão intrinsecamente ligados.

Com o advento da modernidade e o emergir das ciências trazendo novas explicações para o universo, a religião foi perdendo o seu espaço e a sua força na missão de dar explicação e sentido para a vida humana e o universo. Esse processo chamado de “secularização” ou “secularismo”, pode ter duas conotações dependendo do ponto de vista sobre a questão: “Em círculos anticlericais ou ‘progressistas’, tem significado a libertação do homem moderno da tutela da religião, ao passo que, em círculos ligados às Igrejas tradicionais, tem sido combatido como ‘descristianização’, ‘paganização’ e equivalentes” (BERGER, 1985, p. 142).

Para Marx Weber, a secularização está relacionada a um processo em que as religiões se tornam “cada vez mais racionalizadas e subjetivadas, deixando para trás a dimensão mágica que as caracterizou historicamente” (MONTEIRO, 2009, p. 8). Nessa teoria, as religiões, no sentido de relação com o sagrado e realização coletiva, iriam cada vez mais “desaparecendo” dando espaço para atividades mais racionais e privadas.

Em sua obra “Dossel Sagrado”, Peter Berger afirma que, ainda que não seja totalmente eliminada da realidade humana, a religião, principalmente no mundo ocidental, a partir da sua separação do Estado, que não impunha ou apoia uma ou outra denominação religiosa, não apresenta a mesma força que outrora, quando Política, Poder e Igreja caminhavam juntos. Dessa maneira, sem o apoio do Estado, a religião passa a ser uma escolha do indivíduo ou do núcleo familiar. É algo privatizado, que “limita-se a domínios específicos da vida social que podem ser efetivamente segregados dos setores secularizados da sociedade moderna” (BERGER, 1985, p. 175).

No entanto, é importante ressaltar que Berger, em estudos posteriores, tal como na obra *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*, passa a criticar a teoria da secularização afirmando essa como empiricamente insustentável e assume aquilo que ele chama de paradigma pluralista, para interpretar a religião na contemporaneidade. Para ele, em meio a insegurança causada pela modernidade, podem surgir dois extremos no contexto religioso: o relativismo, fruto da crença a partir da incerteza, que pode desencadear em um niilismo moral; e o fundamentalismo, que busca a certeza em meio a uma desestruturação dos sistemas de plausibilidade podendo chegar a um fanatismo. Contudo, Berger ressalta que entre esses polos, existe o pluralismo religioso, que se deve, pois, a três principais fatores: pluralidade dos discursos, visões de mundo e esferas institucionais de modo que exista uma coexistência entre os discursos religiosos e os discursos seculares.

Nesse sentido, a modernidade dá ao indivíduo a possibilidade de escolha, “um estimulante sentido de libertação” (BERGER, p.32). No entanto, tal movimento não se dá sem tensões e conflitos, “pois mesmo as convicções apaixonadamente afirmadas têm um subtom de dúvida. Há sempre a lembrança persistente de que a pessoa precisa decidir-se a afirmar as supostas certezas e que outras opções estão disponíveis” (BERGER, p. 130). Dessa forma, assim como apresentado acima por Bauman, Berger afirma que também no âmbito religioso, cabe aos indivíduos a escolha pelo caminho a seguir, tendo esses que discernir entre os vários discursos sejam eles concordantes e/ou discordantes.

Se por um lado Berger afirma que na modernidade “é mais provável que alguma versão da separação entre Igreja e Estado venha a sustentar uma ordem política estável e humana capaz de administrar [...] ‘os dois pluralismos’” (p. 181), ou seja, os discursos religiosos e o discurso secular, por outro lado e complementando essa teoria, a pesquisadora brasileira Regina Novaes também aborda a questão da secularização e pluralidade no ambiente moderno, apontando que na geopolítica mundial, “vertentes religiosas fundamentam embates políticos e econômicos. (...) Estados laicos se relacionam com múltiplas expressões religiosas que adentram pelo campo da cultura e da política. Assim sendo, valores e símbolos religiosos têm frequentado o espaço público” (NOVAES, 2012, p.184), influenciando partidos políticos e projetos de governo. Nesse sentido, a secularização e o pluralismo se dão com uma “invasão” de assuntos morais religiosos dentro do escopo político democrático, cujos valores deveriam ser separados entre Estado e Igreja, mas que nesses contextos, verifica-se uma forte influência, muitas vezes fundamentalista e moralista nos planos de ação governamentais. Seguindo essa mesa linha, Monteiro (2009, p. 8) afirma que

as religiões, desde sempre, imiscuíram-se das mais variadas formas na construção e na gestão do espaço público. A presença histórica das igrejas cristãs nas áreas de educação, saúde, assistência social, etc. correspondeu a uma delegação consentida e pactuada pelo próprio Estado. A concessão pública de canais televisivos e de radiodifusão a confissões religiosas tampouco é um fenômeno recente. No campo da política também já nos habituámos à presença de bancadas religiosas no Congresso (...)

De qualquer maneira, em ambas as observações, que talvez não se contrapõem, mas apresentam duas vertentes de uma mesmo fenômeno, podemos observar que a secularização não é o fim da religião, mas uma mudança de “lugar”, não mais restrito à “cidade de Deus” pois extrapola o aspecto normativo e transcendental da fé e passa a ter maior incidência no espaço público, influenciando em contextos tidos como “mundanos”, a “cidade dos homens” e, ao mesmo tempo, influenciando as decisões pessoais das pessoas em seu nível moral e privado, o que, obviamente, influencia o espaço público, já que somos seres sociais em constante construção de nosso mundo.

Ora, diante da falta de apoio ou imposição estatal para a afirmação de uma única denominação religiosa e, paradoxalmente, a existência da influência que essas têm sobre as decisões públicas, observa-se um aumento na quantidade de opções de Igrejas e Templos, gerando assim um pluralismo religioso ao qual oferece ao público um cardápio recheado de opções ao qual, aqueles que se interessam, podem utilizar a seu bel prazer. Assim, as religiões para sobreviver no mundo pluralista, muitas vezes tem que se adaptar a uma lógica de concorrência e estratégias para conquistar as pessoas e preferencialmente fidelizá-las ou mesmo se aliar a partidos políticos para ter mais força no contexto secularizado, nascendo assim um outro aspecto que pode ser observado na religiosidade contemporânea, principalmente no cristianismo, ao qual chamamos de mercantilização.

Os autores que defendem a ideia de mercantilização, tal como aponta Monteiro (2001, p.92) afirmam que ao adentrar a esfera pública, a religião fica “fora de seu lugar” – isto é, está invadindo a esfera pública que deveria ser autônoma com relação às crenças – e, em consequência disso, está tornando-se ela mesma mercadoria, ao assumir uma lógica própria aos espaços profanos de consumo de massa”. Assim, a religião é assumida pelo sistema de produção e consumo e perde a sua função de lugar de fé e propulsora de cosmologias, normas e costumes para os seus adeptos.

Ao invés de restringirem-se ao mundo da vida privada, as instituições religiosas penetram de maneira cada vez mais acintosa na indústria do entretenimento, tornando-se proprietárias de canais de televisão e de emissoras de rádio, ali-

mentando o mercado musical e do turismo, e se movem com autonomia crescente no campo das políticas públicas, promovendo campanhas nos setores da educação, da saúde e do trabalho. (MONTEIRO, 2001, p.92)

A maior publicidade da religião e sua conseqüente mercantilização faz com que diversas denominações, principalmente de tradição cristã, com cardápios variados se insiram em uma verdadeira concorrência religiosa, que impulsionada pelos meios de comunicação, faz com que as religiões se tornem verdadeiros palcos daquilo que se transformou em “Espetáculo da fé” que oferece as mais diversas “vantagens” para que o fiel possa viver a sua “espiritualidade”.

Nesse sentido, evidencia-se uma terceira característica muito própria da religião do presente: o trânsito religioso. Esse fenômeno, conforme aponta Almeida et Monteiro (2001, p. 93) tem um duplo movimento: em primeiro lugar, a “circulação de pessoas pelas diversas instituições religiosas, descrita pelas análises sociológicas e demográficas; e, em segundo, para a metamorfose das práticas e crenças reelaboradas nesse processo de justaposições, no tempo e no espaço, de diversas pertencas religiosas”.

Dessa forma, ao mesmo tempo que verifica-se uma maior incidência da religião na esfera pública, percebe-se que a vivência religiosa vai se tornando cada vez mais privada e particular, pois devido à mercantilização e a existência de uma infinidade de possibilidades de religiosidades, as pessoas vão buscando a sua própria maneira de viver a fé, conforme seu gosto e suas necessidades. Assim, conforme afirma Bigerman (2010, p. 49) “assistimos, portanto, a uma privatização da fé e da vida religiosa ou espiritual. Cada um compõe sua própria ‘receita’ nesse particular”.

Diante de um distanciamento de suas origens, esse movimento de secularização, pluralismo, mercantilização e trânsito religioso somado a fatores históricos que apresentam a religião como o “ópio do povo” ou causadora de diversas barbáries como a inquisição e as cruzadas, na religião católica, muitas pessoas têm adotado na contemporaneidade uma postura de não adesão a nenhuma religião institucionalizada. Muitos, por sua vez, são ainda mais radicais, negando inclusive a presença de algo ou alguém transcendente ou supra-humano.

A partir dessa breve análise, podemos afirmar que a contemporaneidade não eliminou a religião, mas renovou-a com novos rostos abarcando espaço público e espaço privado, visões tradicionais e progressistas. Assim a religião atual é “uma nova força e nova forma, não mais institucionalizada como antes, mas sim plural e multiforme, selvagem e mesmo anárquica muitas vezes sem condições de voltas à homogeneidade pré-moderna” (BIGERMAN, 2010, p.49).

1.8.2 *Religiosidade Juvenil*

Em meio a esse contexto de pluralidade, mercantilização, trânsito e quebra de paradigmas religiosos está inserida a juventude que também busca organizar a sua fé e a sua espiritualidade. Regina Novaes, citada por Panasiewicz (2012, p.408), afirma que a religião “está hoje presente na esfera pública e também na biografia concreta de milhões de jovens que buscam um sentido religioso fora, à margem ou dentro da religião de origem”.

Dessa forma faz-se necessário um maior entendimento sobre como os jovens vivem a sua religiosidade e assim colocarmos o desafio “de compreender o ‘quanto’, ‘como’ e ‘quando’ o pertencimento, as crenças e as identidades religiosas influenciam opiniões, percepções e práticas sociais dos jovens dessa geração” (NOVAES, 2005, p. 265).

Adentrando nessa enorme área que é a religiosidade juvenil, podemos logo afirmar que nesse campo, a adesão religiosa envolve aspectos que ultrapassam a relação de transcendência. Como afirmado acima, a religião é uma adesão e um ato coletivo de fé, portanto há uma dimensão social que interfere na própria constituição da identidade de seus membros, inclusive dos jovens. Nesse sentido, concordamos com Fonseca e Novaes (2007, p.147) quando afirmam que “a participação em grupos religiosos, portanto, pode ser analisada como um importante vetor para a construção de identidades juvenis, representando espaço importante de agregação social nessa fase de vida”. Também ratificamos a opinião Fonseca e Dantas (2007, p. 39) quando dizem que “esta participação deve ser entendida no contexto de construção de identidades juvenis, representando as religiões um importante espaço de agregação social”.

Por isso que o vínculo à uma religião vai além da pura vivência coletiva da fé. Para os jovens, as “atividades religiosas ocupam lugar de destaque nas opções de lazer”. (FONSECA et. NOVAES, 2007, p.163). Assim, durante os cultos, grupos, reuniões e celebrações, formam-se verdadeiras comunidades juvenis oferecendo a experiência do “estar junto” ou como abrigo contra as sucessivas correntezas de turbulência global tal como afirma Bauman (2003, p. 128). A religião, portanto, é para os jovens uma grande possibilidade de vivência da sua condição juvenil e portanto de experimentação, pois isso que “nessa geração nada pode ser visto como muito estável, pois o que mais a caracteriza é a disponibilidade para a experimentação, o que ocorre também no campo religioso. São os jovens os que mais transitam entre vários pertencimentos em busca de vínculos sociais e espirituais” (NOVAES et. al, 2006, p.271).

Nesse sentido, tendo em vista os aspectos de socialização e de experimentação vividos pelos jovens no âmbito da religião, verifica-se nesse contexto, duas divergências e/ou conflitos: a da tradição e a das gerações. Partindo da afirmação de Oliveira (2010, p.13) de que “as

identidades religiosas são cada vez menos herdadas e cada vez mais construídas a partir das experiências pessoais dos indivíduos”, podemos perceber que há um enfraquecimento das Instituições Religiosas em sua capacidade de impor regras e condutas comportamentais.

Nesse contexto, observa-se que os fiéis contemporâneos e principalmente os jovens “não enxergam a instituição religiosa como sendo única produtora de sentidos religiosos, nem como portadora exclusiva de verdades religiosas” (OLIVEIRA, 2010, p. 11). Assim, há uma certa “anarquia” ou “desobediência” na relação daquilo que as instituições apresentam e a adesão dos jovens em relação a essas orientações. Nesse sentido, Fonseca et. Novaes (2007, p.167) apontam que os jovens atuais “se inscrevem em um campo de possibilidades em que se pode escolher entre vivenciar a libertação (ou re-escolha) da religião familiar de origem; fazer novas escolhas religiosas que não faziam parte da experiência de gerações anteriores e, ainda, de ser religioso sem religião”.

Assim, surge o segundo conflito que é o das próprias gerações, ou a forma diferenciada de relação religiosa de uma geração para outra. Pois além do enfraquecimento da Instituição religiosa, conforme verificamos nas diversas partes precedentes, em sua busca por identidade, um dos comportamentos comuns (o que não quer dizer que seja hegemônico) das juventudes é o questionamento ou negação daquilo que é apresentado pelos pais, e a religião, por ser algo tipicamente transmitido de geração em geração torna-se um dos principais “alvos” desse conflito. Oliveira (2010, p. 18) afirma que

o discurso da juventude é marcado pelo desejo de renovação e, enquanto as gerações jovens acusam os adultos de serem atrasados e de apegados ao tradicionalismo, as adultas as acusam de serem desapegadas com a tradição e ainda de descompromissadas com a instituição religiosa e seus dogmas. Tais conflitos trazem à tona as contradições que existem entre os indivíduos à medida que deixam transparente sua forma de agir e pensar.

É importante ressaltar que nessa relação conflituosa entre jovens e tradição/geração, não há um rompimento total com a religião, pois as juventudes buscam um sentido e uma espiritualidade que dêem conta de ajudar na vivência de sua fé. No entanto a vivência dessa relação espiritual será realizada de outras formas, com outras liturgias e ritos que façam com que o jovem sinta que faz algo que tenha o seu jeito de ser. Nesse sentido, conforme afirma Pais, citado por Oliveira (2010, p. 13), os jovens “resignificam as práticas religiosas para não parecerem tradicionais. Isso fica evidente quando se analisa que nesse século o jovem participa de atividades religiosas, porém não está interessado em se vincular institucionalmente”.

Assim, chegamos a um ponto muito importante na participação do jovem no processo construtivo e dinamizador das religiões, pois tendo em vista que não há rupturas com a

religiosidade, mas um trânsito e uma busca por uma vivência religiosa que seja autêntica, que possa condizer com a forma jovem de ser e, conseqüentemente, com as questões da contemporaneidade, a juventude embora vista com muito cuidado e até preconceito pelos adultos que dominam as religiões, pode apresentar-se como fator de “oxigenação” e novidade para que a religião institucional tenha continuidade, se atualize, sem perder a sua essência ou a sua função de ligação entre homem e transcendência.

Nesse sentido, em março de 2019, o Papa Francisco publicou a Exortação Pós-Sinodal *Christus Vivit* destinada aos jovens e ao povo de Deus. Esse documento é o resultado de um grande processo de escuta e reflexão das juventudes de todo o mundo devido ao Sínodo para a Juventude ocorrida no mesmo ano. Nele, a Igreja reconhece a pluralidade de realidades juvenis dentro e fora do catolicismo e olha os jovens sobre as diferentes perceptivas, principalmente em um contexto marcado pela tecnologia e globalização. É interessante observar o reconhecimento dos padres sinodais do jovem como um sujeito do agora e não como uma preparação para outra fase da vida, segundo o texto “Apreciar a juventude significa considerar este período da vida como um momento precioso, e não como uma fase de passagem onde os jovens se sentem empurrados para a idade adulta.” (FRANCISCO, 2019, §135). Ademais, ao mesmo tempo, convida os jovens a serem protagonistas no mundo, a estar em diversos espaços e buscar a mudança e a construção de um mundo melhor, tal como destaca na seguinte afirmação.

Quero encorajar-te a assumir este compromisso, porque sei que «o teu coração, coração jovem, quer construir um mundo melhor [...]. Os jovens nas ruas; são jovens que querem ser protagonistas da mudança. Por favor, não deixeis para outros o ser protagonista da mudança! Vós sois aqueles que detêm o futuro! Através de vós, entra o futuro no mundo. Também a vós, eu peço para serdes protagonistas desta mudança. Continuai a vencer a apatia, dando uma resposta cristã às inquietações sociais e políticas que estão surgindo em várias partes do mundo. Peço-vos para serdes construtores do futuro, trabalhai por um mundo melhor. Queridos jovens, por favor, não “olheis da sacada” a vida, entrai nela. Jesus não ficou na sacada, mergulhou... Não olheis da sacada a vida, mergulhai nela, como fez Jesus” Mas sobretudo, duma forma ou doutra, lutai pelo bem comum, sede servidores dos pobres, sede protagonistas da revolução da caridade e do serviço, capazes de resistir às patologias do individualismo consumista e superficial. (FRANCISCO, 2019, §174)

Nesse sentido, ser jovem religioso ou espiritualizado pode ter várias vertentes tal como o mundo plural e diverso, mas há um convite para o protagonismo, para colocar a “mão na massa” e que a fé e a espiritualidade seja um lugar de encontro consigo, com o outro e com Deus que está presente em tudo e em todos e convida a juventude a agir com ele para a redenção do mundo e proteção da casa comum.

2 Juventude Universitária e Religiosidade

Algumas dessas teorias podem ser confirmadas nas questões sobre religião respondidas por alunos da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap em uma pesquisa realizada pela Congregação para a Educação Católica, em 2018. Nessa enquete participaram 478 alunos, com idade entre 16 e 29 anos, de diversos cursos da Universidade, sendo 29% do sexo masculino e 71% do sexo feminino. Destes, 31% se definem como Católicos, 16,3% protestantes/evangélicos. Os demais se definem agnósticos (7,9%), ateus (4,4%), creem em Deus sem aderir a nenhuma religião (22,8%) ou não se interessam por religião (6,3%). Quando perguntados sobre atividades religiosas que praticam, o seguinte quadro é estruturado:

	Frequentemente	Às Vezes	Raramente	Nunca
Confesso	5,00%	9,00%	25,50%	58,20%
Vou a Missa	8,60%	11,70%	32,20%	45,20%
Rezo	24,30%	27,60%	20,90%	24,90%
Leio a Bíblia	8,20%	10,50%	27,20%	51,90%
Comungo	7,10%	11,90%	25,50%	53,10%
Participar das atividades pastorais na universidade	1,30%	1,90%	13,60%	81,00%
Participar das atividades na minha paróquia	7,30%	7,90%	14,40%	68,00%
Participar de missões	4,60%	4,20%	15,50%	73,40%
Participar de ações de solidariedade	8,60%	16,50%	30,10%	42,50%
Participar de peregrinações ou reuniões	5,20%	6,50%	21,80%	64,20%

Tabela 1: Práticas de atividades religiosas

Observa-se que mesmo 31% afirmem serem católicos, a maioria não costuma frequentar a missa ou ter um vínculo de ações ou participação religiosa. Interessante ressaltar que quando o tema é rezar, a participação é bem maior, ainda que não institucionalmente, o que demonstra que, de fato, há uma fé ou uma espiritualidade, mas essa não está vinculada a uma religião formal. Também percebe-se que a temática sobre ações de solidariedade está em um nível baixo e a participação nas atividades pastorais na universidade, também. A leitura da bíblia não é algo muito frequente, chegando a 53,10% dizerem que nunca a lê, ainda que a somatória de cristãos seja de 47,06% dos respondentes.

Quando questionados sobre três aspectos que considera mais importante na própria identidade, apenas 18,60% dos alunos responderam a religião. Nesse mesmo sentido, 3,5% dos respondentes informaram que falaria das suas convicções religiosas caso fossem dizer para

alguém quem ele/ela é. No quesito sobre as qualidades mais importantes em uma pessoa, apenas 8,4% apontaram “fortes convicções religiosas” como uma das 3 características principais e 78,3% informaram as convicções religiosas como uma das menos importantes. Nesse mesmo sentido, foram perguntados em que medida a religião influencia diversos aspectos da vida, vejamos os resultados no quadro:

	Muito	Bastante	Pouco	Nada
Objetivos de vida	20,30%	23,00%	26,40%	28,00%
Relação com parceiro amoroso	14,00%	18,80%	28,00%	36,80%
Formas de viver a sexualidade	11,50%	10,30%	25,10%	50,80%
Escolha dos amigos	7,50%	12,30%	24,50%	53,30%
Escolha da Carreira Universitária	7,50%	9,00%	23,20%	57,90%
Orientação Política	6,30%	11,10%	21,50%	58,80%
Posições Morais	17,80%	24,70%	25,70%	29,50%
Ações na vida cotidiana	19,90%	25,10%	25,10%	27,60%
Uso do tempo livre	10,30%	10,90%	33,10%	43,50%

Tabela 2: Influências religiosas

Podemos observar que 44,3% dos participantes afirmam que a religião tem muito ou bastante significado para seus objetivos de vida. Nessa mesma condição, 42,5% afirmam que influencia nas posições morais e 45% nas ações na vida cotidiana. Ainda que esses sejam os números mais altos, estão abaixo de 50% o que indica que para a maioria dos respondentes a religião incide “pouco” ou “nada” nos itens mencionados.

A vivência dos pais em relação a religião é bem baixa, na percepção desses jovens em uma escala de 1 a 7, sendo “1” pouco interessado em religião e “7” muito interessado em religião, mais de 58% apontaram a numeração de 1, 2, ou 3. No que tange ao impacto da religião ou de algum sacerdote ou pessoa religiosa na vida desses jovens, verifica-se uma incidência pouco relevante. Na escolha educacional, apenas 4,6% apontaram a influência de um sacerdote ou pessoa religiosa; nos objetivos de vida, 9,8%; compreensão dos problemas do mundo, 17,3%; Relações interpessoais, 10,9%; Confiança nas próprias capacidades, 10,3%. O número percentual nas influências de padres ou pessoas religiosas só foi maior sobre as convicções e compromissos religiosos, 35,60%, mas essa taxa é menor se comparado à influência dos pais nas convicções religiosas, apontado por 37,70%. Esse fenômeno se repete em relação à influência em fazer ações de solidariedade, 28,5% dos respondentes apontaram “pessoas religiosas ou sacerdotes”, abaixo da influência dos pais, apontada por 58,9% dos alunos. Há de

se destacar que 84,3% dos alunos responderam que expressam muito pouco ou quase nada as suas convicções religiosas nas redes sociais.

Nesse sentido, verificamos a partir de fatos, que, ainda que em algum momento da juventude a religião tem um papel importante na construção de identidade e sociabilidade, quando verifica-se dados concretos e perguntas diretas, podemos afirmar que, pelo menos no mundo universitário, fruto e reflexo do mundo contemporâneo pautado pelos valores capitalistas e secularizados, em que a ciência e o mercado determinam e influenciam a vida das pessoas, principalmente dos jovens, a religião, pelo menos em sua versão institucionalizada tem uma presença irrelevante ou muito incipiente na vida concreta dos jovens e no seus projetos, demandando então que reflexões e ações sejam feitas não no sentido de proselitismo ou ganho de fiéis, mas no sentido de contribuir de uma forma positiva nesse processo, daí o desafio das universidades, principalmente as católicas, que tem a missão de formar pessoas à luz dos valores Cristãos, possam formar pessoas humanas e contribuam com a construção de um mundo melhor.

CAPÍTULO 2 - A TRADIÇÃO E ESPIRITUALIDADE INACIANA E O APOSTOLADO EDUCACIONAL DA COMPANHIA DE JESUS

Ó bendita vida ativa, toda consagrada a meu Deus, toda entregue aos homens, e cujo excesso mesmo conduz-me a encontrar-me e dirigir-me a Deus.
(HURTADO, 2005, p.61)

A proposta do referido trabalho, tal como apresentamos na introdução deste estudo, é verificar como a Espiritualidade Inaciana pode contribuir nos itinerários dos jovens universitários nos seus processos de autoconhecimento e na construção de seus projetos de vida. Dessa forma, feita, na primeira parte de nossa apresentação, uma “fotografia” do contexto em que os jovens estão inseridos, bem como, algumas das características que envolvem os indivíduos universitários no mundo contemporâneo, faz-se necessário, pois, esclarecermos alguns elementos daquilo que entendemos sobre espiritualidade inaciana, a fim de que, na próxima parte, possamos associá-la com a realidade dos estudantes do Ensino Superior.

Não pretendemos nesse capítulo abordar a Espiritualidade Inaciana em suas minúcias. Isso se deve pelo espaço e objeto de estudo limitado de nossa apresentação, bem como da contraproducência que isso teria, dado que não nos interessa todos os fatos históricos, teológicos e mistagógicos da referida tradição espiritual. Nesse sentido, buscaremos verificar, dentro do grande arcabouço inaciano e jesuítico, quais os elementos que julgamos ser necessários para o objetivo dessa pesquisa, de modo a termos mais luzes sobre o que aqui pretendemos fazer. Dessa maneira, os critérios e temáticas que aqui serão defendidos são estritamente aqueles que julgamos ter relevância para o objeto de tal pesquisa.

Para que nosso objetivo seja realizado, portanto, nos debruçaremos sobre a História da Companhia de Jesus, principalmente no que tange ao seu apostolado educacional e sobre a Espiritualidade Inaciana. Para isso faremos uso dos documentos fundantes da Ordem dos Jesuítas, principalmente aqueles escritos por Inácio de Loyola, seu fundador, tal como a Autobiografia, as Cartas, o Diário e os Exercícios Espirituais, além de obras de comentaristas sobre a herança espiritual de Inácio. No que tange à questão Educacional Universitária, utilizaremos diversas publicações da Companhia de Jesus que abordam essa temática, levando em conta a *Coleção Ignatiana* que traz consigo diversas edições sobre o apostolado educacional; as obras próprias sobre a educação jesuítica, priorizando os comentários de um dos maiores especialistas em educação jesuíta no Brasil, Luiz Fernando Klein; também

buscaremos as orientações jesuíticas em relação ao apostolado educacional junto aos Decretos das Congregações Gerais dessa ordem, bem como cartas e documentos escritos desde a cúria jesuítica que orientam sobre essa temática.

2.1 Inácio De Loyola – Jovem inquieto em seu autoconhecimento e busca de seu caminho

Íñigo López de Loyola, nascido em Azpeitia, no norte da atual Espanha, não foi muito diferente dos demais jovens de sua época. Apesar de não ter crescido com sua mãe, pois essa falecera durante o seu parto, e a distância afetiva de seu pai, o rapaz escreve em sua autobiografia que “até os vinte e seis anos de sua idade, foi homem entregue às vaidades do mundo. Deleitava-se principalmente no exercício de armas, com grande e vão desejo de ganhar honra” (Aut. 1²⁷). Como muitos de seu tempo, o jovem que sonhava em ser soldado, viveu seus processos de experimentações e experiências, algumas delas, inclusive, quase o levou ao encarceramento²⁸. Em sua juventude foi apaixonado por uma dama da corte e buscava se destacar perante os grandes senhores a fim de conquistar honras e glórias. Queria viver com a sua amada e ser reconhecido pelos demais, como um homem digno e respeitoso, tal como os grandes cavaleiros espanhóis tão bem apresentados, anos depois de Inácio, por Miguel de Cervantes, em seu clássico Dom Quixote quando escreve “A liberdade, Sancho, é um dos mais preciosos dons que os homens receberam dos céus. [...] pela liberdade, assim como pela honra, se pode e deve aventurar a vida, e, pelo contrário, o cativo é o maior mal que pôde vir aos homens” (CERVANTES, 2004, p.984).

O futuro fundador de uma das principais Ordens Religiosas da Igreja vem ao mundo em um período em que a humanidade ocidental vivia as mudanças de paradigmas dos séculos XIV e XV. Nesse contexto, as notícias das descobertas (ou invasões ou explorações) das novas terras, chamadas Américas, para além-mar, mostrava que o mundo era maior do que os reinos e feudos europeus; a Igreja, até então, grande detentora do poder sobre os costumes e pensamentos, sofria uma de suas maiores crises, inaugurada, principalmente, com os escândalos protagonizados pelo seu clero e após a publicação de 95 teses que atacavam o *modus operandi* católico, realizada pelo então monge agostiniano, de apenas 33 anos, Martinho Lutero (1483-

²⁷ Utilizaremos, daqui, por conseguinte a nomenclatura [Aut.] para indicar a numeração correspondente à “Autobiografia de Santo Inácio de Loyola” publicada na versão “LOYOLA, Inácio de. Escritos de Santo Inácio: O relato do Peregrino. São Paulo: Edições Loyola, 2006”.

²⁸ “Cuando tenia veinticuatro años, durante una estancia en Azpeitia, parece que cometió nos excesos [...] Lo cierto es que quieren encarcelarlo y que se escapa de la jurisdicción de Azpeitia huyendo hacia Pamplona. Más tarde, el año 1519, se le concede el derecho de armas y um guardiã personal, porque está amenazado de muerto y le siguen la pista [...] tampoco se sabe o que responden estas amenazas, pero em los documentos referentes a este episodio aparecen armas, heridas y uma mujer por médio”. (BLANCH, 2015, p.35)

1546); e, por fim, a rapidez na transmissão de informações, até então levadas a cavalo pelos muitos mensageiros espalhados pelo Velho continente, que agora passavam a ser difundidas não somente pelos belos pergaminhos escritos por exímios copistas, mas por impressos possibilitados pela invenção da prensa pelo alemão Johannes Gutenberg.

Para Hannah Arendt (1997) esses acontecimentos - adicionados pela invenção do telescópio e pelo início do domínio das ciências, a ponto de Galileu Galilei (1983, p.130) afirmar que o universo, até então dominado pela cristandade, em verdade “está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras; sem eles nós vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto” -, inauguraram uma nova era, que seria conhecida por “modernidade” e que mudaria completamente a forma do pensar e existir ocidental. Diante de tais mudanças, podemos inferir, portanto, que a transição do medievo para os tempos modernos deveria ter sido de muita insegurança e instabilidade para aqueles habitantes, acostumados à cosmologia de estabilidade e organização. Dessa maneira, podemos dizer que:

Inácio de Loyola não é um homem do passado, nem tampouco do futuro. É um homem da mudança, da transição no tempo, dos tempos agitados, turbulentos, que mudam de uma etapa à outra, de transbordantes mutações da cultura, (...). Por isso, Inácio é um homem de síntese. De síntese pessoal e coerente, num mundo de mudança e até contraditório. Nesse sentido, eu dizia que Inácio continua sendo ao cabo de cinco séculos, uma figura única e paradigmática (KOLVENBACH, 1991, p. 28).

Para um jovem naquele contexto, o futuro era apresentado como promissor e libertador, mas também desafiador. Assim, o ambiente de Iñigo, conforme afirma, Josep Maria Blanch (2015, p.31), desenvolveu no rapaz a “capacidade de concentración, tendência natural a la reflexión y el análisis, voluntad firme y perseverante, etc.”, formando uma pessoa vaidosa, disciplinada, enamorada pela vida. Inácio recebe as tradições de sua terra e de seu país o “gusto por las comidas caseras, atractivo por la música y la danza de la tierra, familiaridade com la lengua vasca, etc.” (ibid) Também crescera em um ambiente aberto e com influências de muitos lugares, já que as relações da família “se extendían a personas de las más influyentes de la corona de Castilla, dos hermanos lucharon em Nápoles, outro em Flandres, outro em Navarra y Fuenterrabía, outro, se embarco a América, outro, sacerdote, viajó dos veces a Roma para defender intereses familiares” (BLANCH, 2015, p.32).

Inácio foi educado junto à família do contador maior do Reino de Castilha, ao qual teve acesso às letras e às principais obras literárias de seu tempo e vivido, parte de sua juventude, em um entorno “no solo de alta política (los reyes Fernando y Germana de Foix se hospedaron

catro veces em Arévalo durante la estancia de Íñigo), sino también muy selecto culturalmente” (BLANCH, 2015, p.127).

Depois de ter visto o seu protetor cair em desgraça, após a morte do Rei, em 1517, Inácio passou a servir o Vice-Rei de Navarra, acompanhando seu novo senhor em algumas ações militares e constituindo a sua personalidade como soldado. No entanto, naquele contexto já instável, talvez com “medo de sobrar” e na ânsia de mostrar o seu valor, ter reconhecimento e conquistar seus sonhos, tal como muitos jovens dos tempos atuais, aventurou-se em uma batalha na cidade de Pamplona para defender o reino das tropas francesas que invadiam as terras. Ali, mesmo sabendo que não poderia vencer o inimigo, muito mais numeroso e com melhores recursos do que o pequeno pelotão ao qual pertencia, Íñigo, ainda assim, lutou com muita valentia e coragem até ser atingido na perna por uma bala de canhão, fato esse que mudou a sua vida completamente.

Em Loyola, ao qual foi trazido por seus adversários franceses que se admiraram com a coragem do jovem guerreiro, Íñigo teve a oportunidade de parar a sua rotina de soldado em busca de glórias e reconhecimento e, na convalescência, inclusive de uma cirurgia que obrigou os médicos fazerem para que ele não ficasse deformado²⁹, o jovem aproveitou o tempo livre e, como não tinha acesso a tantas formas de entretenimento, como a sociedade da internet e das redes sociais de hoje possuem, passou a ler a *Vita Christi* do cartuxo Ludolfo de Saxônia e a *Legenda Áurea* ou *Flos Sanctorum* de Giacomo de Varazze, já que não havia na casa, nenhum livro de cavalaria, como era de seu gosto.

Durante tais leituras, o jovem Íñigo começou a questionar os seus sonhos e desejos de futuro, para Costa (2002, p.35) “o seu espírito é um verdadeiro campo de batalha em que se defrontam novas ideias, brotadas das leituras, e os ideais humanos e vãos que tinham dirigido e orientado até então a sua vida”. Inácio foi percebendo e observando internamente que, ao pensar sobre a vida de cavaleiro, estar com a dama pelo qual havia se apaixonado e ter honras e glórias, se sentia feliz, mas logo esse sentimento passava e fica dentro de si uma sensação de vazio; por outro lado, quando lia a vida de Cristo e conhecia a vida de Santos, pensava, “São Domingos fez isto; pois eu hei de fazê-lo! São Francisco fez isto; pois eu hei de fazê-lo!” (Aut.7), e conta que “quando pensava em ir a Jerusalém descalço, em não comer senão verduras, em imitar todos os mais rigores que via nos santos, não se consolava só quando se detinha em tais pensamentos, mas ainda, depois de os deixar, ficava contente e alegre” (Aut. 8),

²⁹ Cortada a carne e o osso que ali sobrava, usaram-se os remédios para que a perna não ficasse tão curta, aplicando-lhe muitos unguentos e estendendo-a continuamente com instrumentos, em martírios de muitos dias. (Cf. Aut.5)

Desta forma, Inácio começou um itinerário em que buscava, cada vez mais, aprofundar a sua relação pessoal e espiritual com a pessoa de Cristo e sua mãe, Maria, e se inspirar na vida dos Santos. Assim, Íñigo iniciou um processo de sentir, saborear e tomar consciência das coisas de Deus e de como ele agia, que falava com jovem cavaleiro por meio de sua interioridade. Desta maneira, o rapaz de Loyola, foi questionando a sua própria forma de viver a vida. Não queria mais assumir os papéis que o seu contexto social o obrigava a desempenhar, pelo contrário, “tudo o que desejava realizar, logo que sarasse, era ir a Jerusalém” (Aut. 9). Ele queria viver em pobreza e peregrinar até a Terra Santa para estar mais perto daquele lugar que Cristo, pobre e humilde, viveu, ensinou, morreu e ressuscitou³⁰.

Assim que recuperado de seus ferimentos, contrariando as expectativas de sua família, principalmente de seu irmão mais velho que assumira a liderança dos Loyola, e surpreendendo toda aquela pequena cidade, que outrora via Inácio pelos palácios e entre a corte sempre em destaque como um excelente cavaleiro, o jovem partiu em sua empreitada a fim de descobrir quem verdadeiramente era e qual o projeto de vida que Deus queria para ele. Tal missão levaria a sua vida toda, pois sempre é momento de descobrir algo sobre si, principalmente quando se depara com acontecimentos e experiências que tirem a pessoa de sua zona de conforto. O fato é que até chegar em Jerusalém, Inácio viveu uma verdadeira peregrinação humana e espiritual, a ponto de anos mais tarde, ele referir-se a si mesmo não pelo seu nome de batismo ou latino, mas pelo “título” de “Peregrino”.

Assim como acontece com a vida, o importante não é necessariamente a chegada, mas o quão fecundo e profundo foi o caminho. Durante a peregrinação até Jerusalém, que, naquele tempo, tinha um acesso muito restrito, com autorização de entrada dada exclusivamente por Roma e com uma viagem cujos caminhos passavam por países em constantes batalhas e guerras, Inácio foi vivendo um processo de deixar-se ser guiado por Deus, não de uma maneira etérea ou abstrata, mas por uma crescente experiência pessoal, por meio de um discernimento dos sentimentos e apelos internos, dos acontecimentos e dos encontros que foi tendo a cada passo dado.

Nesse processo, em Manresa, uma cidade há algumas dezenas de quilômetros distante de Barcelona, Inácio teve a oportunidade de ser como argila nas mãos do oleiro Deus, essa

³⁰ “Jerusalém se apresenta ainda apenas como um ideal de peregrinação em pobreza e penitência, porém motivado não só por uma generosidade de ânimo própria de quem quer imitar e emular os santos, mas também por um amor apaixonado por Deus. Atrás de Jerusalém claramente não há mais apenas o vulto dos santos, mas começa a delinear-se o vulto de Cristo. Portanto, atrás da decisão de peregrinar a Jerusalém entrevê-se a escolha de Cristo: iluminado progressivamente pelo discernimento, Inácio decidirá colocar-se totalmente a serviço de Deus. Por isso, ir a Jerusalém era o que ele tinha mais fortemente no coração. (Costa, 2002, p.35)

mediada por meios humanos, como foi o caso dos monges do monastério de Montserrat que ajudou o jovem peregrino a ter um maior conhecimento sobre as técnicas de contemplação e oração; e, também, os aprendizados obtidos no convívio com as pessoas daquela cidade, cujas almas Inácio deseja ajudar por meio de escuta dos sofrimentos dessas pessoas e ajudas espirituais, com conselhos e orientações. Assim, o grande mestre de Inácio foi o próprio Deus, que falava em seu coração e o ajudava a discernir as moções espirituais: a voz do bom espírito - aqueles pensamentos e sentimentos que levam a uma vida mais intensa, mais plena, consonante com os valores evangélicos -; e as vozes do mal espírito, que nada tem a ver com a presença de algum ente maligno antropomórfico, mas está relacionado aos medos, inseguranças, pensamentos, sentimentos e apegos que impedem a pessoa de seguir em frente, de respeitar a si e aos outros, de construir um espaço de justiça e equidade.

Depois de ter passado por processos de fortes penitências em que “não comia carne, bebia vinho, não cortava o cabelo e as unhas para evitar a vaidade” (Aut.19); intensos momentos de depressão, chegando a pensar, inclusive, em suicídio, por conta de culpa por pecados que não existiam, na qual Inácio chamaria de escrúpulos; após ter deixado toda a sua vida mundana e aristocrática para trás, a ponto de ter abandonado as suas armas e vestir apenas roupas feitas com pano de saco; depois de ficar dias em meditação, confissão e oração, tentando entender qual era o caminho que deveria seguir em sua vida³¹, o peregrino recebe uma graça divina, conhecida na espiritualidade inaciana como Ilustração do Cardoner, do qual ele descreve que

começaram a abrir-se-lhe os olhos do entendimento. Não tinha visão alguma, mas entendia e penetrava muitas verdades, tanto em assunto de espírito, como de fé e letras. Isto, com uma ilustração tão grande que lhe pareciam coisas novas. Não se podem declarar os pormenores que então compreendeu, senão dizer que recebeu uma intensa claridade no entendimento (Aut. 30).³²

³¹ Inácio fica em tal situação apavorado e atordoado que chega a fazer a seguinte súplica “: “Socorre-me, Senhor! pois não acho nenhum remédio nos homens, nem em criatura alguma! Se eu pensasse podê-lo encontrar, nenhum trabalho me seria grande! Mostra-me tu, Senhor, onde o posso achar! Se for preciso andar atrás de um cachorrinho para que me dê remédio, eu o farei!” (Cf. Aut. 23) .

³² Nesta iluminação não interessam apenas os mistérios da fé, e sim toda a realidade. Trata-se de uma nova visão de todas as coisas, de um conhecimento e de uma compreensão mais profunda do próprio mundo, das realidades de ordem natural e das da ordem sobrenatural, de tudo o que foi aprendido por via de experiência e do conhecido através do estudo. Destarte, a visão do Cardoner, mais do que uma visão objetiva *de Deus* ou de outros mistérios da fé, é uma visão *em Deus* de todas as coisas e traz uma nova maneira de ver todas as coisas à luz divina que as ilumina a partir do intelecto que a recebe. É uma visão – se bem que neste caso se possa falar em visão – sintética, ou ainda, como foi afirmado por Nadai, “arquitetônica” (Scholia, Prato, 1883, 135): as realidades, mais do que na sua multiplicidade, são atingidas na sua unidade em Deus. Como acompanhando o seu olhar de cima do caminho para baixo onde o rio aparece “hondo”, ele viu todas as coisas na sua profundidade, porque vistas do alto nas suas mútuas relações, e na sua maneira de ser interligadas por Deus, do qual todas são contempladas como dependendo e descendo. (Costa, 2002, p.72)

Essa experiência de amor e de clareza sobre as coisas vai orientar toda a vida de Inácio, de modo que, a partir disso, o jovem passa a seguir o seu caminho com mais tranquilidade, ainda que diversas dificuldades e percalços não deixarão de existir³³.

No seu itinerário existencial, com ajuda de muitas pessoas, Inácio chega à Terra Santa. Ele conta que “seu firme propósito era ficar em Jerusalém, visitando sempre aqueles lugares santos. Também tinha o propósito, além desta devoção, de ajudar às almas (Aut. 45). Contudo, é impedido pelos Franciscanos que ali viviam e dos lugares santos eram responsáveis, pois estes temiam que Inácio fosse morto ou preso naquelas terras em constantes conflitos. Ainda que Inácio resistisse, acabou sucumbindo a tal decisão diante da ameaça de excomunhão por parte do provincial franciscano, caso sua ordem não fosse obedecida pelo peregrino. Esse episódio na vida do futuro santo, mostra que nunca se está pronto imediatamente, que no decorrer da vida, muitas vezes quando nossos planos estão já todos traçados em nossa mente, novidades e percalços podem aparecer, obrigando-nos a refazer os cálculos para chegar a uma nova rota.

Assim, diante da impossibilidade de realizar aquilo que havia planejado por muitos anos, Inácio percebe que sua missão era muito mais ampla que apenas realizar seus sonhos individuais, que ainda que “sagrados” estavam relacionados a um certo egoísmo e a um bem desejar e querer próprio. Ao olhar para sua própria caminhada, Inácio percebe que nesse processo havia algo que fazia bem e que lhe dava muita consolação, que era ajudar as almas, ou seja, as conversações e orientações espirituais que ofereciam as pessoas. Dessa maneira, “depois que o peregrino entendeu ser vontade de Deus não continuar em Jerusalém, veio sempre pensando consigo o que faria. Por fim se inclinava mais a estudar algum tempo para ajudar as almas, e determinava ir a Barcelona” (Aut. 50).

A formação de Inácio até então havia sido, desde a sua infância até o seu acidente em Pamplona, totalmente voltada para ser um senhor da corte espanhola, cuidando dos negócios da sua aristocrática família, um cavaleiro destinado a se casar e seguir com a dinastia dos Loyola, tal como seu irmão fizera; e, depois de sua conversão, uma formação mais espiritual, por meio dos monges de Montserrat e da própria experiência de discernimento que Deus lhe concedera mediado por tantas interações humanas. Contudo, frente às necessidades do mundo, ainda que tivera uma boa base educacional, seria necessário compreender melhor as ciências, as artes, a História, enfim, o conhecimento humano, naquele contexto em profundo

³³ Não por acaso o Láinez, depois de ter afirmado que Inácio no Cardoner “começou a ver com outros olhos todas as coisas”, acrescenta que começou também “a discernir e experimentar os espíritos bons e maus” (Epistula..., n. 10, FN I, 80). Com certeza, um dos aspectos fundamentais da graça do Cardoner é uma luz para o intelecto, essa luz do discernimento dos espíritos, com a qual ele vai aprender a descobrir com facilidade e segurança os passos de Deus na sua vida futura. (Costa, 2002, p.80)

desenvolvimento social e intelectual. Assim, Inácio, aos 33 anos, decide algo que tomará grande parte de sua vida, voltar aos estudos para melhor servir aqueles que Deus tanto amava, que são os seres humanos.

Em Barcelona, onde buscou aprender Latim em meio a crianças, Inácio viveu muitas dificuldades em equilibrar a vida acadêmica e de oração e serviço. Para sustentar-se e arcar com os estudos, o nobre Loyola contava com esmolas que recebia de benfeitores e também das pessoas que frequentavam a Catedral de Santa Maria do Mar, do qual nos dias de hoje traz uma escultura de Inácio no mesmo lugar em que este há quase meio milênio pedia ajuda. Nesse período, Deus continuava a tratar Inácio, tal como fazia em Manresa como “um mestre-escola trata a um menino que ensina” (Aut.27), com muita paciência e amor. Em seguida, após dois anos, consegue entrar no curso de Filosofia, agora na cidade de Alcalá, onde continua a amizade com três companheiros, que já conhecera em Barcelona, João de Arteaga, Lopez de Cáceres e Calisto de Sá, o que mostra que desde o princípio de sua caminhada, Inácio já convoca outros para estar com ele na missão dada por Deus.

Como não faltavam desafios, Inácio, que dormia nos hospitais, buscava conciliar o tempo de esmolas, os estudos e o seu “trabalho” de dar “Exercícios Espirituais e declarar a doutrina cristã. Com isto fazia fruto para a glória de Deus” (Aut. 57) ajudando as pessoas em suas angústias e em seu processo de aprofundamento espiritual. Os Exercícios Espirituais era um guia para essa ajuda que Inácio trazia anotado em um caderninho, que ele vinha aprimorando desde os tempos de Manresa. Contudo, naquela época, a Igreja, por meio do Edito de Toledo, publicado em 1525, combatia a heresia dos alumbrados³⁴. Nesse processo, Inácio e seus companheiros de Alcalá foram perseguidos e até encarcerados algumas vezes pela Inquisição para esclarecer a forma com que atuavam, o que traziam anotados nos Exercícios Espirituais e até como se vestiam, pois suspeitavam que eles eram, também, os chamados alumbrados. Contudo, como conta o peregrino em sua autobiografia (Aut.59), depois de interrogado e investigado, ao perguntar ao Inquisidor se havia alguma heresia em seu apostolado, o mesmo responde “Não [...], se a tivessem encontrado, vos teriam queimado”.

³⁴ Várias características são atribuídas a este grupo: desprezo das devoções e das formas exteriores de manifestação da fé; espiritualismo que rejeita a lei da encarnação e da visibilidade; tendência ao quietismo e a uma pseudognose na prática da oração mental, com desprezo da oração vocal; primazia absoluta da própria experiência religiosa e convicção rígida e tenaz sobre a autenticidade dessa experiência, mesmo acima e contrária a qualquer afirmação teológica de fé; oposição clara entre o homem espiritual e o homem de estudos; recusa de qualquer tipo de estudo filosófico e teológico, de qualquer autoridade na Igreja que não seja a de pessoas “iluminadas” e espirituais; interpretação livre e espontânea da Sagrada Escritura e não aceitação de uma exegese científica que se ponha à procura do sentido literal do texto; negação da visibilidade e da mediação da Igreja e, conseqüentemente, também da hierarquia e dos sacramentos, em favor de um autogestão livre do fato religioso e de uma comunicação direta com Deus. (Costa, 2002, p.89)

Esses questionamentos por conta da Inquisição perseguiriam o Peregrino e seus companheiros, ainda, por muitos anos.

Mesmo inocente, Inácio e seus amigos receberam a punição de que “não falassem de assuntos de fé dentro de quatro anos em que tivessem estudado mais, pois não eram letrados” (Aut.62). Sempre obediente e acreditando que “a graça é maior que o pecado”, tal como já afirmava São Paulo, Inácio aceita a condenação e a utiliza para beneficiar a sua missão, pois acreditava, também, que precisava estudar mais para melhor acompanhar os demais. Parte então para Salamanca, mas ali ele e seus companheiros, não tiveram muita sorte e, também, foram perseguidos, presos e uma nova sentença foi dada: “Não se achava nenhum erro, nem em conduta nem em doutrina. Podiam continuar a ensinar a doutrina cristã e a falar de coisas de Deus, contanto que nunca definissem ‘isto é pecado mortal, isto venial’ senão depois de quatro anos a mais de estudo” (Aut.70).

Assim, sendo impedido de continuar a “ajudar as almas”, tal como se sentia chamado por Deus, Inácio, então, decide, e de certa forma tem a sua confirmação através daqueles que o condenou, estudar e assim se capacitar para aquilo ao qual sentiu-se chamado a fazer: ajudar as pessoas. Contudo não escolheu para isso qualquer lugar, decidiu buscar o melhor, indo então a Universidade de Paris, cuja cidade naquele tempo “contava com 250 mil a 300 mil habitantes e era particularmente famosa em toda a Europa pela sua universidade, frequentada por mais de 4.000 estudantes provenientes de todo o mundo e espalhados em torno de 60 colégios”. (COSTA, 2002, p.95)

Em Paris, Inácio conquista grandes amigos ao qual juntos seriam os fundadores da Companhia de Jesus, destacando entre esses Pedro Fabro, francês, filho de camponeses, que seria o primeiro sacerdote da Ordem dos Jesuítas; e o impulsivo Francisco Xavier, que inicialmente tinha muitos preconceitos contra Inácio por esse ser mais velho e nascido em uma terra considerada inimiga. Contudo, ao final, Inácio conquista não somente a amizade de Xavier, ao qual ganhou para o serviço de Deus por meio dos Exercícios, mas, também de “Afonso Salmerón, Diego Laínez, Nicolau Bobadilha e Simão Rodriguez. Eles foram guiados pessoalmente, um por um, por Inácio. Através dessa experiência, o peregrino não os ‘ganhou’ para si, mas para o Senhor Cristo Jesus” (COSTA, 2002, p.123)

O desejo por ajudar as almas de Inácio contagiou aquele grupo. O projeto de vida de cada um deles era, juntos, “ir a Veneza e Jerusalém e gastar a vida em proveito das almas. Se não conseguissem permissão de ficar em Jerusalém, voltar a Roma e apresentar-se ao Vigário

de Cristo, para empregá-los no que julgasse ser de maior glória de Deus, e utilidade das almas³⁵” (Aut. 85). Nesse período, Inácio já se encontrava muito debilitado devido a fortes dores do estômago, que futuramente seriam diagnosticadas, em sua autópsia, como cálculos biliares. Assim, orientado pelos médicos e apoiados pelos Companheiros, Inácio voltou para a sua terra natal pois acreditava que ali melhoraria de sua enfermidade, para, depois, colocar em prática o plano que tinham realizado em diálogo e discernimento comunitário. Seus Companheiros permaneceram em seus estudos e, antes da partida de Inácio, fizeram os votos de pobreza e castidade em uma pequena Capela no bairro parisiense de Montmartre³⁶, reforçando, assim, o desejo de permanecerem unidos em coração.

Inácio volta a Loyola muito diferente de quando havia saído anos antes. Se no passado ainda começava o seu processo de descoberta de si, de sua vocação e da sua relação com Deus, em seu retorno, tinha muito mais clareza sobre qual caminho percorrer e como deveriam ser tais passos. Assim, embora com muita resistência por parte de seus familiares, o Peregrino não ficou hospedado na casa de seu irmão, mas no hospital da cidade onde “começou a falar com muitos que o visitavam sobre coisas de Deus, e pela graça divina se fez muito fruto. Apenas chegado resolveu ensinar cada dia a doutrina cristã às crianças” (Aut. 88), vivendo em pobreza e castidade, obediente ao chamado de Cristo.

Após a temporada em Loyola, Inácio visitou as famílias dos amigos que havia conquistado em Paris para, então, chegar a Veneza, conforme haviam combinado. Ali Inácio, e posteriormente, os Companheiros que chegavam, continuaram a pregar o evangelho, realizar as obras de caridade e dar os Exercícios. Nesse tempo, conseguiram a autorização de Roma para ir à Jerusalém, Inácio fora novamente perseguido, mas logo inocentado e, por fim, foram ordenados, formando agora não somente um grupo de jovens, mas “uma comunidade (ou corpo) sacerdotal” (COSTA, 2002, p.134) vivendo em castidade e pobreza.

³⁵ Inácio entendiam o Papa como alguém de quem se servir e do qual receber ajuda num momento de dúvida e de incerteza para eles no plano apostólico. O recurso ao Papa é entendido sobretudo como critério de discernimento para uma eleição apostólica

³⁶ Ao Voto de Montmartre Inácio e os primeiros companheiros chegaram tendo bem fixo no coração um ideal claro de vida. Ele tinha amadurecido sobretudo na experiência dos Exercícios Espirituais feitos com Inácio pessoalmente e independentes os uns dos outros, mas também através do estilo de vida levado em comum pelo grupo, sobretudo segundo as linhas evangélicas das meditações do Chamado do Rei Eterno e das Duas Bandeiras. Esse estilo pode ser sintetizado na expressão “peregrinação apostólica comunitária na ajuda às almas”: como os apóstolos foram enviados por Cristo para pregar, em humildade e gratuitamente, assim também Inácio e os primeiros companheiros cultivam o desejo de ir cá e lá pelo mundo afora “à apostólica” Ademais, (eles não fazem voto de obediência, pois em Paris de nenhum jeito cogitam em fundar uma Ordem; não querem ser religiosos e estabelecer uma instituição: o grupo “reproduz” Inácio, o qual no começo como clérigo quer se tornar leigo e viver como “lutador livre” na Igreja. (COSTA, 2002, p.142)

Contudo o tempo passou e Inácio e seus companheiros não conseguiram seguir para Jerusalém devido aos vários conflitos entre os países mediterrâneos naquela época. Decidem então ir a Roma divididos em pequenos grupos. Sempre dedicado a oração e continuando a ter visões espirituais e consolações, Inácio, que decidira aguardar um ano para rezar a sua primeira missa, Lainez e Fabro pararam para rezar em uma capela, no povoado de La Storta, na Via Cássia, a 16 km de Roma, quando o peregrino teve uma importante experiência mística que confirmaria o seu destino e daqueles que ele conseguira, com a Graça de Deus, trazer para fazer parte de tal caminhada. Segundo ele conta, ali “fazendo oração, sentiu tal mudança em sua alma e viu tão claramente que Deus Pai o punha com Cristo seu Filho” e dizia a ele “eu quero que tu nos sirvas” e ainda confirmava a direção a seguir “Eu vos serei propício em Roma”.

A visão de “La Storta” é crucial para o que se sucederá depois e para a vida de Inácio e de seus amigos. Ao ser colocado, por Deus, com Cristo, o peregrino sentia uma confirmação de que ele e aqueles que com ele peregrinavam formariam a Companhia de Jesus. O chamado ao serviço, ressaltava a característica apostólica que a futura Ordem teria; e a promessa de ser propício em Roma, indicava que a Jerusalém daqueles homens transformados pelo amor de Deus, por meio de Inácio e de seus Exercícios Espirituais, se daria em Roma, com o apoio e aval do Pontífice. Assim nos confirma Costa que “Não apenas Inácio, mas todos os companheiros com Inácio, seu pai e fundador de toda a Companhia, são acolhidos pelo Pai e são colocados com Cristo e constituídos Companhia de Jesus para servi-lo hoje na Igreja, enquanto Ele ainda carrega a cruz, para a glória de Deus e o bem das almas”. (COSTA, 2002, p.153)

Em Roma os Companheiros passam a pregar e dar os Exercícios Espirituais além de se aproximar da cúria e do clero daquela cidade. É ali, que finalmente, depois de tantas perseguições, difamações e calúnias, Inácio consegue finalmente a declaração formal do papa de que em sua doutrina e em seus ensinamentos não havia nenhuma heresia e estava de acordo com os ensinamentos da Igreja e com a sabedoria do Evangelho. Na cidade eterna, em que Deus confirma a sua promessa e fora realmente propício a Inácio, o peregrino e seus companheiros conseguem a aprovação da Igreja para a fundação da Ordem e vão se tornando, a cada dia, mais populares e procurados para a missão daquela Igreja que buscava se inovar em meio a tantas turbulências.

Inácio, aquele que caminhou por tantos caminhos, a maioria deles, sozinho e a pé, poucas vezes saiu de Roma após lá se instalar e lá ser eleito o primeiro Prepósito geral da Ordem, cuja principal missão foi escrever as Constituições da Companhia de Jesus e organizar

as missões que tais amigos no Senhor passaram a realizar por todo o mundo conhecido. Nesse sentido conta Blanch (2015, p.37) que “Al morir Ignacio, ya son unos mil y la Compañía cuenta con 39 colegios. Mientras, él, em sua camareta de Roma orienta los jesuitas redacta las Constituciones, escribe cartas y mas cartas (se conserva doce volumenes como una siete mil y muchas se han perdido)”, cumprindo então o seu projeto de vida cuja principal missão consistia em perceber o sagrado em todas as coisas e a assim “Em tudo amar e servir para a Maior Glória de Deus”.

2.2 Exercícios Espirituais de Santo Inácio: passos para projeto de vida discernido

Alguns estudiosos da espiritualidade inaciana dizem que a importância dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio é tamanha, que o pequeno livro, publicado em diversas línguas e em centenas de edições, já salvou mais pessoas do que a quantidade de letras que nele estão impressas. Obviamente não podemos aferir tamanho resultado, mas levando em consideração que em quase meio milênio, milhares de pessoas têm realizado os Exercícios e considerando que esse escrito é relativamente pequeno, comparado aos tratados teológicos e filosóficos de seu tempo, certamente tal teoria não é uma falácia.

Mas afinal, o que são Exercícios? Quais seus objetivos? Como ele está estruturado? Quais os benefícios que esses oferecem àqueles que o fazem? Buscaremos nas próximas páginas apresentar, ainda que de maneira incipiente, esse que já foi considerado “O segredo dos jesuítas”³⁷, embora não seja nada secreto, pelo contrário, é um tesouro da Igreja e da Humanidade que deve ser compartilhado com todos aqueles que desejam ser pessoas mais livres, animadas e generosas. Tal como diz o próprio Santo Inácio: “os exercícios espirituais são tudo o que de melhor eu nesta vida posso pensar, sentir e entender, assim para o homem poder tirar proveito para si mesmo, bem como para poder frutificar e ajudar a muitos outros a tirar proveito” (CPAL, 2011, p.10).

Logo no início do texto, Inácio define os Exercícios Espirituais (EE) como “qualquer modo de examinar a consciência, de meditar, de contemplar, de orar vocal e mentalmente, e outras operações espirituais (EE. 1)”³⁸ e logo já mostra o objetivo de tais ações, que para ele são “diversos modos de a pessoa se preparar e dispor para tirar de si todas as afeições desordenadas. E, depois de tirar estas, buscar e encontrar a vontade divina na disposição de sua vida para sua

³⁷ Conforme título da obra THOMAS, Joseph. O segredo dos Jesuítas: os Exercícios Espirituais. Coleção Experiência Inaciana. Nro.10. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

³⁸ Doravante utilizaremos a abreviação [EE] acompanhada do número correspondente ao livro dos Exercícios Espirituais conforme publicação: LOYOLA, Inácio de. Exercícios Espirituais. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

salvação” (EE. 1). Algo que devemos levar em conta é que os EE não são apenas uma lista de tarefas ou metodologia a serem feitas para se alcançar um objetivo, ainda que essa descrição também seja verdadeira, ao olhar o texto inaciano de uma forma mais profunda, verifica-se que todas as orientações dos EE são, também, uma estruturação da própria experiência de Inácio que, ao ir amadurecendo em sua vida espiritual, foi observando, anotando e organizando os recursos que mais o ajudavam em sua peregrinação.

Alguns estudiosos dos EE, como Javier Melloni³⁹, colocam como fonte inspiradora dos EE o “Exercitatório” escrito pelo monge Cisneiros e seu compêndio que, provavelmente, Inácio teve acesso em sua passagem por Manresa quando aprendeu a realizar orações mais estruturadas e organizadas. Contudo, não podemos acusar Inácio de plágio, pois como veremos, os EE trazem em seu decorrer, principalmente nas chamadas “Orações Inacianas” e nas orientações e regras, algo muito típico do Peregrino, o que caracteriza a inovação e exclusividade apresentada no texto inaciano.

Quanto ao objetivo dos Exercícios Espirituais, apresentamos a explicação dada pela Conferência dos Provincial da América Latina – CPAL, que na publicação “Exercícios Espirituais na América Latina” (2011, p.14) diz o seguinte:

Os Exercícios constituem, pois, uma verdadeira mistagogia, ajudam a pessoa a conseguir a necessária "Liberdade interior" (indiferença) e lhe dão as ferramentas para discernir o que é bom ou mau para si com maturidade e a partir de uma sadia relação com Deus. Do mesmo modo, os Exercícios ajudam a pessoa a encontrar o sentido de sua existência, de seus êxitos e fracassos, de suas alegrias e sofrimentos, ajudam-na a amadurecer humanamente em todas as suas dimensões, partindo de suas próprias necessidades e levando-a a descobrir, como caminho de plena realização, a entrega aos demais no segmento e identificação com Cristo, nosso Senhor.

A apresentação acima é confirmada pelos depoimentos de jovens que realizaram os EE. Para uma delas “Os Exercícios Espirituais ajudaram a fortalecer minha relação com meu eu e com Deus de forma mais leve e especial. Foi um aprendizado sobre como vemos e sentimos a presença D’ele e como isso nos impacta de forma positiva. Me sinto mais conectada e envolvida”. Outra estudante diz que a vivência dos EE “[...] foi uma experiência de paz, de ordenar diversos aspectos da minha vida e de cultivo da minha espiritualidade” (Unicap, 2019). Em um contexto, em que, conforme vimos acima, falsos deuses assumem o papel de serem

³⁹ “La proximidad del texto del *Compendio breve* con los *Ejercicios espirituales* de San Ignacio es muy notable, de modo que la crítica interna lleva a pensar que el Santo de Loyola tenía un ejemplar en Manresa y que lo utilizó al redactar su obra, aunque fuera muy libremente y sin menoscabo de la originalidad personal de sus proposiciones”. Cf. MELLONI, Javier. *Compendio Breve de Ejercicios Espirituales: Compuesto por un monje de Montserrat entre 1510-155*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2006.

guias e inspirações para as pessoas, principalmente os jovens, os EE são uma forma de ajudar as pessoas a, a partir da experiência de si e inspirada nos valores cristãos e de defesa da vida, terem uma vida mais livre de apegos e mais comprometida com os demais. Por isso que a Ordem dos Jesuítas tem reforçado a importância dos EE, pois acreditam que por meio deles podem formar "cristãos capazes de se alimentarem de uma experiência pessoal de Deus Salvador e capazes de se manterem longe dos falsos absolutos das ideologias e dos sistemas, comprometendo-se nas reformas estruturais, sociais e culturais necessárias" (CPAL, 2011, p. 24).

Para que possamos compreender a dinâmica dos EE é interessante ter em mente o pressuposto e, talvez, inovação de Inácio para a "teologia" e principalmente vida religiosa prática de seu tempo (e por isso ele foi perseguido pela Inquisição algumas vezes), de que Deus se comunica diretamente com o ser humano e o faz a partir de diversas mediações. Assim, tudo e todos podem ser instrumentos para essa relação. Contudo, Inácio, grande conhecedor do ser humano, sabe que o homem nem sempre consegue encontrar sozinho o caminho a ser seguido, ainda que a Luz lhe seja apresentada a todo momento. Ele mesmo serviu-se da ajuda de muitas pessoas que, ao escutar as partilhas que Iñigo fazia, mostravam horizontes que o ajudou a seguir melhor a sua peregrinação. Por isso, portanto, que nos EE existem três personagens fundamentais: a) o próprio exercitante: que se colocará em posição de ânimo e generosidade (EE. 5) oferecendo a Deus todo o seu querer e liberdade e assim estabelecer, cada vez mais, uma relação profunda com Ele; b) Deus Trindade: que se "abaixa" até a condição humana, para, como gesto de amor, se comunicar aos homens convocando-os para uma vida mais plena; c) acompanhante ou quem dá os EE: que escuta as partilhas do exercitante e, caso necessário, ajuda-o a melhor seguir o caminho utilizando as regras, sugestões de orações e anotações que Inácio oferece no livro dos EE.

Levando em consideração as orientações de Inácio de que os EE podem ser adaptados de acordo com os tempos, lugares e pessoas, no decorrer dos anos, diversas maneiras de oferecer os EE foram desenvolvidas e realizadas com muito êxito. Atualmente os EE, que originalmente foram constituídos com uma duração de aproximadamente 30 dias, em lugar afastado da vida cotidiana do exercitante, de modo a este se desligar das suas preocupações hodiernas, e em meio ao silêncio, focar na relação e no diálogo com Deus; também pode ser realizado em versões de 8, 5 e até de 3 dias. O caminho espiritual proposto pelos EE também pode ser realizado em etapas de finais de semana e até mesmo na vida cotidiana, nessa última, as propostas de orações, meditações e contemplações são realizadas diariamente pelo exercitante dentro da sua rotina de

vida. Recentemente foram lançados EE de forma on-line, em que mediados por uma plataforma informatizada, o exercitante tem acesso aos conteúdos e até mesmo a uma orientação pessoal ou em grupo sobre o caminho a ser seguido. Há também diversas atividades e momentos de orações ou retiros a partir da dinâmica inaciana, que também ajudam centenas de pessoas a encontrar o seu caminho à luz da relação com Deus.

Independentemente da forma como são realizados, os Exercícios Espirituais, principalmente em sua estrutura tradicional, traçam um caminho que é composto por quatro partes ou quatro semanas. No entanto, conforme aponta Inácio (EE. 4), “cada semana não precisa ser, necessariamente, de sete ou oito dias (pois) torna-se, portanto, necessário, algumas vezes abreviar a semana, outras vezes alongá-la. E assim em todas as outras semanas seguintes, buscando as coisas conforme o assunto proposto”. Essas quatro semanas são precedidas por um momento chamado “Princípio e Fundamento” e concluídas com a “Contemplação para alcançar o amor”. Vejamos, então, como se constituem cada uma dessas etapas do itinerário dos EE.

a) Princípio e Fundamento

Chamada por Adroaldo Palaoro, SJ, como a “porta de entrada dos Exercícios (...) a experiência do Princípio e Fundamento nos leva ao encontro com Deus numa atitude de disponibilidade, de generosidade e de entrega livre à ação de seu Espírito” (1992, p. 86). Inácio sabe que, muitas vezes, em nosso processo humano, estamos muito apegados a coisas que nos impedem de assumir um sentido de vida que possa nos completar como pessoas humanas. Assim, se os Exercícios são uma caminhada no sentido de “humanizar-se”, nada mais lógico do que mostrar ao exercitante logo no início aonde ele deve firmar suas estruturas e qual objetivo deve seguir. Por isso no texto do “Princípio e Fundamento” (PF), Inácio já afirma o sentido da vida humana “louvar, reverenciar e servir a Deus” (EE. 23), salientando que somente assumindo essa missão, a partir do amor, os homens e mulheres serão salvos, ou seja, serão felizes e plenos em sua existência. José Maria Blanch (2011, p.4) afirma que esse momento “es un principio del cual derivan una serie de verdades esenciales para la concepción de la vida humana. Es ‘fundamento’ sobre lo cual se construye el edificio de la vida”.

Contudo, o texto do PF não se constitui apenas em uma estrutura teórica, pelo contrário, além das concepções deontológicas, tal escrito se apresenta como uma proposição de atitudes e práticas, cujas ações e sentimentos permearão todo os EE culminando na Contemplação para alcançar o amor. Isso se dá porque Inácio, conhecedor da condição humana, sabe que a vida acontece dentro de uma rede de relações muito diversas que envolvem sociedade, cultura,

economia, política, família, cosmos, etc., sendo, portanto, meios para que o ser humano alcance a sua plenitude. Contudo, cabe a cada um, compreender que em sua realidade pessoal existem elementos que ajudam nesse processo de humanização e outros que não, de maneira, que o indivíduo é chamado a fazer um discernimento constante na sua vida para usar dos elementos o tanto quanto o ajudam nesse processo de plenitude. Sobre isso Blanch (2011, p.8) diz que a pessoa que deseja viver em plenitude de vida “ha de saber tomar decisiones positivas a respecto de las cosas (usar dellas) y, a veces, saber distanciarse y negar determinado uso de las cosas (quitarse dellas), en la medida en que las cosas o bien ayudan, o, al contrario, constituyen un impedimento para la realización de la vida humana.

Sendo assim, em um processo constante de discernimento, o comportamento fundamental é a “indiferença”, que não tem a conotação negativa que muitas vezes é dado no dia-a-dia, mas consiste em não desejar somente aquilo que lhe dá prazer ou parece ser mais confortável, mas buscar aquilo “aquilo que mais nos conduz ao fim para o qual somos criados” (EE. 23), de modo que a pessoa possa ir, em sua vida, “centrando el corazón el lo esencial, sin dejarse hipnotizar por los espejismos de particularidades que desvían el corazón del centro del amor” (BLANCH, 2011, p.10). A partir da indiferença, surge um outro termo fundamental na espiritualidade inaciana, o Mais, ou o *Magis*. “Este ‘más’ revela el impulso de amor que se esconde en la indiferencia” (BLANCH, 2011, p.9), que tem por objetivo tirar a pessoa humana de uma letargia ou comodismo e convidá-la e animá-la a buscar o bem maior, o bem comum, aquilo que mais a levará a plenitude da sua própria vida, que só ocorre se estiver acompanhada pela busca da plenitude da vida dos demais, e dentro de uma perspectiva de ecologia integral, de cuidado da casa comum e todas as criaturas.

A partir dessa introdução, tendo experimentado, sentido e refletido a experiência de ser criado por amor e convidado a amar, o exercitante é levado a se perguntar: qual caminho fazer? Como posso amar mais? Quais parâmetros devo seguir? Qual será a minha referência para saber o que é bom e o que é melhor? Tais perguntas o conduz a seguir pela intensa e profunda aventura humana e espiritual que se dará nas semanas dos EE.

b) Primeira Semana

Se o PF é um preâmbulo, a Primeira Semana será o começo do processo dos Exercícios na busca de encontrar a Deus e assim louvá-lo, reverenciá-lo e servi-lo, ou seja, amando e finalmente ser mais completo, livre e, portanto, humano. Essa etapa tem o objetivo de ajudar a purificar o coração e “vivir un encuentro con el Señor en la realidad concreta del mundo y de

la propia vida, que están marcados por el mal y el pecado” (BLANCH, 2011, p.24). Trata-se, portanto, de momentos propostos para que o exercitante, à luz do Espírito, possa olhar para si e identificar os momentos de quebra de amor (pecado) em seu processo histórico. Contudo, como Inácio sabia que o pecado não acontece somente de forma individual, também oferecerá oportunidades para que seja refletido o pecado social e as mazelas que ele causa no mundo.

Todavía, não trata-se de assumir o pecado, ou o mal, ou o egoísmo humano num sentido punitivo, pelo contrário, o objetivo da Primeira Semana é que mesmo reconhecendo limitado e inserido em uma teia, muitas vezes, perversa, todo ser humano tem a possibilidade do perdão e da misericórdia do Senhor que o convida a levantar-se novamente e seguir o seu caminho rumo à felicidade. “Ahora, el ejercitante ve el lado oscuro de su vida, pero en ella descubre hasta dónde llega el amor de Dios [...] ahora experimentara como la profundidad del desamor humano provoca la locura del amor de Dios” (BLANCH, 2011, p.25).

A Primeira Semana ajuda a pessoa a amadurecer a consciência de suas ações pois convida a refletir as consequências para si, para os outros e para o mundo quando a aliança de amor e cuidado é quebrada. Nesse sentido, a partir de diversos momentos de orações, vai se percebendo que “el pecado no es un puro sentimiento, sino una manera de situarnos em el mundo, em el entorno em nuestras relaciones, ya que certamente nasce de dentro, pero se objetiviza [...] no hay conversion a Diós sin conversion al amor a los hombres y a las exigências de la justicia” (BLANCH, 2011, p.31). Assim, a pessoa percebe concretamente, a partir da sua história particular que

El desorden de mis operaciones puede recubrir toda una serie de actitudes personales que, sin ser en sí mismas malas, son aliadas de faltas o limitaciones personales: individualismo, pereza, miedo, falta de decisión y de energía, precipitación y superficialidad, ligereza, etc. En definitiva, actitudes o cualidades no integradas en la dirección del evangelio y que, por tanto, nos pueden traicionar con frecuencia tanto en nuestra vida personal, como en las relaciones con los demás o en nuestras actividades. También hay criterios y modos de proceder antievangélicos en el entorno del ejercitante —«mundo» y «cosas mundanas y vanas» [63]— que, tal vez de modo poco consciente, le influyen, le contaminan y le llevan a comportamientos contrarios a lo que le pide el amor al Señor, el cual ha de ser «no de palabra, sino con obras y de verdad» (Ibid., p.33)

Doravante, não de forma teórica, mas baseado na sua própria realidade, o exercitante percebe e sente internamente as possibilidades do mal em si mesmo e da fragilidade da condição humana que pode ter consequências sociais e comunitárias como guerras, explorações, violências etc. Dessa maneira, as considerações sobre o pecado, “feitas num clima de ‘contrição’, ‘vergonha e confusão’, ‘intensa dor e lágrimas’, não tem como finalidade despertar

sentimentos doentios de culpabilidade ou nos fechar-se no pessimismo ou na angústia, senão a de encontrarmos com Deus, fonte de perdão, de amor e de vida” (PALAORO, 1992, p.90).

Ao final dessa etapa, o exercitante vai percebendo a força do amor incondicional de Deus que o tira de uma situação de tristeza e o leva para um caminho de “arrepentido e amado”, cujo amor convida a mais amar, para combater todos os males individuais e sociais, a se transformar em um “soldado de Cristo” inspirado pelo amor e misericórdia oferecida por Deus e sentida pelo exercitante, que por sua vez, é convidado a ajudar outros a também terem essa experiência de liberdade consciente.

c) Segunda Semana

Ora, feita a experiência de reconhecer-se frágil e limitado, também propenso ao mal, mas convidado a ser mais, a ser pleno e a ser feliz a partir da misericórdia e amor de Deus, o exercitante é levado a ter como referência de sua nova vida a forma como viveu o próprio Deus, na pessoa histórica de Jesus Cristo de modo que conhecendo-O mais intimamente, a pessoa possa segui-Lo e imitá-Lo em seu dia-a-dia, obviamente trazendo consigo o seu próprio contexto, personalidade e modo de proceder, contudo, inspirado no Evangelho.

Dessa maneira, o exercitante vivencia o “Exercício do Reino”, que certamente inspirado em sua experiência pessoal como soldado, Inácio insere essa oração no contexto dos EE para ajudar o exercitante a “viver una experiencia de adhesión personal e plena a Cristo” (BLANCH, 2014, p.3). A parábola inaciana proposta para essa contemplação apresenta um Cristo que chama o exercitante a segui-lo, se alegrando com Ele nas vitórias e sofrendo com Ele nas derrotas. Ela tem por finalidade “testar a generosidade do exercitante, a sondar suas reais disposições, a verificar de modo mais claro o dinamismo efetivo presente em seu interior” (PALAORO, 1992, p. 60).

Tendo passado por essa etapa e confirmando o “sim” ao seguimento a Cristo e à opção de amar, inicia-se a contemplação dos mistérios de Cristo, desde a sua encarnação até o chamado “Dia de Ramos”, quando Jesus entra na cidade de Jerusalém, depois de toda as suas andanças, curas e libertações pela Terra Santa, para depois entrar na sua Paixão.

No entanto, durante a Segunda Semana dos EE acontece a chamada “jornada inaciana” que é caracterizada por momentos de orações cuja construção foi realizada pelo próprio Inácio e consiste na: a) Meditação das Duas Bandeiras que busca “dar o critério claro, objetivo e universal para saber distinguir o que é verdadeiramente de Cristo ou do Inimigo” (PALAORO, 1992, p.103), pois o coração do homem é um “campo de batalha” cujos sentimentos e

motivações pessoais devem ser discernidos de modo a nos libertar dos valores e critérios que não colaboram com a vida plena dos seres humanos e da criação; b) Três Classes de Homem: consiste em um exercício que proporciona ao exercitante verificar o seu grau de apego sobre os aspectos que ainda o impede de ser livre para amar pois, optar “livremente pela vontade divina, expressa na renúncia ao poder, ter, saber, prazer que não estejam na perspectiva dos pobres e oprimidos, da solidariedade e da disponibilidade total” (CPAL, 2011, p.85); c) Três maneiras de humildade: Inácio dá mais uma oportunidade para que o exercitante possa experimentar-se, agora, no sentido de verificar em qual grau está identificado com Cristo pobre e humilde e até que ponto aceitaria tamanhas injúrias e sofrimentos em nome de Deus e daqueles que são defendidos e preferidos por Ele. Busca, pois, abrir o coração do exercitante para uma disponibilidade de afeto, “um processo de esvaziamento de si mesmo para encher o coração de capacidade de amar e chegar a uma entrega total. Somente a partir do amor é que a nossa vontade poderá se manter no seu propósito” (PALAORO, 1992, p.104).

Toda essa jornada é uma preparação para aquilo que chamamos de “Eleição”, pois, para Inácio, “O servir a Deus não é alienação, mas gesto de liberdade: e o exercício da liberdade é realizar retamente a função mais essencial do homem: a Eleição [...] é um reconhecimento e de uma aliança salvífica oferecida por Deus a todos os homens”. A Eleição é o ápice do processo dos EE ou o “cumbre de toda la experiencia espiritual” (BLANCH, 2014, p.24). Nela se materializa a aceitação da pessoa pela escolha feita pelo próprio Deus que a convoca a viver plenamente a sua vida de modo que “o rumo determinado de suas afeições e aspirações mais íntimas, e suas decisões mais existenciais será Deus: a vontade do Pai, segundo o estilo de vida de Cristo e as inspirações do Espírito Santo” (LOYOLA, 2000, p.71).

A eleição proposta por Inácio nos EE não se dá de qualquer maneira, o Peregrino oferece uma série de formas, técnicas, tempos e etapas para que a pessoa possa escutar esse chamado interior e, na leitura desses movimentos espirituais, fazer o discernimento, a partir da liberdade e da indiferença inaciana, em direção ao seu “sim” para uma vida pautada sob os conselhos, valores e vontade de Deus. Ainda que não seja uma eleição no sentido restrito da palavra, pois a Eleição Inaciana é graça de Deus, esse momento é importante pois leva a uma resposta concreta e objetiva ao chamado divino que convoca a, com amor, seguir esse Amor, de forma livre e deliberada. “En efecto, elegir es vivir y reconocer la identificación plena con Cristo en lo concreto de la vida, de tal modo que esta identificación informe la vida futura personal del ejercitante” (BLANCH, 2014, p. 24). Assim, a pessoa, apoiando-se nos valores do amor, toda

a sua vida, pensamento, ações e palavras, aceita fazer ”uma organização vital que oriente toda a sua atividade” (PALAORO, 1992, p.110).

É importante ressaltar que aqueles que já fizeram a sua eleição, podem, também, nesse momento dos EE, preparar a sua reforma de vida, a fim de atualizar, dentro de sua realidade pessoal e concreta, a eleição outrora já feita de tomada de consciência do chamado de Deus para uma vida plena, que, por sua vez, somente ocorrerá se estiver conforme a Sua vontade, pois seja na reforma ou na eleição, podemos dizer que “eleger , de acordo com o atuar do Senhor, é conhecer o que Ele nos pede, nos assinala, e, conhecido, aceita-lo; eleger é aceitar livremente ser escolhido por Deus” (PALAORO, 1992, p.110).

d) Terceira Semana

Passado pelo ponto alto dos Exercícios e aceitado ser eleito por Deus, decidindo, a partir de Sua graça, identificar-se com Ele, Inácio insere o exercitante na terceira semana que envolve a Paixão e Morte de Jesus Cristo. Ora, o Deus que chama a ser seguido não é um Deus alheio a todas as tristezas e misérias da Terra, pelo contrário, foi uma divindade que se “abaixou” à condição humana, assumindo a dor, o sangue e a morte, para mostrar o seu amor aos seus filhos.

Trata-se, portanto, de um tempo de confirmação da Eleição, que deve ser feita não somente nos tempos de “bonança”, mas também nas dificuldades que poderão advir de uma vida baseada no Evangelho em meio a um mundo fundado em inúmeros antivalores. Assim, a contemplação dos mistérios da paixão e morte de Cristo, a graça de sentimento de dor, paixão e confusão (EE. 193) são instrumentos para que a pessoa possa acompanhar Jesus em seu sofrimento mas também na sua entrega até o extremo, de modo a, também, com a Graça de Deus, ser movido a uma identificação com “O Crucificado” e com os crucificados da história, sabendo, assim, a desprender-se e a estar com Jesus apesar de gostos, afeições, repugnâncias e medos.

e) Quarta Semana

Depois de aceitar a seguir com Jesus mesmo em meio ao sofrimento, os Exercícios mostram, como na história do Salvador, que a morte não tem palavra final e que o amor e a felicidade sempre são possibilidades de realidade. Essa semana “tem por finalidade coroar todos os frutos das semanas precedentes [...] o exercitante se encontra-se agora no ponto central da História da Salvação: a experiência do Cristo Ressuscitado, fundamento da fé, da esperança e da caridade cristãs” (PALAORO, 1992, p.113).

É um momento de alegria e regozijo, pois mostra que, ainda que o caminho possa ser espinhoso, vale a pena seguir, pois leva a pessoa a sua plenitude existencial, tal como afirma Blanch (2016, p. 29) “Es una experiencia puramente teologal, pero, como experiencia de la resurrección de Jesús, ha de ser experiencia integradora de todas las dimensiones personales e cósmicas”. Doravante, sentindo e saboreando internamente a alegria do Cristo Ressuscitado, o exercitante, agora confirmado em sua Eleição, é chamado a permanecer com Cristo em uma relação de seguimento que envolve alegria plena, amizade inserida dentro de uma comunidade com outros que também compartilham dessa felicidade e, finalmente, o prazer de buscar viver uma vida ordenada e harmônica assumindo o seu Princípio e Fundamento e chamado a ser compartilhada com os demais.

f) Contemplação para alcançar o Amor – CAA

Conhecedor da estrutura humana e dos aspectos externos que envolvem as relações dos homens e mulheres, Inácio percebia que antes de encerrar a “retirada” do exercitante de seu mundo, era necessário que ele passasse por uma “ponte” que fizesse a ligação da pessoa, agora transformada pelo processo vivido nos EE, e o contexto em que se viverá e se inserirá de uma forma vivificante e unida à vontade de Deus. Dessa forma, ao final do livro dos Exercícios Espirituais, o Peregrino insere a chamada “Contemplação para alcançar o amor”, que para Palaoro (1992, p. 114), trata-se de uma “síntese e recapitulação de toda a experiência dos Exercícios e, ao mesmo tempo, ponto de partida que se destina a introduzir o exercitante na vida diária, com uma visão universal profundamente cristã [...] É a disponibilidade total ao Senhor, agora interiorizada e assimilada existencialmente”.

Após vivenciar o início do processo de Cristificação, ou seja, de identificação cada vez maior com Cristo, o exercitante é convidado a perceber que toda a realidade é permeada do Amor de Deus que está presente em tudo e em todos, e, a partir dessa Graça, reconhecer essa presença impregnada do amor em todas as coisas. O agora salvo é chamado a, também, entrar na dinâmica do Reino de Deus e da Salvação, buscando amar a Deus e a suas criaturas em todas as coisas, em outras palavras, em tudo amar e servir.

É nesse momento, que, enquanto recebe a graça de sentir internamente essa onipresença Divina, a pessoa eleita por Deus e consciente do seu papel de filho amado, faz a sua oblação por meio daquela que ficou conhecida como a oração de Santo Inácio, oferecendo a Deus tudo o que é para que Ele o faça segundo a Sua vontade, pois a única coisa que importa é receber o

amor e a graça do Pai e assim seguir no seu cotidiano, em discernimento para mais servir a Deus, formando assim, uma conexão fraterna e serviçal entre a pessoa e toda a criação.

Para a realização das semanas e do processo dos Exercícios, Inácio oferece diversas orientações e regras que ajudam o exercitante a melhor se abrir para a graça ou fruto próprio de cada uma das etapas, seja em questões de alimentação, postura, anotações, silêncio, tempo de oração etc. Obviamente não nos debruçaremos nos detalhes de cada uma dessas orientações que minuciosamente estão estruturadas no texto. O que é importante ressaltar é que os EE foram criados para auxiliar as pessoas a acolher a Graça que já lhes é dada por Deus, mas que, por diversos motivos, nem sempre é percebida pela pessoa em seu cotidiano. Trata-se, portanto, de chaves de leitura ou lentes que proporcionam à pessoa uma visão melhor da sua própria condição, mas que não fica restrito ou limitado à pessoa, pelo contrário, abre-a para uma transcendência, uma relação para com Deus, para com os outros, com a sociedade e com todo o cosmos.

Dessa maneira, diferentemente de algumas tradições exotéricas, os EE não pretendem ser um processo terapêutico, ainda que ajuda em processos de estruturação; também não trata-se de um sair do mundo, ainda que se oriente que faça-o em retiro do seu cotidiano, mas uma forma para que a pessoa possa achar e encontrar a Deus, que se abaixa, e desde baixo, leva a pessoa a subir com Ele enquanto vai encontrando os demais ajudando-os a, também, se levantarem, ou seja, a também buscar a plenitude e o sentido de suas vidas.

2.3 A fé que se transforma em obras: Espiritualidade em Missão

Oficialmente a Companhia de Jesus foi criada com a publicação da Carta Apostólica *Regimini Militantis Ecclesiae* de Paulo III, em 27 de setembro de 1540 e confirmada em outra Carta Apostólica *Exposcit debitum*, de Júlio III, em 21 de julho de 1550. Nessa última epístola, a missão da Ordem é ratificada e complementada ao afirmar que ela foi constituída para defesa e propagação da fé e o aperfeiçoamento das almas na vida e na doutrina cristãs, “por meio de pregações públicas, lições e qualquer outro ministério da palavra de Deus, Exercícios Espirituais, formação cristã das crianças e dos rudes e confissão e administração dos outros sacramentos, buscando principalmente a consolação espiritual dos cristãos” (Const., p.29)⁴⁰. Essas cartas denominadas por “Fórmula do Instituto” prenunciavam a criação de um documento

⁴⁰ Doravante, sempre que citarmos as Constituições da Companhia de Jesus faremos por meio da abreviação [Const.] conforme publicação: COMPANHIA DE JESUS. Constituições da Companhia de Jesus e Normas Complementares. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

em que seria detalhada a organização, missões e forma de viver dos jesuítas que se chamaria “Constituições da Companhia de Jesus”.

Dessa maneira, os últimos anos da vida de Inácio foram dedicados a construção das Constituições⁴¹ da Ordem. São orientações e modo de proceder que aqueles que se juntassem ao grupo deveriam seguir a fim de serem “Amigos no Senhor” em busca da salvação das Almas. Para muitos especialistas, as Constituições, inspiradas na experiência pessoal de Inácio e nos EE, é uma maneira de viver a Espiritualidade Inaciana e, conseqüentemente os Exercícios, de uma forma grupal, em que cada indivíduo, agora, vivendo em uma comunidade com outros, busca fazer a vontade de Deus e colaborar com a construção do Reino de Paz.

No prefácio da primeira edição das Constituições, Pe. Ribadaneira afirma que elas “propõem o modelo a imitar, o caminho a trilhar, a luz a seguir, a perfeição a que aspiramos, o espelho, enfim, no qual contemplamos o ideal de nossa vida” (Const., p.21). Nesse sentido, assim como os EE, as Constituições apresentam uma grande fonte de inspiração para a Espiritualidade Inaciana e, de alguma maneira, orienta as ações dos jesuítas e a organização das obras apostólicas e iniciativas inspiradas nessa espiritualidade.

Los ejercicios miran a la conversión y opción de vida en el nivel personal, individual. Las Constituciones, en cambio, tienen una dimensión grupal. Pero el espíritu es el mismo. Más aún: el principal valor de las Constituciones no estriba en el rigor lógico de su trabazón, en la prudencia y sabiduría de sus prescripciones jurídicas o en la genial adecuación dentro los medios empleados y los fines que se buscan. El principal valor de las Constituciones es el espíritu de los Ejercicios que pasa por ellas y que se alimenta todas sus líneas de fuerza. Más: las Constituciones, por las que se rige la vida de cada jesuita y de la Compañía como cuerpo, proponen hombres que han hecho fondo los Ejercicios y han optado por las formas más radicales de seguimiento de Cristo: hombres motivados por el amor (MOLLÁ, 2015, p.253).

Dada a importância das Constituições e a sua fonte inspiradora que é a experiência de Cristo mediada pelos Exercícios Espirituais, no decorrer dos anos, as orientações deixadas por Inácio para o bom governo e ministérios da Companhia vai se atualizando de acordo com os tempos, lugares e pessoas. Uma das formas disso acontecer é através das Congregações Gerais da Companhia de Jesus, nível mais alto de governo e orientação da Ordem fundada por Inácio e seus companheiros. Durante as Congregações Gerais pode ser eleito o Prepósito Geral, ou

⁴¹ Trata-se, ao mesmo tempo, de leis fundamentais para a organização da ordem e de orientações espirituais. As 10 partes das constituições acompanham a vida dos Jesuítas: sua entrada na ordem, sua formação espiritual e científica, até a sua incorporação definitiva e seu envio em missão apostólica. Duas partes tratam-se da comunidade e de sua chefia. Um curto capítulo de conclusão resume os elementos essenciais para a manutenção da ordem em seu bom espírito. As constituições são precedidas por um "exame geral". Trata-se de um conjunto de textos jurídicos e espirituais propostos ao candidato Jesuítas, a fim de verificar sua aptidão. (Cf. STIERLI, Josef. Buscar Deus em Todas as Coisas. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p.23)

seja, o jesuíta que irá guiar a Companhia Universal e, também, ocasionalmente, quando sentisse a necessidade, formular decretos que possam iluminar quais caminhos os jesuítas, suas obras e colaboradores devem seguir sobre temas de grande relevância para o contexto em que estão inseridos.

Uma das principais Congregações Gerais da Companhia recente foi a de número 32, convocada exclusivamente para atualizar a Ordem de acordo com as orientações do Concílio do Vaticano II que propunha a abertura e o *aggiornamento* da Igreja. Sob a liderança do Padre Geral Pedro Arrupe, SJ, juntamente com jesuítas congregados de todo o mundo, definiu-se a missão da Companhia como “Serviço da fé, do qual a promoção da justiça constitui uma exigência absoluta enquanto faz parte da reconciliação dos homens, exigida pela reconciliação dos mesmos com Deus” (COMPANHIA DE JESUS, 1975, p. 37). A partir disso, todas as ações dos jesuítas e daqueles vinculados à Espiritualidade Inaciana seriam colaborar na tarefa de

ajudar os homens a abrirem-se a Deus e a viverem segundo o Evangelho. Ora, a existência segundo o Evangelho, é vida purificada de todo o egoísmo e de toda a busca de vantagem própria, bem como de toda a forma de exploração do próximo. É vida em que resplandece a perfeita justiça do Evangelho que dispõe não só a reconhecer e a respeitar os direitos e dignidade de todos os homens, especialmente dos mais pequenos e dos fracos, mas ainda a promover eficazmente tais direitos e tal dignidade, e a abrir-se generosamente a toda a miséria do próximo, seja ele estrangeiro ou inimigo, até ao perdão das ofensas e à superação das inimizades por meio da reconciliação (...) Ao mesmo tempo, hoje como ontem, não basta – ainda que seja muito necessário - trabalhar na promoção da justiça e da libertação do homem só no plano social ou no plano das estruturas. A injustiça deve ser atacada por nós nas suas raízes, que estão no coração do homem. Precisamos, portanto de trabalhar na mudança das atitudes e tendências, que geram injustiças e alimentam estruturas de opressão. (COMPANHIA DE JESUS, 1975, p. 42:50).

Tais orientações visam refletir o apelo inicial da Companhia de Jesus e da Espiritualidade Inaciana que permeiam uma dinâmica em que a experiência de fé move a pessoa a uma ação de construção de um mundo mais fraterno e a lutar por uma sociedade pautada pela justiça. Essa dinâmica foi sendo confirmada e atualizada no decorrer dos anos quando a própria Companhia foi tomando uma dimensão e uma consciência maior de tal missão. Assim, em 1995, já na Congregação Geral 34, confirma-se as Congregações Gerais anteriores e ainda chama outros a assumirem a missão de luta pela justiça

Em cada um de nossos diversos campos de apostolado, devemos criar comunidades de solidariedade que busquem a justiça. Trabalhando com nossos colaboradores, todos os nossos apostolados podem e devem promover a justiça em uma ou várias das seguintes formas: a) no serviço e acompanhamento direto aos pobres; b) na tomada de consciência das exigências de justiça, unida à responsabilidade social de realizá-las; c) na participação na mobilização social

para a criação de uma ordem social mais justa” (COMPANHIA DE JESUS, 1996, p. 82).

Desta maneira, nesse constante contemplar na ação, sempre no sentido de compreender a missão de Amar, dada por Deus, as Congregações Gerais 35^a, ocorrida em 2008 e 36^a, realizada em 2016, tem somado à missão de fé e justiça a temática da Reconciliação convidando todos, como servidores na missão de Cristo, a trabalhar com Ele no restabelecimento da relação do ser humano com Deus, com os outros e com a criação. “Há forças negativas poderosas no mundo, mas também estamos conscientes da presença de Deus permeando o mundo, inspirando pessoas de todas as culturas e religiões a promover a reconciliação e a paz. O mundo em que trabalhamos é simultaneamente, um mundo de pecado e de graça” (COMPANHIA DE JESUS, 2008, p. 115).

Assim, chama os adeptos à espiritualidade inaciana a lutar pela: a) reconciliação com Deus: em meio a um mundo secularizado, retomar a alegria da intimidade com o Deus do amor, acolhida, cuidado e proximidade, por meio de um discernimento dos seus sinais e apelos que Ele nos oferece a todo momento; b) reconciliação da humanidade: ouvir o chamado de Cristo que nos “convoca de novo a realizar um apostolado de justiça e paz, servindo os pobres e excluídos e ajudando a construir a paz” (COMPANHIA DE JESUS, 2017, p. 47) e; c) reconciliação com a criação: inspirados na Encíclica *Laudato Si*, de Papa Francisco, percebe-se cada vez mais que não há duas crises separadas, uma social e uma ambiental, mas uma crise socioambiental, de modo que as mazelas de todo o planeta estão interconectadas e ações locais e globais devem ser realizadas para evitar a degradação dos ecossistemas e da própria vida, pois “o cuidado com o meio ambiente afeta a qualidade das nossas relações com Deus, com os outros seres humanos e com a própria Criação. Toca o núcleo da nossa fé e do nosso amor a Deus ‘do qual procedemos e para o qual caminhamos’” (COMPANHIA DE JESUS, 2008, p. 122).

Dessa maneira, de uma forma mais ampla, “Reconciliar”, na espiritualidade inaciana, é um meio pelo qual a Fé e a Justiça podem acontecer e assim o Reino de Paz entre as pessoas e a criação possa de fato se concretizar. A espiritualidade Inaciana nada mais é do que um dos caminhos pelo qual isso vai se materializando. Caminho esse que nasce da Experiência pessoal com Deus, que a chama a segui-Lo na pessoa de Jesus Cristo, para assumir a Missão d’Ele de fazer a Redenção da Humanidade, ou seja, lutar pela dignidade e vida plena de todos, fazendo sempre um discernimento dos meios oferecidos pela realidade, a fim de usá-los o tanto quanto ajudam nesse objetivo de construção de um mundo mais justo já aqui e agora.

2.4 O Apostolado Educacional

Em quase 500 anos, a Companhia de Jesus e as diversas pessoas ou mesmo outras Congregações Religiosas que se identificam com a espiritualidade inaciana buscaram das mais diversas maneiras responder às perguntas que Inácio se faz depois de perceber o amor de Deus para com a sua Criação “Que fiz, que faço e que farei por ti Senhor?” (EE, 53). Muitas frentes pastorais e apostolados foram criados e organizados no decorrer dos anos envolvendo milhares de pessoas e centenas de obras em todos os rincões do mundo.

A maneira pelo qual a Companhia de Jesus, formada por jesuítas e colaboradores, realiza a sua missão de Reconciliação é por meio das frentes ou ministérios apostólicos que cada Província dos Jesuítas⁴² espalhadas por todo o mundo realiza dentro de sua jurisdição. Nas Normas Complementares⁴³ são enunciados alguns deles a saber: serviço missionário; diálogo inter-religioso; ecumenismo; instituições e obras pastorais; apostolado da educação; apostolado intelectual; apostolado social; comunicação social etc.

No que tange especificamente ao Apostolado Educacional, foco de nosso estudo, podemos dizer que, ainda que na Fórmula do Instituto, tal como vimos acima, esteja prevista a “Instrução cristã das crianças e do povo rude”, a criação de colégios para alunos que não fossem futuros jesuítas não estava no horizonte de atuação da Companhia nascente e de Santo Inácio que “queria que os jesuítas estivessem livres para se moverem de um lugar para outro, onde a necessidade fosse maior. Ele acreditava que as instituições os prenderiam e impediriam a sua mobilidade” (KLEIN, 2015, p. 100). Por isso que, durante a redação das Constituições, Pe. Polanco, secretário de Inácio, pergunta ao Peregrino se deveriam ter escolas e acolher meninos para a instrução cristã e nas letras, o então primeiro Geral da Companhia responde “Parece-me que não, a não ser que delas se esperem frutos espirituais e que tudo se faça gratuitamente” (THOMAS, 1990, p.6).

⁴² A Companhia de Jesus estende-se por todo o mundo, organizada em Províncias e Regiões. A Cúria Geral encontra-se em Roma. A organização em Províncias geralmente é dada com base no número de jesuítas e obras em um determinado território; uma Província pode ser formada somente por uma parte do território de um país, ou pode coincidir justamente com as suas fronteiras; mas também pode ser formada por vários países. Além disso existem, recentemente, as Plataformas Apostólicas Locais (PAL), que agrupam comunidades e obras de determinado território (infra ou interprovinciais) visando um melhor desenvolvimento da missão universal. As Conferências de Provinciais, como a CPAL, são outra instância de governo que reúne os superiores provinciais de uma mesma área global com o objetivo de promover o trabalho em rede das diferentes Províncias. Elas são seis, no total: Europa, Ásia Pacífico, África, Ásia Meridional, América do Norte e América Latina e Caribe. (Cf. CONFERÊNCIA DE PROVINCIAIS DA AMERICA LATINA E CARIBE – CPAL. Jesuítas no Mundo. Disponível em: <https://jesuistas.lat/pt/somos/os-jesuistas-pt>. Acesso em: 25.fev.2020).

⁴³ As Normas Complementares foram publicadas em 1995 e suas orientações, “ tiradas em sua maior parte dos Decretos das Congregações Gerais, pretendem recolher os principais frutos da presente renovação como expressão atual da genuína imagem da Companhia e como subsídio necessário para a aplicação das próprias Constituições, segundo suas exigências mais profundas” (Cf. Const. p. 234).

Tal como o tempo vai mostrar, essa intuição primeira de não ter colégios não se confirmou na Companhia de Jesus. Alguns especialistas na história da Ordem afirmam que essa mudança ocorreu porque vendo a boa qualidade de ensino que os jovens que eram preparados para ser jesuítas tinham naqueles “colégios” da Companhia, os pais e grandes burgueses daquela Europa que começava a se abrir para a modernidade, também queriam que seus filhos tivessem a mesma qualidade de ensino que os futuros jesuítas, que, desde o começo da Ordem, já se distinguiam pela erudição e boa formação. Ademais, também podemos ver uma abertura da Companhia para a educação quando jesuítas, ainda no governo geral de Inácio, tiveram que se instalar em colégios para ajudar na formação dos demais religiosos da Ordem ou mesmo foram convidados a serem professores de institutos educacionais, como foi o caso de Francisco de Borja (que seria o terceiro Prepósito Geral da Companhia) que, antes de entrar para a Ordem, conseguiu que os padres jesuítas lecionassem na Universidade de Gandia, que ele havia fundado (THOMAS, 1990, p. 7).

Dessa maneira, podemos dizer que, oficialmente, o “primeiro colégio da Companhia, no sentido de uma instituição voltada principalmente para leigos, foi fundado em Messina, na Sicília” (KLEIN, 2015, p.100) em 1548, influenciando toda a missão daquela Companhia de Jesus nascente que, enfim, assumira a educação como uma das formas de apostolado. Assim, o próprio Inácio pessoalmente aprovou a criação de 40 colégios em diversos lugares. No espaço de quarenta anos após a sua morte, a quantidade de instituições de Ensino alcançou o número de 245, de modo que milhares de jesuítas já se dedicavam a esse apostolado que passou a ser característico na missão da Companhia de Jesus.

Tendo o *Magis* por princípio e fundamento da constante busca de qualidade nos apostolados desenvolvidos, a Companhia de Jesus no decorrer dos anos foi se organizando e moldando a estrutura pedagógica que se utilizaria em suas Instituições Educacionais. Assim, aquele grupo que se iniciou a partir da amizade de estudantes da Universidade de Paris, seguiram o caminho da educação de modo que tal iniciativa se tornou tão importante para Ordem que houve a necessidade de um documento que pudesse organizar todo o arcabouço educativo jesuítico. Assim, em 8 de janeiro de 1599 foi publicada a chamada *Ratio Studiorum* que, segundo Luiz Fernando Klein (2015, p. 104) foi “um manual para ajudar os professores e dirigentes na marcha diária do colégio. Contém uma série de ‘regras’ ou diretrizes práticas que tratam de assuntos como a direção geral do colégio, a formação e a distribuição dos professores, os programas ou os métodos de ensino”. Dessa maneira, a já intercontinental Companhia de

Jesus na transição do século XVI para o século XVII, conseguia, enfim, a estruturação de um sistema de colégios com base em uma estrutura e fins pedagógicos comuns.

Levando em consideração a presença da Companhia em diversos lugares e a necessidade cada vez maior de uma formação de qualidade para os novos homens e mulheres daquele mundo a ser explorado, o apostolado educacional da Companhia cresceu exponencialmente, ampliando-se, muitas vezes, para o mundo universitário, dado o poder e expertise de diversos colégios que assumiam, também, a tarefa da formação superior. Assim, quando a Companhia de Jesus foi supressa em 1773 “foi praticamente destruída uma rede de 845 instituições educacionais espalhadas por toda a Europa, as Américas, Ásia e África” (KLEIN, 2015, p. 104).

No entanto, o Apostolado Educacional da Companhia se levantou com toda a força, mas de uma maneira diferente, quando essa foi restaurada por Pio VII em 1814. Tendo em vista as mudanças no mundo do fervoroso século XIX, ainda que a *Ratio Studiorum* tenha sido revista, essa não foi definitivamente aprovada, pois se entendeu que as especificidades de cada realidade impossibilitavam uma formação única e padronizada para todos os lugares. Nessa nova fase, todo esse apostolado foi renovado e incentivado, principalmente pelos superiores gerais a partir do Concílio do Vaticano II, já no século XX, que buscaram dar novo impulso e fervor a esse ministério que atualmente envolve mais de um milhão de estudantes e centenas de milhares de professores e colaboradores em todo o mundo.

Nesse novo vigor do Apostolado Educacional da Companhia de Jesus, o Superior Geral dos Jesuítas de 1965 a 1983, Padre Pedro Arrupe, tem um importante papel no sentido de dar diretrizes, mostrar caminhos e inspirar o modelo e o sentido dos colégios, escolas e universidades da Companhia por todo o globo terrestre. Em alocução feita em 1980, Arrupe afirma que o que define um centro educativo e o critério pelo qual ele deve ser julgado é o seu produto, que para ele, são os homens e mulheres que forma. Assim o objetivo de uma instituição de ensino da Companhia é a busca pela excelência que “consiste que nossos alunos, sendo homens de princípios retos e bem assimilados, sejam ao mesmo tempo abertos aos sinais dos tempos, em sintonia com a cultura e problemas do seu meio, e homens a serviço dos outros” (KLEIN, 2015, p. 18). Tendo a educação como missão, que, por sua vez, nasce da experiência do chamado de Cristo que salva e chama os salvos a salvarem as outras pessoas, a lutarem pela vida e dignidade dos demais, a educação na Companhia, tem o objetivo, portanto, de formar pessoas que busquem a construção de um mundo melhor.

Todavia Pe. Arrupe tinha a consciência de que, muitas vezes, as instituições educacionais da Companhia sofrem diversas pressões, sejam governamentais para adequar os

seus currículos às orientações de cada Estado e Governo, seja, também, pelo mercado que exige que os colégios e universidades formem profissionais que possam atender as demandas do sistema, principalmente o capitalista, a fim de preservar a manutenção da lógica de produção e consumo. Segundo ele, (KLEIN, 2015, p.18), “é erro sacrificar a excelência acadêmica, tanto no nível universitário como no médio, em benefício de outros aspectos, embora e talvez prioritários em outros tipos de instituições, ou com vistas a conseguir ampliação numérica dos alunos para preencher vagas”. Dessa maneira, ainda que existam tais influências, o centro educacional jesuíta deve ter em mente que não é uma ferramenta do mercado ou de ações ideológicas egoístas, mas é parte de uma missão confiada por Deus e partilhada entre Companhia de Jesus e toda a sociedade.

Ora, para conseguir tamanha missão de transformar homens e mulheres em pessoas para e com os demais, há de se construir toda a formação em uma estrutura que possa oferecer aos alunos um conhecimento real da realidade, mas também proporcionar a estes a possibilidade de refletirem sobre os problemas que afligem a humanidade tanto em nível global e local e buscar soluções para que esses sejam amenizados e preferencialmente resolvidos. Arrupe aponta que deve-se buscar “um enfoque diverso, ao menos enquanto dá prioridade a valores humanos de serviço e de antiegoísmo. Isso tem de influir em nossos métodos pedagógicos, nos conteúdos formativos, nas atividades para-escolares. (KLEIN, 2015, p. 21). Dessa maneira, o objetivo da Educação na Companhia, segundo Arrupe, versa para a formação de: a) pessoas⁴⁴ que estejam a serviço segundo o Evangelho, sendo “para com os demais”; b) pessoas Novas e renovadas a partir da experiência dos valores cristãos; c) pessoas abertas ao seu tempo e ao futuro e; c) pessoas equilibradas, capazes de discernimento, abertura, sensibilidade e ação. Pois tal como disse esse Superior da Companhia (KLEIN, 2015, p. 21):

Não é o ideal de nossos colégios produzir esses pequenos monstros acadêmicos, desumanizados e introvertidos; nem mesmo o devoto crente alérgico ao mundo em que vive e incapaz de vibração. O nosso ideal aproxima-se mais ao insuperado homem grego, na sua versão cristã, equilibrado, sereno e constante, aberto a tudo aquilo que é humano. A tecnologia ameaça desumanizar o homem: é missão de nosso centro educativo salvaguardar o humanismo, sem renunciar, por isso, a servir-se da tecnologia.

Doravante a Educação jesuíta e, principalmente a Educação superior Jesuíta, tem uma missão muito específica que nos confirma Pedro Arrupe, em agosto de 1972, a “nossa meta e

⁴⁴ Os textos originais, dada a sua época (anos 80) foram escritos em uma linguagem não inclusiva fazendo sempre alusão ao termo “homem”. Desta maneira, salvo em citações diretas, o termo “homem” com o significativo de “humanidade” será sempre substituído pelo termo “pessoa” ou pela expressão “homens e mulheres” a fim de englobar seres humanos de qualquer gênero.

objetivo educativo é formar homens que não vivam para si mesmos (...) mas homens para os outros, isto é, homens que não concebiam o amor a Deus sem o amor ao homem; um amor eficaz que tem com primeiro postulado a justiça, que é a única garantia de que nosso amor a Deus não é uma farsa” (ARRUPE, 1981, p. 33). Enfim, formar pessoas excelentes intelectualmente que com os olhos abertos para a realidade possam influenciar positivamente nela, construindo, assim uma sociedade em que as pessoas vivam com plenitude e dignidade.

O sucessor de Arrupe, Pe. Peter Hans Kolvenbach, SJ, também dedicou muito de seu governo (1983 – 2008) para ratificar as palavras de seu antecessor e animar a missão do Apostolado Educacional na Companhia de Jesus que, para ele, deve “insistir na posição central da pessoa” (KOLVENBACK, 1991, p. 8), pois olhando a pessoa em sua situação concreta e ajudando a desenvolver as suas potencialidades, pautados pelos valores evangélicos, é possível formar homens e mulheres dispostos a “em tudo amar e Servir” tal como afirma a máxima de Inácio. Dessa forma, o então Superior da Companhia em homilia no IV Congresso da União Mundial de antigos alunos, ressalta que:

A Companhia de Jesus sempre procurou imbuir seus estudantes de valores que transcendem o intuito de conseguir dinheiro, fama e êxito. Queremos formar diplomados que sejam líderes, preocupados com a sociedade e o mundo em que vivem, desejosos de eliminar do mundo a fome e o conflito, sensíveis à necessidade de uma distribuição mais equitativa dos dons da prodigalidade divina, ansiosos por suprimir toda a discriminação sexual e social, e por compartilhar com os demais a sua fé e amor a Cristo; em suma queremos que nossos diplomados sejam líderes no serviço. Este foi o objetivo da educação jesuítica desde o Século XVI. Este, o seu atual objetivo. (KOLVENBACK, 1991, p.8)

De tal modo, concordamos com Kolvenbach (1991, p. 20) quando esse diz que o fim da educação jesuíta “nunca foi amearhar informações ou preparar-se para um emprego, muito embora ambas as coisas sejam importantes em si mesmas e úteis para futuros líderes cristãos. O fim último da educação jesuíta é sobretudo o desenvolvimento completo da pessoa que conduza a ação”. A meta portanto é formar líderes, líderes no serviço, líderes no senso crítico, líderes na busca de soluções para as mazelas da humanidade e de todo o planeta, formar, portanto, homens e mulheres “competentes e conscientes, que estivessem suficientemente libertados dos ídolos do egoísmo e das neuroses, para saírem de si mesmos e se abalançarem ao serviço dos outros” (KOLVENBACH, 1991, p.22).

Nesse sentido, Kolvenbach, tal como Arrupe, buscou ajudar a Companhia a não perder o seu foco no que diz respeito ao Apostolado Educacional, seja nos colégios ou nas

universidades, pois ele sabe que muitas vezes a Educação é um instrumento de opressão ou confirmação de um *Status Quo* injusto e opressor pois

A ideologia dominante hoje em dia reduz o mundo humano a uma selva global cuja lei primordial é a sobrevivência do mais capaz. Alunos que subscrevam esta visão desejarão ser equipados com treinos profissionais e técnicos bem reciclados para que possam competir no mercado e assegurar um dos raros postos de trabalho que garantem realização pessoal e renda. Este é o êxito que muitos estudantes (e pais!) esperam da escola. Todas as universidades americanas, incluindo as nossas, estão sob tremenda pressão para optar pelo sucesso nesse sentido. O que nossos alunos precisam e merecem inclui esse “sucesso mundano” baseado nas habilidades do mercado, mas vai além disso. O critério real de nossas universidades jesuíticas consiste no que nossos alunos se tornam. Por quatrocentos e cinquenta anos, a educação da Companhia procurou formar ‘a pessoa toda’, intelectual, profissional, psicológica, moral e espiritual. (KOLVENBACK, 2001, p.24)

Dessa maneira, o Apostolado Educacional da Companhia, principalmente no que tange a Educação Superior, pode ser resumido em quatro grandes objetivos aos quais foram estruturados pelo jesuíta espanhol Diego de Ledesma, ainda no século XVI e que tem sido atualizado pelas várias universidades da Companhia de acordo com a sua situação concreta, mas sem perder tais intuições do passado. Assim, tanto para Ledesma, resumido por Kolvenbach (2001, pgs.37 - 40), quanto para os dias de hoje, a universidade jesuíta deve: a) facilitar aos estudantes os meios de que necessitam para conduzir a sua vida através de uma excelência acadêmica que os ajudem a sobressair em qualquer campo que escolham; b) formar pessoas que atuem de maneira ética na sociedade “educando homens e mulheres para que cheguem a ser bons cidadãos e bons dirigentes, preocupados com o bem comum” (ibid); c) enaltecer a natureza racional do ser humano afirmando a sua confiança na razão e na sua possibilidade como complemento da fé e; d) focar o seu trabalho na perspectiva cristã da pessoa humana como criatura de Deus que busca o seu fim, aproximando de seu criador e lutando por um mundo mais justo e solidário.

A partir dessas diretrizes, a Companhia de Jesus sempre buscou se organizar para que tais princípios fossem colocados em prática, servindo como um mapa orientador para os projetos educacionais e pedagógicos em todas o apostolado educacional. Por isso que, desde os anos de oitenta, alguns grupos de trabalho e mesmo um conselho foi estabelecido pelo governo geral da Ordem a fim de elaborar um documento que pudesse definir as características da educação jesuíta. De todo modo, salientamos que, em carta enviada a todos os provinciais da época, Kolvenbach afirma que esse documento embora elaborado visando principalmente o ensino secundário, possui

muitas coisas aplicáveis a todos os níveis da educação jesuíta, na medida em que seus princípios têm aplicação em todo tipo de apostolado. Os que trabalham em instituições jesuítas de outro nível, especialmente universidades e escolas superiores, teriam de fazer as adaptações necessárias ou elaborar, com base nesse documento, outro documento mais adaptado à sua situação” (KLEIN, 2015, p.39).

Dessa maneira, com o objetivo de refletir sobre a educação superior e os impactos que essas têm na formação integral dos alunos universitários, nessa que pretendemos fazer no próximo capítulo, nos debruçaremos por ora, ainda que de uma maneira mais sumarizada, verificar quais são os elementos-chave da educação jesuíta nos dias atuais. Vejamos, então, os principais pontos, aos quais dividimos em cinco blocos, excluídos os itens dos documentos que são direcionados estritamente a questões referentes aos colégios de educação básica e que não nos interessaria, tendo em vista o objeto de nosso estudo que está relacionado à educação superior:

- a) “A educação da Companhia afirma a realidade do mundo; ajuda a formação total de cada pessoa dentro da comunidade humana; inclui uma dimensão religiosa que permeia toda a educação; é um instrumento apostólico e promove o diálogo entre a fé e a cultura” (KLEIN, 2015, p.51). Trata-se de uma inserção no mundo real e concreto mas não com os olhos do mercado, da sociedade de consumo e produção, mas com um olhar contemplativo em que o Sagrado está presente em toda a criação, que continua a ser realizada a todo momento pelas mãos de cada homem e mulher, que luta pela vida e por todos os ecossistemas do mundo. Assim a educação se torna missão, é um instrumento apostólico em que fé, amor pela criação e cultura, comunicação, informação e sabedoria estão alinhadas para o bem comum.
- b) “A educação da Companhia insiste no cuidado e interesse individual com cada pessoa. Enfatiza a atividade por parte do aluno. Estimula a abertura ao crescimento permanente” (KLEIN, 2015, p. 57). Com o objetivo de formar homens e mulheres para e com os demais, tal como vimos acima, essa educação busca fomentar o desenvolvimento de cada pessoa para que essa possa lidar com os complexos desafios do mundo contemporâneo. Nesse sentido, não basta somente uma formação para decorar ou memorizar conteúdos, mas um processo educativo que vise as capacidades e potencialidades de cada pessoa em sua identidade e concretude específica, fomentando, assim, o espírito da busca pelo mais, pelo bem maior, cujo processo se dá pela vida inteira, em uma eterna peregrinação em busca de crescimento e desenvolvimento.

- c) “A educação da Companhia está orientada para valores; incentiva o conhecimento, amor e aceitação realista de si mesmo; proporciona um conhecimento realista do mundo em que vivemos” (ibid, p. 60). Se a pessoa é formada em valores, é capaz de fazer um bom discernimento e tomar decisões que visem o bem maior e não somente a busca por dinheiro, poder e status tal como muitas formações voltadas para a técnica e o mercado o fazem. Os valores que embasam a formação jesuíta, são os valores cristãos, humanísticos que, com o uso e apoio do conhecimento e das tecnologias, criam um mundo mais fraterno e solidário. Nesse sentido, não é atuar e agir dentro de uma redoma ou de um mundo construído a partir de realidades disfarçadas e maquiadas. Dessa maneira, é necessário conhecer a realidade tal como ela é, com seus desafios e potencialidades, além de conhecer a si mesmo, para poder, então, agir de forma assertiva e pautada no bem comum.
- d) “A educação da Companhia é uma preparação para um compromisso na vida ativa; serve à fé que promove a justiça; pretende formar ‘homens e mulheres para os outros’; manifesta uma preocupação especial pelos pobres” (ibid, p. 66). Coerente com a missão da Companhia e com aquilo que os Prepósitos Gerais da Ordem têm ressaltado, a educação jesuíta existe para formar pessoas que se insiram no mundo a partir da realidade de tantas pessoas que vivem à margem da sociedade. Tal como vimos acima, no mundo capitalista ocidental há uma fábrica de lixo humano, de pessoas que sobram nos processos de produção e consumo e que têm a dignidade de suas vidas e até mesmo a sua própria existência tiradas em decorrência do egoísmo humano e dos enganos causados pelo sistema. Cabe, então, às Instituições de Ensino Jesuítas formar bons profissionais, mas técnicos e especialistas que utilizem os seus conhecimentos para defender aqueles que não tiveram as mesmas oportunidades de educação e de construir-se enquanto pessoa de direitos.
- e) “A educação da Companhia propõe Cristo como modelo de vida humana; É um instrumento apostólico, a serviço da Igreja, servindo a sociedade humana” (Ibid., p. 62;72). O modelo que inspira o homem e mulher formados pela educação jesuíta é a pessoa histórica de Jesus Cristo, que enfrentou os preconceitos e perseguições para que o Reino de Amor e Justiça acontecesse, entregado, com amor, tudo o que tinha, inclusive a sua vida em prol dos demais. Nesse sentido, a educação realizada pela Ordem dos Jesuítas está inserida dentro de uma instituição religiosa, que não busca fazer proselitismo ou impor a sua fé a seus alunos, principalmente no contexto universitário,

mas está associada a uma grande família religiosa que tem como único, objetivo servir a sociedade humana seja no nível material, como no nível espiritual sem distinções étnicas, de classe, de orientação sexual ou religiosa.

A partir dessas orientações, acredita-se que tais características possam ser desenvolvidas em todas as instituições de ensino que tenham a espiritualidade inaciana como base, pois buscase formar pessoas que, com o seu conhecimento e visão de mundo, renovadas por uma experiência humana e espiritual, possam, de fato, contribuir para um desenvolvimento global mais sustentável e responsável. Obviamente, diante dos desafios do mundo contemporâneo, da sociedade do consumo, do espetáculo, do prazer, da liquidez, cada vez mais tal desafio se torna maior, contudo, o horizonte de trabalho e missão deve permanecer firme, a fim de que os princípios e fundamentos sejam os mesmos, apesar das contradições e contextos em que estão inseridos.

Para que tais objetivos e características sejam uma realidade, de fato, todas as universidades jesuíticas individualmente e, também em rede, buscam encontrar soluções e ações junto ao seu corpo docente e discente e colaboradores. No âmbito da América Latina, especificamente, foi criada em 1985 a AUSJAL – Associação de Universidades confiadas à Companhia de Jesus na América Latina, composta por 30 universidades de 14 países, que “promueven la colaboracion y solidariedade entre sus miembros, y contribuye a su misión, identidad, desarrollo institucional y compromiso social” (AUSJAL, 2020).

Em 2019 foi publicado o Plano Estratégico da Organização com previsão de encerramento em 2025, que, a partir de valores como “formação integral e inclusiva, com qualidade acadêmica e humana; a promoção da fé e da luta por justiça que a mesma fé exige, entendida como tripla reconciliação: com Deus, entre os homens e com a natureza; a cultura da generosidade, solidariedade e respeito à diversidade” (AUSJAL, 2019), tem como prioridades estratégicas: a) o fortalecimento da identidade, missão e liderança inaciana das universidades, à luz do seu trabalho para a reconciliação, transformação social e ecologia integral; b) a promoção de um modelo universitário inovador, a partir de uma visão sustentada na experiência de aprendizagem do estudante, a partir do uso crítico e humanizante da tecnologia; c) desenvolvimento de ações para que as universidades, a partir das suas funções substantivas e em colaboração com outras instituições, fortaleçam sua contribuição e incidência nos processos de transformação social de suas sociedades; d) fortalecimento, em rede, da internacionalização

das universidades da AUSJAL e da colaboração com outras redes jesuítas, no contexto regional e global.

Em nível mundial, há também a International Association of Jesuit Universities – IAJU, constituída em 2018, que congrega as diversas associações regionais e cerca de 200 universidades e centros de Educação Superior em todo o mundo. Uma rede que, segundo as palavras do Padre Arturo Sosa, Geral da Companhia de Jesus desde 2017, foi criada para fomentar o compromisso dessas instituições de “ser agentes de transformación social sobre nuevas dimensiones y sea un compromiso de transformación global. Porque no queremos ser sólo transformadores de las realidades más cercanas, sino ir más allá y transformar el mundo. Y, para ello, es necesario trabajar en red” (SOSA, 2019, p. 4). Nesse sentido, toda a ação da Companhia de Jesus na universidade, pode, portanto, ser resumida em uma missão de reconciliação, que tal como afirma Sosa, no Encontro Mundial de Universidades encomendadas à Companhia de Jesus, realizada em Loyola, em 2018,

A través del compromiso universitario, la Compañía está comprometida a contribuir a hacer verdad histórica la palabra de Jesús: ...he venido para que tengan vida y la tengan en plenitud (Jn 10,10). La reconciliación es posible cuando hay vida. La vida produce la reconciliación que a su vez la hace vida plena. Reconciliarse es una forma de volver a la vida y de hacerla crecer hacia su plenitud. La plenitud de la vida es el amor capaz de entregar la propia vida para que todos tengan vida. El creciente compromiso de la Compañía de Jesús en el quehacer universitario adquiere su sentido en el deseo de contribuir efectivamente a hacer posible una vida digna, plena, para todos y cada uno de los seres humanos, en el presente y en el futuro

Desta forma, o atual superior da Companhia, mais uma vez reforça o chamado de seus predecessores, e destaca a importância de prover espaços de reconciliação, de modo que todos possam viver em plenitude que, para ele “significa zambullirse en la variedad de pieles y culturas que forman la humanidad. Supone zambullirse en la complejidad de los procesos históricos y sociales en marcha en este momento de la historia” e, assim, reforça que “La Universidad fomenta procesos de creación de conocimiento y acompaña procesos de formación humana en los que, junto a los conocimientos, trasmite el sentido de la vida reconciliada y en paz (SOSA, p.4, 2018).

Portanto, sendo fiel a seus princípios e tendo claro o caminho a seguir é que “La Compañía de Jesús ha encontrado en la Universidad un espacio formidable para poner en práctica la misión recibida de, inspirada en el evangelio, promover con tesón la justicia social y la sustentabilidad ecológica a través del diálogo con las culturas y las religiones” (SOSA, p.4, 2018). Assim, em rede e em colaboração com milhares de professores, funcionários e alunos,

buscará assumir a missão dada por Cristo a Inácio e seus companheiros para “em tudo amar e servir”.

Todos esses princípios e orientações para a educação jesuítica no sentido de formar pessoas que possam, junto com os demais, incidir no mundo em que estão inseridos, é corroborado pela Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*, quando essa destaca a importância de uma incidência dos jovens em seus contextos buscando a construção de um mundo melhor. Nesse sentido, essa Encíclica afirma o seguinte:

Graças a Deus, hoje, os grupos de jovens nas paróquias, escolas, movimentos ou grupos universitários costumam ir fazer companhia a idosos e enfermos, visitar bairros pobres, ou sair juntos para ajudar os mendigos nas chamadas «noites da caridade». Com frequência, reconhecem que, em tais atividades, o que recebem é mais do que aquilo que dão, porque se aprende e amadurece muito quando se tem a coragem de entrar em contacto com o sofrimento dos outros. Além disso, nos pobres, há uma sabedoria escondida, e eles, com palavras simples, podem ajudar-nos a descobrir valores que não vemos. (FRANCISCO, 2019, §171)

Dessa maneira, a Igreja como um todo reconhece a importância de práticas formativas e de projetos educacionais que tenham ações práticas e solidárias em seus planejamentos e ações. Ademais, a Encíclica incentiva para que tais iniciativas sejam cada vez mais duradouras e se tornem rotina no cotidiano educacional, não sendo realizadas somente de forma esporádica mas “mas de forma estável, com objetivos claros e uma boa organização que ajude a realizar uma atividade mais continuada e eficiente” (FRANCISCO, 2019, §171).

Além disso confirmando as palavras dos Padres Gerais da Companhia e dos documentos sobre a educação jesuíta, esse documento de 2019 incita para que “Os universitários podem unir-se de forma interdisciplinar para aplicar os seus conhecimentos na resolução de problemas sociais e, nesta tarefa, podem trabalhar lado a lado com jovens doutras Igrejas e doutras religiões” (FRANCISCO, 2019, §171), reforçando assim a importância da incidência prática e real dos alunos universitários e o trabalho em rede e inter-religioso, para assim formar uma grande corrente do bem em que a aprendizagem se dá na prática e a prática pode, de fato, transformar a realidade.

2.5 Críticas ao modo de proceder e à educação jesuítica

No decorrer da narrativa acima, principalmente na sua vertente histórica, podemos observar o quão Inácio e os chamados primeiros companheiros foram alvo de diversas críticas e até perseguições pelo seu modo de apostolado e proceder. No que diz respeito à educação

jesuíta, essa teve a sua “fase de ouro” a partir do séc. XVI, com o reconhecimento da cúria romana e o apoio das principais monarquias católicas europeias como Portugal, Espanha e França. Nesse sentido, Emile Durkheim, defensor do ensino laico, ao se referir à educação inaciana desse período destacou que “se o ensino dos Jesuítas era procurado a esse ponto, é evidentemente porque era apreciado, era considerado preferível a qualquer outro, respondia aos gostos e necessidades da época” (DURKHEIM, 1995, p. 222-223).

Isso reflete que a educação propugnada pelos jesuítas buscava atender às necessidades e aspirações da burguesia moderna e ao mesmo tempo articular os anseios de uma Igreja Católica Romana alvo das ideias iluministas, republicanas e reformistas que desencadearam durante os séculos da era moderna. Contudo tais pressões das “mudanças dos tempos”, que traziam ventos que sopravam mais fortes em prol de reformas sociais, defesa das liberdades individuais e questionamento dos papéis das instituições, fizeram com que os símbolos do poderio cristão romano fossem cada vez mais atacados e conseqüentemente os jesuítas, que depois de encarnar a

razão histórico-educacional da sociedade católica por mais de dois séculos, passaram a ser veementemente criticados pela decadência dos estudos das letras humanas em todas as nações em que atuaram, sendo este um dos motivos que justificaram a extinção da Ordem pelas monarquias católicas europeias nas décadas de 1750 e 1760, decisão confirmada posteriormente pelo Papa Clemente XIV em 1773 (GALTER, 2011, p. 200).

Nesse arcabouço de críticas, destacam-se as posições daqueles que se tornariam os grandes nomes da sabedoria ocidental, tal como Voltaire, que condenou as universidades francesas presas ao que ele chamava de “filosofia da escola”, termo utilizado para designar os intelectuais geralmente vinculado a Igreja e associados ao pensamento escolástico medieval, dos quais se destacavam os jesuítas. Voltaire, em suas *Cartas Filosóficas* afirmava essas universidades (se referindo às Instituições jesuítas e/ou católicas) como aquelas “[...] com seu ‘horror do vazio’, com suas ‘formas substanciais’ e com todas as palavras impertinentes que não apenas a ignorância tornava respeitáveis, mas que uma mistura ridícula com a religião havia tornado quase sagradas” (VOLTAIRE, 2001, p.54).

Dentro desse arcabouço, é imprescindível mencionar, ainda que não poderemos aprofundar, dado ao escopo de nosso estudo, aquilo que ficou conhecido como as Reformas Pombalinas⁴⁵. Por meio Alvará Régio de 28 de junho de 1759, Marquês de Pombal, suprimiu

⁴⁵ Para melhor compreender as origens desse movimento segue citação de artigo *Marques de Pombal e a reforma educacional brasileira* “ Segundo Maxwel, Pombal não agia por intenção, mas pelas opções determinadas pela posição de Portugal no sistema de Estado mercantilista do século XVIII. No caso da expulsão dos jesuítas, o que pretendia era a supressão do domínio dos religiosos sobre a fronteira, acordada no tratado de

as escolas e universidades da Companhia de Jesus de Portugal e suas colônias, criando, então, as chamadas aulas régias ou avulsas de Latim, Grego, Filosofia e Retórica, que suprimiram a estrutura educacional oferecidas até então pelos jesuítas. Para MACIEL et. NETO (2006, p.469) “Na administração de Pombal, há uma tentativa de atribuir à Companhia de Jesus todos os males da Educação na metrópole e na colônia, motivo pelo qual os jesuítas são responsabilizados pela decadência cultural e educacional imperante na sociedade portuguesa”, no entanto, vale ressaltar a citação de Carvalho (1978, p. 32) que diz

[...] o tão celebrado ódio do Marquês de Pombal à Companhia de Jesus não decorreu dos prejuízos opiniáticos de uma posição sistemática previamente traçada. Fatores vários e complexos, de ordem social, política e ideológica, influíram decisivamente na evolução de uma questão que ainda hoje apaixona e obnubila a visão dos espíritos mais esclarecidos. Na brevidade desta forma de ideal político nacional – a conservação da união cristã e da sociedade civil – se condensa toda uma filosofia com objetivos claramente definidos, responsável, aliás, de certa forma, tanto pelas virtudes quanto pelos vícios do despotismo imperante.

O fato é que todo esse movimento de “caça aos jesuítas” deve ser visto dentro do contexto cultural, ideológico e filosófico daquela época. Parte do movimento de ojeriza política à Companhia de Jesus, de suas práticas e daquilo que ela, então, representava se deu em um contexto de mudanças de paradigmas pautados pelos valores iluministas impulsionados pela revolução francesa, somados ao mercantilismo e liberalismo crescentes que desencadearia e reforçaria a revolução industrial e o advento daquilo que se constituiria o capitalismo moderno.

Toda essa mudança de paradigma é muito bem elaborada e apresentada na obra *As paixões e os interesses* de Alfred Otto Hirschman. Nessa publicação, o pensador judeu alemão reflete sobre a passagem e a transição de uma sociedade estamental, ainda pautada pelos valores medievais e pela moral cristã no qual condenava a usura, para uma sociedade cujas relações sociais passou a valorizar os valores mercantis, de busca de lucro e de acúmulo de capital. Nesse sentido, retomando Francis Bacon e Baruch Spinoza, esse autor afirma que o interesse crescente pela riqueza no início do capitalismo moderno, em decorrência de uma menor repressão da

Madri, onde estavam situadas as sete missões jesuíticas. Seu objetivo era que os índios fossem libertados da tutela religiosa e se miscigenassem para assegurar um crescimento populacional que permitiria o controle do interior, nas fronteiras. Na verdade, não acreditava em uma emigração europeia que pudesse cumprir com essa tarefa, era mais fácil europeizar, digamos assim, a população local. Para ele, o afastamento dos jesuítas dessa região significava tão somente, assegurar o futuro da América Portuguesa através do povoamento estratégico. O interesse de Estado acabou entrando em choque com a política protecionista dos jesuítas para com os índios e melindrando as relações com Pombal, tendo este fato entrado para a história como “uma grande rivalidade entre as ideias iluministas de Pombal e a educação de base religiosa jesuítica”. (SECO, Ana Paula. AMARAL, Tania Conceição. *Marques de Pombal e a reforma educacional brasileira*. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo_pombalino_intro.html. Acesso em: 24.jun.2020).

Igreja e dos valores morais medievais, era visto como uma forma de diminuir os efeitos potencialmente mais destrutivos das demais paixões humanas.

Enfatizando o pensamento de Nicolau Maquiavel que apresenta uma leitura realista do ser humano ao publicar afirmações ao qual diz “todos os homens são maus, estando dispostos a agir com perversidade sempre que haja ocasião” (MAQUIAVEL, 1982, p. 29) ou mesmo nas diversas narrativas do clássico “O Príncipe”, em que o pensador italiano, dando exemplos na história da condição humana, narra de forma impiedosa os erros e acertos dos homens na sua constante guerra para lidar com a imprevisibilidade da fortuna e continuar no poder, não perdê-lo ou mesmo conquistá-lo, Hirschman, que também visita pensadores como Montesquieu e James Steuart, mostra o desenvolvimento das ideologias que legitimaram o lucro e o acúmulo de riquezas, dando forma ao sistema atual, que, a partir desse novo paradigma instalado, buscava afirmar a teoria de que diante da impossibilidade de excluir as paixões humanas o capitalismo se apresenta como o melhor caminho para buscar a harmonia e mitigar as possibilidades destrutivas dos homens como a guerra e a busca de poder. Para ele, (2002, p. 95) “uma generalização verdadeiramente magnífica construída sobre a expectativa de que os interesses (...) inibiriam as paixões e as ações ‘más’ induzidas pelas paixões dos poderosos”.

Dessa maneira, os jesuítas e a Companhia de Jesus, pautados pela busca cristã de fazer a redenção da humanidade, por meio da ascese e integração humana, além de serem símbolos da Igreja, ainda marcada pelas imagens morais do medievo, apresentaram nessa mudança de paradigma em prol do capitalismo e do lucro como algo ultrapassado e, muitas vezes, como uma ameaça que deveria ser combatida, tal como foi evidenciado nas revoluções pombalinas e na supressão da Ordem, que durou 41 anos, deixando para trás “24 universidades e 817 colégios e seminários por cujas aulas tinham passado papas, bispos, príncipes e nobres, escritores célebres, cientistas e gentes de todas as classes sociais”. (TERRA, 2014, p. 325)

Em sete de agosto de 1814, por meio da bula *Sollicitudo Omnium Ecclesiarum* promulgada pelo papa Pio VII, a Companhia de Jesus é restaurada e surge das cinzas em um mundo muito diferente daquele que havia deixado e com um status muito distinto do que outrora tivera, pois sem a hegemonia de antes, agora convive com “docenas de otras congregaciones [que] se han dedicado al ministerio de la educación católica, y la educación en términos generales se ha considerado fundamentalmente como una responsabilidad del sector público” (CODINA Et. al, 2001).

Nesse mundo moderno, pautado pelo capitalismo e pelas novas tecnologias que a todo tempo eram descobertas, a Companhia de Jesus, tal como já afirmamos acima, tentou retomar

a construção de uma nova *Ratio Studiorum*, mas diante de um mundo tão distinto e com governos, que agora pautavam os currículos educacionais, tal empresa, que se estendeu por muitos anos, se apresentou impossível, de modo que somente na Congregação Geral XXV (1906) decidiu-se que as províncias apresentassem individualmente “sus propios planes de estudios al P. General para su aprobación; urgía una firme adhesión a los métodos de enseñanza de la Ratio e indicaba la distinción entre las partes del curriculum que eran esenciales y aquellas que eran secundarias. No podía hacerse más” (CODINA Et. al, 2001).

No entanto, ainda que com dificuldades internas e externa, a Companhia de Jesus, aos poucos foi ocupando o seu lugar de destaque no âmbito educacional mundial, de modo que em 1924, já contava com cerca de 234 colégios e universidades em 43 países diferentes. Anos mais tarde, o Concílio do Vaticano II, trouxe novos ares para o catolicismo romano em todo o mundo, mas também algumas crises para um contexto católico até então dominado pelos valores do início da era moderna. Esse *aggiornamento* e inovação da Igreja agravou um processo de diminuição de membros do clero romano, principalmente vinculados às linhas mais tradicionais, o que também afetou a Ordem dos jesuítas. “Desde 1965, un notable descenso de vocaciones y abandonos en masa de la vida religiosa coincidieron con un acentuado aumento en el coste de la educación. Fue el comienzo de una tendencia contraria: los colegios se cerraban o pasaban a otras manos” (CODINA, 2001).

Além de colégios e universidades fechadas, tal movimento, somado a uma necessidade maior de adaptação da educação jesuíta às demandas e realidades dos efervescentes anos 70, 80 e 90, fizeram com que houvesse uma verdadeira transformação nos corpos docentes, administrativos e de gestão, de maneira que se passou a ver menos batinas e cada vez mais profissionais leigos, não religiosos e até mesmo de outras denominações religiosas nos corredores e salas de aulas das Instituições de Ensino jesuítas.

El número de jesuitas dedicados a la educación fue también descendiendo progresivamente, mientras aumentaba el de los profesionales laicos. De cerca de 10.000 jesuitas que trabajaban en educación en los años 60 (la cifra máxima alcanzada, la cual representaba alrededor de un 30% de todos los jesuitas), se pasó en 1998 a 4.561 (el 20,8% del número total de jesuitas). El número de colaboradores no jesuitas, en su inmensa mayoría laicos, fue ascendiendo constantemente hasta alcanzar en 1998 a 73.750; la proporción es de un 5,8% de jesuitas y un 94,2% de laicos, con tendencia a acentuarse la diferencia de porcentaje (CODINA, 2001).

Com um número maior de laicos e uma pressão maior dos governos de que os conteúdos e currículos da educação básica e superior se enquadrassem nas diretrizes e políticas dos diversos países, muitas instituições tiveram que se aliar a governos e muitas vezes a uma classe

média e alta para continuar oferecendo os serviços educacionais. Em muitos casos, tal como aponta (JORGE, 2011), abordando o contexto brasileiro, por exemplo, os colégios jesuítas assumiram, muitas vezes, “um modelo pedagógico que ao promover a identidade social da burguesia, contribui nos processos que se autoalimentam: a ascensão desta classe social e a consolidação deste poder eclesiástico”. Nesse sentido, podemos verificar a narrativa de Dallabrida e Mello (2011), ao retratar o sistema de educação do Colégio Jesuíta Catarinense, na década de 50:

Para retro-alimentar o sistema burguesia-clero, o sistema escolar deveria então preparar seus filhos, ou melhor, os herdeiros para assumirem as altas posições nos setores industriais e governamentais. Dessa forma o padre espiritual e o padre prefeito geral da disciplina incubem-se da missão de educar os alunos para que se transformassem em homens católicos e empreendedores (DALLABRIDA e MELLO, 2010).

No entanto, desde os seus primórdios, as instituições católicas e por conseguinte, jesuítas, sempre ofereceram bolsas de estudo e programas sociais, beneficiando e possibilitando o acesso à educação a muitas pessoas de classes menos favorecidas. Nesse sentido, destaca-se o depoimento de Celestino Sachet (apud JORGE, 2011) que, foi admitido no colégio catarinense na década de 40 como bolsista e se tornou professor desta instituição, que não nega o elitismo dos colégios, mas salienta que “essa “elite” do Colégio Catarinense não saia apenas da elite econômica ou política. Os despossuídos, como no meu caso, contavam com bolsas fornecidas por entidades públicas ou pelo próprio Colégio. Isto significa que não era um colégio inacessível a quem não pertencesse à elite econômica [...]”.

Foi nesse sentido de uma maior abertura das Instituições de Ensino jesuíticas no mundo inteiro, para que essas fosse, de fato, instrumento apostólico para defesa da fé e propagação da justiça, não sem viver nas tensões entre Fé e Política, entre formação de ricos e pobres, que Pedro Arrupe, tal como afirmamos acima, buscou em seu generalato uma renovação da educação jesuíta no sentido de formar pessoas comprometidas com as questões sociais, sendo homens e mulheres para os demais e assumindo a preferência pelos pobres. Assim, foi reforçado na Companhia de Jesus novos ares no sentido de, mesmo em um ambiente muitas vezes elitista, que se buscasse evitar a exclusão. Dessa forma, nas décadas finais do século XX e início do terceiro milênio, Instituições educacionais da Companhia de Jesus buscaram abrir as suas salas e laboratórios para uma maior quantidade de alunos bolsistas, seja em acordos com os governos, seja a partir de recursos cedidos pela própria ordem religiosa.

Ademais, tem se crescido e articulado uma rede de escolas de educação popular gratuita em todo o mundo, do qual se destaca a Fundação Fé e Alegria, que fundada por Jesuítas,

estudantes, leigos e parceiros, trata-se de uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, apoiada pela Companhia de Jesus, que, no mundo, engloba “1,5 milhões de pessoas, em 21 países da América Latina, Europa e África, em cerca de 4.000 centros educativos e sociais, em 3.000 pontos geográficos” (FUNDAÇÃO FÉ E ALEGRIA, 2020).

Além de bolsas de estudos e educação gratuita, um outro exemplo de busca de inclusão ao direito à educação, principalmente a de nível superior, é o Programa *Jesuit Worldwide Learning: Higher Education at the margins*, uma rede de universidades jesuítas e parceiros que tem o objetivo de oferecer educação superior para pessoas e comunidades nas margens da sociedade que sofrem com “poverty, location, lack of opportunity, conflict or forced displacement – so all can contribute their knowledge and voices to the global community of learners and together foster hope to create a more peaceful and humane world” (JWL, 2020).

Assim, um elitismo, excesso de conservadorismo e adesão a sistemas totalitários, ditatoriais e fascistas, muitas vezes, atribuídos à Companhia de Jesus, não pode ser generalizado, tendo em vista, que, existem muitos casos, no Brasil, por exemplo, que universidades e colégios jesuítas formaram resistência a regimes não democráticos. Nesse sentido vale destacar as ações de jesuítas e laicos vinculados à Companhia de Jesus na proteção de perseguidos por tais regimes, tal como narra Frei Betto que perseguido pelo governo relembra em sua obra *Batismo de Sangue* “a fraterna hospitalidade com que, os jesuítas me acolheram por tantos meses” (BETTO, 2006. p.79), jesuítas esses que foram acusados de acobertar o Frei e alguns deles terem sido presos por isso. Esse mesmo comportamento de jesuítas e professores das instituições de Ensino da Companhia de Jesus também pode ser visto em diversas universidades e colégios, sendo que muitas sofreram sérias advertências e até intervenções.

Ainda na América Latina, há o exemplo da experiência de defesa dos mais vulneráveis como aquela realizada pelos “Mártires da Universidade Centro Americana – UCA”, em que os jesuítas Ignacio Ellacuría, Ignacio Martín Baró, Segundo Montes, Amando López, Juan Ramón Moreno e Joaquín López, como também de Elba Ramos e sua filha, Celina, foram assassinados brutalmente na residência dos jesuítas por homens armados, paramilitares do Exército Salvadorenho.

Ainda no arcabouço de críticas, faz-se imprescindível ressaltar um importante pecado que cai sobre a Igreja e, também, sobre a Companhia de Jesus, em relação aos crimes de abuso sexuais dentro das Instituições de Ensino Católicas. Segundo relatório publicado em 2010 pela própria Companhia de Jesus, somente na Alemanha, mais de 120 crimes foram cometidos em

colégios da Ordem somente nas décadas de 70 e 80 (DEUTSCHE VELLE, 2010). Ainda na Europa, casos parecidos se repetiram na Irlanda, Holanda e Itália. Nos Estados Unidos, os jesuítas publicaram uma lista de “50 religiosos com ‘acusações credíveis’ em mais de 200 casos de abuso sexual” (JM, 2019), também existem centenas de denúncias em vários outros estados desse país. Na América Latina, em 2019, o Chile foi palco de diversas denúncias de abuso sexual por sacerdotes católicos dentro de colégios, incluindo jesuítas, levando muitos deles à prisão e um aumento no número de denúncias de pessoas vítimas dessas práticas.

No sentido de combater esses crimes que papa Francisco, também é jesuíta, afirma que “ofendem Nosso Senhor, causam danos físicos, psicológicos e espirituais às vítimas e lesam a comunidade dos fiéis” (FRANCISCO, 2019), a Igreja e a Companhia tem buscado combater e investigar tais práticas que chamam de abuso sexual de menores e vulneráveis. Além de penalidades e orientações para denúncias e punições aos criminosos, têm sido elaborados diversos protocolos de proteção e cuidados às vítimas, tal como a Política de Proteção de Menores de Idade e Pessoas Vulneráveis desenvolvida pelos jesuítas do Brasil junto aos religiosos e colaboradores que atuam nas obras da Ordem nesse país.

Faz-se necessário mencionar uma outra crítica envolvendo a Companhia de Jesus e a sua possível estratégia colonizadora e de imposição da fé cristã desde os tempos das ocupações do “novo mundo”, pois tal como aponta Pompa (2003, p. 8)

A antropologia e a historiografia tradicionais construíram uma imagem da sociedade colonial em que índios e missionários aparecem frequentemente como esferas opostas e irredutíveis. O paradigma da Conquista vê de um lado os evangelizadores, ao serviço da colônia, aldeando, dominando e impondo seus esquemas culturais e religiosos; de outro os índios, absorvendo esses esquemas e, portanto, tendo sua cultura destruída ou, numa outra hipótese de tipo heroico, ‘resistindo’ em volta de sua imutável tradição, procurando permanecer o mais perto possível ao que eram antes da conquista

No entanto, tal como aponta outros pesquisadores e historiadores como STONE (1986) e SEED (1999), uma abordagem dialética das relações estabelecidas no período colonial, aponta, também, para “outro viés que contemple as experiências e as construções estabelecidas entre índios, missionários e autoridades metropolitanas, levando em conta as várias faces das relações coloniais e seus significados” (MAGALHÃES et. PRODANOV, 2010, p. 162). Isso não quer dizer que não houve excessos e erros cometidos não somente pelos jesuítas, mas, também por outros membros do clero católicos, principalmente em um período de tensões fortes entre a Igreja e o Estado, no entanto, o que queremos ressaltar é que tais críticas, ainda que tragam bons e verdadeiros argumentos para sua sustentação, pois é fato que “a legislação indígena e as missões religiosas cumpriram o papel de rearticular estruturas sociais para

incorporar as populações indígenas na ordem colonial” (ALMEIDA, 2003, p.81), não podem ser generalizados, principalmente quando investigados a partir de diferentes perspectivas.

Nesse sentido, Quarleri (apud MAGALHÃES et. PRODANOV, 2010, p. 165) aponta que:

A flexibilidade e as possibilidades existentes no espaço da redução e nas suas áreas adjacentes formaram um cenário de negociações entre índios e missionários, ou mesmo de índios da redução com outros grupos, premissa que desconstrói a imagem tradicional de uma ação jesuítica imutável. Jesuítas e indígenas selecionaram elementos culturais, estabeleceram negociações, barganhas e conflitos no cotidiano, (re) elaborando a ação missionária constantemente frente às realidades encontradas; o mesmo ocorreu por parte dos indígenas das missões.

Nesse sentido, a Companhia de Jesus recente reforçou em seus documentos a premissa do diálogo intercultural e inter-religioso, além de criar diversos grupos de trabalho e estudos espalhados pelas diversas províncias da Ordem, diversos documentos e até decretos da maior autoridade jesuíta, a Congregação Geral, para formentar ações nessa área de apostolado, a ponto dessa ser critério para caracterizar uma obra jesuíta, tal como aponta a CG 35, ao qual afirma que uma obra inaciana pode chamar-se jesuíta [...] quando a sua missão está de acordo com a da Companhia, por um compromisso com uma fé que pratica a justiça, mediante o diálogo inter-religioso e um compromisso criativo com a cultura” (COMPANHIA DE JESUS, 2008, p.213).

Assim, os colégios e universidades trazem como valores o respeito às diversas manifestações religiosas e não-religiosas e mesmo culturais, tal como aponta o Projeto Educativo Comum da Companhia de Jesus na América Latina em que busca “fomentar o diálogo intercultural, ecumênico e inter-religioso; e contribui para a construção de estruturas e relações justas e equitativas na sociedade, para a dignificação de homens e mulheres” (KLEIN, 2015, p.257).

CAPÍTULO 3 - ESPIRITUALIDADE INACIANA, AUTOCONHECIMENTO E PROJETO DE VIDA

“Vivamos nesta curta vida de tal maneira que vivamos para sempre na outra”. (LOYOLA, 2006, p.83)

O percurso que fizemos até agora nos mostra um cenário ao qual, ainda que o ser humano tenha avançado positivamente em diversos aspectos de sua vida, por meio da tecnologia e do conhecimento, não podemos negar os efeitos negativos da globalização e do crescimento desenfreado do modelo capitalista e neoliberal, que assola milhões de pessoas em todo o globo terrestre. Tal como vimos acima, as pessoas, principalmente os jovens, se veem em meio a um contexto em que aquele que não é caçador, se torna a caça. Está sujeito a ser levado para os “campos de concentração” acumulados de pessoas indesejadas por uma sociedade em que, muitas vezes, o único valor que aprecia é a capacidade do ser humano de produzir, consumir e sustentar o sistema vigente.

Nesse ambiente em que não há instituições que possam ser suporte para os desafios, pois se tornaram vagarosas em meio a mudanças tão rápidas, cada um é obrigado a tomar as rédeas de sua própria vida, buscando tomar vantagem ou sobreviver, muitas vezes, às custas de outros, considerados mais frágeis. Poucas coisas são confiáveis e o medo, cada vez mais generalizado, instaura a insegurança que demanda respostas rápidas. Alguns enfrentam a realidade, outros fogem dela, contudo, em ambos os caminhos, o sistema é beneficiado, pois é insumo e resultado de uma sociedade que apresenta fortes traços de egoísmo, materialismo, desigualdade, imediatismo e descarte. Consumir é a saída para enfrentar o terrível dragão da realidade e aparecer é o seu combustível, o fogo cuspidado pela besta gera o medo e é gerado por ele. Surgem, pois, as sociedades líquidas, do consumo e do espetáculo.

Como sobreviver em meio à guerra? Armando-se de todos os recursos que o proteja e o ajude a, também, atacar. Assim, em meio a esse labirinto, forma-se uma grande teia em que, a cada momento, se percebe mais envolvido, pois, para aparecer, precisa consumir; para consumir precisa-se de recursos; para obter recursos, é necessário um trabalho (que proporcione salários cada vez maiores) e para conseguir um bom trabalho ou, ainda, assegurar a disputada empregabilidade, precisa-se estar preparado, ou seja, ter a melhor formação possível, na melhor instituição possível e alcançar o maior nível possível, diferenciando assim dos demais. Dessa maneira, o trabalho e mais, ainda, a educação, perde o papel de formar a pessoa humana, para

forjar os elementos, as engrenagens, a teia e a vítima do sistema capitalista neoliberal contemporâneo.

Diante de tal arcabouço, faz-se necessária uma outra voz, uma luz que, dentro da realidade, possa iluminar a escuridão instaurada, no sentido de ajudar as pessoas a enxergarem além do que a sociedade líquida, do consumo e do espetáculo insistem em fazer a todo tempo. Não se trata de uma solução única, exclusiva, pontual e definitiva, que ao passar por tal “terapia” a pessoa se verá curada de todos os males que lhe afligem. Também não cabe uma resposta isolada da realidade, apenas teórica ou que não ajude a ser aplicada nas diversas nuances do problema. É necessário formatar caminhos e itinerários que busquem oferecer orientação, inspiração. Uma bússola que permita às pessoas, dentro de seu contexto específico e de um ambiente dinâmico e em constante mudança, ter a sabedoria de saber escolher, em nível local e global, individualmente e coletivamente, o que é melhor para si, para os outros e para a sociedade, o bem universal, e, assim, lidar melhor com as intempéries do mundo contemporâneo e valorizar as vitórias e conhecimentos que a humanidade alcançou em sua história.

A Espiritualidade Inaciana é uma dentre os muitos caminhos utilizados por milhares de pessoas para melhor lidar com a missão de sobreviver. Obviamente não se busca apenas uma sobrevivência, mas um viver com qualidade, um viver que seja o mais pleno possível, um viver que proporcione felicidade e mais vida a própria pessoa, mas também aos outros e aos contextos em que ela está inserida. Dentre das várias maneiras dessa Espiritualidade se concretizar está a Educação. Não aquela para uma manutenção do *Status Quo* vigente, mas uma educação pelo qual se busca formar pessoas para lidar positivamente com a sua existência. Uma formação integral, que visa contribuir com a formação de pessoas mais humanas, mais integradas, mais conscientes de si, de seus limites e possibilidades. Homens e mulheres que vivam plenamente suas vidas e coloquem-se a serviços para e com os demais.

Mas quais recursos, formas e caminhos a educação jesuíta, principalmente no contexto universitário podem utilizar nessa missão em um meio, muitas vezes, tão adverso? Quais as inspirações e mecanismos podem ser usados nas universidades jesuíticas levando em consideração a especificidade e a liberdade de cada um de seus alunos? Como contribuir, então, com uma formação que ajude esses jovens a conhecerem a si mesmos e assim construir um projeto de vida que realmente possa contribuir com a construção de um mundo melhor? Feito então o panorama do contexto atual, esclarecida a estruturação da espiritualidade inaciana e da

educação jesuítica, esse capítulo buscará, enfim, trazer luzes que possam ajudar a pensar caminhos para tais desafios.

3.1 Conhece a ti mesmo: conhecer-se e reconciliar-se com a própria história

O contexto atual, - por criar constantemente demandas, desejos e necessidades a fim de que as pessoas possam, cada vez mais, adquirir o que o sistema de produção, potencializado pelo marketing, quer que consumam -, faz com que o ser humano, especialmente os jovens, se veem perdidos em meio a tantas ofertas. Todos os dias, produtos, modelos e ideologias são ofertados pautando às pessoas o que devem vestir, comer, fazer, pensar, ser. No mundo das redes sociais, só tem destaque aqueles que conseguem, a muito custo, atender ou se aproximar dos ditames do mercado, cuja máxima “apareço, logo existo” torna-se o imperativo mais importante ao qual muitos sucumbem. Contudo, todos saem em desvantagem, pois os que conseguem seguir o instável humor da moda e das demandas intermináveis apresentadas pelo mercado, o fazem a partir de muito esforço, colocando inclusive a própria saúde e vida em risco; os que não conseguem tamanha popularidade, sofrem por “não existir”, já que não aparecem da maneira que lhes é imposta. Os dois lados sofrem e ambos se perdem, ou pior, não se encontram, adoecem, não se conhecem, não sabem quem realmente são (ÉPOCA ONLINE, 2019).

Uma das formas de recuperar “a vida perdida” é assumir a própria história e, a partir das diversas relações com o mundo e seu entorno, compreender como sua própria existência foi se constituindo no decorrer do tempo. Para Strey (2002, p. 59), ao nascer, o ser humano “encontra-se num sistema social criado através de gerações já existentes e que é assimilado por meio de inter-relações sociais”. Nesse sentido, podemos afirmar que a pessoa vai se formando a partir da sua relação com o meio em que está inserido, incorporando normas e valores vigentes na família, em seus pares, na sociedade. Assim, podemos afirmar com Savoia (1989, p. 54) que o homem é fruto “de um processo de socialização, no qual intervêm fatores inatos e adquiridos”, ou seja, constitui-se de elementos que são herdados geneticamente e dos fatores adquiridos dos ambientes social e cultural, formando, portanto a “totalidade daquilo que somos” (PISANI, 1996, p. 14).

Somos o que somos porque estamos inseridos em um tempo específico, em uma cultura e sociedade específica, em uma família específica e a partir de interações sociais específicas como a escola, o trabalho, amigos, grupos, religião etc. Nesse sentido, assumir a própria vida é, também, assumir a história das relações que contribuíram para a formação daquilo que a pessoa é e, uma das formas de realizar isso, é por meio de um “mergulho” sobre a própria

autobiografia. Trata-se de recuperar o caminho percorrido e, assim, dar nomes e tomar consciência do itinerário feito e daquilo que está se tornando. De forma concreta, olhar o passado para compreender melhor como está se apresentando, enquanto ser humano, no tempo presente, pois “aun siendo sujetos que toman decisiones, en primer lugar somos sujetos de una decisión que nos toma. En otras palabras: muchas decisiones nuestras no son primeramente nuestras sino dadas por el medio que nos ha configurado” (MARCET, 2016, p.7).

- *Tomar consciência da própria história*

O recuperar a própria história e identificar os elementos-chave da pessoa é algo muito típico da Espiritualidade Inaciana. Santo Inácio de Loyola, depois de insistências de seus “amigos no senhor” - pois “se resistió mucho a contar su vida, tal vez por cierto pudor, tal vez por temor a que fuera presentado como ‘modelo a imitar’ para los jesuitas que iban agregándose a la Compañía” (MARCET, 2016, p.5) -, reconheceu a importância desse processo e, ainda hoje, sua autobiografia, muito ajuda às pessoas a pensarem a sua própria vida e a reconhecer os aspectos que ajudaram em sua formação enquanto ser humano.

Assim, como a vida de Inácio, nem tudo são “mares de rosas”, pelo contrário, como o movimento da água no mar, a vida é feita de altos e baixos que colaboram com a formação da pessoa e podem formar um manancial a ser utilizado em momentos de seca e necessidades e, assim, “crescer bebendo do próprio poço”, tal como afirma o jesuíta psicólogo Carlos Rafael Cabarrus. O ato de mergulhar na própria autobiografia, ajuda a reconhecer esse manancial. Nesse sentido, um profícuo trabalho foi realizado pelo jesuíta catalão Carles Marcet, SJ, que publicou na obra “Releyendo Nuestras Vidas” um itinerário em que, à luz da vida de Santo Inácio, a pessoa possa, também, refletir sobre o próprio caminho percorrido.

Marcet utiliza a socrática técnica da maiêutica, em que, por meio de perguntas, ajuda a pessoa a obter o “conhecimento”, nesse caso, intelectual e afetivo da própria vida. Quando fala da infância de Inácio, convida o leitor a também refletir sobre suas raízes como a educação, família, valores, pessoas, ambiente e lugares, enquanto criança; ao abordar a experiência de derrota do Peregrino em Pamplona, Carles convida a pessoa a identificar as suas “balas de canhão” e reconhecer os momentos doloridos que proporcionaram aprendizagem, possibilidades de reflexão e mudanças. Já na etapa em Manresa e Montserrat, em que Inácio vai aprendendo a viver a sua vida espiritual a partir do discernimento e do encontro com Deus, Marcet ajuda o leitor a refletir sobre os seus encontros e desencontros espirituais; à Luz da

passagem de Inácio em Jerusalém, a pessoa é convidada a refletir sobre as mudanças de planos e caminhos que teve de fazer na vida e as pessoas que a acompanharam nesse processo.

Tendo como base o tempo de estudos de Inácio e o desejo dele de se formar para mais ajudar as almas, Marcet (2016, p. 23) coloca as seguintes questões: “¿cómo ayudo a las ánimas?, ¿cómo traduciría esa expresión tan de Ignacio pero a la que puedo nombrar de otras maneras?, ¿qué es y cómo se ha concretado y concreta en mi vida eso de ‘ayudar a las ánimas’?”. Da mesma forma, por meio da Experiência de retorno de Inácio a Loyola, em La Storta e, enfim, Roma, a pessoa pode aprender mais sobre a vida de Inácio e por ela, conhecer o próprio caminhar, discernimentos, pessoas e experiências que ajudaram a tecer a sua história de vida.

A escrita da autobiografia é uma prática já utilizada há algum tempo na Companhia de Jesus do Brasil na formação dos futuros jesuítas. Assim, os jovens, que participam do plano de candidatos à Ordem, orientados por um acompanhante espiritual e a partir de um roteiro com perguntas sobre diversas dimensões da vida, fazem uma revisita da sua própria história e podem assim se reconciliar com os acontecimentos doloridos e valorizar os momentos positivos que constitui a sua própria vida, compreendendo, assim, que a sua personalidade é um arcabouço de experiências e interações ocorridas em cada momento e fase da vida percorridas até então, de modo que, ao olhar reconciliado para o passado, pode, então, preparar o presente e, conseqüentemente, viver um futuro com mais ciência de si, de suas fragilidades e potencialidades.

O jesuíta Rossano Zas-Friz, S.J. (2002, p. 111) afirma que “para descubrirse, para autorrevelarse a sí mismo como una identidad realizada, hay que buscarse. El intento será viable si la persona sabe ‘de dónde viene’ y a ‘dónde va’, si sabe su origen y su destino”. Segundo esse autor, essa busca pela sua história não é somente uma memória dos anos passados, das amizades feitas e dos lugares habitados e visitados, mas é um mergulho na recordação para ir além e, ali, “encontrar su ‘verdad’, su identidad” (Ibiden).

A importância da história pessoal não é somente colocada em relevo no âmbito da autobiografia inaciana, também nos Exercícios Espirituais, frequentemente nas orações de contemplações, Inácio propõe como preâmbulo “trazer a história” (EE. 102), que conforme afirma Arzubialde (1991, p. 491), apresenta um “Traer em sentido de recordar”, de fazer memória seja o texto bíblico ou mesmo da própria “história de salvação pessoal”. Nesse caso, tal como aponta Josph Thomas, SJ, a memória não é uma capacidade passiva “ela é um processo volitivo tendente a fazer reviver o passado, tanto o passado pessoal como da humanidade” (1990, p.78).

O trazer à memória já é colocado por Inácio, segundo Antonio Albuquerque, SJ (2002), logo no início dos EE, quando o peregrino convida o exercitante a fazer memória do Princípio e Fundamento da humanidade (louvar, reverenciar e servir a Deus), ajudando a pessoa a tomar consciência do seu lugar no cosmos e das possibilidades de plenitude dentro dele; na Primeira Semana, Inácio propõe um recordar a história de egoísmo e pecado, quando pede para o exercitante “trazer a memória todos os pecados da vida, examinando ano por ano, período por período” (EE. 56); nas segunda e terceira semana, a pessoa é convidada a fazer memória da sua vida à luz da contemplação da vida de Cristo, assim, olhando para Jesus e relembrando a própria história, a pessoa é levada a buscar e querer se configurar àquilo que contempla no Salvador e, por fim, a partir da quarta semana, a memória que outrora foi de recordar a graça de ser criado, os momentos de falhas e limitação a vida cotidiana com suas relações, pessoas, afetos e desafetos, curas e doenças, os momentos de prazeres, mas, também, de glória e ressurreição, de modo que o exercitante é levado a configurar o seu presente, a sua vida de ação no aqui e agora, fazendo uma memória agradecida “dos benefícios recebidos, criação, redenção e dons particulares” (EE.234) na Contemplação para alcançar o amor.

Nesse sentido, por meio da própria história, a pessoa pode “tirar proveito” e assim aprender com as próprias experiências como ser alguém ainda melhor, ou, como um jargão frequente nas redes sociais “como ser a melhor versão de si mesmo”.

A História está sempre aberta, desafiando-nos, arrancando-nos de nosso imobilismo, despertando nossa criatividade para ser reescrita de uma maneira diferente. Nossa história pode ser poderosa motivadora de mudança, ela nos levanta quando estamos dispersos e sem direção, ela não é apenas relato do passado, mas parte viva do que somos agora, ela nos traz para casa, para nossa própria integridade e identidade. Assim, “traer la historia” é chegar a conhecer, sentir e amar a nossa própria história (MAGIS BRASIL, 2020).

Toda essa transformação acontece porque ao olhar para a sua própria história, em meio a dores e a alegrias, em meio a encontros e desencontros, de forma consciente ou não, há a presença de Deus que escreve o seu amor em cada momento da vida da pessoa e o faz a partir das experiências que o ser humano faz de si e dos outros, enquanto um ser de relações. “A partir de Jesus, a história de cada um e da humanidade inteira adquire uma nova luz e um novo sentido e se abre a um vasto horizonte de compromisso e possibilidades. A história pessoal e a história do mundo tornam-se, portanto, o lugar habitual da experiência de Deus” (MAGIS BRASIL, 2020). Experiência de Deus, que se traduz em experiência do amor e da vida.

- *Tomar consciência do sagrado da própria vida: a teografia*

Ao olhar para a vida, ao fazer a sua autobiografia, reconhecer os caminhos feitos, a pessoa, também, pode realizar a sua teografia, que segundo Pe. Ulpiano Vasquez (1998, p. 80), trata-se da “escrita de Deus ou o modo como Deus se inscreve, deixando marcas que podem ser lidas. Não se trata, neste caso, de uma leitura de Deus na Sagrada Escritura, mas da leitura dessa carta de Cristo, escrita pelo Espírito em nós mesmos, em nossos corações”. Assim como Inácio percebeu, de uma forma mais forte em sua convalescência em Loyola⁴⁶, que Deus fala à pessoa a partir de sua trajetória de consolações⁴⁷ e desolações espirituais⁴⁸, qualquer pessoa que tenha o desejo, ou ao menos o desejo de desejar essa relação com Deus que, por sua vez, sempre está aberto para relacionar-se com o ser humano, pode criar essa história de amor e comunicação com o Criador. Nesse sentido, Ulpiano (2001, p.37) afirma que teografia é o “decifrar essas trajetórias, ou ler esses discursos [...] Não consiste em perguntar o porquê, [...] mas encarar o para quê ou para onde possíveis”. Esse autor esclarece que não é uma procura por uma etiologia arqueológica em que se busca a causa ou origem no passado, mas uma etiologia teleológica, o para quê, o sentido, um procurar e encontrar qual caminho deve ser seguido, uma orientação para a vida. Assim, a teografia é pois “o conjunto das marcas de Deus na vida” (VÁZQUEZ, 1998, p. 80) que leva a mais vida.

Se nos Exercícios Espirituais e na autobiografia a cada momento a própria história é trazida a tona a fim de que o caminho percorrido seja um caminho reconciliado para mais amar e servir, nos processos acadêmicos o aluno pode e deve ser levado a pensar e refletir a sua própria história para compreender seu itinerário existencial e, a partir dos valores humanistas e/ou cristãos, fazer a sua autobiografia/teografia, registrando seu processo de vida como uma possibilidade de encontro consigo dentro da sua própria realidade. “O importante é que a experiência seja registrada, consignada para não diluir-se logo no meio de outras experiências” (VÁZQUEZ, 1998, p. 82).

⁴⁶ “Notou, todavia, esta diferença: quando pensava nos assuntos do mundo, tinha muito prazer; mas, quando, depois de cansado, os deixava, achava-se seco e descontente. Ao contrário, quando pensava em ir a Jerusalém descalço, em não comer senão verduras, em imitar todos os mais rigores que via nos santos, não se consolava só quando se detinha em tais pensamentos, mas ainda, depois de os deixar, ficava contente e alegre... e começou a maravilhar-se desta diversidade e refletir sobre ela. Colheu, então, por experiência, que de uns pensamentos ficava triste e de outros alegres. Assim veio, pouco a pouco, a conhecer a diversidade dos espíritos que o moviam, um do demônio (diabo) e outro de Deus” (Cf. Aut. 8).

⁴⁷ “Chamo de consolação todo aumento de fé, esperança e caridade, bem como toda a alegria interna, que chama e atrai para as coisas celestes e para a salvação da própria pessoa, aquietando-a e pacificando-a em seu Criador e Senhor”. (EE. 316).

⁴⁸ “Chamo de desolação tudo o que é contrário [a consolação], como escuridão interna, perturbação, moção para coisas baixas e terrenas, inquietude, com diversas agitações e tentações, movendo à desconfiança, sem esperança, sem amor, achando-se a pessoa toda preguiçosa, tibia, triste e com o que separada de seu Criador e Senhor” (EE. 317)

Essa iniciativa pode ser de fundamental importância para uma tomada de consciência de processos vividos que precisam ser revisitados. Obviamente a escrita, vivência ou visita da história de vida pode ser feita de diversas maneiras, seja por meio de atividades lúdicas, seja por meio de perguntas ou até por meio de textos e propostas reflexivas que proporcionem um momento de parada na correria cotidiana universitária e, assim, refletir sobre si mesmo e tirar proveito e assim como Inácio, fazer uma releitura da própria vida procurando, nela, as marcas de Deus. “Não há sentimentos puros; eles sempre veem articulados com os pensamentos, mas a porta para essa releitura são os sentimentos. Há sentimentos marcando a própria vida, dos quais se origina uma trajetória, um percurso e um discurso que pode ser percorrido e lido” (VÁZQUEZ, 1998, p. 83).

Santo Inácio de Loyola e, desde, então, os adeptos à espiritualidade inaciana, tem como tradição a escrita de suas moções em um diário espiritual. No arcabouço da literatura escrita por Inácio, ainda nos resta alguns trechos do seu diário em que ele descreve os seus movimentos interiores quando deliberava sobre a pobreza nas igrejas da Companhia. Contudo, tal como narra Pe. Câmara, que escreveu o que Inácio lhe ditava para a redação de sua autobiografia, o fundador da Companhia havia mostrado a ele um fardo muito grande de escritos ao qual esse padre teve a oportunidade de ler alguns (Aut. 100). No entanto, acredita-se que Inácio tenha queimado grande parte desse material antes de morrer.

Ao escrever a própria história de vida ou trazendo à memória as vitórias e derrotas de seus itinerários pessoais, o mais importante é olhar o caminho e aprender com ele os seus “para quês”. Nesse sentido, concordamos com Pe. Ramón Cigoña (1998, p. 57) quando escreve o seguinte:

Como chegar ao mais profundo do outro ou ao totalmente Outro sem se conhecer? “*Conhece-te a ti mesmo!*” Eis nossa primeira missão. Assumir a própria identidade, nome, sexo, corpo, sentimentos... é uma tarefa nunca acabada. Quantos ficam perdidos no meio deste caminho! Quantos levam a vida toda lutando consigo mesmos. É preciso olhar para si e não tremer; viver a verdade do ser e do parecer. Como vencer a vertigem da própria realidade e não se assustar com os demônios ou anjos que nos habitam? Como superar os próprios condicionamentos, alguns deles tão distantes na escala do parentesco, sem fugir da realidade ou de si mesmo? Uma receita? Acolher-se, amar-se e se apresentar confiantes aos outros como obra única e irrepetível saída das mãos amorosas do Criador.

Certamente esses processos de contextualização e autoconhecimento dentro do ambiente acadêmico, faz necessária uma ajuda externa, de modo que o aluno tenha alguém para lhe acompanhar em seu itinerário. Assim, como se realiza nos Exercícios Espirituais, em que o acompanhante espiritual orienta o exercitante em sua busca pela vontade de Deus, o professor

tem um papel fundamental naquilo que na espiritualidade inaciana é conhecido como *cura personalis*, ou seja, uma atenção à individualidade de cada aluno, escutando-o e acolhendo-o em suas necessidades e orientando-o para o caminho a partir de sua própria realidade concreta, de suas potencialidades, mas, também, tendo consciência dos limites e desafios que se apresentam no caminho. Obviamente o professor não é o único responsável pela tarefa de acompanhar, toda a comunidade acadêmica, funcionários, colaboradores, devem “ter um interesse pessoal no desenvolvimento intelectual, afetivo, moral e espiritual de cada um dos alunos, ajudando-os a desenvolver o sentido do próprio valor e a se converterem em indivíduos responsáveis no seio da comunidade” (KOLVENBACH, 1991, p. 17).

- *Gratidão pelo dom da Vida*

O mergulho existencial na história da própria vida, em seus aspectos positivos e negativos, em suas consolações e desolações, é crucial para a estruturação de uma autobiografia/teografia que represente a realidade do aluno e não uma “maquilagem” de sua vida. Deve ser um exercício que, ainda que muitas vezes dolorido, possa ajudá-lo a retirar ou tomar conhecimento dos excessos ou mesmo das inverdades e ilusões inseridas no contexto da sociedade líquida, do consumo e do espetáculo que formam as pessoas exclusivamente para atuar na lógica do capitalismo. Contudo, é verdade, que o mundo e a vida real não são feitos somente de momentos negativos. Há no cotidiano muitos acontecimentos, fatos, experiências e relações que marcam positivamente a vida da pessoa, assim, é importante reconhecer o que há de bom para que também haja uma visão de gratidão pelo caminho percorrido.

Segundo Paul Ricouer (2006, p.255), na língua francesa, “‘gratidão’ é também significada pelo ‘reconhecimento’. A gratidão alivia o peso da obrigação de retribuir e a orienta rumo a uma generosidade igual à que suscitou o dom inicial”. Dessa maneira, a gratidão é uma forma de quebrar a obrigação de retribuir a dádiva de uma maneira material ou obrigatória, tal como aponta Marcel Mauss em sua clássica obra *Ensaio sobre a dádiva (1925)*, em que, sob o ponto de vista antropológico, coloca o dom ou a dádiva como um “comprar” o outro, que ao receber terá a obrigação de um dia retribuir, formando assim uma “aliança coercitiva e obrigatória”. Com a gratidão, ainda que haja retribuição, essa se faz a partir de um sentimento de reconhecimento e proximidade, de agradecimento e solidariedade, de modo que a reciprocidade é construída e não comprada ou conquistada forçosamente. Assim,

Sob o regime da gratidão, os valores dos presentes trocados são incomensuráveis em termos de custos mercantis. Essa é a marca do sem-preço sobre a troca de dons. Quanto ao tempo conveniente de retribuir, pode-se dizer que ele tampouco tem uma medida exata: essa é a marca da ágape, indiferente

ao retorno, sobre a troca de dons. Essa separação entre o par dar-receber e o par receber-retribuir é desse modo ao mesmo tempo estabelecida e superada pela gratidão (RICOEUR, 2006, p. 255).

A gratidão tem sido amplamente estudada pela psicologia positiva, pois os teóricos dessa linha de estudos, fundada por Martin Seligman, afirmam que agradecer e ter uma visão grata da vida pode colaborar para a sensação de bem-estar e felicidade, além de uma maior abertura para o outro e para um aumento no sentido da própria vida. Um dos principais estudiosos sobre a temática da gratidão, Robert A. Emmons, professor da Universidade da Califórnia, afirma que as pessoas não poderão ser verdadeiramente humanas se “não reconhecermos e expressarmos a todos aqueles de quem a nossa vida depende. A gratidão, é a melhor abordagem da vida. Quando as coisas correm bem, permite-nos celebrar esses momentos. Quando correm mal, permitem-nos pôr a vida em perspectiva” (EMMONS, 2006). A partir de diversos experimentos biofísicos e psicológicos a gratidão tem sido tema da ciência e diversos resultados tem comprovado os seus benefícios. Segundo Stephen Joseph, da Universidade de Nottingham, em sua obra *Positive Psychology in Practice* (2015, p. 561),

Highly grateful people, compared to their less grateful counterparts, tend to experience positive emotions more often, enjoy greater satisfaction with life and more hope, and experience less depression, anxiety, and envy. They tend to score higher in prosociality and be more empathic, forgiving, helpful, and supportive as well as less focused on materialistic pursuits, compared to their less grateful counterpart.⁴⁹

A gratidão é para Inácio e para a espiritualidade inaciana algo de extrema importância. No final dos EE, durante a Contemplação para alcançar o Amor – CAA, antes mesmo da oblação “Tomai Senhor”⁵⁰, Inácio convida o participante a ponderar “com muito afeto quanto Deus nosso Senhor tem feito por mim, quanto me tem dado daquilo que tem”. (EE. 234). Em seu epistolário, o Peregrino não se cansa de agradecer aos seus benfeitores por tanta ajuda a ele proporcionada, tanto na difícil época de estudos, quanto já na nascente Companhia de Jesus que precisava de recursos para realizar os seus crescentes ministérios. Nesse sentido, alguns trechos das cartas inacianas mostram a importância da gratidão para Inácio e, por conseguinte, para a espiritualidade inaciana, tal como Carta enviada a Simão Rodrigues, que realizava sua missão em Portugal, em 1542, quando o Peregrino fez a seguinte afirmação: “Considero, em sua divina

⁴⁹ Tradução: As pessoas muito gratas, comparadas com as contrapartes menos gratas, tendem a experimentar emoções positivas com mais frequência, desfrutam de maior satisfação com a vida e mais esperança e experimentam menos depressão, ansiedade e inveja. Eles tendem a pontuar mais em prosocialidade e a ser mais empáticos, perdoadores, prestativos e solidários, além de menos focados em atividades materialistas, em comparação com seus colegas menos agradecidos

⁵⁰ Oração que será conhecida como a “Oração de Santo Inácio”.

bondade, salvo em melhor juízo, a ingratidão como defeito, entre todos, mais digno de abominação (...) Pelo contrário, o reconhecimento e gratidão dos bens, graças e dons recebidos, é grandemente estimado e amado, tanto no céu, como na terra” (LOYOLA, 1993, p.24).

A gratidão configura, portanto, um importante aspecto da espiritualidade inaciana e da vida humana. Ela coloca em movimento o processo de partilhar e receber, algo que é uma resposta a um sistema em que a produção e consumo almeja sempre o mais e não reconhece o que já se alcançou como uma experiência de conquista. Nesse sentido, olhar para o passado, aprender com ele e reconhecer o que há de bom, move a pessoa a se sentir grata por tantos bens recebidos e, esse movimento, mostra a pessoa que ela não é autossuficiente e isolada dos demais, pelo contrário, inclui a vida da pessoa com a vida dos outros, com o sistema em que está inserida e com as possibilidades de viver uma vida mais plena, por mais cruel e contraditória que a realidade possa ser. Assim,

Nuestra gratitud debe centrarse en los dones concretos y personales con los que cada uno es bendecido diariamente, luces, mociones, acontecimientos, encuentros personales, gozos, cruces. La acción de gracias por todo bien recibido nos acerca a las cosas, para ver a Dios en todas ellas. Todas son amables y me ayudan a continuar sosegadamente con ellas hacia la alabanza y servicio de Dios y de mis hermanos. "Para que le ayuden en la prosecución del fin para que es creado [EE. 23]. (ALBUQUERQUE, 2002, p. 152)

Nesse sentido, a gratidão nascida a partir da memória e da reconciliação da história de vida, não tem o objetivo de fechar a pessoa em um sentimentalismo ou em uma redoma em que as sensações positivas causem somente o prazer sensual à pessoa que o sente, pelo contrário, por mais que a gratidão seja um sentimento positivo e, portanto prazeroso, ela deve mover a pessoa a uma ação, a uma partilha e ressonância do dom recebido, gerando, então, solidariedade e busca pelo outro, movendo, assim, a pessoa para o encontro com os demais, principalmente aqueles que não tiveram as mesmas oportunidades que a pessoa (que, agora, depois de fazer memória, reconhece de forma agraciada os benefícios que teve em sua vida), refundando assim a possibilidade de um novo presente, agora mais ativo e contemplativo, mais intenso e completo e mais aberto ao outro, ao mundo, a Deus.

3.2 Em tudo amar e servir: o presente como lugar de anúncio de si e reconciliação com os demais

Como vimos, a reconciliação com a própria história possibilita à pessoa viver o presente de uma maneira nova. Conhecendo o passado pode-se, portanto, integrar pensamento, ações e palavras a fim de que sua vida e seu cotidiano sejam mais plenos e felizes, assumindo, em sua

própria realidade, a partir de suas crenças, contextos e especificidades, uma vida que tenha “princípio e fundamento”.

Nesse sentido, é importante ressaltar que, ainda que os EE tenham sido oferecidos em um primeiro momento para pessoas cristãs, assumindo a orientação de Inácio que convida a adaptá-los “à disposição das pessoas que desejam fazê-los. Isto é, conforme a sua idade, instrução ou talento”. (EE18), podemos dizer que a sabedoria inaciana pode ser aproveitada e vivenciada por pessoas que, apesar de crer em um Ser superior, não seguem ou frequentam os ritos ou reuniões de nenhuma religião institucional. Atenta a isso, a Companhia de Jesus, sempre buscou um diálogo religioso, ecumênico e com pessoas sem-religião, no sentido de, juntos e inspirados nos valores humanistas e cristãos, procura formar uma comunidade de pessoas que buscam a construção de um mundo melhor. Assim a universidade, olhando o passado, o presente e o futuro do estudante, tem a missão de

Formar para la ciudadanía universal [que] supone educar en el reconocimiento de la diversidad como dimensión constitutiva de la vida humana plena. Supone experimentar la diversidad cultural como oportunidad de enriquecimiento humano. Queremos formar un ser humano capaz de sentirse miembro de la humanidad porque se ha hecho consciente críticamente de su propia cultura (inculturación), es capaz de reconocer gozosamente la de otros seres humanos (multiculturalidad) y relacionarse con otros, enriqueciéndose de la variedad de la cual su propia cultura forma parte (interculturalidad). La universalidad vivida de esta manera puede convertirse en un impulso a la justicia social, la fraternidad y la paz (SOSA, 2018, p.7).

Dessa maneira, a partir dos valores universais, cabe a universidade ajudar o jovem a assimilar valores que pautem positivamente as suas ações e pensamentos, que lhes deem condições de elaborar para si, tal como afirmamos acima, um princípio e fundamento que leve em consideração a sua vida pessoal e todas as relações deste com o mundo, com a sociedade, com os saberes, com o transcendente, independentemente de religião ou crença, pois como afirma Klein, (2015, p. 19), “devemos nos esforçar com empenho para fazer ressaltar esses valores de nossa herança inaciana que podemos também transmitir aos que não partilham ainda da fé em Cristo, traduzindo-os em valores éticos e humanos de retidão moral e solidariedade, que também procedem de Deus.”

Pensando nesse sentido e levando em consideração um público cada vez mais laicizado ou distante de uma religião formal, tal como são os estudantes do ensino superior, de acordo com a pesquisa já apresentada, podemos fazer uso de um profundo texto usado por Joseph Maria Rambla que apresenta uma adaptação do Princípio e Fundamento dos Exercícios Espirituais

para pessoas religiosas ou não religiosas, mas que desejam seguir a sua vida presente a partir de uma ética do cuidado, do bem universal:

La persona humana está en esta tierra para apreciar, respetar y ayudar a los demás a realizarse plenamente; y, mediante esto, realizarse ella misma; y las otras cosas sobre la faz de la tierra están para la persona humana y para que le ayuden a conseguir el fin para el cual está en la tierra. De donde se sigue que el ser humano tanto ha de usar de ellas cuanto le ayuden para su fin, y tanto ha de quitarse de ellas cuanto para ello le impiden. Por lo cual es menester hacernos libres ante todas las cosas, sin sentirse atados a ninguna de ellas, en todo lo que no constituye un perjuicio para cualquier persona (no se puede elegir entre maltratar o no maltratar a una persona); de tal manera que no queramos de nuestra parte más salud que enfermedad, riqueza que pobreza, honor que deshonor, vida larga que corta, seguridad que riesgo, cordura que demencia y del mismo modo en todo lo demás; solamente deseando y eligiendo lo que más nos conduce para el fin a que nos sentimos llamados. (RAMBLA, 2011, p.16)

Assim como foi visto acima, o Princípio e Fundamento é como um estatuto para se viver o presente a partir de uma vida renovada e reconciliada. Serve de orientação para se viver o cotidiano único de cada um, espaço em que podemos chamar de lugar de anunciação, pois é aí, no seu próprio tempo presente, que a pessoa pode assumir a sua missão de “apreciar, respetar y ayudar a los demás a realizarse plenamente”. (RAMBLA, 2011, p.16). Nesse sentido, o “cotidiano costura muitas iniciativas, muitas práticas pequenas, que enlaçadas vão formando uma transformação maior. Em vez de um grande projeto, pequenas ações. O cotidiano educa para uma entrega a uma causa maior a partir dos pequenos gestos” (LIBÂNEO, 1994, p.34).

3.2.1. Assumindo o próprio lugar de anunciação

Momentos grandes ou pequenos, hodiernos ou extraordinários, são “lugares de anunciação”, lugares de vida, em que o indivíduo pode aprender, se anunciar, se dizer, se expressar e se colocar em relação aos desafios, situações e pessoas que aparecem em seu caminho. Obviamente, o lugar de anunciação de cada um é distinto e único, a história de vida de cada pessoa é singular, os sonhos são distintos e os traumas vividos por cada ser humano é experienciado de forma particular. Assim, em um mundo em que busca-se padronizar as pessoas, olhar e valorizar o lugar de anunciação, a realidade concreta em que desenrola-se a trama de vida, de fala, de anuncio de si mesmo e de movimento de cada sujeito, é um ato de resistência, é valorizar a pessoa, sua humanidade insubstituível evitando um olhar estatístico ou de “números vazios”, que nada dizem sobre a unicidade e especificidade de cada homem e mulher do planeta, em sua cor, etnia, sexualidade, religião, classe social etc.

Para a pessoa, dentro do seu lugar de anúncio, o presente, portanto, é o grande palco da vida, em que não cabe interpretações de fictícios personagens, mas de significações e experiências verdadeiras, que possibilitem à pessoa descobrir-se, conhecer-se, superar os seus traumas, desvendar horizontes, avançar para caminhos desconhecidos e aí ir desvelando quem é no aqui e no agora, da forma mais autêntica possível. Por isso, dentro de cada lugar de anúncio e, em meio ao espetáculo da vida presente, é possível viver experiências que dão sentido à vida, que façam saborear a própria história, os aspectos interiores e todo o mundo que o rodeia, buscando viver uma vida plena, dinâmica, autêntica e que leve em consideração a promoção do outro, enfim, uma vida cheia de fecundidade, sendo, como Inácio, um peregrino nessa aventura humana e espiritual que é a vida, pois como já dizia o poeta “o caminho se faz caminhando”.

Nas Universidades jesuíticas uma das formas de “formar a pessoa toda”, a partir de um princípio e fundamento sólido, valorizando o lugar de anúncio de cada um, é possibilitar experiências de aprendizado que ajudem os universitários a se conhecerem e a refletirem formas de envolverem a sua vida e a sua formação técnica e humana em um “compromisso com os pobres orientado para ação, com uma opção pessoal corajosa” (KOLVENBACH, 2000, p.17)

Pe. Kolvenbach, em alocução aos alunos da universidade de Santa Clara, nos Estados Unidos, diz que “quando o coração é tocado pela experiência direta, a mente pode ser desafiada a mudar o envolvimento pessoal com o sofrimento inocente, com a injustiça que outros sofrem, catalisa a solidariedade que então desperta a busca intelectual e a reflexão moral” (KOLVENBACH, 2000, p.25). Nesse sentido o Padre Geral incentivava a realização de ações pastorais e sociais, extensão, voluntariado etc., que pudessem aproximar o mundo dos pobres do mundo acadêmico, formando pontes que visassem o encontro de soluções e intervenções positivas. Enfim, que através das atividades acadêmicas, os estudantes fossem provocados a contribuir no presente e no cotidiano de uma forma mais intensa, visando o bem comum.

Um outro ponto colocado por Kolvenbach é em relação aos processos de construção de conhecimento que se dão nos momentos de pesquisa e ensino nas universidades. Para o então padre geral dos jesuítas, os docentes, além de perguntar sobre as questões próprias de suas disciplinas, devem, também, colocar perguntas no sentido de compreender os “para quem” e “para quê” tais conteúdos são desenvolvidos, pois, tal como afirmara Inácio de Ellacuria (KOLVENBACH, 2000, p.20), a universidade “deveria estar intelectualmente presente onde é preciso: prover ciência aos que não tem ciência, treino aos destreinados, ser uma voz para aqueles que não se qualificam academicamente para prover e legitimar seus direitos”.

Nesse sentido, os conhecimentos transmitidos e desenvolvidos em sala de aula e as diversas pesquisas realizadas junto aos alunos nos grupos e programas desenvolvidos na universidade “tem de se colocar de forma apta ao serviço da sociedade humana e do ambiente, cultivando o critério moral de como as pessoas devem conviver, pois cada campo ou ramo do conhecimento, tem valores a defender, com impactos no plano ético” (KOLVENBACH, 2000, p.27). Dessa maneira, através de atividades teóricas, mas principalmente práticas, a universidade jesuíta deve dar ao estudante a oportunidade de conhecer melhor o seu lugar de anúncio, com suas potencialidades e o quão bem essa pessoa pode contribuir com a sociedade, sendo ela e os demais beneficiados com isso.

Hacemos lo posible por abrir nuevos caminos a la reconciliación humana en un momento de la historia en el que se cierran las posibilidades de vida para pueblos enteros. Queremos ser y formar lo que Jon Sobrino, S.I. llama pobres con Espíritu, personas que se despojan libremente de sí mismas y contribuyen a que la vida de todos sea más humanamente densa. Nos proponemos educar personas consistentes, responsables de sí mismos y también de los demás y de la tierra en la que habitamos (SOSA, 2018, p. 9).

A formação e a experiência proporcionam ao aluno um autoconhecimento real. Não será apenas a elaboração de uma lista de características ou ideais, mas uma constatação, por parte do aluno, da realidade dos seus limites e possibilidades a partir de vivências no cotidiano. O espaço da universidade deve existir para promover experimentações, para aprendizagem e também de ações. Contribuindo com outros e para os outros, o estudante vai conhecendo a si mesmo e deslumbra possibilidades de um projeto de vida.

Assim, as ações práticas, principalmente aquelas de cunho social e contato direto com os mais vulneráveis, não devem ser somente um complemento da formação do aluno, mas parte fundamental do desenvolvimento dos projetos pedagógicos de todos os cursos, pois oferecem possibilidades de experimentação de si mesmo e possibilidades de uma verdadeira reconciliação dos alunos com o seu entorno mais amplo, quebrando a lógica do lucro, do consumo, do egoísmo e do sistema capitalista neoliberal, já que é ali, no encontro com os demais, que o estudante reconhecerá o seu valor e a importância da sua vida para a construção do bem comum, não no sentido de um ativismo, mas a partir de uma interioridade, uma reflexão sobre a ação que, por sua vez, proporcione uma retroalimentação da teoria para tornar as práticas cada vez melhores.

3.2.2. *Paradigma Pedagógico Inaciano*

No sentido de estruturar um sistema pedagógico que fosse inspiração para as práticas educacionais na Companhia de Jesus, inspirados nas características da educação jesuítica, foi criado o Paradigma Pedagógico Inaciano - PPI, que, ainda que tenha sido pensado para a educação básica, pode oferecer pistas e instrumentais para a prática nas universidades em formar homens e mulheres, em seus lugares de anúncio, para e com os demais. O PPI é a estruturação de algumas técnicas pedagógicas e humanas que colaboram na “tarefa de ajudar os alunos em seu desenvolvimento autêntico como pessoas competentes, conscientes e sensíveis à compaixão” (COMPANHIA DE JESUS, 1993, p.39). Vejamos cada um dos elementos apresentados por esse paradigma e as possíveis interações com o mundo universitário.

a) Contexto

O primeiro passo apresentado pelo PPI é o “contexto” que incentiva os professores e a instituição a conhecerem os alunos e, também, a promoverem espaços em que os estudantes possam tomar consciência da sua vida e do mundo em que estão inseridos. Assim, o documento oficial sobre o PPI diz que, enquanto espaços de aprendizagem, “deveríamos mover claramente nossos alunos a refletir seriamente sobre a realidade contextual do mundo. Quais as forças que nele influem? Como percebem que essas forças estão atuando em suas atitudes, valores, crenças e modelando suas percepções, juízos e opções?” (COMPANHIA DE JESUS, 1993, p.44). Daí a importância de momentos e espaços, que tal como afirmamos acima, possibilitem ao aluno um conhecimento da sua própria história de vida, de forma afetiva e efetiva, pesquisando sobre o lugar em que ele está inserido a fim de compreender melhor o seu contexto, suas possibilidades e os desafios, de modo a poder pensar em soluções e intervenções a partir de projetos e conhecimentos que adquire e desenvolve no ambiente acadêmico.

Obviamente não é fácil identificar as especificidades de cada aluno, principalmente nas grandes Instituições de Ensino Superior que, muitas vezes, comportam em seu corpo discente milhares ou dezenas de milhares de estudantes das mais variadas realidades. Contudo, espaços de convivência, partilha e diálogo devem ser construídos dentro do projeto de cada curso, de modo que a teoria e a vida dos estudantes seja intercalada e complementada. Ademais, com o crescimento e desenvolvimento dos recursos informáticos de processamento de dados, questionários e pesquisas, poderiam ser realizados para o levantamento de dados no ato de matrícula e durante o processo de formação, a fim de identificar os principais aspectos sociais,

emocionais, psicológicos e existenciais dos alunos, de maneira que grupos de acompanhamento possam realizar intervenções, em caso de necessidade, e professores tenham acesso a informações gerais sobre o tipo de público que irá atuar, claro, assegurando as devidas proteções de dados exigidas pelas legislações de cada país e pela defesa da dignidade da pessoa.

b) Experiência

Muito sobre a importância da experiência foi abordado acima, assim, aqui nos limitaremos a apresentar o papel da experiência dentro do PPI. Inácio de Loyola foi uma pessoa muito consciente da sua realidade e dos seus processos internos. Ele sabia que o exterior afeta o aspecto interior da pessoa, que, então, vai formando o olhar sobre essa mesma realidade. Ora, a existência de pessoas conscientes, comprometidas e competentes requer, antes de tudo, a formação de pessoas que tenham a capacidade de olhar o mundo de uma maneira objetiva, para, então, poder agir sobre ele. Isso requer fazer uma experiência do problema, do contexto, da questão a ser refletida. Contudo, não basta somente uma compreensão intelectual, “Inácio exige que o ‘homem todo’ – mente, coração e vontade’ se envolva na experiência educativa” (COMPANHIA DE JESUS, 1993, p.49). Assim experiência, imaginação, sentimentos e entendimento devem ser levados em consideração no processo de “saborear as coisas internamente”.

A experiência deve proporcionar, pois, um sentir internamente, um “co – mover-se”, um deixar ser tocado pela realidade com o qual se depara. Nesse sentido, no âmbito do PPI entende-se a palavra “experiência”, “para descrever qualquer atividade em que, junto com uma aproximação cognitiva da realidade em questão, o aluno percebe uma reação de caráter afetivo” (COMPANHIA DE JESUS, p.50). Dessa maneira, as atividades pedagógicas propostas nos cursos universitários, devem apresentar as questões a serem trabalhadas de uma maneira que o aluno possa criar uma ligação entre a teoria e a prática e a realidade. Daí a importância de atividades práticas, laboratoriais, experimentais e de campo, de modo que o estudante possa adentrar na realidade em todas as suas dimensões, seja física, psicológica ou mesmo espiritual. Pois o contato, quanto mais direto, com a realidade, move o aluno afetivamente a refletir sobre a questão que lhe é imposta. Uma coisa é compreender sobre os impactos da fome outra é ver, sentir, ouvir e tocar a realidade de pessoas miseráveis. Assim, a “experiência é via de regra mais intensa e afeta mais a pessoa” (COMPANHIA DE JESUS, 1993, p.52).

Um bom exemplo dessa imersão, dentro de uma universidade jesuítica, é a Semana de Humanismo promovida pela Universidade Católica de Pernambuco em que os alunos

apresentam para a comunidade acadêmica as vivências e experiências feitas em diversas instituições sociais ou Organizações Não-governamentais – ONGs. Segundo depoimento da estudante Clarisse Amorim, do curso de direito, que conheceu o Instituto de Desenvolvimento e Reintegração Social – IDERES, “Estudar Direito e trabalhar com Direito é sobre cuidar do destino de vidas, então a gente entender o que acontece lá dentro, entender como o cárcere muda a vida das pessoas, vai fazer com que a gente se dedique mais a evitar o cárcere, evitar esse processo doloroso que eles passam” (UNICAP, 2019). Já um aluno de administração declara que estar dentro da realidade de uma ONG trouxe uma experiência “muito boa, pois deixamos nossa zona de conforto e conseguimos compreender mais os problemas da sociedade” (UNICAP, 2018).

Nesse sentido, levar os alunos para as realidades concernentes com os objetos de estudos faz uma grande diferença, a fim de que as observações possam ser feitas a partir de uma percepção vivencial e não somente aquela apresentada pelos livros, ainda que esses sejam fundamentais para a compreensão da realidade.

c) Reflexão

O processo de entender o contexto e fazer a experiência da realidade não pode cair por terra apenas com fatores sensuais e sentimentalistas. Em busca de uma formação integral e integradora, o PPI busca, a partir da realidade, proporcionar aos estudantes a oportunidade de aprofundar o entendimento das causas e consequências dos assuntos trabalhados, para efetivamente agir de forma profunda sobre elas. Deve-se empregar técnicas que ajudem os alunos a construir a sua opinião de forma crítica, levando em consideração a defesa da vida, a promoção da justiça e de uma ecologia integral.

Nesse contexto de aprendizagem, o professor deve assumir o papel de provocador, de incitar os alunos a irem além daquilo que foi dado em um primeiro momento e tirarem as suas próprias conclusões associando tais conhecimentos com outras disciplinas e informações adquiridas em sua vida pessoal e em outros processos educativos que tenha vivenciado. A leitura crítica da realidade deve ajudar o aluno a não deixar-se ser “marionete” de informações manipuladas, mas conferir e buscar dados em fontes confiáveis, para não se ater somente ao que está na superfície, principalmente em um contexto em que a Internet oferece infinitos conteúdos, mas nem todos baseados em fatos e dados verdadeiros e aprofundados. Assim, a “reflexão é um processo formativo e libertador para formar a consciência dos alunos (suas

crenças, valores, atitudes e, até mesmo, sua forma de pensar), de tal sorte que os desafias a ir além do puro conhecimento e passem à ação” (COMPANHIA DE JESUS, 1993, p.55).

Nesse sentido as universidades inacianas Vale do Rio do Sinos – Unisinos, desde 2001 e a Unicap, desde 2010, criaram em suas estruturas o Instituto Humanitas, cujo objetivo “é apontar novas questões e buscar respostas para os grandes desafios de nossa época, a partir da visão do humanismo social cristão, participando, ativa e ousadamente, do debate cultural em que se configura a sociedade do futuro” (UNISINOS, 2020). Assim, por meio de seminários, eventos, palestras, publicações etc. o Instituto Humanitas busca ajudar a refletir sobre as questões contemporâneas de uma forma aprofundada e a partir dos valores de defesa e promoção dos direitos humanos. Em Recife e na Paraíba, o Instituto Humanitas – Unicap atua em diversos polos temáticos, a saber: 1) Teologia, Ciência e Cultura; 2) Mercado, Pobreza e Desigualdades; 3) Ecologia, Desenvolvimento e Sociedade Sustentável; 4) Gênero, Diversidade e questão Étnico-racial; 5) Democracia, Sociedade e Políticas Públicas; 6) Espiritualidade Inaciana, Acompanhamento e Serviço da fé; visando, também, uma reflexão sobre as especificidades do nordeste brasileiro, no sentido de ajudar na formação crítica de toda a comunidade acadêmica e da sociedade. Nesse sentido, essas universidades cumprem o desafio de “usar da imaginação criativa que parta da realidade e enfrente os problemas concretos das pessoas [assumindo em suas ações] três níveis intimamente entrelaçados: compreender a realidade, responsabilizar-se por ela e nela intervir como um instrumento de efetiva transformação social” (UNICAP, 2020).

d) Ação

Inácio termina os Exercícios Espirituais ressaltando que “O amor demonstra-se com fatos e não com palavras”. O processo do PPI ficaria incompleto se todo o itinerário composto por contexto, experiência e reflexão não desempenhasse um aspecto de intervenção na realidade de uma maneira inovadora, positiva e sustentável. A educação jesuíta e as suas obras, escolas e universidades, seriam apenas centros de formação de “robôs” para o mundo capitalista se não formassem pessoas que, por meio de seus conhecimentos e técnicas, pudessem contribuir com a construção de um mundo melhor.

Nesse sentido, todo esse processo é um propedêutico para que essas pessoas atuem na realidade de uma maneira diferente. Obviamente não precisa-se estar formado para já começar alguma ação. O importante é que as práticas pedagógicas possam ajudar o estudante a incorporar não somente conhecimentos, mas valores e competências que impelem “o aluno a

agir, a fazer algo coerente com suas convicções” (COMPANHIA DE JESUS, 1993, p. 62). A ação, a partir do PPI, é uma forma inaciana de quebrar a lógica da sociedade líquida, do consumo e do espetáculo, e abrir o estudante a um mundo que pode, sim, ser pautado pela solidariedade e pelo enfrentamento do medo de fugir ou de fechar-se no seu grupo. Ela abre a uma alteridade ativa em que os dons da pessoa são colocados a serviço, de modo que, efetivamente, a pessoa possa louvar, reverenciar e servir a criação, o mundo e as pessoas, principalmente nas circunstâncias em que as feridas estão abertas e a vida corre risco de ser exterminada.

Assim, é importante que as universidades proporcionem espaços para que alunos e ex-alunos possam organizar, individual ou coletivamente, a promoção de ações de intervenção social, política, econômica, de saúde, ambiental, tecnologias e tantas outras áreas em que os cursos oferecem diversos conhecimentos. Dessa maneira, os programas sociais e de voluntariado aparecem com um instrumento importantíssimo nesse processo de levar o *campus* para a cidade, para o campo, para as favelas, para os conselhos da sociedade civil, para a política, para Organizações não-governamentais, para a criação de políticas etc.

Nesse sentido, uma interessante ação que universidades jesuítas tem realizado é a criação de Programas de Voluntariado, como o VOU - Voluntariado Universitário Unicap, e a Comillas Solidária, desenvolvida pela universidade inaciana de Comillas, em Madrid. Ambas iniciativas envolvem anualmente centenas de estudantes em ações de voluntariado local, regional e até mesmo internacional, por meio de iniciativas pontuais ou mesmo com imersões semanais, mensais ou semestrais, possibilitando, assim, oportunidades de ação para que alunos das mais diversas carreiras possam colocar em prática os seus conhecimentos e habilidades. Só em Pernambuco, por meio do VOU, de 2017 a 2020, cerca de 300 pessoas já atuaram como voluntários beneficiando milhares de pessoas.

Em parceria realizada a cinco anos entre as Universidades de Comillas, Ramon Lull e Deusto, da Espanha e a Unicap, todas de inspiração inaciana, foi criada uma experiência de voluntariado internacional em que os alunos dessas instituições, além de uma experiência de intercâmbio universitário e cultural, têm a possibilidade de realizar voluntariado junto à Fundação Fé e Alegria de Educação Popular, vinculada à Companhia de Jesus, durante um mês, em uma pequena vila no interior do Ceará. Para esses alunos, trata-se de uma experiência única e humanizante pois tal como diz Ariane Ingrid, aluna do curso de História, “Foram três semanas me descobrindo enquanto ser humano, profissional, amiga, conselheira. Escutar os sonhos daqueles meninos [me levava] a um exame de consciência [que] soava como uma frase ‘Para

quem estou me formando?” (UNICAP, 2020b). A estudante do curso de Tradução e Interpretação da Universidade de Comillas, Elisabeth Molina, faz a seguinte declaração:

Para mí la experiencia ha sido muy enriquecedora porque he aprendido mucho sobre mí, conviviendo con los voluntarios y las crianças de Vazantes. Creo que el pasar tiempo con ellos me han hecho crecer como persona y ver como reacciono en distintos momentos tanto de alegría como de tristeza. He sentido que gracias a la libertad que nos han dejado a la hora de organizarnos, hemos podido ser nosotros mismos y dar lo mejor de nosotros (UNICAP, 2020c).

A ação, mostra, portanto, uma via de mão dupla, é a possibilidade de criar pontes entre a teoria e a prática, entre o saber erudito e científico e a sabedoria popular, entre a linguagem técnica e a língua do amor, da fraternidade, da solidariedade. Colocando a “mão na massa”, os pés no chão aonde o asfalto não chega, o estudante se conhece, se experimenta, se desafia e contribui para que o outro seja mais, e, ao mesmo tempo, dá sentido e importância aos seus conhecimentos e utilidade a tantos bens e oportunidades que teve a graça de poder ter.

e) Avaliação

Durante os Exercícios Espirituais, sempre após a oração, Inácio pede para que o exercitante faça um exame, a fim de identificar o que foi positivo e o que pode melhorar no caminho de “ordenar a própria vida”. Normalmente nos processos pedagógicos da universidade, a avaliação também tem o objetivo de verificar se os conteúdos ou competências desenvolvidas foram adquiridas pelo aluno. No PPI a avaliação é igualmente importante, tendo em vista que ele visa formar pessoas que realmente possam intervir na realidade de forma positiva e essa realidade é sempre dinâmica, bem como as formas e abordagens de intervenção que podem ser realizadas.

Nesse sentido a avaliação serve como uma retroalimentação de todo o processo, de modo a identificar os aspectos que foram positivos e rever aquilo que não obteve os resultados esperados. Trata-se, portanto, de um exercício de responsabilidade e comprometimento e vai ao encontro pela busca do Magis, ou seja, por um bem mais universal, não por algo competitivo e numérico, mas por um aprimoramento pessoal a partir da experiência e das ações e, principalmente, de um olhar crítico e misericordioso para as próprias capacidades e potencialidades versus as dificuldades e desafios que se apresentam.

Desse modo, a partir da avaliação a pessoa pode traçar estratégias para atingir níveis melhores, mas levando em consideração e em respeito às próprias limitações. Nesse sentido, é importante verificar a fundo todo o processo realizado, aprendendo, assim, a fazer perguntas que possam ajudar em tal diagnóstico.

La vida y las dificultades de la vida nos plantean muchas preguntas que nos hacen tanto más bien cuanto menos prisa tenemos en contestarlas. La tentación que nos asalta muchas veces es dar respuestas precipitadas, superficiales. Nos cuesta sostener las preguntas, vivir con ellas. Hay que aprender a aceptar la pregunta y convivir con ella todo el tiempo que sea necesario, hasta que sintamos que la respuesta nace del corazón y lo pacifica...O incluso aunque no lleguemos a encontrar la respuesta nunca (MOLLÁ, 2012, p.12).

A avaliação é uma forma de fazer memória das ações realizadas e aprender com os erros e dificuldades, para que o processo seja assumido internamente e melhorado no futuro. Nesse sentido, trata-se de um olhar para ação a fim de seguir o ensinamento de Inácio quando diz “não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear internamente as coisas”. Assim, é importante não verificar somente o sucesso ou êxito da ação em si, ainda que isso seja, também, importante, mas identificar os impactos internos e, principalmente a fecundidade que o processo teve, verificando o percurso realizado em seu início, meio e fim. Dessa maneira, ter um olhar integrativo do caminho percorrido e identificar os pontos de consolação, de desolação, de construção e de limitação, possibilita um crescer existencial, ou, em palavras inacianas, tirar proveito disso, não para ser melhor que os outros, mas para ser uma pessoa cada vez mais preparada para mais servir com e para os outros.

3.2.3. *Autonomia e responsabilidade*

O ato de viver o presente é uma possibilidade de autoconhecimento que se dá na experiência, na reflexão, na ação e na avaliação de todas as iniciativas e vivências que a pessoa vai tendo em seu itinerário humano e espiritual. Nesse sentido, a universidade deve levar todo esse arcabouço em conta e propor oportunidades dessas vivências, porque busca-se algo que é essencial na formação integral de qualquer pessoa: formar pessoas que dentro de seus lugares de anunciação, de suas potencialidades e limitações, possam ser homens e mulheres com autonomia e responsabilidade. Somente dessa maneira é que pode-se formar pessoas que consigam lidar com os diversos desafios que são apresentados no cotidiano. Oferecer respostas prontas, reduzidas e limitadas de nada vai adiantar em um ambiente, que como vimos acima, é dominado por um contexto de constantes mudanças e disputas de interesses. Nesse sentido, com uma boa formação, a pessoa poderá melhor discernir quais caminhos, ações, decisões e opiniões são mais condizentes com a defesa da vida, dos direitos humanos, dos valores cristãos.

Nesse sentido, é importante ressaltar que autonomia não é um isolamento ou autossuficiência, nem mesmo uma vida em que os valores pessoais, muitas vezes limitados, ainda que a consciência humana tenha o seu valor, seja o ponto de vista absoluto em detrimento

dos demais. Autonomia “es la capacidad de darse normas a uno mismo. La autonomía se sitúa en el ámbito individual y supone estar en condiciones de mantener una cierta autodisciplina. La autonomía de la persona es un fundamento básico para el comportamiento moral y para el uso responsable de la propia libertad” (GALLART Et. Al. 2002, p.2). O isolamento e o individualismo, ao contrário, estão mais condizentes com os contravalores acima apresentados: levam a pessoa a um fechamento, a um ensimesmo, a uma autoproteção que exclui toda e qualquer possibilidade de alteridade e de ajudar e olhar para os demais. Nos processos educacionais, quando deixados levar pelas forças do mercado de trabalho ou do mundo dos negócios, corre-se o grande risco de formar pessoas altamente competitivas, caçadores do sistema capitalista. Esse não é e não pode ser o sentido da educação jesuíta e vai totalmente de encontro aos princípios humanos, cristãos e conseqüentemente, inicianos.

Assim, uma formação para autonomia é uma maneira de preparar a pessoa para a vida, para as situações de cada dia. Por isso as atividades pedagógicas nas universidades devem pensar não somente de uma forma técnica, mas de uma formação por competências em que conhecimentos, habilidades e comportamentos devem ser levados em conta visando a formação de homens e mulheres conscientes, competentes e comprometidos com a realidade. Assim:

La autonomía es considerada, por la persona libre y con criterio para vivir en nuestra sociedad, como una necesidad absoluta. Una sociedad que, a través de sus potentes y omnipresentes medios de comunicación, pretende crear consumidores de valores, de mensajes, de estereotipos, de productos... de todo tipo Y así, mientras los medios van dirigidos a la uniformidad del pensamiento, de los gustos, de las necesidades, la autonomía manifiesta y favorece la construcción de una persona que sea capaz de mantener una cierta independencia frente a los mensajes y las presiones exteriores (GALLART Et. Al. 2002, p.3).

Todavía a autonomia deve ser acompanhada de responsabilidade. A vida presente não pode existir sem comprometimento, sem compromisso, alienada da realidade e dos contextos. Por mais tensos e dificultosos que os lugares de anúncio possam ser, levando em consideração os difíceis processos pessoais, familiares, financeiros, estruturais que os universitários vivenciam, cada um e cada uma tem a possibilidade de, em sua autonomia, ser, também, responsável por suas ações e assumir a conseqüências delas, sejam positivas ou negativas.

A responsabilidade é a capacidade de resposta à realidade, principalmente às dificuldades. A formação integral visando a autonomia, em meio a sociedade líquida, do consumo e do espetáculo, deve ajudar o estudante a dar respostas e ser resistência às dificuldades e desafios que são apresentados em sua vida. Assim, a espiritualidade iniciano é também uma forma de resposta e responsabilidade, pois tal como afirma Davi Mollá (2003, p.

9) “para la espiritualidad ignaciana no tienen cabida posturas ante la dificultad como el conformismo, el fatalismo o el derrotismo. No tiene cabida el declararnos vencidos sin pelear, o el renunciar a la pelea que es necesario afrontar ante las dificultades que puedan presentarse”.

Trata-se, portanto, de um comportamento assertivo, propositivo e ativo da realidade que se apresenta. É a possibilidade de estar aberto e sair da zona de conforto que muitas vezes a vivência negativa do cotidiano pode causar. Assim, sem vitimismo, fatalismo ou medo, a pessoa é chamada a assumir um comportamento positivo em relação a vida e aprender com a possibilidade do novo, vivendo-o de forma autêntica, autônoma e responsável. Sem desanimar com as pedras que surgem no caminho já que

El momento de la dificultad es también momento para el autoconocimiento. Un autoconocimiento que nos hace caer en la cuenta de que somos lo que realmente somos: ni lo mucho que nos gustaría ser o podríamos haber sido, ni lo poco que creemos ser cuando nos sentimos mal. Y con ese autoconocimiento, ajustado en lo positivo y en lo negativo, se nos pide y se nos abre el camino a la aceptación lúcida, equilibrada y serena de lo que somos (MOLLÁ, 2013, p.12).

Nesse processo, o presente torna-se um campo de fecundidade, de olhada positiva e sempre aberto para aprender, para se conhecer e principalmente para colocar em prática tudo aquilo que vai descobrindo de positivo em si mesmo e aspectos que ainda nem sabia que se tinha, mas que no caminho vão desabrochando como flores que despertam após o inverno. A espiritualidade ignaciana, apropriada pela educação superior, e interiorizada pelos alunos, ainda que esses não sejam necessariamente cristãos ou religiosos, pode, como vimos, ser uma bússola que indica o norte para uma formação de uma pessoa integrada, pois tal como afirma Mollá (2013, p.16), “San Ignacio pretende que en una persona se integren armónicamente e interactúen todas las dimensiones de la persona humana y pretende, además, una experiencia espiritual que integre y afronte todos los desafíos que plantea la complejidad de nuestra vida”. Por isso existe a educação jesuíta, por isso a espiritualidade ignaciana é tão importante no processo educativo e formativo. É isso, portanto, que dá sentido a uma universidade jesuíta que tem como horizonte formar homens e mulheres para e com os demais no presente e no futuro.

3.3 Projeto de Vida reconciliado

Na fase universitária é comum algumas perguntas surgirem no pensamento de muitos estudantes: O que fazer para que os sonhos pessoais se tornem realidade? Como se organizar para o futuro? Quais passos deve-se tomar para ter uma vida com qualidade e sentido? É possível fazer um planejamento de vida? Como esse curso pode me ajudar a dar um sentido

para minha vida? Tais questões revelam um cenário extremamente complexo, pois em um mundo em constante mudanças, torna-se extremamente desafiador o planejamento para médio e longo prazo. Durante o percurso, diversos percalços podem aparecer e, aquilo que anteriormente era uma certeza, acaba se desfazendo como água por entre dedos, em meio a sociedade líquida, do consumo, do espetáculo, do lucro e do capitalismo, cabendo aos indivíduos uma busca rápida por uma constante adaptação, sem poder contar com o apoio formal das instituições que, por sua vez, nem sempre conseguem acompanhar as transformações e articular o global com o local e vice-versa.

Contudo, ainda que em um contexto instável, para sobreviver, não se pode deixar ser levado pela resignação e desânimo, é necessário buscar alternativas para enfrentar o problema. No entanto, não trata-se de optar por qualquer resposta que apresente o melhor resultado. Como vimos acima, muitas pessoas para lidar com a situação imposta pela sociedade contemporânea, busca uma saída a partir do medo e da fuga, mergulhando ainda mais nas “garras” da lógica de consumo, reforçando exatamente aqueles aspectos sociais que causam o sofrimento, a exclusão e a morte de tantas pessoas. É preciso, pois, pensar em soluções, em projetos de vida, que visem a qualidade de vida e a felicidade da pessoa, mas atrelado ao bem viver do outro, ao desenvolvimento da sociedade e ao cuidado do planeta.

Por mais que seja angustiante assumir a própria vida, principalmente em contextos conturbados como a contemporaneidade, de uma maneira ou outra, com “sim” ou “não”, em movimento ou parado, dentro daquilo que lhe compete e lhe é possível, todos os seres humanos tomam decisões sobre como vivem e viverão a sua própria existência. Tal como afirma o filósofo alemão Martin Heidegger (1889 – 1976), o ser humano é um *Dasein*, um ser no mundo que vai se fazendo enquanto existe. Ontologicamente, para esse autor, o homem é um ser no gerúndio, que vai se constituindo, se fazendo, se construindo, como ser do passado, do hodierno, do presente e dos horizontes abertos para o futuro.

Uma das maneiras de ser na existência é relacionando-se com os outros, com as coisas e com o mundo, pois, sobretudo, diante da alteridade, o ser humano passa a se questionar e a perguntar-se sobre o sentido de sua vida e nesse movimento em que se coloca em direção à sua própria existência, vai desvelando a si mesmo. “O ser não é uma forma substantiva, mas verbal. Ser não é um substantivo, apenas o verbo ser na sua forma infinitiva. Ser é movimento; ser é sendo” (CRITELLI, 1981, p. 14). Na concepção Heideggeriana, o outro não somente compartilha o mundo com o *Dasein*, mas ele o completa, pois o homem é um ser-no-mundo que assume a sua existência sendo um ser-com-os-outros, assim “a coexistência não é um

resultado, mas condição ontológica, uma condição que lhe é dado existir” (CRITELLI, 2016, p. 78).

Essa coexistência pode se dar de várias maneiras, assumindo, ignorando, negando, cuidando. Para Heidegger, o cuidado não é algo que temos, mas nos constitui, pois nas relações que estabelecemos com o mundo, com as pessoas, vamos nos constituindo, vamos sendo um ser-com-o-mundo, um ser-com-os-outros, e ao cuidar dos outros, nessa com-vivência, também, “cuidamos de nosso quem, de ser quem somos, no lidar com o mundo, pois temos como tarefa e como questão ser nós mesmos. O cuidado é autêntico quando nele se assume a responsabilidade de cuidar de ser si mesmo” (BRAGA, 2017, p.71).

Nesse sentido, deve-se estar atento para que não se construa um projeto de vida, focado exclusivamente no mercado de trabalho e na busca por consumo, pois como vimos, isso não é sustentável, não é humanizante e não leva à uma plenitude e reconciliação da pessoa, humana e espiritual, em suas várias dimensões. Faz-se necessário, pois, um planejamento, uma organização que leve em consideração os lugares de anunciação, as especificidades, a história de vida, as potencialidades e limitações, as oportunidades e possibilidades que cada um tem e sua abertura para ser, cada vez mais, uma pessoa melhor, para mais ajudar o seu contexto a ser um espaço melhor.

Sendo no mundo, sendo com os outros, sendo em convivência e em relação com os demais, o homem vai assumindo a sua existência que se mostra como possibilidade, como projeto que se constitui no contato deste consigo mesmo e com os demais, em uma teia de relações. “O *Dasein* não é um subsistente que possui além disso como dote adjetivo o poder de fazer algo, mas ele é primariamente ser-possível. O *Dasein* é cada vez o que ele pode ser e como ele é sua possibilidade” (HEIDDEGER, 2012, p.409). Em meio a perguntas, a interrogações e a relações, o ser humano vai encontrando caminhos para então projetar-se, lançar-se e assim assumir a sua vida dentro das possibilidades que encontra enquanto vai sendo. O *Dasein* é “aquilo que ele pode ser. Ser, para ele, é poder ser este ente concreto, empenhado no mundo. [Ele é] capaz de ser aquilo que projeta ser, de sair de si próprio, de ek-sistir (...)” (PASQUA, 1993, p. 36).

A palavra “Projeto” vem do latim *projectus* significa algo a ser lançado para frente. Segundo Almeida (2002a), a ideia de projeto é própria da atividade humana, da sua forma de pensar em algo que deseja tornar real, portanto, o projeto é inseparável do sentido da ação. Em sua capacidade de pensar, de refletir e de perguntar, o homem coloca-se para a frente, antecipa-se em relação ao futuro, para estar mais preparado quando este chegar. Para Machado (2002,

p.2), o homem constitui-se em sua humanidade “à medida que desenvolve sua capacidade de fazer escolhas e se lançar ao mundo, transformando-se e transformando-o, em busca de desenvolver projetos para atingir metas e satisfazer desejos pessoais e coletivos a partir de valores históricos, culturalmente situados e socialmente acordados”.

A psicologia tem tido um grande e fundamental papel nos processos de construção de projetos de vida, oferecendo uma ampla bibliografia sobre esse termo que tornou-se para essa área do conhecimento, uma categoria. Nesse sentido a categoria “projeto de vida”, tal como aponta Soares (2002, p. 76) “é, ao mesmo tempo, o momento que integra em seu interior a subjetividade e a objetividade e é, também, o momento que funde, num mesmo todo, o futuro previsto e o passado recordado. Pelo projeto, se constrói para si um futuro desejado, esperado”. Velho (1994, p. 101), por sua vez, aponta o projeto de vida como uma “antecipação no futuro dessa trajetória e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos”.

Dessa forma, verifica-se que projeto de vida, é possibilidade de vir a ser, de constituição de identidade e subjetividade da pessoa, contudo, algumas abordagens de construção de projeto de vida, tanto de profissionais, quanto no imaginário de jovens, podem focar demasiadamente a temática da escolha profissional e restringir tais projetos aos aspectos mercadológicos. Tal fenômeno pode ser observado em levantamento feito pela Profa. Maria Sara de Lima Dias em sua tese de doutorado, que diz o seguinte:

Em sua grande maioria os projetos de vida acabam por serem reduzidos a objetivos profissionais, uma resignação aos ditames e a ideologia do mercado. Como expresso em alguns discursos: “projeto de vida... eu não tenho este projeto de vida”, “o projeto de vida está bem relacionado com o emprego certo...essa é a questão, porque hoje em dia a gente vai primeiro para a área profissional”, “eu não tenho um projeto de vida eu não tenho ele totalmente definido”, “pretendo primeiro me estabelecer profissionalmente depois eu posso construir... o trabalho é que vai sustentar o meu projeto de vida (DIAS, 2009, p.240).

Nesse sentido, o Projeto de Vida proposto aqui inspira-se na espiritualidade inaciana que traz em suas raízes a busca por ajudar as pessoas a construírem uma vida mais integrada. Assim, é interessante relembrar a importância do Projeto de Vida dentro mesmo dos Exercícios Espirituais que em seu ponto alto, ao qual chamamos de Eleição, o exercitante é convidado a refletir sobre o seu caminho e, então, a partir da luz de Deus e do discernimento, apropriar-se da sua vida assumindo o estado de vida em que realizará o seu princípio e fundamento como ser humano ou, se já o tenha feito, fazer a reforma de vida, no sentido de identificar em sua vida o que não está de acordo com os valores evangélicos e buscar, então, emendar-se. Nesse sentido, durante todo o itinerário dos Exercícios é apresentado o projeto de Deus para a humanidade

como inspiração para o projeto de Deus pessoal, tal como afirma Luiz Gonzalez-Quevedo, SJ (2001, p.17).

Os Exercícios Espirituais se abrem com o chamado “Princípio e Fundamento”, que apresenta o Projeto de Deus para o mundo. Na chamada “primeira semana” constata-se que esse projeto não está sendo realizado pela humanidade. O pecado é a negação de Deus para cada um de nós. Caindo em si, como o filho pródigo, o exercitante se entrega à misericórdia de Deus. Nas três etapas seguintes, a contemplação da vida terrena de Jesus oferece ao exercitante um caminho concreto: conhecimento, amor e seguimento nos mistérios de sua paixão, morte e ressurreição. De maneira especial nas meditações do Reino e das “duas bandeiras”, os Exercícios apresentam o projeto de Cristo nosso Senhor e, em oposição a ele, o projeto do “inimigo mortal da natureza humana”

Portanto a proposta de projeto de vida que pretendemos afirmar nesse estudo é aquela concernente aos objetivos da educação jesuíta e das universidades da Companhia de Jesus, tal como apresentamos acima, ou seja, não formar somente profissionais, ainda que o trabalho seja aspecto fundamental na vida e sobrevivência da pessoa e deve ser levados em conta nos processos individuais de todos, contudo o que pretende-se é que nesse contexto, busque-se acompanhar pessoas a construírem projetos de vida que as ajudem a serem reconciliadas consigo, com os outros, com Deus e com a sociedade e assim, possam, de fato, interferir de uma maneira positiva no mundo por meio de seus conhecimentos, mas também de sua personalidade, dons, relações, experiências e visão crítica a fim de construir um ambiente mais justo e pacífico, sendo, portanto, uma voz a clamar no deserto imerso à sociedade líquida, do consumo e do espetáculo.

3.3.1. Valores inicianos para o Projeto de Vida

A vida de Inácio de Loyola em si, foi um constante construir e reformar seu próprio projeto de vida. Se antes tinha o projeto de ser cavaleiro e amar a dama da corte, tudo isso mudou após ser baleado em sua perna, iniciando a vida de peregrino com o desejo de doar a vida em Jerusalém, mas que, também, teve de ser repensada, quando este não pode na Terra Santa ficar, iniciando uma nova fase existencial como aluno em Alcalá, Barcelona, Paris, e, nessa relação com outros, sejam pessoas, lugares ou experiências, foi entendendo o seu lugar de anúncio e o que gostaria de anunciar, a sua missão: ajudar as almas. Essa busca levou Iñigo a Roma, lugar em que seguiu até o final de seus dias. Dessa forma, podemos ver que o projeto de Inácio sempre foi se adaptando aos lugares, circunstâncias e pessoas, mas algo permanecia sempre o mesmo: os valores que permeariam todo esse processo e o seu objetivo de salvar almas.

Assim como foi para Inácio, um projeto de vida não pode ser construído sem nenhuma orientação, sem algo que possa servir como uma bússola para ajudar a pessoa em seus processos existenciais, em suas relações em seus desejos. Tratam-se de valores norteadores, de princípios a serem orientadores da vida e práxis das pessoas.

Tanto a filosofia quanto a psicologia se debruçaram sobre o estudo dos valores humanos. Dentre os muitos pensadores dessa área, podemos mencionar a Teoria dos valores humanos básicos desenvolvida pelo psicólogo social Shalom H. Schwartz que destaca valores como auto direção, estimulação, hedonismo, realização, poder, segurança, conformidade, tradição, benevolência, universalismo e espiritualidade como valores inerentes a toda a humanidade. Ademais, filósofos desde Platão a Kant e, também, na filosofia contemporânea escreveram sobre a importância dos valores para a vida humana, destacamos pois, a teoria de valores realizada pelo jurista e filósofo brasileiro Miguel Reale (1994), que faz uma análise dos valores no sentido de verificar várias dimensões desses, como: historicidade, em quais valores estão dentro de um contexto no tempo específico; gradação hierárquica, pois os valores podem mudar em suas prioridades de acordo com as culturas; inexauribilidade, pois para o autor o valor ele está sempre em construção e nunca é estático; bipolaridade, já que todo valor traz também a possibilidade de um contravalor.

Não vamos entrar em minúcias sobre as diversas teorias de valor existentes. Tendo em vista o objetivo de nosso trabalho e a importância dos valores na construção de projetos de vida, nos debruçaremos, pois, em identificar quais são os valores ou orientadores vivenciais, para além daqueles de defesa a vida e dos direitos humanos que devem estar implícitos nos valores humanísticos e cristãos, que são apresentados na espiritualidade inaciana e que acreditamos podem ser transmitidos aos estudantes a fim de eles, se quiserem, poderem, então, desenvolvê-los e trazer consigo em seu itinerário pessoal.

a) Contemplativos na ação

Ser “Contemplativo na ação” é perceber Deus, o Sagrado, o Grandioso em todas as coisas e Todas as coisas em Deus. Inspiração e graça obtida na Contemplação para Alcançar o Amor dos EE, a pessoa, passa a ver que todas as suas ações, pensamentos, operações, sentimentos são uma grande oração pois estão conectadas com a presença de Deus que se encontra em Tudo. Pe. Nadal, contemporâneo à Inácio, narra que o peregrino sentia e contemplava a presença de Deus em todas as coisas. Contemplativo na ação, ele compreendia

a dimensão espiritual de todas as suas ações e de todos os seus encontros. O que lhe fazia dizer: “é necessário encontrar Deus em todas as coisas”.

Assim, não há como separar fé de obras, contemplação e missão, tudo está imbricado pela ação de Deus em uma grande trama de amor e, por conseguinte, oração. “Com isso, a ação torna-se uma verdadeira oração, que une a vontade da pessoa à Vontade de Deus e a faz saborear os frutos desta união. Quando a pessoa se doa inteiramente a Deus e ordena toda a sua vida a seu serviço, em tudo pode encontrar a Deus” (Magis, 2018). Citando Domingos Talhammer, Josef Stieli, SJ, (1990, p.145), afirma que “ A mística inaciana é essencialmente uma Mística do serviço. Diferentemente das místicas intelectuais, nele o serviço de Deus não constitui a profusão da contemplação (...) mas o próprio objetivo para o qual tende a graça de uma oração Mística”.

Dessa maneira não há como separar mística e ação, contemplação e ação, pelo contrário, uma só se realiza se está junto da outra. A pessoa que fez a experiência de sua própria vida e nela encontra os sinais de algo maior que ela própria, presente em cada momento de sua existência, supera todas as dicotomias ou maniqueísmos que separam o sagrado do profano, as coisas celestes das coisas da Terra. A espiritualidade inaciana compreende que o Deus da vida se abaixou para estar conosco em nossa realidade material, humana e carnal, dando a ela uma condição sagrada e mística. Tudo é presença de Deus. Tudo está em constante movimento a partir do poder criador do Amor do Pai que continua a trabalhar a todo momento em tudo e em todos. Assim, buscar a Deus em todas as coisas “trata-se de um serviço de amor que capta ‘todas as coisas’ na luz da fé, em Jesus Cristo, Criador e Senhor, para fazê-las voltar para junto de autor de todo dom” (STIERLI, 1990, p.88).

Inácio afirma, em carta escrita em 24 de dezembro de 1553, que é possível elevar o espírito até Deus, “no meio das atividades e dos estudos; a partir do momento em que se transforma tudo em serviço de Deus, tudo se torna oração” (STIERLI 1990, p.109) ou ainda em carta enviada aos jesuítas de Portugal, em 31 de janeiro de 1552 quando diz que ter a responsabilidade das coisas temporais pode muito bem, de certo modo, “parecer uma ocupação que distrai, e sê-lo efetivamente, mas a santidade da intenção que dirige tudo o que fazeis com vistas a glória de Deus a torna espiritual e muito agradável a sua infinita bondade” (Ibid, p.110).

Essa mística de vida, de ser contemplativo na ação, buscando e encontrando Deus em todas as coisas é uma forma de ver o mundo e a relação com Deus dentro de um contexto, com o atual, extremamente conturbado com muitos afazeres e rápidas transformações. O Peregrino acredita que se Deus está presente em tudo e tudo é oportunidade para mais amá-lo e servi-lo,

logo, a oração se dá em todas as coisas e na rotina hodierna de cada um, que, por meio do serviço, pode tornar a vida, as relações, o trabalho em uma grande mística de união.

b) Discernimento

Um outro elemento crucial para um projeto de vida, inspirado na Espiritualidade Inaciana, é o Discernimento. Existem na história inaciana e jesuítica diversas experiências de discernimento individual e comunitário. Inácio, em sua caminhada, foi percebendo as suas moções, sentimentos e movimentos interiores para discernir os espíritos que dominavam o seu coração escolhendo somente aquele que mais o direcionava para o bem maior. Com os primeiros companheiros, eles, juntos, também buscaram discernir sobre o que fariam de suas vidas naquilo que ficaria conhecido como a “deliberação dos primeiros padres”⁵¹.

O discernimento também aparece no Diário Espiritual de Inácio, quando esse escrevia as Constituições da Companhia pois, mesmo depois de tantos anos de caminhada, já em Roma com a Companhia se espalhando por todo o mundo conhecido, o Peregrino ainda buscava encontrar a vontade de Deus nas decisões que tinha de tomar. A passagem é a “epopeia” chamada “deliberações sobre a pobreza”, o único relato que ficou a salvo do diário espiritual de Inácio que nos narra passo a passo o caminho de discernimento que o Santo fez para chegar a uma conclusão sobre a temática da pobreza nas Igrejas da Companhia. Para Santiago Thio de Pol, SJ, “San Ignacio tiene un lugar reconocido en la historia de la espiritualidad como maestro em el discernimento para tomar decisiones segun la voluntad de Dios”. (1998, p. 43) Nesse sentido, o discernimento dentro da espiritualidade inaciana, “consiste em procurar tomar a decisão que sirva o melhor possível aos interesses do Reino numa situação complexa em que a vontade divina não se manifestou claramente” (CANTIN, p.7).

Dessa maneira, trata-se de uma decisão a ser tomada a partir de uma problemática concreta, a fim de buscar e encontrar a solução que mais (magis) esteja de acordo com a vontade de Deus. Vale ressaltar que o discernimento não existe entre uma alternativa boa e outra ruim, mas entre duas coisas aparentemente boas, que, contudo, merecem uma decisão por aquela alternativa que vai levar a um bem maior.

O discernimento espiritual inaciano tem por finalidade a busca e a descoberta da vontade de Deus, distinguindo-a das ilusões e seduções do mal, bem como de nossa própria vontade ou de nossos instintos egoístas. O discernimento espiritual nos é tanto mais necessário quanto mais tentados somos por pressões e desejos que não procedem de Deus (GONZÁLEZ-QUEVEDO, 2013, p. 11).

⁵¹ A deliberação dos primeiros padres, de 1539 é o primeiro documento a nos informar sobre a constituição da futura Companhia de Jesus. (Cf. CANTIN, Roger. O discernimento espiritual pessoal e comunitário. São Paulo: Edições Loyola, 1987, p. 74)

Nos dias atuais em que, muitas vezes, o bem vem disfarçado de mau, ou mesmo, há muitas opções a serem seguidas e ofertadas, o discernimento inaciano serve como uma importante ferramenta para que as pessoas possam fazer as suas eleições, ou seja, tomar as suas decisões levando em consideração não somente valores, muitas vezes egoístas, mas as demais pessoas, a sociedade e a relação com Deus e com seu projeto de felicidade para todos, pois não basta

somente viver na cultura, mas julgar e decidir, reinterpretar os “sinais” dos tempos à luz de chaves que os transcendem, e que não nos são fornecidos necessariamente com ela. Não basta, por exemplo, num determinado contexto cultural, o voluntarismo generoso para mudar as coisas e, muito menos, o conservantismo, como sucedeu, com excessiva frequência, a resposta católica aos hodiernos problemas da justiça. Primeiro, é preciso saber, isto é, compreender onde e como se originam os problemas sociais de hoje, e como se originam as estruturas que os criam e resolvem. E, além de saber, é mister discernir, dominar o difícil aparelho do discernimento, sobre o que se vê, se compreende funcionalmente e se sabe. (MARZAL, 1991, p. 30)

Assim, a pessoa que se inspira nos valores da Espiritualidade Inaciana e, conseqüentemente na busca por uma vida discernida, é também uma pessoa que à luz dos valores evangélicos e de uma vida voltada para a construção de um mundo reconciliado, toma as decisões, não de maneira fácil e imediata, mas verifica todas as inter-relações e conseqüências de seu modo de proceder buscando seguir o caminho da construção de um mundo solidário e justo para todos.

c) Liberdade

A liberdade no sentido inaciano não é uma prisão ou uma limitação, uma obrigação imposta para seguir e obedecer a um Deus caprichoso ou exigente, pelo contrário, o olhar para a própria vida proporciona ao exercitante uma intimidade com Deus que é amor e misericórdia. A pessoa que passa pelo itinerário de autoconhecimento percebe-se inserida em um mundo em que o amor de Deus está continuamente agindo sobre todas as coisas, mas que também se depara em um mundo cujo egoísmo humano, pessoal e social, causa sofrimento, morte e dor para milhões de pessoas e para todo o planeta.

Diante de tamanho amor, mas também de um mundo sofrido, o exercitante é chamado por Deus e por sua consciência a entrar nessa guerra contra o mal, aquele que começa dentro do próprio coração humano, quando esse se fecha em si mesmo e quebra a relação e a aliança com os demais, e desemboca no mal social que se instaura estruturalmente nas diversas

realidades do mundo. Ora, aquele que experimentou o amor e foi seduzido pelo seu amado, percebe que a sua felicidade só é obtida quando, também, passa a lutar pela felicidade dos demais. Dessa maneira, é a partir do amor e da busca por amar, que a pessoa, livremente aceita a seguir Deus nessa empresa para fazer a Redenção da Humanidade.

Ao empregar a palavra liberdade, Inácio visa autonomia da pessoa, tomada em sua radicalidade. A liberdade confere ao homem a capacidade de autodeterminação. Portanto, graças a ela, ele usufrui o domínio dos seus pensamentos "que nascem puramente da minha liberdade do meu querer". "O que procede do nosso juízo e liberdade". A liberdade é a fonte da personalidade, o ponto crucial de onde essa jorra. Graças a ela, o homem é "senhor de si", como Inácio disse uma vez. Ele é dono do seu destino, dona inclusive na ordem do seu relacionamento com Deus (...) De sorte que a liberdade é o princípio primeiro, o dinamismo fundamental que estrutura e dá forma a existência humana em todas as suas dimensões. Nisso se empenha o todo do homem. Não se trata de uma faculdade de determinada. Ela as controla e anima a todas as operações como a memória, a inteligência, o pensamento e, por intermédio da "vontade", um conjunto da vida afetiva e dos sentimentos. (THOMAS, 1990. p.43)

Nesse sentido, o projeto de vida de cada um é, também, um processo que se dará durante toda a vida na busca de ser cada vez mais livre, pois tendo em vista o seu objetivo, ser feliz e ajudar os demais a serem felizes, e o seu princípio e fundamento de louvar, reverenciar e servir a Deus, a vida será palco de uma busca pela indiferença, ou seja, por optar e escolher e fazer o discernimento somente por aquilo que mais vai conduzir à plenitude da pessoa e dos demais. Quanto mais livre das afeições desordenadas, ou seja, mais livre dos aspectos que impedem a pessoa de ser mais disposta a em tudo amar e servir, mais ela será liberta das amarras e livre para assumir a sua humanidade de maneira mais plena.

Nisso consiste a liberdade. A verdadeira, não a liberdade pouca que costumamos chamar de "livre Arbítrio". Porque fazer simplesmente o que quero ou desejo não constrói necessariamente, pode destruir a pessoa. A verdadeira liberdade se constrói no dia a dia, pelas opções que nos fazem crescer em humanidade, pela incorporação de valores que constroem, pela orientação que vai sendo dada à vida. Quando podemos afirmar que o caminho que estamos trilhando nos aproxima do que há de melhor em nós mesmos, então experimentamos o que é "ser livre" (PALACIO, 2018, p. 30)

O homem para Inácio é um ser livre, com vocação para a liberdade. Ser livre é ser indiferente, do ponto de vista inaciano, é ser "livre de qualquer apego desordenado" (THOMAS, 1990. p.17) de todo e qualquer aspecto da vida, da história que impede o ser humano de estar disponível para fazer em tudo a vontade de Deus: a própria felicidade e bem-estar e a dos demais. Por isso "a palavra final da liberdade é oblação: "tomar, senhor, e recebi toda a minha

liberdade (..) Aqui, a liberdade desvenda a sua natureza profunda. Ela é a capacidade de amar. Vive da reciprocidade da doação. Culmina na comunicação (THOMAS, 1990. p.46).

d) Magis

A sempre buscada liberdade não é algo inútil, tem o objetivo de ser mais disponível para assumir a própria humanidade em plenitude. Esse “mais” ou “Magis” é o coração da espiritualidade inaciana e da pessoa que, em constante peregrinação e a cada passo, busca se aproximar do seu horizonte de vida e vida em abundância. Assim, para Inácio “O homem é um ser capaz de crescimento. Seu crescimento nunca se consuma” (THOMAS, 1990. p.20) porque sempre é momento de ser mais livre, mais indiferente, mais disponível, mais generoso.

Para Carlos Palácio, SJ, o conceito inaciano “magis” pode ser observado sob duas perspectivas, a primeira é a de que ele nunca se encontra sozinho, é um termo que vem sempre qualificado e relacionado a “um lugar, uma situação ou um momento da vida da pessoa” (PALACIO, p. 22); a segunda é que o Magis, também, é sempre relacionado a alguma coisa “o maior, o máximo de uma circunstância ou situação. O magis possível é delimitado ou comprimido pela circunstância ou situação” (ibid). Nesse sentido, o Magis denota uma antropologia que tem o homem como um ser capaz de superar-se, de transcender-se, de ir cada vez mais além. Assim continua Palácio (2018, p.22):

Em certo sentido, todo ser humano é marcado por um magis, um mais que caracteriza toda experiência humana. Em cada pessoa, como ser humano, há um “excesso” que não pode ser reprimido e se manifesta de diferentes maneiras. Enquanto “ser de desejos”, o ser humano é atravessado por um dinamismo insaciável; é um “sonhador” empedernido que se projeta nos “ideais” que cria e recria uma e outra vez, sem cansar-se de recomeçar. Consciente de ser ele mesmo um “projeto de Deus”.

Na tradução espanhola dos Exercícios, o termo *más*, ou mais, ou *magis* é usado setenta e sete vezes, pois Inácio queria enfatizar a importância de se inserir, com a Graça de Deus, em um processo de melhoria contínua. Algo interessante é que a lógica de Inácio parte de uma estrutura comparativa, contudo, não “um comparativo referente aos outros, mas um comparativo referente a si mesmo” (THOMAS, 1990. p.20). Pois em sua antropologia, ele acredita que o homem sempre pode fazer mais, ser mais, superar-se. Assim, o homem “sempre pode agir melhor. Nunca aparece situação alguma bloqueada. Mesmo nos casos em que alguém esteja irreversivelmente comprometido, sempre fica uma margem disponível para uma liberdade em busca de melhora. O apelo à melhoria e à reforma é constante”(THOMAS, 1990.

p.21). Portanto, palavras como aproveitar, progredir, aperfeiçoamento, frutificar etc. são fundamentais na espiritualidade inaciana pois

Um peregrino nunca chega ao seu destino; deve sempre seguir adiante. Nunca deve parar onde imagina que o horizonte acaba; deve continuar a crescer, a amadurecer na força criadora que Deus lhe concede, até chegar à plenitude do amor. Este dinamismo exige de nós a busca da excelência; mas, para quem crê, também é uma abertura para o Totalmente Outro e para o seu Amor às outras pessoas. (Kolvenbach, 1991, p. 16)

O Magis é interior que parte para o exterior, ou seja, é um processo que parte do desejo da pessoa de ser melhor, mas ser mais para os demais e não para se situar de uma forma competitiva perante as outras pessoas num sentido de superioridade. O que Inácio faz é um “apelo a esta ultrapassagem de si mesmo, em parte alguma topamos como qualquer vestígio de espírito competitivo. Nunca nos é inculcado que devemos agora ser melhor do que os demais, fazer mais do que eles” (THOMAS, 1990. p.22). Dessa maneira, concordamos com Palácio (1998, p.32) quando esse faz a seguinte afirmação.

O segredo do Magis inaciano é a inversão de valores operados por Jesus: o Senhor é servo; o primeiro, último; o amor é o escravo. Identificar-se com Jesus é experimentar a força sedutora da grandeza do pequeno. Aprendemos a ser livres, libertando; a dar esperança, esperando; a amar, amando. E a ser servo, servindo. O magis é a utopia das raízes, a força do Ressuscitado que, passo a passo, vai roubando à morte pedaços de vida que não lhe pertencem mais.

Portanto, o Magis ou “Ser mais” é característica fundante e essencial da Espiritualidade inaciana e como dizia Peter Hans Kolvenbach, SJ (1991, p. 11) “é a exigência de um crescimento e renovação de nossa parte, a fim de sermos sempre mais eficientes dentro do contexto do fluxo perpétuo em que vivemos”, tornando-se, portanto, o combustível de todo projeto de vida.

e) Cristo como Modelo

Desde o início da caminhada dos primeiros jesuítas, e portanto da Espiritualidade Inaciana, até os dias de hoje em uma Companhia muito mais ampliada, com leigos, colaboradores e pessoas de outras famílias religiosas, o modelo único a ser seguido é o do próprio Jesus Cristo, ao qual o Pai colocou junto a Inácio e lhe disse que seria propício. Nesse sentido, a espiritualidade inaciana, com seus conceitos de perceber Deus em todas as coisas, contemplativos na ação, liberdade e discernimento e busca pelo Magis tem somente um critério: o modo de proceder do próprio Cristo Jesus, que deu a sua vida em favor dos demais.

Para padre Pedro Arrupe, SJ, Cristo converge tudo o que somos e fazemos, unificando todos os elementos da espiritualidade inaciana: “oración e acción; empeño por la perfección propia e a jena; recurso a los elementos sobrenaturales y humanos; pluralismo y unidad; esfuerzo propio y dependencia total de Dios; medios eficaces y pobreza; inserción e universalidad” (ARRUPE, p.221) .

A graça pedida durante os Exercícios Espirituais de “conhecimento interno de Jesus Cristo para mais Amá-lo e Servi-lo” é colocada especialmente por Inácio pois somente tendo Cristo como modelo de pessoa é que alcança-se a plenitude de Vida. Ele que veio ao mundo para fazer a Redenção da humanidade, também nos deixa a sua forma de pensar e agir para que essa redenção seja alcançada a cada dia por todos aqueles que desejam. Obviamente não se trata de copiá-lo, mas de inspirar-se na sua forma de agir para moldar a própria forma de agir, de maneira que crente e não crentes podem ter Cristo como inspiração. Assim, Inácio não sugere que apenas conheçamos a Cristo, mas o conheçamos internamente, de modo que o projeto de vida adotado pela pessoa seja íntimo do modelo ao qual será inspirada todas as operações, ações, pensamentos e agir de sua vida.

No entanto, é importante ressaltar que a compreensão da pessoa de Jesus Cristo apresentada pelos Exercícios Espirituais e, conseqüentemente pela espiritualidade inaciana, ainda que esteja inserida dentro de uma religião institucionalizada tal como é o catolicismo romano, é, também, visto dentro da tradição jesuíta de uma forma ampla e aprofundada. Além da abordagem histórica de Cristo que se encarna no mundo para fazer a “Redenção Humana”, outras compreensões cristológicas apresentam também as abordagens mistagógicas e até cósmicas da segunda pessoa da Santíssima Trindade.

Nesse sentido destaca-se a compreensão de Cristo Cósmico propugnada pelo cientista paleontólogo e místico jesuíta Teilhard de Chardin que “distingue o “crístico” do “cristão”. O crístico comparece como um dado objetivo dentro do processo da evolução: um elo que tudo liga e re-liga. Porque estava lá dentro pôde irromper, um dia na história, na figura de Jesus de Nazaré” (IHU, 2016). Em suas obras, Chardin, que foi duramente criticado por membros na Igreja devido às suas ideias, afirma Cristo (ponto ômega) como a convergência máxima de uma criação em ascendente transcendência, de modo que a pessoa, o Todo, o Espaço-Tempo estejam intimamente e espiritualmente ligados e unidos. Essa dimensão cósmica de Cristo pode ser vista na obra prima de Chardin (1994, p.53) no texto “Missa sobre o mundo” em que ele diz:

Cristo glorioso, influência secretamente difusa no seio da Matéria e Centro deslumbrante em que se ligam todas as fibras inúmeras do Múltiplo; Potência implacável como o Mundo e quente como a Vida; Vós que tendes a frente de neve, os olhos de fogo, os pés mais irradiantes que o ouro em fusão;

Vos cujas mãos aprisionam as estrelas, Vós que sois o primeiro e o último, o vivo, o morto e o ressuscitado: Vós que reunis em vossa unidade todos os encantos, todos os gostos, todas as forças, todos os estados.

Essas compreensões cristológicas oferecem perspectivas e abrem possibilidades para um maior diálogo e inspiração Cristã tanto para pessoas católicas, como para pessoas de outras denominações cristãs ou mesmo de outras religiões. Sem cometer heresias, ainda que muitas vezes tais afirmações, sejam de uma perspectiva histórica ou cósmica de Cristo, tenham causado estranhamentos nos meios teológicos, o Cristo apresentado pela Companhia de Jesus é o Cristo Redentor, amoroso, acolhedor e presente nas alegrias e tristezas das pessoas independentemente de sua crença, etnia, orientação sexual, pois abraça o ser humano tal como o Pai Misericordioso abraça o seu filho “até então perdido”.

Dessa maneira, observamos que muitas pessoas, ainda que não católicas realizam os Exercícios Espirituais e tiram bom proveito deles. Trazem a intimidade com Cristo e sua mensagem como uma espiritualidade, um projeto de vida e uma “filosofia de vida” a seguir.

3.3.2. *Religião e Espiritualidade*

Em muitas metodologias de autoconhecimento e processos de projeto de vida é muito comum realizar uma revisão das várias dimensões da vida humana para, então, dar um sentido para a existência a partir dos lugares de anúncio de cada um. Em algumas práticas, sejam elas de estrutura religiosa ou mesmo psicológicas, verifica-se a inclusão da dimensão espiritual como uma daquelas a serem desenvolvidas pela pessoa. Diante dessa premissa, faz-se necessária uma reflexão e uma observação, principalmente quando falamos desses processos a partir da espiritualidade inaciana.

Na perspectiva cristã e de outras religiões, não há uma dimensão espiritual no ser humano, pois nesses pontos de vistas, o aspecto religioso não é somente uma dimensão, mas parte constitutiva de toda a pessoa. Para o filósofo jesuíta Lima Vaz, a totalidade estrutural do sujeito é experimentada como um ser espiritual. Para ele há uma dimensão relacional constitutiva do ser humano denominada como categoria da transcendência onde se “caracteriza pela relação entre a finitude intencional do sujeito e a infinitude real do Absoluto. Nesse sentido, o homem percebe-se como um ser-para-o-Absoluto em que o ‘sujeito finito e situado se eleva à infinitude do ser, da Verdade e do Bem” (OLIVEIRA, 2013, p.184).

A relação de transcendência exprime como que o excesso ontológico (do sujeito enquanto se auto-afirma como ser), pelo qual nos sobrepomos ao mundo e à história (o que é evidente quando refletimos sobre o mundo e a

história no horizonte do ser) e avançamos, assim, além do ser-no-mundo e do ser-com-o-outro, buscando um fundamento último para o Eu sou primordial que o constitui (LIMA VAZ, 1997, p. 195).

Assim, concordando com toda a Antropologia filosófica propugnada por Lima Vaz, podemos afirmar, então, que o ser humano é corpo, psique e espírito e sendo um ser de relações, se percebe na sua relação objetiva com o mundo, na relação intersubjetiva com os outros e na relação de transcendência com o Absoluto, ou seja, o ser humano não é constituído de uma dimensão espiritual, mas traz como dimensão constitutiva de seu ser o fato de ser todo espiritual. Nesse mesmo sentido e já fazendo uma associação entre Espiritualidade e Projeto de Vida, Leonardo Boff (1990, p.556) faz a seguinte afirmação:

Espiritualidade representa um verdadeiro projeto de vida: viver a vida como ternura para com a sua própria vida, afirmar a vida dos outros humanos, especialmente daqueles cuja vida é encurtada iniquamente, e apreciar a vida em todas as suas dimensões cósmicas, desde o primeiro movimento da matéria subatômica, que está cheia de vida e de intencionalidade, até às formas mais manifestas de vida vegetal e animal. Bem diz a Escritura: “Escolhe a vida e viverás.

Dessa maneira, quando falamos de espiritualidade estamos falando de projeto de vida e vice-versa, contudo, é importante ressaltar que ainda que espiritualidade e religião, tenham sido por muito tempo interligadas, é muito comum verificar que tal atrelamento não é mais presente, tal como aponta José Maria Virgil (2019, p.71) com a seguinte afirmação “Antiguamente, la espiritualidad se consideraba encerrada en el campo de la religión. Las Iglesias y la teología nunca consideraron que fuera de ellas hubiera espiritualidad. Hoy, este monopolio religioso de la espiritualidad ya no es defendido ni por la teología”.

Essa “emancipação” da espiritualidade da religião se dá no contexto contemporâneo de crise das instituições, conforme apontamos acima, e conseqüentemente da religião e de suas denominações institucionalizadas, como é o caso da Igreja Católica, por exemplo. Em meio a um trânsito religioso, a uma secularização e pluralização, os seres humanos podem, muitas vezes, afastar-se de uma religião específica, mas tendo em vista que a espiritualidade é algo que o constitui, nunca poderá afastar de seu ser espiritual.

Dessa maneira, ainda que a espiritualidade inaciana tenha nascido dentro do catolicismo romano e traz como uma de suas premissas o “sentir com a Igreja”, que atualmente é traduzido como um sentir com Cristo que veio para a Salvação de todos os seres humanos, não se limita nem ao catolicismo e nem mesmo ao cristianismo. Nascida a partir dos Exercícios Espirituais que traz como princípio e fundamento o amor pelo e do Criador e o discernimento em busca de ordenar os afetos buscando o bem comum, o “magis”, qualquer pessoa, independentemente de

sua crença e origem pode tirar proveito de tal espiritualidade pois ela fala à condição humana, ao ser humano espiritual, inserido da história, que vive a partir de um lugar de anunciação específico e como criatura, está intimamente ligado a toda a criação.

Pensadores como Francesc Torralba apresentam uma teoria de inteligência espiritual, presente em todas as pessoas e passível de serem desenvolvidas. Já o jesuíta, Maria Corbi, apresenta uma “espiritualidade laica” que se desenvolve a partir daquilo que ele chama de método IDS (Interesse, Desapego e Silêncio) que pode ser realizada por qualquer pessoa independentemente de sua religião ou fé. Em todas essas teorias se apresenta aquilo afirmado por Virgil (2019, p.76) de que a

espiritualidad es un elemento constitutivo de la persona humana, de toda persona humana, y no es un departamento religioso confesional (aunque podrá vivirse em él) ni un segundo piso metafísico-sobrenatural (aunque esa categorización concreta ha servido a muchos, durante siglos, para dar forma a su comprensión de la espiritualidad). La espiritualidade está tan identificada con el mismo ser profundo de la persona, que espiritualidade viene a ser la calidad humana.

Assim, tanto os Exercícios Espirituais, quanto os princípios da Espiritualidade Inaciana são aproveitados por milhares de pessoas e trazem benefícios também a pessoas agnósticas, mulçumanas, espíritas, budistas etc., pois fala ao coração humano e busca o crescimento de homens e mulheres para serem mais com e para os demais. Portanto, no mundo universitário, que como vimos acima, é majoritariamente composto por jovens inseridos em um ambiente em que a instituições religiosa nem sempre é o aspecto mais importante de sua vida, a abordagem por meio da espiritualidade, e uma espiritualidade que respeite e dialogue com as várias e plurais formas de existência, tal como a espiritualidade inaciana se apresenta, torna-se um importante instrumento para ajudar essas pessoas em seus processos existenciais.

3.3.3. Consigna e Missão do Projeto de Vida

Além dos valores acima mencionados, outro ponto que deve-se levar em conta na construção de projetos de vida é compreender aquilo que move a pessoa, qual o objetivo, qual o sentido, o propósito que ela quer dar para a sua existência. De fato, a vida é cheia de objetivos e de sonhos a serem alcançados, seja em nível material, seja em níveis mais profundos como ter uma família, saúde, paz, tranquilidade. No entanto, todos têm um propósito maior em sua existência, algo que o jesuíta, psicólogo e mestre espiritual Carlos Cabarrús, chama de Consigna.

Cabarrús (2007) utiliza a palavra *consigna* que, segundo ele é algo utilizado dentro do mundo político como aquilo que leva à uma direção em benefício do povo e de suas necessidades, é, portanto, algo ligado a *práxis* e dá identidade às pessoas. Dessa maneira, a *consigna* é também programática, pois um governo pode se organizar para aplicá-la durante um tempo previsto, mobilizando ações, recursos e pessoas para a sua realização. Em suma, poderíamos dizer que *consigna* seria a missão do governo dentro de um contexto político específico. Para esse autor, podemos assumir para a nossa vida essa mesma intuição, tornando, então a *consigna* como algo espiritual e pessoal, e, podemos, então, aqui acrescentar, como algo existencial.

A *consigna* no sentido mais amplo é aquela que Inácio foi assumindo em sua vida a partir das suas experiências humanas e espirituais de modo que ele conseguiu resumi-la em uma afirmação: “Salvar Almas”. Cabarrús conta que sua *consigna* pessoal foi obtida a partir de uma experiência de Exercícios Espirituais em que ele pode mergulhar na sua própria experiência existencial e na experiência da relação íntima com Deus. Como, então, o jovem universitário poderia encontrar a sua *consigna* humana, espiritual e existencial?

Se olharmos o itinerário até aqui feito, mostramos algumas maneiras em que a pessoa pode integrar-se com o passado e com o presente a fim de melhor projetar o futuro. Nesse olhar para a sua própria vida, encontra-se o seu lugar de anúncio e aquilo que torna a pessoa o que é, suas potencialidades e limitações. Nesse processo, muitos percebem que não estão sozinhos, há em seu entorno, pessoas e sociedade, com dons e desafios, e, muitos, podem perceber a presença de algo ainda maior, que transcende a experiência terrena ao mesmo tempo que está presente nela, que muitas vezes chamamos de Deus ou Transcendente. A *consigna* nesse sentido, perpassa um autoconhecimento, um conhecimento do mundo e um conhecimento de Deus, de modo que a pessoa, tal como aponta Cabarrús, mergulha em uma “dança” em que vai percebendo o seu papel e como pode, a partir daquilo que é, contribuir com o lugar em que está, em outras palavras, uma causa para “gastar a sua vida”. A espiritualidade inaciana pode ajudar a pessoa a descobrir o sentido, tanto por meio dos Exercícios Espirituais, quanto a partir dos Valores Humanísticos, pois conforme aponta Pe. Iglesias, SJ, citado por Palaoro (2010)

A arte de olhar a humanidade à maneira de Inácio, é reflexo da bondade, benignidade, simpatia de Deus pelo ser humano. É daqui também onde brota o reconhecido humanismo como característica da espiritualidade inaciana: uma visão completa e amável do ser humano, de seus problemas e vicissitudes, uma sensibilidade para todo valor humano e um grande interesse em promover o ser humano enquanto tal, consciente de que isso forma parte da Redenção que se iniciou com a vinda do Verbo.

Dessa maneira, para pessoas religiosas ou teístas, os Exercícios Espirituais e/ou a espiritualidade inaciana de uma maneira geral podem ser ferramentas para que a pessoa olhe a sua vida, acompanhada pela presença de Deus em cada passo dado em sua existência, de maneira que, nessa intimidade acompanhada, a pessoa possa ir discernindo o seu chamado, a sua vocação, enfim, a sua consigna e oriente a sua vida para aplicá-la, inserindo-a, assim, no seu projeto de vida.

A Consigna espiritual encaixa perfeitamente no mais profundo do seu manancial, faz com que você o entenda melhor, o potencializa. Essa dança que Deus lhe sugere faz você tirar o melhor de si [...] Este passo, que é o desejo de Deus para você não só se alia com seus profundos desejos, mas lhe dá mais identidade ainda, converte-se num caminho, num projeto para você. [...] Cada pessoa traz em si o encaixe dos desejos de Deus com os seus próprios. E esses desejos se deslocam com ritmo, quer dizer, com o corpo que está numa festa com música, com alegria, aumentada pelo vinho e pela suavidade (CABARRUS, 2007, p.136).

Para aquelas pessoas, por outro lado, que não são religiosas, a consigna também pode ser levada em conta nos seus projetos de vida. O processo também será espiritual, pois tal como dissemos acima e afirma Palaoro (2020) “Espiritualidade aparece precisamente como experiência humana por excelência. Espiritualidade é a nossa dimensão divina em tudo que é humano”. Assim, a pessoa irá além de si, se projetará para o mais profundo da sua existência, das suas qualidades, dos seus sonhos e principalmente do mundo a sua volta, perguntando, qual a minha missão? Pelo que gostaria de ser lembrado após a passagem da minha vida? Com o quê, além de mim e de desejos egoístas, posso gastar a minha vida? Em quais setores necessitados da sociedade poderia aplicar os meus dons e qualidades? Ou, então, fazer-se a famosa frase imortalizada por Dom Luciano Mendes, SJ, quando encontrava alguém com necessidade perguntava: “Em que posso ajudar?”. (FUISTEM, 2013).

Em ambas situações, a pessoa sendo religiosa ou não, é importante ponderar e discernir, olhar os sentimentos, os desejos, os sonhos, os medos e aí assumir a consigna que irá nortear o projeto de vida, não um planejamento qualquer, mas uma estrutura que ajude a pessoa a seguir os seus sonhos mais profundos, a fazer a diferença na vida das pessoas e do mundo, a partir das suas qualidades e potencialidades, levando a pessoa a ser sempre mais para os demais.

3.3.4. O que inserir no Projeto de Vida e como estruturá-lo?

Um projeto de vida, inspirado pela Espiritualidade, é algo construído com profundidade e esmero, é um processo que leva em consideração, o presente, o passado e o futuro, ou de outra maneira, a história de vida e os lugares de anunciação de cada pessoa, os valores que são

fundamentais no processo de busca por plenitude e o sentido, que norteará todas as ações e propostas.

Obviamente, não cabe ao professor ou orientador dizer exatamente quais são os passos a serem adotados pelos alunos. Cabe a esses acompanhar, ou, conforme dissemos acima, ajudar nessa *cura personalis* a fim de que as estruturas estejam suficientemente fortes para que a própria pessoa, em sua autonomia, liberdade e responsabilidade, possa desenhar o seu projeto, colocar ações, metas e instrumentos necessários para alcançar os seus objetivos, a sua consigna, utilizando as coisas “o tanto quanto” a ajuda a realizar a sua plenitude.

A inspiração vem de Deus e o artista é o próprio homem, que utiliza os instrumentos que lhe são dados pela natureza para desenhar os traços e caminhos que a sua vida terá; Somente assim, as perguntas e desafios que surgem na vida, podem ser respondidos e os passos a serem tomados, possam ser dados. Cabe então à universidade, ajudar nesse processo, respeitando a especificidade de cada um, mas se orientando pelos valores e inspirações apresentadas.

Mas quais seriam os critérios e os aspectos a serem inseridos no projeto de vida? Não há uma resposta pronta, como se fosse uma receita de bolo ou algo parecido. Dessa maneira, todas as ações, metas e missões do projeto de vida, devem levar em consideração que o fundamental de todo projeto de vida é ter em vista a própria experiência existencial da pessoa, por isso é fundamental dar importância a um processo de autoconhecimento, a um olhar a vida com gratidão e reconciliação e verificar nela quais os pontos fortes e quais aqueles que poderiam ser melhorados; perceber os valores que nortearão toda a ação da pessoa e; o sentido, o objetivo de vida que a pessoa é chamada a “gastar a sua vida”.

Vejamos à luz da própria vida de Santo Inácio. A partir de sua “consigna” que era “Salvar as almas” e a partir dos valores que trazia com ele, baseado nos ensinamentos do evangelho, do discernimento, de ter Cristo como modelo, de ser livre para ser mais para os demais e de perceber Deus em todas as coisas, a sua meta foi buscar os meios para que o seu “fim” fosse alcançado, primeiro, estudando artes e teologia, para “salvar as almas” com mais propriedade. Para isso, ele precisava de recursos financeiros, encontrando estes por meio de esmolas e ajuda das pessoas; Em seguida, ele foi percebendo que sua meta (de salvar as almas) poderia ser partilhada com outros, poderia ter a ajuda de outras pessoas, então ele foi percebendo que os amigos poderiam ser “companheiros” nessa missão; Inácio também teve de descobrir em qual lugar ele “salvaria as almas”, e as condições do seu lugar de anunciação, proporcionaram a ele a possibilidade de se instalar em Roma; Na cidade eterna, por sua vez, Inácio foi constituindo a sua vida em torno de “organizar” a Companhia de Jesus, de modo,

então, que até o final de sua vida, foi sempre buscando formas, fazendo “projetos”, traçando ações e metas para que a sua “consigna” fosse realizada.

A missão é o que vai nortear as ações, os recursos necessários para que ela ocorra. Da mesma maneira, no projeto de vida, a missão, a vocação da pessoa, deve ser a bússola que ajudará a pessoa a verificar quais ações, decisões, medidas, comportamentos, condições de possibilidade, meios para que essa vida vá se tornando mais eficaz, mais plena e cada vez mais reconciliada em suas várias dimensões, pessoal, familiar, social, intelectual, profissional, financeira, mental e psicológica, física etc. Assim, algumas perguntas são fundamentais como: o que devo fazer para alcançar essa missão? Quais recursos são necessários? Com quem posso contar para realizar tal objetivo? Quando desejo que esses meios estejam realizados ou em desenvolvimento? O que devo cuidar em mim, no meu autocuidado, para que esteja bem para realizar os meios e o objetivo principal da minha vida? Onde posso realizar essa missão? Quais são os pontos fracos ou as fragilidades desse processo, seja comigo, seja com o ambiente em que estou e como posso contorná-los, ordená-los ou superá-los? Como posso medir se tenho avançado nessas ações que me propus? Enfim, um bom projeto de vida traz muito mais perguntas do que respostas, pois são elas que vão ajudar a pessoa a alcançar os seus objetivos.

3.4 Viver Reconciliado: em consciência sempre examinada

Não basta somente construir um Projeto de Vida, é preciso transformar as suas ações em um hábito, em uma prática, acompanhar o seu desenvolvimento para que esse não caia no esquecimento ou se perca em meio a tantas demandas e “correrias” que o mundo contemporâneo e a sociedade líquida impõem às pessoas. Também, tal como já dizia o sábio filósofo grego Heráclito, quando afirmava que “Tudo flui, nada permanece”, a cada momento que vivemos, somos pessoas novas e cada dia é possibilidade para olhar internamente para si e mais compreender quem somos, ou seja, sempre estamos em processo de autoconhecimento.

Nesse sentido, é importante criar mecanismos para “avaliar” o andamento do próprio projeto de vida e “olhar para dentro de si” percebendo e se autoconhecendo, bem como sentir a presença de Deus em nosso cotidiano. Na espiritualidade Inaciana, pode-se encontrar tal ferramenta inspirando-se em um importante “exercício espiritual” ensinado por Inácio, o “Exame espiritual cotidiano”.

O Exame é uma prática que antecede os tempos de Inácio, tanto Rambla (2011), quanto Santos (2017) trazem um histórico de pensadores e pessoas espirituais perpassando o estoicismo, Sêneca, Sócrates, Agostinho, São João Crisóstomo, incluindo o exercitatório escrito

pelo Monge Cisneiro, do qual Inígo teve acesso. O fundador da Companhia de Jesus, adaptou e criou a sua própria forma de examinar a vida, pois ele sentia a exigência evangélica de “vivir despiertos (“velad”) y estar atentos a las llamadas y a la acción de Dios” (RAMBLA, 2011, p.16). Dessa maneira, o exame ajuda o exercitante ou a pessoa no seu dia-a-dia à uma abertura existencial constante à ação de Deus e ao chamado especial que ele faz para a pessoa de continuar com a sua missão em meio a sociedade.

Nos Exercícios Espirituais, Inácio propõe, em verdade, dois tipos de exames que se complementam. O primeiro é o exame particular e cotidiano, que por meio de diversas adições, tem como principal objetivo que “todo el sujeto, la persona entera, esté atenta a la acción de Dios a lo largo de todo el día” (RAMBLA, 2011, p.18), incluindo uma adição para que pessoa corrija um pecado ou um defeito em particular; O segundo modelo de exame proposto por Inácio é o “Exame geral de consciência” (EE 32), que ajuda a pessoa a analisar as suas faltas, pecados, defeitos, falhas em pensamento, palavras, atitudes e omissões. Contudo, não se trata de uma lista de culpas e erros moralizantes e que visem diminuir a pessoa. Pelo contrário, é uma forma de avaliar o que não foi bom, a partir dos valores e missão de cada um, para buscar ser melhor, o Magis. Isso é confirmado com a seguinte declaração de Rambla (2011, p.21):

no se ha de reducir la instrucción ignaciana sobre el examen del pensamiento, de la palabra y de la obra a una orientación sólo moralizante. En estos párrafos de los Ejercicios hay que captar una mistagogía para ir progresando en limpieza de corazón y en transparencia de los pensamientos, para el uso de la palabra consciente de toda la densidad respeto, amor y verdad que puede en referencia a pautas objetivas, pero dependientes de nuestras actitudes personales profundas. Así el Examen no es «una mera revisión escrupulosa y detallada de nuestras acciones, sino más bien una constante verificación de nuestra vida en cuanto debe estar siempre en armonía con el Espíritu» vehicular tanto en la relación con Dios como con los hombres, para medir la calidad de nuestras obras

O jesuíta brasileiro, Adelson Araújo dos Santos, SJ, fez uma profunda análise do Exame inaciano como instrumento de conhecimento de si mesmo. Em sua obra “O Exame de si mesmo: o autoconhecimento à luz dos Exercícios Espirituais”, o autor afirma o exame como “uma excelente ajuda no caminho ascético do autoconhecimento que, levando a pessoa a adquirir maior indiferença e liberdade interior de si mesma, possibilita-lhe ser mais disponível e aberta ao serviço de Deus e das almas” (SANTOS, 2017, p. 135). Para esse jesuíta, toda a dinâmica do Exame tem uma finalidade: a) purificativa, no sentido de ajudar a pessoa a sair de si mesmo, dos seus egoísmos e imperfeições para se abrir ao outro e colocar-se a serviço; b) iluminativa: pois ajuda a “crescer na capacidade de discernimento, com é próprio da pessoa espiritualmente madura, que se deixa iluminar pelo Espírito, para poder desse modo, conhecer e cumprir a

vontade de Deus” (SANTOS, 2017, p.143) e: c) unitiva: pois o exame leva a pessoa a estar cada vez mais em comunhão com Deus e com a sua vontade, ajuda a pessoa a “aprofundar mis em nível cognitivo e, sobretudo, volitivo e afetivo a opção de fundo que já orienta a sua vida em direção ao amor e ao serviço de Deus e do próximo” (SANTOS 2017, p. 148).

Dessa maneira, não há distanciamento entre a pessoa e Deus, entre os desejos pessoais e a vontade divina, tudo vai se alinhando, tal como Cabarrús afirmara, em uma dança. Nesse sentido, ressaltamos, pois a afirmação de Pe. Pedro Arrupe, SJ (*Apud* SANTOS, 2017, p. 149) quando esse diz que no Exame Espiritual “não se trata de uma revisão escrupulosa e detalhada de nossas ações, mas de uma constante verificação de nossa vida, enquanto deve estar sempre em harmonia com o Espírito”.

Como, então, Inácio propõe o Exame? Como fazê-lo? Primeiramente, é importante, então, ressaltar a afirmação de Alzervbialde (156) que diz “Ignacio describe el examen como un tiempo intenso de oración, propio del pobre agradecido que sabe que nada posee, pero que, no obstante, se siente atraído y amado por Dios”. Trata-se portanto de um voltar-se da pessoa para Deus, para dessa relação, voltar renovado para a sua vida, para o seu projeto de vida, transformando a vida em uma dialética entre ser humano e a divindade. Essa relação ocorre, seguindo os seguintes passos:

a) Graças a Deus nosso Senhor pelos benefícios recebidos

Já abordamos acima a importância da gratidão dentro dos Exercícios Espirituais e da vida humana, inclusive corroborada pelas recentes pesquisas científicas no campo da psicologia positiva. No entanto, vale retomar algumas questões, agora dentro do contexto do Exame Geral. A primeira observação é o lugar em que essa “gratidão” é colocada no exercício, pois é o primeiro passo do exame e não o último como nas demais orações propostas pelos Exercícios Espirituais. Isso mostra que Inácio quer abrir o coração da pessoa para reconhecer o quanto de graças Deus já tem oferecido para ela nas alegrias da vida “em família, da amizade, do trabalho realizado (...)” (SANTOS, 2017, p. 152). Trata-se de perceber que antes de olhar para as falhas, há de se reconhecer as vitórias, as conquistas e os passos dados em direção à vontade de Deus.

Dentro da dinâmica do autoconhecimento e do projeto de vida, esse passo do exame ajuda a pessoa a tomar consciência de nossos dons, das qualidades, habilidades, conhecimentos adquiridos e colocados em prática nas relações consigo, com o outro, com o mundo, constituindo um projeto de vida em que a pessoa, única, insubstituível e dotada de valores, vai se fazendo e ajudando o mundo a se fazer com suas ações positivas. É momento de reconhecer

os avanços do projeto de vida e de perceber que em cada passo houve a presença de Deus que se fez presente nas pessoas, nas situações, nas ações, nos pensamentos e nas palavras daquele dia, daquele período, daquele momento, de modo que tais graças e vitórias possam ser buscadas, acolhidas, repetidas e reforçadas no dia a dia do projeto de vida da pessoa.

b) Pedir luz

Conforme afirmado acima, na Espiritualidade inaciana, tudo é graça de Deus e tudo é iluminado por ele. Em sua liberdade a pessoa é livre para continuar o ciclo de bem universal e de defesa da vida e dos direitos humanos, da preservação e conservação do meio ambiente, do planeta e da busca por justiça. Contudo isso não pode ser feito sem critério e sem uma métrica, pois poderia cair em um relativismo e em uma anomia, já que cada um poderia criar a sua própria lei ou os seus próprios códigos de conduta. Por isso que nessa fase do exame, se pede a luz do Senhor para conhecer os pecados e rejeitá-los, já que além de pedir o conhecimento da resposta negativa ao chamado, pede também a “força para acomodar-se o mais possível às exigências desse chamado divino. O exame propriamente dito se faz tendo como norma de conduta que é a Palavra de Deus e em situação de diálogo com o Deus que fala” (LUZARRAGA *Apud* SANTOS, 2017, p. 159)

Nesse sentido, dentro do aspecto do projeto de vida e do autoconhecimento, após reconhecer as graças recebidas, é momento de pedir e desejar a iluminação do Espírito e da Sabedoria de Deus para “um verdadeiro exercício de discernimento espiritual” (SANTOS, 2017, p 155) a fim de identificar se as metas, os passos, o projeto de vida desenhado, desejado e definido pela pessoa, em comunhão com Deus, está realmente sendo colocado em prática e perceber quais são os aspectos que não estão alinhados ou caminhando de acordo com os valores e consigna definidos.

c) Examinar-se

A terceira fase, após agradecer e pedir a luz, é um exercício espiritual que perpassa toda a pessoa em seu corpo, mente, desejo, memória, entendimento e vontade, pedindo “contas a si mesmo, repassando o período desde o momento de levantar-se até o exame presente, hora por hora ou período por período. Primeiro dos pensamentos, depois, das palavras, finalmente, dos atos” (EE 43). Não se trata de uma avaliação moral, mas de uma tomada de consciência da vida e das ações em meio à correria e pressões ocorridas no dia, principalmente na contemporaneidade, em que dentro de poucas horas tantas coisas podem acontecer. Assim tal

como afirma Santos (2017, p. 163), trata-se de um momento em que a pessoa deve buscar responder a seguinte pergunta: “onde e como tenho correspondido ou falhado na aliança com Deus?” ou, em outras palavras, “onde e como colaboro ou falho no cuidado de mim e do outro?”.

Assim, sendo um ser de relação, a pessoa é chamada a olhar as suas ações em suas várias dimensões e identificar o que foi ao encontro com o projeto de vida e os princípios e valores e o que foi de encontro a esse sentido. É importante analisar os vários papéis, lugares e espaços que compõem o lugar de anúncio da pessoa, além de verificar se os dons, qualidade e potencialidades foram colocados a serviço do outro, ou foram utilizados de maneira egoístas, ou ainda, se foram negligenciados em momentos dos quais seriam necessários.

Nesse mesmo processo, seja na avaliação de si mesmo ou na relação aos demais, o examinar-se ajuda a verificar o que a pessoa tem feito no sentido de utilizar os meios para o fim, para o seu objetivo, para a realização de sua consigna, para a efetivação do seu projeto de vida. Também deve ser visto, como a pessoa vivenciou os seus princípios ou valores dentro daquele período que está se analisando. Se trata de uma avaliação do processo, iluminada à luz dos valores e sabedoria cristãs, a fim de identificar os avanços e, principalmente os gargalos causados pelas próprias falhas ou limitações da pessoa. Nesse sentido, vale a afirmação de Santos (2017, p. 166) “Quanto mais nos examinamos interiormente, mais disponíveis e eficazes poderemos apostolicamente ser”.

d) Arrepende-se e pedir perdão

Inácio sabia que o conhecimento e arrependimento de nossas faltas são condições indispensáveis para seguir um processo de conversão e superação daquilo que em nós é negativo ou que não está alinhado com a vontade de Deus. Ele mesmo passou por esse processo, e ele mesmo foi percebendo que o arrepende-se não é um sentimento de menosprezo, de negatividade ou de desesperança, pelo contrário “o pedido de perdão que fazemos não deve vir acompanhado de vergonha ou de depressão diante de nossas fraquezas, mas deve se transformar em mais um motivo para louvar e agradecer a Deus, que sempre nos convida a nos renovar, a voltar, a amar” (SANTOS, 2017, p.167).

Ao olhar para a realidade e para a nossa constituição de ser em constante construção, o perceber as falhas, arrepende-se e pedir perdão é uma oportunidade ímpar de crescimento humano e espiritual. Nesse sentido, nem tudo será um “mar de rosas” na vida e no projeto de vida. Por muitas vezes, devido a questões que estão fora do controle individual e que são

extrínsecos a vontade da pessoa, bem como problemas causados devido às próprias imperfeições pessoais, os projetos de vida podem passar por diversos percalços, mas tais desafios não são sinônimos de derrota ou incapacidade de continuar, pelo contrário, exigem uma auto-avaliação e, mais que isso, uma superação, e tal processo se dá quando há o arrependimento e tomada de consciência do que foi feito de errado e, a partir disso, contornar a situação, seja pedindo perdão, seja refazendo ou buscando alternativas de solução.

e) Fazer o propósito de emendar-se

Não basta somente reconhecer o erro ou o que não está bem, se arrepender e não fazer nada para mudar a situação. Nessa etapa do exame trata de “olhar o futuro, particularmente o futuro imediato das próximas horas ou próximos dias, com renovada esperança, mas também com um renovado compromisso” (SANTOS, 2017, p. 170). A vida é um compromisso, é uma responsabilidade e exige que, a partir da realidade e dos erros cometidos, a pessoa passe a se comprometer e a responder a tais situações de uma forma mais positiva, dentro de seus limites. Assim, Inácio coloca o exame no processo da vida, de busca por mudanças, desenvolvimento e melhoria constante, dentro da perspectiva do *Magis*, de ser mais e melhor visando a vida plena de todos e o bem universal.

Assim, cabe, então, após a análise do comportamento e ações pessoal e do projeto de vida, identificar quais ações podem ser tomadas para superar os desafios e fazer o propósito de usar delas o tanto quanto ajudam nesse processo. É terminar a oração, o exame, a reflexão, de uma maneira propositiva, positiva, afetiva, efetiva e construtiva. Trata-se de buscar a recuperação, aprender e colocar em prática o que não foi bom, mas que pode ser melhor.

Ao final, Inácio sugere que termine o exame com a oração do Pai-Nosso, agradecendo e pedindo forças e tomando consciência de que todas as ações da pessoa perpassam pelo amor de um Pai que está constantemente ajudando e amando o seu filho em todos os seus pensamentos, ações e palavras a fim de que sua vida seja plena e feliz e que essa plenitude possa ser compartilhada com os demais em busca de um mundo “muito bom” tal como é seu desejo desde sempre.

Nesse constante processo de ordenar a vida e criar um projeto de vida que atenda as aspirações da pessoa, levando em consideração tudo que ela tem e é, todo o seu lugar de anúncio, sua realidade, relações e contexto, a pessoa vai se fazendo enquanto ser em busca de plenitude e felicidade. Passado, presente e futuro se integram, se reconciliam e vai formando a pessoa em sua existência, inserida no mundo, que muitas vezes se apresenta como opressor,

massacrante e perigoso. Obviamente não se trata de uma empresa fácil, exige da pessoa uma constante busca pelo *Magis*, contudo, leva-a a ser o melhor que pode ser. Assim, em constante autoconhecimento e em realização de seu projeto de vida, vai se cumprindo a missão de ser homens e mulheres para e com os demais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos Exercícios Espirituais, durante o exame da oração, Inácio pede para que o exercitante contemple o caminho percorrido e possa agradecer os dons recebidos e ver o que pode melhorar na caminhada, pois esta nunca acaba. Para ele, na aventura humana e espiritual, não há uma conclusão, mas o fim e o início de um novo processo, já que estamos sempre em movimento. Não é a toa que Inácio se denomina como “O Peregrino” e os cristãos foram, também, conhecidos como “os do caminho”, pois a vida, a existência é um constante caminhar e o “caminho se faz, caminhando”.

O percurso desse trabalho nos mostra um itinerário com muitos altos e baixos, curvas e retas, mas a cada passo vão surgindo novos horizontes que, ainda que desconhecidos, renovam o desejo e a esperança de avançar em meio esse “já e o ainda não”. O objetivo desse estudo foi investigar na Espiritualidade Inaciana a inspiração para melhor oferecer aos jovens universitários algumas luzes para que esses, se conhecendo e se projetando, pincelassem o seu próprio mapa existencial e pudessem fazer o seu próprio caminho.

No primeiro capítulo observamos o cenário do contexto atual, pautado pela tecnologia, inovação, conhecimento, conexão e de muitos frutos alcançados pela humanidade em interação com os demais elementos da criação. Muitas foram as conquistas e sucessos obtidos pela capacidade de homens e mulheres de diversas gerações. No entanto, tais avanços estão imersos e, também, são geradores de diversas injustiças e situações que nos tira a humanidade, em seu sentido de essência positiva, de ser “muito bom”. A globalização negativa, o capitalismo e o egoísmo humano criaram, também, muros, grades, correntes que, cada vez maiores e mais fortes, separam aquilo que é considerado importante daquilo que é lixo e que, em meio a esse resíduo contemporâneo, encontram-se milhões de pessoas que sem direito ou dignidade vão sucumbindo em meio ao caos.

A lógica da produção e do consumo possibilitou mais qualidade de vida, mais saúde, mais facilidade, mais acesso, mas a pergunta que se faz é “Para quem?” ou “A que custo?”, pois a globalização e os seus produtos e serviços não são para todos e a minoria numérica, que tem

acesso a todas essas riquezas, traz consigo, de uma forma ou de outra, o suor, o sangue e a vida de muitos outros. Contudo, a imagem que se passa é que isso é bom. As pessoas são seduzidas e opressores e oprimidos buscam a todo custo consumir para viver, fugir da foz desse rio de sofrimento, mas morrem em meio aos desejos criados, alimentando a escuridão, gerando o medo e a insegurança.

Vimos que o sentido de sobrevivência faz com que busquemos aquilo que nos ajude a continuar vivos, muitas vezes, não importando o custo. Todos são atingidos, mas os jovens se percebem em meio a essa escuridão, sendo vítimas do sistema, atacados por todos os lados e com as possibilidades de redenção cada vez mais escassas, principalmente aqueles que vivem em situação de vulnerabilidade social. Buscamos, pois, compreender a realidade juvenil, como se organizam, suas buscas, seus sonhos, seus medos e desafios. Vimos a dificuldade de acesso a uma educação de qualidade, crítica e humanista, e a própria questão do trabalho, não somente no seu acesso, mas na importância que esse tem para a formação da pessoa. Percebemos que na sociedade líquida, do consumo e dos espetáculo nem sempre as Instituições conseguem ser referência de ajuda para tais juventudes, ficando essas perdidas e com a grande responsabilidade de sobreviver em meio a selva. Dessa maneira, novas perguntas surgiram: Se em meio a escuridão o medo aumenta e o medo leva à violência e a violência à morte, que leva a mais escuridão, como sair desse círculo vicioso? Dessa lógica de destruição? Como recuperar o cosmos em meio ao caos?

Nesse sentido, no segundo capítulo, mesmo que caindo na possibilidade de clichê, mostramos que a educação se apresenta, ainda como uma das melhores formas para lidar com o sistema de morte instaurado. No entanto, não adianta ser inocente e achar que a educação simplesmente será a salvação da humanidade, pois em um sistema em que tudo é aliciado para alimentá-lo a própria educação é inserida, muitas vezes, na lógica de morte, se vendendo ao lado obscuro do capitalismo, instaurando ainda mais as diferenças, formando opressores, desenvolvendo técnicas e formas em que a lógica da sociedade líquida, do consumo e do espetáculo possa ter raízes ainda mais fortes. Não é qualquer tipo de educação que se apresenta como possibilidade de solução, mas uma educação que foque no humano, que busque a justiça, que preserve a vida e que garanta que a casa comum e todos que nela vivem possam ser protegidos. Assim, apresentamos a Educação Inaciana, inspirada pela Espiritualidade Inaciana como uma proposta que possa responder a essas questões e desafios.

No entanto, não se pretendeu aqui apresentar uma forma de educação que fosse a grande salvação dos problemas humanos, nem mesmo uma educação que de alguma forma não tivesse

que se inserir no mundo, para poder sobreviver de alguma maneira. Buscou-se apresentar uma forma de educar em que ao mesmo tempo que prepare a pessoa para sobreviver ao tempestuoso mundo contemporâneo, pudesse, também, ajudar com que essa mesma pessoa consiga enxergar a realidade com um olhar mais profundo e assim, por meio de seus dons, competências e conhecimentos e junto com outros, pudesse promover ações concretas que incidam efetivamente na vida das pessoas e de fato, pudesse tornar um mundo melhor.

Dessa maneira, foi-se à gênese da Educação Jesuíta em que buscamos, então, compreender o itinerário do jovem, educador e educando Inácio de Loyola, a sua trajetória espiritual que culminaria na sistematização dos Exercícios Espirituais. Pudemos investigar como a experiência de Iñigo contagiou outros, de modo que juntos, criaram uma nova Ordem religiosa, com valores, princípios e fundamentos que proporcionaram a estruturação de um sistema educacional que pudesse formar homens e mulheres não somente para si, para o sistema egoísta, hedonista e do descarté, mas que pudessem partilhar os seus dons em prol dos demais. Entendemos como essa missão foi criando ramificações, chegando à escolas, colégios e universidades e conhecemos a estruturação dessa metodologia educacional, que ao longo dos anos foi feita com os olhos no sagrado e, portanto, no humano e com o coração no mundo e nos desafios que esse se apresenta em seus diversos tempos e lugares.

Tal empresa não é fácil, pois exige esforço tal como um pescador que rema contra a maré em meio a uma tempestade. É importante então que tal educação possa formar integralmente a pessoa e assim ajudá-la a ser um ser de transformação. Nesse sentido, mais perguntas foram surgindo: Qual processo educativo é usado pela educação jesuíta? Quais elementos, paradigmas, metodologias e estruturas são utilizadas?

Vimos, pois, que tal forma de educar traz como pressuposto que cada pessoa é única e, diferentemente do sistema atual, a padronização não seria uma saída eficaz, desse modo, um dos princípios da educação jesuíta, inspirada nessa espiritualidade inaciana, é um olhar para o aluno como um indivíduo, com características e contextos próprios e possibilitar a ele ou ela o desenvolvimento daquilo que tem de melhor para que esse possa inserir-se de forma positiva em sua própria realidade. Isso requer um acompanhamento pessoal (*cura personalis*), um discernimento constante do processo, uma autonomia da pessoa e principalmente uma possibilidade para que essa pessoa possa se autoconhecer melhor, pois muito é camuflado pelas imagens externas que são impostas aos homens e mulheres de hoje, e a partir desse novo olhar para si e desse novo olhar em relação ao mundo, tal aluno possa construir um projeto de vida

consistente que leve em consideração os desejos pessoais, mas também o bem comum, principalmente dos mais vulnerabilizados pelo sistema.

Todas essas ações e estratégias educacionais propugnadas pela tradição inaciana e jesuítica trazem uma bússola que mostra um importante norte: o Evangelho de Cristo e os valores humanistas cristãos que convidam sempre para a busca pela paz e pela justiça, para o diálogo e a colaboração com os outros, de modo que toda uma pedagogia, uma paradigma educacional pudesse ser construído respeitando as diferenças e as pluralidades, mas sempre com o mesmo objetivo: valorizar a pessoa, fazer a redenção da humanidade e cuidar da casa comum.

Nesse contexto, observamos já no terceiro capítulo, que a universidade ou a educação superior jesuíta, muitas vezes criticada por formar pessoas que oprimem ou continuam com o sistema de privilégios de nosso sistema, pode ser, também, um espaço de formação integral e de ajuda a milhares de jovens a enfrentarem positivamente os desafios que se apresentam na contemporaneidade. Como vimos, a formação integral requer um diagnóstico, planejamento e sistematização de ações que levem em consideração a pessoa e ajude ela a perceber o sentido de sua vida, o imperativo de sua vida, a sua Consignia e como os seus dons podem contribuir para a promoção da vida dos demais. Nesse sentido, requer-se toda uma estruturação dos processos pedagógicos e acadêmicos para que esses possam efetivamente ajudar na reflexão sobre os problemas vivenciados nas fronteiras geográficas e existências e proporcionem meios para que a pessoa, junto com os demais, aja efetivamente nesses contextos.

Assim, o autoconhecimento permite que a pessoa possa se integrar com a história da sua vida e os fatos que antecederam a sua própria existência a fim de perceber os sinais de Deus e a presença de possibilidades de aprendizado e de ressignificação. Meios como a autobiografia e a partilha de vida são uma maneira que se tem mostrado eficaz para que o passado e o presente se encontrem de uma forma positiva e integradora.

O momento atual dos alunos pode ser palco para a realização de ações construtivas, de modo que o aprender teórico e a prática sejam complementares e essenciais no cotidiano acadêmico. Assim, experiências práticas, voluntariado e inserções permitem com que o estudante possa desenvolver as suas habilidades e perceber que a aplicação das mesmas pode transformar a sua vida e a dos demais. Isso faz com que a pessoa não olhe sua existência apenas como uma viagem em que se deve usufruir de tudo, um *Carpe Dien* sem sentido e infinito, mas que pode plantar sementes, dar frutos e que cada palavra, cada olhar, cada momento de presença de qualidade tem um valor imenso e tem sentido.

A partir, então, de uma integração cada vez maior com o passado e um presente ativo e frutífero a pessoa tem elementos suficientes para saber o que lhe faz feliz, o que dá sentido para a sua existência, o que pode oferecer para os seus e para os demais, estruturando assim o seu lugar de anúncio por meio de um projeto de vida consistente e solidário, que, sempre em discernimento, pois as situações estão em constante dinâmica, pode ser transformador para a pessoa que planeja e efetiva esse projeto, mas para os outros que podem ter a sua vida, também, transformada, de modo que possa destruir os muros, quebrar correntes e unir aqueles que estavam segregados ou marginalizados.

A universidade que se denomina jesuíta deve ter como razão de sua existência o ajudar seus alunos a reconciliar-se consigo: em seu presente, passado e futuro; com os outros: em colocar seus dons a serviço dos demais; com a sociedade: em fazer a leitura da realidade e poder nela intervir e com; o Sagrado: fazendo tudo como se tudo dependesse deles, mas sabendo que há forças maiores que também estão presentes em nossa realidade e trabalham para o bem universal. Cabe à universidade, ajudar seus alunos a desenvolverem um exame de consciência constante, de modo que esses possam, independentemente da sua religião, perguntar aquilo que Inácio um dia se perguntou “O que fiz, o que faço e o que farei por ti Senhor?”, levando em consideração que esse “Senhor” se encarna no rosto de cada ser, espécie e realidade do universo, especialmente nos mais pequeninos. A universidade jesuíta deve ter como pressuposto que as letras são importantes, evidentemente, mas a vida e a vida plena é essencial, pois tal como dizia o jovem de Loyola “Em tudo amar e servir” e como dizia aquele que inspirou esse jovem, o nosso único imperativo deve ser o de “Amar uns aos outros”.

Nesse sentido abre-se um horizonte amplo e empolgante de estudos e aprofundamentos, pois a problemática é muito grande assim como a necessidade de explorar novas maneiras de atuar e novos campos a serem trabalhados. Em meio a sociedade líquida, do consumo e do espetáculo observamos uma grande crise de sentido, mas ao mesmo tempo há de se observar que cada vez mais os jovens tem buscado formas diversas de engajamento e voluntariado, dessa forma observamos que sentido e voluntariado podem ser elementos que mereçam desenvolvidos em novos estudos. Ademais, explorar experiências concretas em realidades diversas pode inspirar e ajudar outros a reproduzir práticas exitosas e desenvolver iniciativas ousadas e inovadoras, de modo que um mapeamento e levantamento de ações de engajamento social, principalmente nas universidades, se apresenta como algo muito relevante nos dias de hoje para a prática educativa não só da das Instituições de Ensino Superior da Companhia de Jesus, como para todo o mundo acadêmico confessional ou laico . Por fim, há de se compreender

melhor a relação do sagrado, da espiritualidade, do ativismo social e dos aspectos democráticos e políticos que envolvem os jovens contemporâneos, a universidade nesse sentido foi e é o palco para esse tipo de manifestações e pode ser, portanto, campo para posteriores reflexões.

Enfim, esse trabalho levantou mais perguntas, inquietações e desejos de busca do que respostas, mas também estruturou e apresentou uma importante análise do contexto universitário e como a espiritualidade inaciana e a educação jesuíta trazem algumas luzes para iluminar o contexto que se apresenta, por vezes, tenebrosos. Como a luta deve continuar, como o caminho ainda permanece e como o desejo ainda queima no coração, com alguns pequenos passos dados, a prece é de que outras novas veredas sejam percorridas e outros caminheiros se unam a essa grande romaria em busca de respostas que nos ajudem a construir um mundo melhor, sendo mais para e com os demais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, M. V. de. **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais.** (Org.) Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>. Acesso em 04.jul.2016.

ABRAMOVAY, Miriam. (cord) **Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam?**. Brasília-DF: Flacso - Brasil, OEI, MEC, 2015.

AGENCIA BRASIL. **Mais da metade da população está conectada à internet, diz ONU.** Publicado em: 07.dez.2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-12/mais-da-metade-da-populacao-mundial-esta-conectada-internet-diz-onu>. Acesso em: 05.jul.2020.

ALBUQUERQUE, Antonio. La memoria em los ejercicios “traer la memoria sobre...”, traer em memoria. In: **Coleção Manresa**, Vol.74, 2002.p. 137-152.

ALMEIDA, M. E. B. **Como se trabalha com projetos (entrevista).** Revista TV Escola. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, nº 22, março/abril, 2002.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Metamorfoses Indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

ALMEIDA, Ronaldo; MONTEIRO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. **Perspectiva.** São Paulo, v. 15, n. 3, p. 92-100, July 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a12v15n3.pdf> . Acesso: 17.jul.2020.

ALUQUERQUE, Antonio. La memoria em los ejercicios “traer la memoria sobre...”, traer em memoria. In: **Coleção Manresa**, Vol.74, 2002.p. 137-152.

ALVES, Rubem. **O suspiro dos oprimidos**. São Paulo: Paulus, 1999.

ANDRADE, E. R., NETO, M. F. Juventudes e Trajetórias Escolares: conquistando o direito à educação. In: ABRAMOVAY, M. et. Al. (org). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154580por.pdf> . Acesso em: Acesso: 17.jul.2020.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução, Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1997.

ARRUPE, Pedro. **Nossos Colégios Hoje e Amanhã**. Coleção Ignatiana. Nro. 16. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

ARZUBIALDE, Santiago. **Ejercicios espirituales de San Ignacio: história e análisis**. Mensajero-Sal Terrae: Santander-Bilbao, 1991.

ASSOCIAÇÃO DE UNIVERSIDADES CONFIADAS À COMPANHIA DE JESUS NA AMÉRICA LATINA – AUSJAL. **Acerca de Ausjal**. Disponível em: <http://www.ausjal.org/acerca-de-ausjal>. Acesso em: 09.mar.2020.

_____. **Plano Estratégico da Ausjal 2019 – 2025**.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). **Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das universidades federais brasileiras**. In: Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE). Brasília, DF: ANDIFES, 2011.

BARROSSO, J. A escola como espaço público local. In A. Teodoro (orgs). **Educar, promover, emancipar. Os contributos de Paulo Freire e Rui Grácio para uma pedagogia emancipatória** (pp. 201- 222). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2001.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Portugal: Edições 70, 1995.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo, Paulinas, 1984.

BETTO, Frei. **Batismo de Sangue**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BINGEMER, Maria Clara Licchetti. Fé e religião hoje: desafio (também) para os jovens. In: Pedrosa-Pádua, Lucia (Org.) Mello, Zeca de (Org.). **Juventude, religião e ética : reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa "Perfil da juventude na PUC-Rio"**. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2010.

BLANCH, Josep. **Ejercicios Espirituales de San Ignacio de Loyola una relectura del texto (I)**. Barcelona: Edita CRISTIANISME I JUSTÍCIA, Edição: 63. jul.2011.

_____. **Ejercicios Espirituales de San Ignacio de Loyola una relectura del texto (II)**. Barcelona: Edita CRISTIANISME I JUSTÍCIA, Edição: 72. fev.2014.

_____. **Ejercicios Espirituales de San Ignacio de Loyola una relectura del texto (III)**. Barcelona: Edita CRISTIANISME I JUSTÍCIA, Edição: 79. maio.2016.

_____. **El peregrino: autobiografía de San Ignacio de Loyola**. Colección Manresa. Nro. 2. Madrid: Mensajero-sal terrae- Universidad de Comillas, 2005.

BOFF, Leonardo. Espiritualidade e sexualidade: uma perspectiva radical. **RCV**, 74, 1990, 554-565.

BONETI, Lindomar Wessle. Jovem pobre, pobre jovem: a condição de acesso ao ensino superior no Brasil. In: Brasi. **Um olhar sobre o jovem no Brasil**. Ministerio da Saude, Fundacao Oswaldo Cruz.– Brasilia: Editora do Ministerio da Saude, 2008.

BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães, FARINHA, Marciana Gonçalves. Heidegger: Em Busca de Sentido para a Existência Humana. **Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica** - XXIII(1): 74-83, jan-abri, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v23n1/v23n1a08.pdf>. Acesso em: 04.abr.2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes Básicas de Educação – LDB**, nº 9.394/96. Ministério da Educação. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000095.pdf>. Acesso em 05.dez.2019.

CABARRUS, Carlos. **A dança dos íntimos desejos: sendo pessoa em plenitude**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

CAFFARENA, Gómes. J. **El Enigma y el Misterio: una filosofía de la religión**. Madrid: Trotta, 2007.

CANTIN, Roger. **O discernimento espiritual pessoal e comunitário**. São Paulo: Edições Loyola, 1987

CARVALHO, Joari Aparecido Soares. **Alguns aspectos da inserção de jovens no mercado de trabalho no Brasil**. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/146.pdf>. Acesso em: 10.mar.2020

CARVALHO, L. R. de. **As reformas pombalinas da instrução pública**. São Paulo: Saraiva/Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

CASTRO, José Roberto. **Quais as empresas mais ricas que a maioria dos países**. Publicada em: 26.jan.2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/26/Quais-as-empresas-mais-ricas-que-a-maioria-dos-pa%C3%ADses>. Acesso em: 28.dez.2019.

CERQUEIRA, Jackson. B. A. Uma visão do neoliberalismo: surgimento atuações e perspectivas. **Revista Sitientibus**, Feira de Santana, n. 39, p.169-189, jul./dez. 2008. Disponível em: http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/39/1.7_uma_visao_do_neoliberalismo.pdf. Acesso em: 16.mar.2020

CERVANTES, Miguel. **Don Quijote de La Mancha**. Real Academia Espanhola. 2004.

Charlie Brown Jr. e Negra Li. **Não é Sério**. 1997. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w_HUCmMnB5o. Acesso em: 09.jan.2020.

CIGOÑA, Ramon F. de la. Experiência progressiva de Deusou a descoberta da vida verdadeira. **Itaici: Revista de Espiritualidade Inaciana**. Nro.31. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

CODINA, Vitor et Al. Reseña histórica desde los orígenes de la educación jesuita hasta entrado el siglo XXI. Educación. **Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús**.

2001. Disponível em: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=3026> . Acesso em 28.jun.2020

COMPANHIA DE JESUS. **Constituições da Companhia de Jesus e Normas Complementares**. São Paulo: Edições Loyola, 2004

_____. **Decretos da Congregação Geral XXXII**. Braga, 1975.

_____. **Decretos da Congregação Geral XXXIV**. Coleção Documenta SJ. Nro. 13. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Decretos da Congregação Geral XXXV**. Coleção Documenta SJ. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

_____. **Decretos da Congregação Geral XXXVI**. Coleção Documenta SJ. São Paulo: Edições Loyola, 2017

_____. **Pedagogia Inaciana: uma proposta prática**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

CONFERÊNCIA DE PROVINCIAIS DA AMÉRICA LATINA E CARIBE – CPAL. **Jesuítas no Mundo**. Disponível em: <https://jesuitas.lat/pt/somos/os-jesuitas-pt>. Acesso em: 25.fev.2020.

_____. **Exercícios Espirituais na América Latina: para ajudar em nosso modo de dar os Exercícios hoje**. Coleção CPAL. Rio de Janeiro: Aneas, 2011.

CORLATTI, C.T. **Maturidade para escolha e experiência profissional na adolescência**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009

COSTA, Maurizio. **Autobiografia de Santo Inácio: até Manresa**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

CRITELI D. M. **Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica** (2. ed.). São Paulo: Brasiliense, 2016.

_____. **Educação e dominação cultural: tentativa de reflexão ontológica**. (2. ed.). São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1981.

DALLABRIDA, Norberto; MELLO, Juliana Topanotti. **Cultura escolar católica, masculina e de elite no Colégio Catarinense (1943-61)**. Florianópolis: UDESC, 2010.

DAYRELL, J. Os **Jovens Contemporâneos e a Escola: entrevista com o sociólogo Juarez Dayrell** in GOMES, C. A. T, COSTA, J. C. V. da Revista Interlocução, v. 5, nº 5 p. 13-27. Publicação semestral, dezembro 2011.

DAYRELL, Juarez, CARRANO, Paulo, MAIA, Carla Linhares, organizadores. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

DELORS, Jacques (org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2001.

DEUTSCHE WELLE. **Pelo menos 115 dizem ter sofrido abuso em colégios jesuítas alemães**. Publicado em: 19.fev.2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/pelo-menos->

115-dizem-ter-sofrido-abuso-em-col%C3%A9gios-jesu%C3%ADtas-alem%C3%A3es/a-5264498 . Acesso em: 04.jul.2020.

DIAS, Maria Sara de Lima. **Sentido do trabalho e sua relação com o projeto de vida de universitários**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/106654/265561.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 07.abr.2020.

DURKHEIM, E. **A evolução pedagógica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. **As Regras do Método Sociológico**. 3. ed. Traduzido por Paulo Neves. São Paulo: Martin Fontes, 2007.

ECO DESENVOLVIMENTO. **Consumismo aumenta depressão e ansiedade, diz pesquisa**. Disponível em: <http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2012/abril/consumismo-aumenta-depressao-e-ansiedade-diz>. Acesso em: 02.jan.2020.

EMMONS, Simon. **Entrevista à revista Brasil**. Disponível em: <http://www.revistavidabrasil.com.br/publicacao.asp?id=1766&quadro=28>. Acesso em: 04.jul.2020.

EPOCA NEGÓCIOS ONLINE. **Depressão entre adolescentes tem relação com televisão e redes sociais, diz estudo**. Publicado em: 19.mr.2019. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/07/depressao-entre-adolescentes-tem-relacao-com-televisao-e-redes-sociais-diz-estudo.html>. Acesso em: 22.abr.2020.

EPOCA NEGOCIOS. **30 de junho de 2018, o dia recorde de voos pelo mundo**. Publicado em: 03.jul.2018. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2018/07/30-de-junho-de-2018-o-dia-recorde-de-voos-pelo-mundo.html>. Acesso em: 05.jul.2020.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Empresas criam estratégias para a baixa renda**. Pulicado em: 2.out.2020. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/seu-dinheiro,empresas-criam-estrategias-para-a-baixa-renda,37536e>. Acesso em: 03. Jan. 2020.

FALCÃO, Camila. **Desemprego entre jovens cresce no Brasil**. Rudge Ramos, On line. Publicado em: 19.09.2019. Disponível em: <http://www.metodista.br/rroline/noticias/economia/2018/desemprego-entre-jovens-cresce-no-brasil>. Acesso em: 16.mar.2020)

FONSECA, Alexandre B. DANTAS, Elen L. Participação dos jovens cristãos na construção das políticas públicas de juventude. In: FREITAS, Maria Virgínia (org.). **Conselho Nacional de Juventude: natureza, composição e funcionamento – agosto de 2005 a março de 2007**. Brasília, DF/São Paulo: CONJUVE; Fundação Friederich Ebert; Ação Educativa, 2007.

FONSECA, Alexandre Brasil, NOVAES, Regina. Juventudes Brasileiras, Religiões e Religiosidade: uma primeira aproximação. In: ABRAMOVAY, Miriam et. Al. (org). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154580por.pdf> . Acesso em: 12.mai.2020.

FRANCISCO, Severino. **Zygmunt Bauman deixa importante legado sociológico**. Publicado em: 14.jan.2017. Correio Braziliense. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e->

arte/2017/01/14/interna_diversao_arte,565056/zygmunt-bauman-deixa-importante-legado-sociologico.shtml. Acesso em: 16.mar.2020.

FREITAS, Maria Virgínia de. Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais. (Org.) **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf> . Acesso em 12.mai.2020.

FUITEM, Diogo Luis. **Dom Luciano Mendes de Almeida: uma vida luminosa**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FUNDAÇÃO FÉ E ALEGRIA. **Sobre nós**. Disponível em: <https://fealegria.org.br/sobre-nos/>. Acesso em: 04.jul.2020.

GALILEI, Galileu. **O Ensaíador**. Coleção Pensadores. Sobre o infinito, o universo e os mundos / Giordano Bruno. O ensaiador / Galileu Galilei. A cidade do sol / Tommaso Campanella. Traduções de Helda Barraco, Nestor Deola e Aristides Lôbo. — 3. ed. — São Paulo: Abril Cultural, 1983.

GALLARD, Rossário Et. Al. **Autonomía y responsabilidad. «reflexionemos para educar mejor»**. Cuadernos Eides. Barcelona: 2003. Disponível em: <https://www.cristianismeijusticia.net/es/autonomia-y-responsabilidad-reflexionemos-para-educar-mejor> . Acesso em: 28.mar.2020.

GALTER, Maria Inalva. Reflexões sobre as críticas aos jesuítas no século XVIII. **Acta Scientiarum**. Education Maringá, v. 33, n. 2, p. 199-204, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4864681.pdf> . Acesso em: 28.abr.2020.

GONZALES-QUEVEDO, Luiz. **Projeto de vida: amar e ser amado**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____. **Discernimento espiritual – As Regras Inacianas**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GUIA DO ESTUDANTE. **Vocação é o critério mais usado na escolha do curso superior**. Publicado em: 2.out.2017. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/orientacao-profissional/vocacao-e-o-criterio-mais-usado-na-escolha-do-curso-superior/>. Acesso em: 05.jul.2020.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. (F. Castilho Trad.). Campinas: Editora da Unicamp, Petrópolis: Vozes, 2012.

HIRSCHMAN, Albert O. **As Paixões e Os Interesses - Argumentos políticos a favor do capitalismo antes do seu triunfo**. Tradução: Luiz Guilherme B. Chaves e Regina Bhering. Rio de Janeiro: Record, 2002

HURTADO, Alberto. **Um fogo que acende outros fogos**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

JM. **Jesuítas denunciam mais de 200 casos de abuso sexual nos Estados Unidos**. Publicado em: 16.jan.2019. Disponível em: https://www.jm-madeira.pt/internacional/ver/51736/Jesuitas_denunciam_mais_de_200_casos_de_abuso_sexual_nos_Estados_Unidos. Acesso em: 04.jul.2020.

JORGE, Tiago Perez. Narrativas que compõem partes da cultura escolar do colégio catarinense: estudo de caso do aluno que virou professor Celestino Sachet (1945-51). **Anais do Colóquio "Ensino médio, história e cidadania"** v. 1, n. 01 (2011). Disponível em:

<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/EnsinoMedio/article/view/2338> . Acesso em: 04.jul.2020.

JOSEPH, Stephen. **Positive Psychology in Practice: promovig human flourish in work, helth, education and everydaylife**. New York: Wiley, 2015.

JWL. **Learning together to transform the world**. Disponível em: <https://www.jwl.org/en/home>. Publicado em 2020. Acesso em: 04.jul.2020.

KEHL, Maria Rita. (2004), "A juventude como sintoma da cultura". In: NOVAES, Regina & VANNUCHI, Paulo (orgs.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo, Perseu Abramo, 2004. Disponível em: http://files.cacoifbavca.webnode.com/200000606-18aaf19a42/kehl_juv%20sintoma.pdf#page=43. Acesso em: 05.ja.2020.

KLEIN, Luiz Fernando. **Educação jesuíta e Pedagogia Inaciana**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

KOLVENBACH, Peter Hans. Os antigos alunos dos jesuítas e a formação permanente. In: Coleção Ignatiana. Nro. 35. **Antigos Alunos e a Espiritualidade Inaciana**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

_____. A universidade da Companhia de Jesus à luz do carisma inaciano. In **O serviço da fé e a promoção da justiça na educação superior Inaciana**. Coleção Ignaciana. Nro.45. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LASCH, C. **Refúgio num mundo sem coração: a família: santuário ou instituição sitiada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991

LAZARO, André. **Desigualdades do Início ao fim: Ensino Superior Ainda é para poucos**. Publicado em 25.mai.2018. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/blogs/educacao-e-etc/desigualdade-do-inicio-ao-fim-ensino-superior-ainda-e-para-poucos/>. Acesso em: 09.jan.2020.

LEÃO, Geraldo. **Trabalho e desemprego entre os jovens: desafios para as políticas públicas**. Outro Olhar: Revista de debates. Ano V, Nro. 6, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: http://files.cacoifbavca.webnode.com/200000606-18aaf19a42/kehl_juv%20sintoma.pdf#page=43 . Acesso em: 05.jan.2020.

LIBÂNIO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOYOLA, Inácio de. **Cartas de Inácio de Loyola**. Trad. Armando Cardoso, SJ. Volume 2. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

_____. **Escritos de Santo Inácio: O relato do Peregrino**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. **Exercícios Espirituais**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. **Cartas**. Organização e Seleção: António José Coelho, S.J; Braga: Editorial A. O., 2006. Disponível em: <http://www.raggionline.com/saggi/scritti/pt/cartas.pdf> . Acesso em: 04.jul.2020.

MACHADO, N. J. **Educação: projetos e valores**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

MACIEL, Lizete Shizue Bomura; SHIGUNOV NETO, Alexandre. A educação brasileira no período pombalino: uma análise histórica das reformas pombalinas do ensino. **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 32, n. 3, p. 465-2006. Disonível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000300003&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 04.jul.2020.

MAGIS BRASIL. **Contemplativos na ação**. Reflexões Inacianas. Publicado em: 2.out.2018. Disponível em: <https://magisbrasil.com/reflexoesinacianas9-20181002> . Acesso em: 05.jul.2020.

_____. **Sentir a história**. Publicado em: 11.mar.2020. Disponível em: <https://magisbrasil.com/reflexoesinacianas81-20200311>. Acesso em: 22.abr.2020.

MAQUIAVEL, N. **Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio**. Brasília, Ed. UnB., 1982.

MARCET, Carles. **Releyendo nuestras vidas**. Caudernos Eides 80, Barcelona: Centre d'Estudis Cristianisme i Justícia, 2016.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

MARZAL, Antonio. Os antigos alunos dos jesuítas e a formação permanente. In: CONFERÊNCIA DOS PROVINCIAIS JESUÍTAS DO BRASIL – CPJB. **Antigos Alunos e a Espiritualidade Inaciana**. Coleção Ignatiana Nro. 36, São Paulo: Edições Loyola, 1991.

MELLONI, Javier. **Compendio Breve de Exercícios Espirituais: Compuesto por um monje de Montserrat entre 1510-1550**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2006.

MOLLÁ LLACER, Dario. **La espiritualidad ignaciana como ayuda ante la dificultad**. Cuadernos Eides. Nro.67. Barcelona: 2012. Disponível em: <https://www.cristianismeijusticia.net/es/la-espiritualidad-ignaciana-como-ayuda-ante-la-dificultad> . Acesso em: 28.mar.2020.

_____, Darío. **Pedro Arrupe: carisma de Ignacio**. Santander: Editorial Sal Terrae, 2015.

MONTEIRO, Paula. Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil. **Etnográfica** [Online], vol. 13 (1), 2009. Disponível em: <http://etnografica.revues.org/1195> . Acesso em: 18. mai. 2020.

NOVAES A **sexualidade na adolescência: os valores hierárquicos e igualitários na construção da identidade**, Regina. Juventude, RELIGIÃO E ESPAÇO PÚBLICO: EXEMPLOS “BONS PARA PENSAR” TEMPOS E SINAIS. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 32(1): 184-208, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rs/v32n1/a09v32n1.pdf> . Acesso em: 07. jun. 2020.

NOVAES, Regina. **Juventude e sociedade: jogos de espelhos**. São Paulo: Editora Escala: Revista Sociologia Especial, Ciência & Vida, ano I, número 2, 2007

_____. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel. BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira – análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005

_____. Pentecostalismo, política, mídia e favela. In: VALLA, Victor Vicent. **Religião e Cultura Popular**. (org.). Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

O TEATRO MAGICO. Amadurecência. 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ww6HnVMxH7g>. Acesso em: 07.jan.2019.

OLIVEIRA, C. M. **Metafísica e ética: a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao nihilismo contemporâneo**. São Paulo: Loyola, 2013

OLIVEIRA, Wellington Cardoso de. Juventude e religião no século XXI: a crise dos compromissos religiosos. **Vox Faifae: Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama**, Vol. 2 No 1 (2010). Disponível em: <http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfai/fae/article/download/10/14> . Acesso em: 18.mai. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Banco mundial quase metade da população global vive abaixo da linha da pobreza**. Publicado em: 18.out.2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/banco-mundial-quase-metade-da-populacao-global-vive-abaixo-da-linha-da-pobreza/> Acesso em: 16.mar.2020

_____. **Número de pessoas deslocadas no mundo chega no mundo chega 708 milhões, diz ACNUR**. Publicado em: 18.out.2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/numero-de-pessoas-deslocadas-no-mundo-chega-a-708-milhoes-diz-acnur/> .Acesso em: 16.mar.2020

PALACIO, Carlos. O “Magis’ na espiritualidade inaciana para uma fundamentação da identidade do Programa “Magis Brasil”. In: Correia, Vanessa Araújo; Caixeta, Davi Mendes. **Reflexões e subsídios para o trabalho com jovens**. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

PALAORO, Adroaldo. **A Espiritualidade Inaciana como “princípio e fundamento” da missão educativa na Companhia de Jesus**. Disponível: <http://centroloyola.com.br/espiritualidade-inaciana-um-modo-de-ser-uma-escola-de-vida.html> . Acesso: 12.abr.2020.

_____. **A experiência espiritual de Sto. Inácio e a dinâmica interna dos Exercícios**. São Paulo, Edições Loyola, 1992.

PANASIEWICZ, Roberlei et al. Educação e cidadania: a formação humanista da juventude nos Projetos Político Pedagógicos. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 26, p. 399-431, abr./jun. 2012. Acessível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/download/P.2175-5841.2012v10n26p399/3990> . Acesso em: 18.mai.2020.

PAPA FRANCISCO. **Carta apostólica sob forma de motu proprio “vos estis lux mundi”**. Publicado em: 9.mai.2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20190507_vos-estis-lux-mundi.html . Acesso em: 04.jul.2020.

_____. **Carta Encíclica Laudato Si do Santo Padre Francisco sobre a casa comum**. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html . Acesso em: 02.jan.2020.

_____. **Exortação Apostólica Pós-sinodal “Christus Vivit” do Santo Padre Francisco aos jovens e a todo o povo de Deus**. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html . Acesso em: 20.out.2020.

PASQUA, H. **Introdução à leitura do Ser e Tempo de Martin Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget.1993

PENA, Rodolfo F. Alves. "**O que é Neoliberalismo?**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-neoliberalismo.htm> . Acesso: 28 de dez.2019

PEPE, Atílio Machado. Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord. **Cadernos IHU ideias** / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003)- . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/276cadernosihuideias.pdf>. Acesso em: 05.jul.2020.

PIERRO, Maria Clara Di. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas. O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências de educação de jovens e adultos no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 92, p. 1115-1139, Especial, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a18.pdf>. Acesso em: 04.jul.2020.

PISANI, Elaine Maria. **Temas de psicologia social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

POCHMANN, Marcio. **A batalha pelo primeiro emprego**. 5ª. Edição. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

POMPA, Cristina. Cartas do Sertão: a catequese entre os Kariri no século XVII. **Revista Antropológicas**. Vitória de Santo Antão: PE, ano 7, vol.14 (1 e 2), p. 7-33, 2003.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL - PUCRS. **Pesquisa inédita aponta o que o jovem pensa sobre família, religião e futuro**. Disponível em: <http://www.pucrs.br/blog/pesquisa-inedita-aponta-o-que-o-jovem-pensa-sobre-familia-religiao-e-futuro/> . Acesso em 05.dez.2019.

PORTAL G1. **8% dos jovens dizem que entrar na faculdade é importante 'porque é o sonho dos pais', diz estudo** . Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/8-dos-jovens-dizem-que-entrar-na-faculdade-e-importante-porque-e-o-sonho-dos-pais-diz-estudo.ghtml> .Acesso em 05.dez.2019.

_____. **Medicina da USP tem 42 novatos com renda familiar acima de R\$10 mil**. Publicado em: 04.jun.2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/06/medicina-da-usp-tem-42-de-novatos-com-renda-familiar-acima-de-r-10-mil.html>. Acesso em: 05.jul.2020.

PORTAL TERRA. **Brasil é o segundo país com mais shoppings da América Latina**. Publicado em: 5.jan.2018. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/dino/brasil-e-o-segundo-pais-com-mais-shoppings-da-america-latina,4d41a7384256c6cf64208bd7d7f9f961ihlu78yc.html>. Acesso em: 02.jan.2020

REALE, Miguel. **Teoria tridimensional do direito**. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 1994.

REGUILLO, Rossana. **Emergencia de culturas juveniles. Estrategias del desencanto**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2000.

REPORTER BRASIL. **Roupas Zara são fabricadas com mão de obra escrava**. Publicado em: 16.ago.2011. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2011/08/roupas-da-zara-sao-fabricadas-com-mao-de-obra-escrava/>. Acesso em: 02.jan.2020.

RICOUER, Paul. **Percursos do reconhecimento**. Edições Loyola: São Paulo, 2006.

- SANTIAGO, Emerson. **Capitalismo selvagem**; Info Escola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/economia/capitalismo-selvagem/>. Acesso: 28.dez.2019
- SANTOS, Adelson Araujo dos. **O Exame de si mesmo: o autoconhecimento à luz dos Exercícios Espirituais**. São Paulo: Edições Loyola, 2017.
- SAVOIA, Mariângela Gentil. **Psicologia social**. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.
- SCHWARTZMAN Simon; COSSIO, Maurício Blanco. **Juventude, educação e emprego no Brasil**. Cadernos Adenauer – Geração Futuro. vol. VII, n. 2, p. 51 - 25, 2007.
- SECO, Ana Paula. AMARAL, Tania Conceição. **Marques de Pombal e a reforma educacional brasileira**. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo_pombalino_intro.html . Acesso em: 24.jun.2020
- SEED, Patrícia. **Cerimônias de posse na conquista européia no Novo Mundo (1492-1640)**. São Paulo: Unesp, 1999.
- SOARES, D. H. P. **A escolha profissional: do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus, 2002.
- SOSA, Arturo. **Discurso de La Inauguración Oficial Del Nuevo Campus**. Disponível em: https://iaju.org/sites/default/files/pdf/2019/ES.Sosa_20.Nov_2019.New%20Campus%20Inauguration.%20%28Universidad%20Loyola%29.pdf. 2019. Acesso em: 18.mar.2020.
- _____. **La universidad fuente de vida reconciliada. Encuentro Mundial de Universidades encomendadas a la Compañía de Jesús Loyola**. Publicado em Julho de 2018. Disponível em: <https://iaju.org/sites/default/files/pdf/2018/La-universidad-fuente-de-vida-reconciliada.-Arturo-Sosa.pdf>. Acesso em: 19.mar.2020.
- _____. **Universidad Fuente de vida reconciliada**. Ausjal: Deusto, 2018. Disponível em: <https://iaju.org/sites/default/files/pdf/2018/La-universidad-fuente-de-vida-reconciliada.-Arturo-Sosa.pdf> . Acesso em: 22.abr.2020.
- STIERLI, Josef. **Buscar Deus em Todas as Coisas**. São Paulo: Edições Loyola, 1990
- STONE, Lawrance. **El pasado y el presente**. México: FCE, 1986
- STREY, Marlene Neves (Org.). **Psicologia Social Contemporânea**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- TERRA, João Evangelista. Bicentenário da restauração da Companhia de Jesus. **Pensar-Revista Eletrônica da FAJE**. v.5 n.2 (2014): 325-329. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/download/3014/3147/> . Acesso em: 28.jun.2020.
- THOMAS, Joseph. **O segredo dos Jesuítas: os Exercícios Espirituais**. Coleção Experiência Inaciana. Nro.10. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco – Unicap. **Instituto Humanitas: apresentação**. Disponível em: http://www.unicap.br/ihu/?page_id=2483 . Acesso em: 27.mar.2020.b
- _____. **Católica promove a I Semana de Humanismo e Cidadania**. Publicado em 22.nov.2018. Disponível em: <http://www.unicap.br/assecom1/catolica-promove-a-i-semana-de-humanismo-e-cidadania-2/>. Acesso em: 27.mar.2020.

_____. **Depoimentos de participantes do Voluntariado Universitário – VOU em Vazantes/CE em 2018.** Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1k63eCxNPq7-2Uy7I75nk-jlkMpq0DyBx/view> . Acesso em: 03.abr.2020.c

_____. **Semana de Humanismo e Cidadania promove interação entre alunos de diferentes cursos.** Publicado em 24.maio.2019. Disponível em: <http://www.unicap.br/assecom1/alunos-da-unicap-interagem-no-3o-dia-da-semana-de-humanismo-e-cidadania/>. Acesso em: 27.mar.2020.

_____. **Unicap e Programa Magis oferecem Exercícios Espirituais para Jovens e Universitários em Olinda.** Publicado em: 25.abr.2019. Disponível em: <http://www.unicap.br/assecom1/unicap-e-programa-magis-oferecem-exercicios-espirituais-para-jovens-e-universitarios-em-olinda/>. Acesso em: 18. Mar.2020.

_____. **Unicap e Programa Magis oferecem Exercícios Espirituais para Jovens e Universitários em Olinda.** Publicado em: 25.abr.2019. Disponível em: <http://www.unicap.br/assecom1/unicap-e-programa-magis-oferecem-exercicios-espirituais-para-jovens-e-universitarios-em-olinda/> . Acesso em: 18. Mar.2020.

UNISINOS - Universidade do Vale do Rio do Sinos – Unisinos. **Gênese, missão e rotas.** Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/sobre-o-ihu/genese-missao-e-rotas> . Acesso em: 27.mar.2020.

VAZ, H.C.L. **Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura.** São Paulo: Loyola, 1997.

VAZQUEZ, Ulpiano. A Ciência das Coisas Espirituais. **Itaici: Revista de Espiritualidade Inaciana.** Nro.31. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

VÁZQUEZ, Ulpiano. **A orientação espiritual: mistagogia e teografia.** São Paulo: Edições Loyola, 2011.

VELASCO, F. D. de. **Breve historia de las religiones.** Madrid: Alianza Editorial. 2006.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VIRGIL, Jose Maria. Otra espiritualidad es posible: la coyuntura actual de la espiritualid. **Revista Renovación** - Monográfico Teológico. 2019.

VOLTAIRE. **Cartas filosóficas.** São Paulo: Landy, 2001.

ZAS-FRIZ, Rossano. La nostalgia de Dios en um mundo sin memoria. **Coleção Manresa,** Vol.74, 2002.p. 109-124.